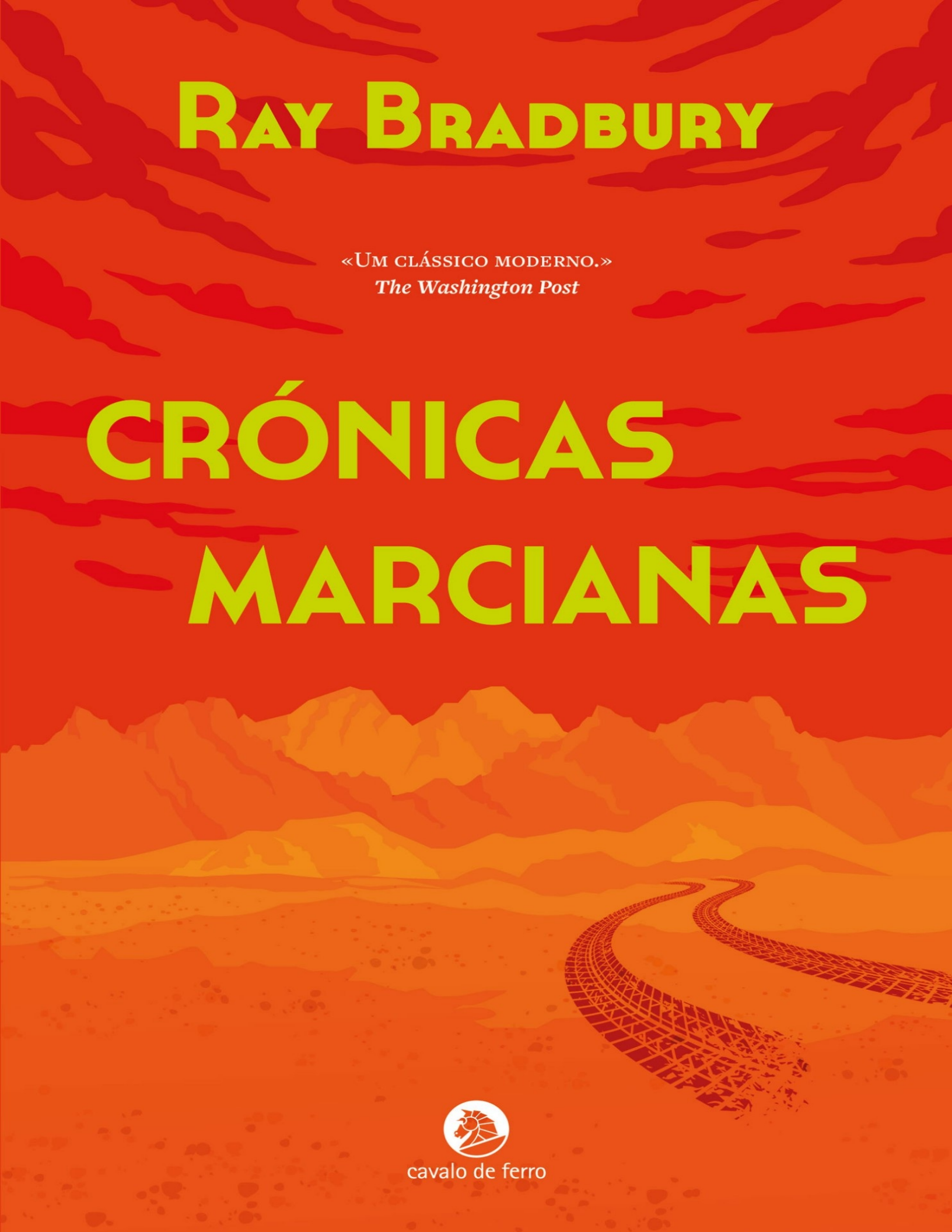
Ray Bradbury

«Um clássico moderno.»
The Washington Post

Crónicas Marcianas

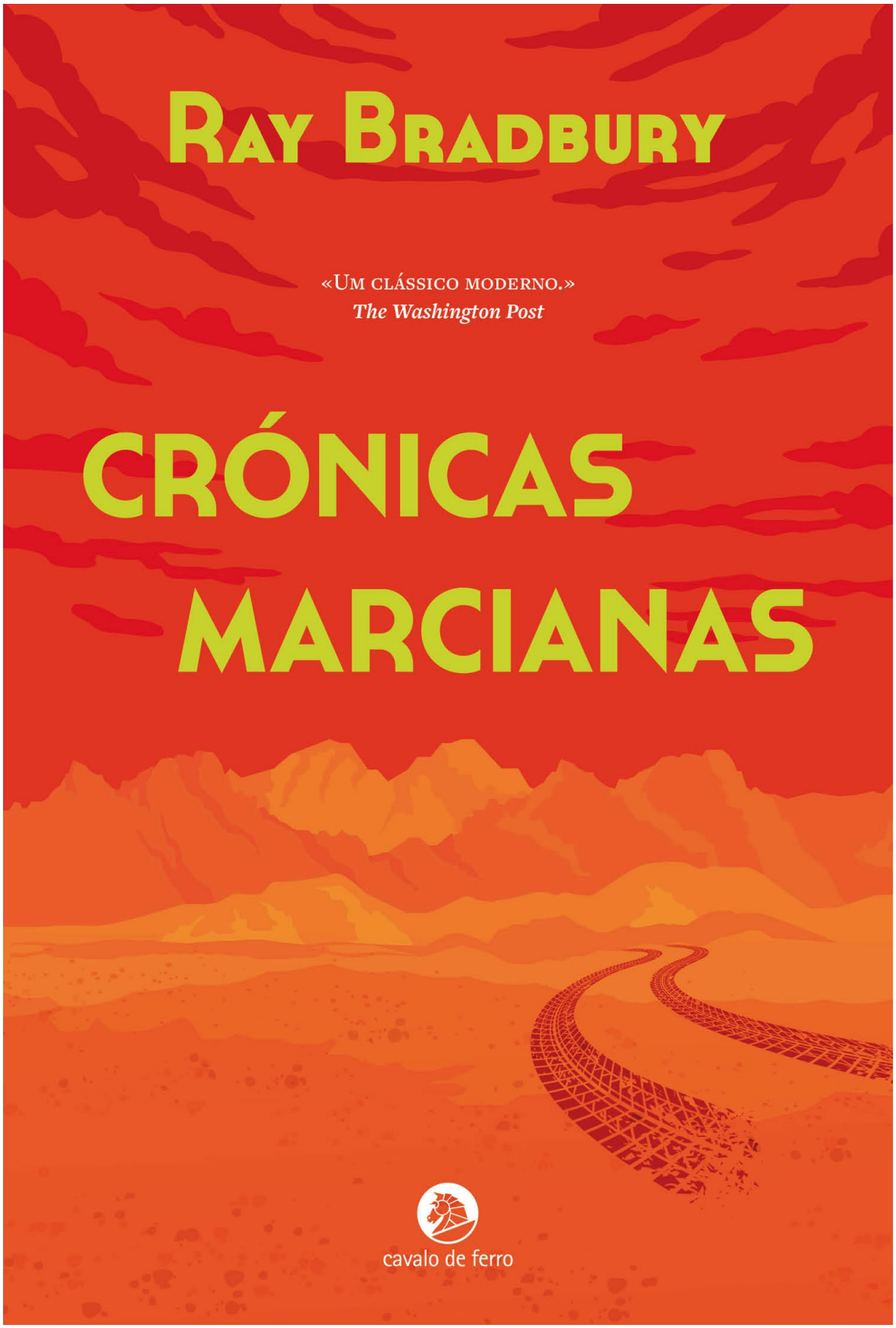


cavalo de ferro

Ray Bradbury

«Um clássico moderno.»
The Washington Post

CRÓNICAS MARCIANAS



cavalo de ferro

RAY BRADBURY

CRÓNICAS MARCIANAS

Nova edição revista

Tradução do inglês
Paulo Tavares

cavalo de ferro

Com amor e gratidão,
para Maggie/Marguerite,
que dactilografou este manuscrito
no longínquo ano de 1949.
E para
Norman Corwin
e
WALTER I. BRADBURY,
bons amigos e parteiros!

CIDADE VERDE, ALGURES EM MARTE; MARTE, ALGURES NO EGIPTO
uma introdução de Ray Bradbury

Não me digam o que estou a fazer. Não quero saber!

Estas palavras não são minhas. Foram proferidas pelo meu amigo Federico Fellini, o cineasta italiano. Depois de filmar as cenas dos seus argumentos uma a uma, Fellini recusava ver as novas imagens captadas pela câmara e reveladas no laboratório no final de cada dia de rodagem. Desejava que as cenas permanecessem mistérios *provocateurs* que o fossem encantando.

O mesmo tem acontecido com os meus contos, peças e poemas ao longo de quase toda a minha vida. O mesmo aconteceu com *Crónicas Marcianas* nos anos que antecederam o meu casamento, em 1947, culminando nas rápidas surpresas da obra final no Verão de 1949. O que começara como uma história ocasional ou um «aparte» sobre o Planeta Vermelho transformou-se numa explosão de romã em Julho e Agosto daquele ano. Nessa altura, costumava saltar para junto da minha máquina de escrever todas as manhãs, a fim de descobrir a coisa rara que a minha Musa tinha para me oferecer.

Mas teria eu realmente uma Musa? E teria eu sempre acreditado nessa figura mítica? Não. No início, durante o meu percurso intermitente pelo liceu, ou quando vendia jornais na esquina, fiz o que a maioria dos escritores faz quando começa a escrever: emulei os mais velhos, imitei os meus pares, afastando-me assim de qualquer possibilidade de descobrir as verdades escondidas sob a minha pele e por detrás dos meus olhos.

Apesar de ter escrito várias histórias estranhas/fantásticas bastante interessantes, publicadas quando tinha vinte e poucos anos, nada

aprendi com elas. Recusava-me a aceitar que estava a revolver muitas ideias boas na minha cabeça e a prendê-las no papel. As minhas histórias peculiares eram vívidas e reais. Os meus contos sobre o futuro retratavam robôs sem vida, mecânicos e estáticos.

Foi o livro *Winesburg, Ohio*, de Sherwood Anderson, que me libertou. Por volta do meu vigésimo quarto ano de vida, fiquei maravilhado com as dezenas de personagens que passavam a vida em alpendres mal iluminados e sótãos sombrios naquela cidade onde era sempre Outono. «Oh, meu Deus», gritei, «se eu conseguisse escrever um livro quase tão bom quanto este, mas passado em Marte, seria incrível!»

Escrevinhei, então, uma lista de possíveis locais e personagens desse mundo distante, imaginei títulos, iniciei e interrompi uma dúzia de histórias, até que as arquivei e me esqueci delas. Ou *imaginei* tê-las esquecido.

Na verdade, a Musa persiste. Apesar de negligenciada, ela continua a viver, aguardando que a deixe respirar ou morrer sem expressão. O meu trabalho era convencer-me a mim próprio de que o mito era mais do que um simples fantasma, uma substância intuitiva que devia ser despertada, capaz de falar línguas desconhecidas e saída das pontas dos meus dedos. Ao longo dos anos que se seguiram, escrevi uma série de *pensées* marcianos, «apartes» shakespearianos, reflexões errantes, longas visões nocturnas, sonhos deixados a meio antes da aurora. Os franceses, como Saint-John Perse, exercitam esta prática até à perfeição. É o parágrafo metade poema, metade prosa, que pode ter somente uma centena de palavras ou abarcar uma página inteira sobre qualquer tema, convocado pelo tempo, pelo clima, pela arquitectura das fachadas, por um bom vinho, por boa comida, por uma vista de mar, por um rápido pôr-do-sol ou por um amanhecer prolongado. A partir destes elementos, é possível regurgitar umas meras bolas de pêlo ou produzir um solilóquio delirante ao estilo de Hamlet.

Em todo o caso, registei esses meus *pensées* sem nenhuma ordem

ou plano em particular e sepultei-os junto de uma dúzia de outros contos.

Foi então que algo feliz aconteceu. Norman Corwin, o melhor escritor/director de rádio, insistiu que eu fosse até Nova Iorque para ser «descoberto». Cedendo à sua insistência, meti-me num autocarro com destino a Manhattan, passei algum tempo na YMCA e conheci Walter Bradbury, o excelente editor da Doubleday, com o qual não tenho qualquer grau de parentesco, que insinuou que eu talvez tivesse tecido uma tapeçaria sem precedentes. Perguntou-me se eu não quereria juntar todos aqueles contos marcianos sob o título *Crónicas Marcianas*.

— Meu Deus — murmurei. — *Winesburg, Ohio*!

— O quê? — perguntou Walter Bradbury.

No dia seguinte, entreguei-lhe um esboço das *Crónicas*, juntamente com um plano para *O Homem Ilustrado*. Voltei para casa de comboio com um cheque de mil e quinhentos dólares na carteira, que me deu para pagar a renda (trinta dólares mensais) durante dois anos e as despesas com o nascimento da nossa primeira filha.

O livro *Crónicas Marcianas* foi publicado no final da Primavera de 1950 e recebeu poucas críticas. Christopher Isherwood foi o único a colocar-me uma coroa de louros na cabeça ao apresentar-me a Aldous Huxley. Este, enquanto bebíamos um chá, inclinou-se na minha direcção e perguntou:

— Sabe o que você *é*?

Não me digam o que estou a fazer, pensei. *Não quero saber*.

— Você — disse Huxley — é um poeta.

— Que eu seja amaldiçoado! — respondi.

— Não, abençoado — disse Huxley.

Verdadeiramente, geneticamente abençoado.

E essa bênção está neste livro.

Conterá vestígios evidentes de Sherwood Anderson? Não. A incrível influência deste autor há muito que se dissolvera no meu íntimo. É possível apercebermo-nos de alguns resquícios de *Winesburg, Ohio*

no meu outro livro-de-histórias-disfarçado-de-romance, *Dandelion Wine*. Contudo, não existem imagens espelhadas. Na obra de Anderson, o grotesco materializa-se em gárgulas espalhadas pelos telhados da cidade; na minha, corporizam-no os cães pastores, as velhas solteiras desorientadas à frente de uma máquina de bebidas, um rapaz supersensível a eléctricos obsoletos, amigos perdidos e coronéis da Guerra Civil afogados no tempo ou embriagados em recordações. Em Marte, as únicas gárgulas são os marcianos disfarçados de meus familiares da Cidade Verde, escondidos até conseguirem o que pretendem.

Sherwood Anderson não teria sabido manusear os balões de fogo da Noite da Independência. Acendi e lancei alguns em Marte e na Cidade Verde, deixando-os arder calma e pacientemente em ambos os livros. Ainda lá ardem, apenas com luz suficiente para ajudar à leitura.

Há cerca de dezoito anos, produzi o espectáculo *Crónicas Marcianas*, levado à cena numa sala de teatro da Wilshire Boulevard. Na mesma altura, a seis quarteirões para oeste, no Art Museum de Los Angeles, estava patente uma exposição itinerante sobre o egípcio Tutankhamon. Ao deambular da exposição para o espectáculo e do espectáculo para a exposição, fui tomado pelo espanto.

— Meu Deus — disse eu, ao ver a máscara dourada de Tutankhamon —, isto é Marte.

— Meu Deus — repeti, ao ver os meus marcianos em cena —, isto é o Egipto com os fantasmas de Tutankhamon.

Então, diante dos meus olhos e misturados na minha cabeça, velhos mitos foram renovados e novos mitos envolvidos em papiro e enfeitados com máscaras brilhantes.

Sem o saber, fora filho de Tut toda a minha vida ao escrever os hieróglifos do Mundo Vermelho, ao projectar futuros mesmo em passados cobertos de pó.

Sendo tudo isto verdade, por que razão é o meu livro *Crónicas Marcianas* frequentemente descrito como Ficção Científica? As histórias nele contidas não se enquadram nessa categoria. Em todo o

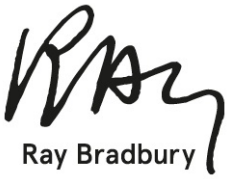
livro, apenas o conto *Chegarão Chuvas Suaves* obedece às leis da física tecnológica: a casa desta narrativa é uma das primeiras casas de Realidade Virtual que começaram a surgir entre nós nos últimos anos. Em 1950, um tal espaço teria custado uma fortuna. Contudo, hoje, com o advento dos computadores, da Internet, do *fax*, das cassetes de áudio, dos auscultadores *Walkman* e dos grandes ecrãs de televisão, as divisões da casa poderiam ser alimentadas por uma rede de circuitos baratos comprados na Circuit City.

Muito bem, então o que são estas *Crónicas*? São o rei Tut reerguido do túmulo quando eu tinha três anos, as Edas nórdicas quando eu tinha seis, e os deuses romanos e gregos de que me enamorei aos dez: pura mitologia. Se fossem ficção científica tecnologicamente eficiente e prática, teriam há muito caído por terra. Todavia, tratando-se de uma fábula autónoma e independente, até mesmo os físicos mais arreigados do Instituto de Tecnologia da Califórnia aceitaram a atmosfera de oxigénio falso que libertei em Marte. A ciência e as máquinas podem matar-se mutuamente ou ser substituídas. Já o mito, visto em espelhos, incapaz de ser tocado, perdura. Se não é imortal, quase o parece.

Por fim:

Não me digam o que estou a fazer. Não quero saber!

Que bela maneira de viver. A única maneira. Creio que, ao fingir ignorância, a intuição, despertada por essa aparente negligência, ergue a sua cabeça invisível, serpenteia pela palma das nossas mãos e sai sob formas mitológicas. E, uma vez que escrevi mitos, talvez ainda restem mais uns anos de vida impossível ao meu planeta Marte. Seja como for, há algo que me reconforta um pouco: o Instituto de Tecnologia da Califórnia continua a convidar-me para lá voltar.



Ray Bradbury

CRONOLOGIA

Janeiro de 2030 O VERÃO DO FOGUETÃO
Fevereiro de 2030 YLLA
Agosto de 2030 A NOITE DE VERÃO
Agosto de 2030 OS HOMENS DA TERRA
Março de 2031 O CONTRIBUINTE
Abril de 2031 A TERCEIRA EXPEDIÇÃO
Junho de 2032 — E A LUA MANTENHA O MESMO BRILHO
Agosto de 2032 OS COLONOS
Dezembro de 2032 A MANHÃ VERDE
Fevereiro de 2033 OS GAFANHOTOS
Agosto de 2033 ENCONTRO NOCTURNO
Outubro de 2033 A COSTA
Novembro de 2033 OS BALÕES DE FOGO
Fevereiro de 2034 ÍNTERIM
Abril de 2034 OS MÚSICOS
Maio de 2034 O DESERTO
2035—2036 A ATRIBUIÇÃO DOS NOMES
Abril de 2036 USHER II
Agosto de 2036 OS VELHOS
Setembro de 2036 O MARCIANO
Novembro de 2036 A LOJA DE MALAS
Novembro de 2036 A ÉPOCA BAIXA
Novembro de 2036 OS OBSERVADORES
Dezembro de 2036 AS CIDADES SILENCIOSAS
Abril de 2057 OS LONGOS ANOS
Agosto de 2057 CHEGARÃO CHUVAS SUAVES
Outubro de 2057 O PIQUENIQUE DE UM MILHÃO DE ANOS

«É bom renovar em nós o espanto», disse o filósofo.
«As viagens espaciais transformaram-nos de novo em crianças.»

Janeiro de 2030
O VERÃO DO FOGUETÃO

Num instante, era o Inverno típico do Ohio, com portas fechadas, janelas trancadas, vidraças cobertas de geada, pingentes de gelo em todos os telhados, crianças a esquiar nas ladeiras, donas de casa envoltas nos seus casacos de peles a arrastarem-se pesadamente, como enormes ursos negros, pelas ruas geladas.

E, logo depois, uma longa onda de calor atravessou a pequena cidade. Uma avassaladora maré de ar quente; como se alguém tivesse deixado aberta a porta de uma padaria. O calor pulsou entre as casas, os arbustos e as crianças. Os pingentes de gelo caíram, despedaçando-se, e derreteram. As portas abriram-se de imediato. As janelas subiram por completo. As crianças livraram-se das suas roupas de lã. As donas de casa largaram os seus disfarces de urso. A neve dissolveu-se e revelou os velhos relvados verdes do Verão anterior.

O Verão do foguetão. As palavras passaram de boca em boca nas casas abertas e arejadas. *O Verão do foguetão*. O ar quente do deserto alterou os padrões da geada nas janelas, apagando as obras de arte. Os esquis e os trenós tornaram-se subitamente inúteis. A neve, que caía do céu frio sobre a cidade, transformou-se em chuva quente antes de tocar no chão.

O Verão do foguetão. As pessoas debruçaram-se nos seus alpendres gotejantes e observaram o céu, cada vez mais vermelho.

O foguetão, posicionado no campo de lançamento, expelia nuvens róseas de fogo e um calor abrasador. O foguetão erguia-se na manhã fria de Inverno, criando o Verão a cada sopro dos seus potentes escapes. O foguetão alterou o clima e, por breves momentos, o Verão

instalou-se sobre a terra...

Fevereiro de 2030
YLLA

Tinham uma casa com colunas de cristal no planeta Marte, nas margens de um mar vazio, e todas as manhãs era possível ver a senhora K a comer os frutos dourados que cresciam nas paredes de cristal ou a limpar a casa com punhados de poeira magnética que, arrastando consigo toda a sujidade, era levada pelo vento cálido. À tarde, quando o mar fossilizado ficava quente e estático, e as videiras se erguiam hirtas no quintal, e a pequena e distante cidade de ossos marciana se encontrava completamente fechada, e ninguém saía à rua, era possível ver o próprio senhor K no seu quarto, a ler um livro de metal com hieróglifos em relevo sobre os quais passava a mão, como quem toca harpa. E do livro, ao subtil contacto dos seus dedos, surgia um canto, uma voz suave e antiga, que contava histórias do tempo em que o mar era um vapor vermelho no litoral e os homens levavam para a batalha nuvens de insectos metálicos e aranhas eléctricas.

O senhor e a senhora K viviam junto ao mar morto havia vinte anos e, durante dez séculos, os seus antepassados tinham vivido naquela mesma casa, que girava e seguia o Sol, como uma flor.

O senhor e a senhora K não eram velhos. Tinham a pele clara e acastanhada dos verdadeiros marcianos, os olhos semelhantes a moedas amarelas, a voz suave e musical. Em tempos, alegrara-os pintar quadros com fogo químico, nadar nos canais nas estações em que as videiras os enchiam de licores verdes e falar até ao raiar do dia junto aos retratos azuis fosforescentes na sala de conversar.

Agora não eram felizes.

Naquela manhã, a senhora K deteve-se entre as colunas para ouvir

as areias do deserto, que aqueciam até se transformarem em cera amarela e pareciam deslizar no horizonte.

Algo estava prestes a acontecer.

E ela esperou.

Observava o céu azul de Marte como se, a qualquer momento, este pudesse apertar-se a si mesmo, contrair-se e expelir um milagre brilhante sobre a areia.

Nada aconteceu.

Cansada de esperar, avançou por entre as colunas enevoadas. Uma chuva branda começou a brotar dos capitéis canelados, refrescando o ar abrasador e caindo suavemente sobre ela. Nos dias quentes, era como caminhar num riacho. Os pisos da casa reluziam com os fios de água fresca. Ouviu ao longe o marido a tocar o livro ininterruptamente, sem que os dedos se cansassem das canções antigas. Em silêncio, desejou que ele voltasse a passar muito tempo a abraçá-la e a tocá-la como uma pequena harpa, como agora fazia com os seus incríveis livros.

Mas não. Abanou a cabeça e encolheu os ombros de modo imperceptível e indulgente. As pálpebras fecharam-se-lhe delicadamente sobre os olhos dourados. O casamento tornava as pessoas velhas e acomodadas, quando ainda eram jovens.

Reclinou-se numa cadeira que se movia para se moldar ao seu corpo, mesmo quando ela se mexia. Fechou os olhos com força e nervosismo.

E teve o sonho.

Os seus dedos castanhos tremeram, ergueram-se, agarraram o ar. Instantes depois, endireitou-se, sobressaltada e ofegante.

Olhou rapidamente em redor, como se esperasse ver alguém diante dela. Pareceu desapontada: o espaço entre as colunas estava vazio.

O marido surgiu numa porta triangular.

— Chamaste-me? — perguntou ele, irritado.

— Não! — gritou ela.

— Pareceu-me que te ouvi gritar.

— Gritei? Estava quase a dormir e tive um sonho.

— Durante o dia? Não é teu costume.

A senhora K estava sentada como se tivesse sido esbofeteada pelo sonho.

— Estranho, muito estranho — murmurou ela. — O sonho.

— Sim?

Era evidente que o senhor K queria voltar para o seu livro.

— Sonhei com um homem.

— Um homem?

— Um homem alto, com um metro e oitenta.

— Que absurdo. Um gigante, um gigante disforme.

— De alguma forma — tentou encontrar as palavras certas —, parecia normal. Apesar de ser tão alto. E tinha... oh, sei que te vai parecer descabido, mas ele tinha olhos *azuis*!

— Olhos azuis! Deuses! — exclamou o senhor K. — Que mais sonhaste tu? Não me digas que tinha o cabelo *preto*.

— Como é que *adivinhaste*? — perguntou ela, excitada.

— Escolhi a cor mais improvável — respondeu ele, friamente.

— Bem, mas era mesmo preto! — exclamou a senhora K. — E a pele era muito branca. Oh, ele era *muito* invulgar! Usava um uniforme estranho, desceu do céu e falou comigo amavelmente. — Sorriu.

— Desceu do céu? Que absurdo!

— Chegou numa coisa metálica que brilhava ao sol — recordou ela, fechando os olhos para de novo lhe dar forma. — Sonhei que, ao olhar para o céu, vi algo a cintilar como uma moeda atirada ao ar. De repente, tornou-se maior e começou a descer lentamente até aterrar: uma nave prateada e comprida, arredondada e estranha. E abriu-se uma porta no objecto prateado e aquele homem alto saiu.

— Se trabalhasses mais, não terias esses sonhos disparatados.

— Na verdade, gostei bastante dele — respondeu a senhora K, reclinando-se. — Nunca pensei ter tanta imaginação. Cabelo preto, olhos azuis e pele branca! Sem dúvida, um homem estranho. E, ainda assim, muito bonito.

— Uma projecção dos teus desejos.

— Estás a ser cruel. Não o imaginei de propósito; surgiu apenas na minha mente enquanto eu dormitava. Nem parecia um sonho. Foi tão inesperado e diferente. Ele olhou para mim e disse: «Venho do terceiro planeta a bordo da minha nave. O meu nome é Nathaniel York…»

— Um nome estapafúrdio; nem sequer é um nome — objectou o marido.

— Claro que é estapafúrdio, é um sonho — explicou ela, calmamente. — E ele disse ainda: «Esta é a primeira viagem através do espaço. Somos apenas dois na nossa nave, eu e o meu amigo Bert.»

— *Outro* nome estapafúrdio.

— E acrescentou: «Somos de uma cidade na Terra; é o nome do nosso planeta» — continuou a senhora K. — Foi o que ele disse. «Terra» foi o nome que proferiu. E falava outra língua. Mas, de algum modo, consegui compreendê-lo. Com a minha mente. Telepatia, suponho.

O senhor K virou-se para sair, mas a mulher deteve-o com uma palavra.

— Yll? — chamou ela, serenamente. — Já alguma vez perguntaste para ti se… bem, se existem pessoas a viver no terceiro planeta?

— O terceiro planeta é incapaz de suportar vida — afirmou, de modo paciente, o marido. — Os nossos cientistas disseram que há demasiado oxigénio naquela atmosfera.

— Mas não seria fascinante se lá *existissem* pessoas? E se viajassem através do espaço numa espécie de nave?

— Francamente, Ylla, já sabes que detesto esse tipo de desvario sentimental. Vamos retomar o nosso trabalho.

O dia já ia avançado quando ela começou a cantar enquanto se movimentava por entre as colunas de chuva sussurrantes. Repetiu a canção vezes sem conta.

— Que canção é essa? — interrompeu-a por fim o marido, acercando-se para se sentar à mesa de fogo.

— Não sei — respondeu ela, erguendo os olhos, surpreendida consigo mesma. Levou a mão à boca, incrédula.

O Sol começava a pôr-se. A casa fechava-se sobre si própria, como uma flor gigante, à medida que a luz ia esmorecendo. O vento soprou por entre as colunas e, na mesa de fogo, a ardente poça de lava prateada borbulhou. O vento agitou o cabelo castanho-avermelhado da senhora K, cantarolando brandamente nos seus ouvidos. A senhora K ficou em silêncio a olhar a enorme extensão pálida do fundo do mar, como se estivesse a recordar algo, com os seus afáveis e húmidos olhos amarelos.

— *Drink to me only with thine eyes, and I will pledge with mine* — cantou ela em voz baixa, lenta e docemente. — *Or leave a kiss within the cup, and I'll not ask for wine*.[1] — Agora trauteava de olhos fechados, movendo com leveza as mãos pelo vento. Terminou a canção.

Era muito bela.

— Nunca tinha ouvido essa canção. Foste tu que a compuseste? — perguntou-lhe o marido, fitando-a.

— Não. Sim. Não, na verdade, não sei! — hesitou, nervosa. — Nem sequer sei o que significam as palavras; são noutra língua!

— Que língua?

Entorpecida, a senhora K deixou cair alguns pedaços de carne na lava que fervia.

— Não sei — respondeu ela, momentos antes de retirar a carne cozinhada e de a servir num prato ao marido. — É apenas uma tolice que inventei, suponho. Nem sei porquê.

O senhor K não disse nada. Ficou a observar a mulher enquanto esta mergulhava as carnes na poça de fogo sibilante. O Sol desaparecera. Muito lentamente, a noite caiu e preencheu a sala, engolindo as colunas e engolindo-os a ambos, como um vinho escuro derramado a partir do tecto. Apenas o brilho da lava prateada lhes iluminava os rostos.

A senhora K trauteou de novo a estranha canção.

No mesmo instante, o senhor K levantou-se bruscamente da cadeira

e saiu da sala, irritado.

Mais tarde, sozinho, acabou de jantar.

Quando se levantou, espreguiçou-se, lançou um olhar à mulher e sugeriu, com um bocejo:

— Peguemos nos pássaros de fogo e vamos à cidade esta noite ver um espectáculo.

— Não deves estar a falar a sério — disse ela. — Estás a sentir-te bem?

— Qual é a surpresa?

— Não saímos há seis meses!

— Julgo que é uma boa ideia.

— De repente, ficaste tão solícito — comentou ela.

— Não fales assim — contestou ele, rabugento. — Queres ir ou não?

A senhora K olhou para o deserto pálido. As luas gémeas e brancas estavam a nascer. A água fria corria devagar em redor dos dedos dos seus pés. Começou a tremer um pouco. Queria muito ficar ali sentada, quieta, em silêncio, sem se mexer até que aquilo ocorresse, aquilo por que esperara o dia inteiro, aquilo que não poderia acontecer, mas talvez acontecesse. Um princípio de canção perpassou-lhe a mente.

— Eu...

— Faz-te bem — insistiu o marido. — Vamos lá.

— Estou cansada — disse ela. — Talvez noutra noite.

— Aqui tens o teu lenço — disse o senhor K, passando-lhe para a mão um pequeno frasco de vidro. — Há meses que não vamos a lado nenhum.

— Tu costumas ir duas vezes por semana à cidade de Xi — respondeu a senhora K, sem o encarar.

— Em negócios — afirmou ele.

— Ai sim? — murmurou ela para si mesma.

Um líquido jorrou do frasco e converteu-se numa névoa azul que ondulava em redor do pescoço da senhora K.

Os pássaros de fogo esperavam, como um leito de carvão incandescente, sobre as areias frias e macias. A canópia branca inchou com o vento da noite, agitando-se levemente, amarrada aos pássaros por mil fitas verdes.

Ylla recostou-se na canópia e, a uma palavra do marido, os pássaros saltaram, ardentes, em direcção ao céu escuro. As fitas retesaram-se, a canópia elevou-se. A areia deslizava por baixo deles com um som plangente, as colinas azuis passavam uma a seguir à outra, deixando para trás a casa, as colunas chuvosas, as flores engaioladas, os livros cantantes, os riachos de soalho sussurrante. Não olhou para o marido. Ouviu-o gritar aos pássaros enquanto estes subiam cada vez mais alto, como dez mil centelhas quentes, incontáveis fogos-de-artifício vermelho-amarelados nos céus, que puxavam a canópia como a pétala de uma flor a arder ao vento.

Não viu as cidades mortas, antigas peças de xadrez feitas de ossos que deslizavam lá em baixo, nem os velhos canais cheios de vazio e sonhos. Como uma sombra da lua, como uma tocha acesa, voaram sobre rios e lagos secos.

Ylla contemplava apenas o céu.

O marido falou.

Ylla contemplava o céu.

— Ouviste o que eu disse?

— O quê?

Ele suspirou.

— Podias prestar atenção.

— Estava a pensar.

— Nunca imaginei que fosses uma amante da natureza, mas parece que estás muito interessada no céu esta noite — disse ele.

— É muito belo.

— Estou a ver — disse o marido, lentamente. — Estava a pensar ligar ainda hoje ao Hulle. Gostaria de falar com ele sobre a possibilidade de passarmos algum tempo, digamos, apenas cerca de uma semana, nas

Montanhas Azuis. É só uma ideia...

— As Montanhas Azuis! — Ylla segurou-se com uma mão à borda da canópia, virando-se rapidamente para ele.

— Oh, é apenas uma sugestão.

— Quando queres ir? — perguntou ela, tremendo.

— Pensei que poderíamos partir amanhã de manhã. Sabes como é, sair cedo e tudo isso — disse ele, com indiferença.

— Mas *nunca* vamos tão cedo no ano!

— Só desta vez, pensei eu... — Sorriu. — Faz-nos bem ir para fora. Ter alguma paz e sossego. Tu sabes. Não tens mais *nada* planeado, pois não? Vamos, não vamos?

Ylla respirou fundo, fez um compasso de espera e só então respondeu:

— Não.

— O quê?

O grito do marido assustou os pássaros. A canópia sofreu um puxão.

— Não — disse ela, com firmeza. — Está decidido. Não vou.

O marido olhou para ela. Não falaram mais. E ela virou-se para o outro lado.

Os pássaros continuaram a voar, dez mil tições ao vento.

Quando amanheceu, o Sol, atravessando as colunas de cristal, derreteu o nevoeiro que suportava Ylla enquanto esta dormia. Durante toda a noite, ficara suspensa sobre o chão, apoiada pela macia carpete de névoa que brotara das paredes quando se deitara para descansar. Dormira toda a noite neste rio silencioso, como um barco numa corrente sem som. Agora, o calor dissipava o nevoeiro e o nível dessa bruma ia baixando até a depositar nas margens do despertar.

Abriu os olhos.

O marido estava de pé a seu lado. Parecia estar ali há horas a observá-la. Não sabia porquê, mas não conseguia olhá-lo nos olhos.

— Estiveste a sonhar outra vez! — disse ele. — Falavas alto e não me

deixaste dormir. Acho *mesmo* que devias consultar um médico.

— Eu fico bem.

— Falaste muito durante o sono!

— Falei? — perguntou ela, começando a ficar desperta.

O amanhecer era frio no quarto. Uma luz cinzenta envolvia-a enquanto se mantinha ali deitada.

— Com que sonhaste?

Ylla teve de pensar durante um instante para se conseguir lembrar.

— A nave. Veio do céu de novo, aterrou e o homem alto saiu e falou comigo, contando pequenas piadas e rindo. Foi agradável.

O senhor K tocou numa coluna. Brotaram fontes de água morna, fumegante. O frio desapareceu do quarto. O rosto do senhor K estava impassível.

— E depois — disse ela — aquele homem, cujo estranho nome era Nathaniel York, disse-me que eu era bela e... beijou-me.

— Ah! — gritou o marido, virando-se furiosamente, com os dentes cerrados.

— Foi apenas um sonho — disse Ylla, divertida.

— Guarda esses sonhos femininos e disparatados para ti!

— Estás a agir como uma criança. — Voltou a deitar-se nos restos da névoa química. Instantes depois, começou a rir baixinho. — Lembrei-me de *mais* uma coisa do sonho — confessou.

— E o que foi, o que foi? — bradou ele.

— Yll, estás tão irritado.

— Diz-me! — exigiu o senhor K. — Não podes esconder nada de mim! — Debruçado sobre a mulher, tinha o rosto sombrio e endurecido.

— Nunca te vi assim — comentou ela, meio chocada, meio divertida. — Tudo o que aconteceu foi que esse tal Nathaniel York me disse... bem, disse-me que me levaria com ele para a nave, com o intuito de me transportar pelo céu até ao planeta dele. É, na verdade, bastante ridículo.

— Sim, ridículo! — quase berrou o senhor K. — Devias ter-te ouvido

a adulá-lo, a falar com ele, a cantar com ele, oh, deuses, durante toda a noite. Devias ter-te *ouvido*!

— Yll!

— Quando é que ele aterra? Onde é que vai pousar a maldita nave?

— Yll, baixa o tom de voz.

— Quero lá saber do tom de voz! — Curvou-se rigidamente sobre ela. — E *nesse* sonho — agarrou-a pelo pulso —, a nave não aterrava, por acaso, no Vale Verde? Responde-me!

— Mas sim...

— E aterrava esta tarde, não era? — insistiu com a mulher.

— Sim, sim, julgo que sim, mas apenas no sonho!

— Bem — disse o senhor K, soltando-lhe rudemente a mão —, pelo menos és sincera! Ouvi tudo o que disseste durante o sono. Mencionaste o vale e a hora.

Ofegante, caminhou por entre as colunas como um homem cego por um relâmpago. Aos poucos, foi recuperando a respiração. A mulher olhava-o como se estivesse louco. Por fim, levantou-se e foi ter com ele.

— Yll — murmurou ela.

— Estou bem.

— Estás doente.

— Não. — Forçou um ligeiro sorriso. — Foi apenas uma infantilidade. Perdoa-me, querida. — Deu-lhe uma palmadinha desajeitada. — Demasiado trabalho nos últimos tempos. Acho que me vou deitar um pouco...

— Estavas tão exaltado.

— Estou bem agora. Muito bem. — Suspirou. — Vamos esquecer isto. Sabes, ontem ouvi uma piada sobre o Uel que te tencionava contar. Se concordares, preparas o pequeno-almoço, eu conto-te a piada e não falamos mais disto.

— Foi apenas um sonho.

— Claro. — Beijou-a na face, mecanicamente. — Apenas um sonho.

Ao meio-dia, as colinas tremeluziam sob a luz do Sol alto e abrasador.

— Não vais à cidade? — perguntou Ylla.

O senhor K ergueu ligeiramente as sobrancelhas.

— À cidade?

— Costumas ir *sempre* neste dia.

Ylla ajustou uma gaiola de flores no seu pedestal. As flores agitaram-se, abrindo as bocas amarelas e famintas.

O senhor K fechou o livro.

— Não. Está demasiado calor e já é tarde.

— Ah — disse ela, acabando a tarefa que tinha em mãos e dirigindo-se para a porta. — Bem, volto daqui a pouco.

— Espera um minuto! Aonde vais?

— Vou à casa da Pao. Ela convidou-me! — respondeu Ylla, já junto à porta.

— Hoje?

— Não a vejo há muito tempo. E vive perto.

— No Vale Verde, não é?

— Sim, vou a pé, não é longe. Pensei... — disse ela, apressando-se.

— Lamento, lamento muito — disse ele, enquanto corria para a ir buscar, parecendo bastante preocupado com o esquecimento. — Varrera-se-me da memória. Convidei o doutor Nlle para nos visitar hoje à tarde.

— O doutor Nlle! — exclamou ela, passando o limiar da porta.

— Sim — respondeu ele, agarrando-a pelo cotovelo e puxando-a para dentro.

— Mas a Pao...

— A Pao pode esperar, Ylla. Temos de fazer companhia ao Nlle.

— Só por alguns minutos...

— Não, Ylla.

— Não?

O senhor K abanou a cabeça.

— Não. Além disso, é uma longa caminhada até à casa da Pao. É preciso atravessar todo o Vale Verde e depois passar o grande canal e

descer, não é? E fará muito, muito calor, e o doutor Nlle ficaria encantado por te ver. Certo?

Ylla não respondeu. Queria soltar-se e fugir. Queria gritar. Mas tudo o que fez foi sentar-se na cadeira, virando os dedos devagar. Deixou-se ficar a observá-los fixamente, sem expressão, encurralada.

— Ylla? — murmurou o marido. — V*ais* ficar aqui, não vais?

— Sim — disse ela, após uma longa pausa. — Vou ficar aqui.

— A tarde toda?

— A tarde toda — respondeu ela, num tom de voz abafado.

Ao fim do dia, o doutor Nlle ainda não tinha aparecido. O marido de Ylla não parecia muito surpreendido. Quando já era muito tarde, murmurou algo, dirigiu-se a um armário de onde tirou uma arma maligna, um longo tubo amarelado que terminava num fole e num gatilho. Virou-se e, no rosto, exibia uma máscara de prata martelada, inexpressiva, a máscara que ele usava sempre que pretendia esconder os seus sentimentos, a máscara que se arqueava e ajustava tão perfeitamente às suas faces magras, ao queixo e à testa. A máscara reluzia, e ele segurava a arma maligna nas mãos, examinando-a. Fazia um zumbido constante, um zumbido de insectos. Dela poderiam ser lançadas, num grito agudo, hordas de abelhas douradas. Abelhas douradas e horríveis que picavam, envenenavam e caíam sem vida, como sementes sobre a areia.

— Aonde vais? — perguntou Ylla.

— O quê? — O senhor K estava concentrado no terrível zumbido do fole. — O doutor Nlle está atrasado e não me apetece continuar à espera. Vou sair para caçar um pouco. Já volto. E tu não saias daqui, está bem? — A máscara prateada reluzia.

— Sim.

— E diz ao doutor Nlle que não demorarei muito, que saí apenas para caçar.

A porta triangular fechou-se. Os passos foram deixando de se ouvir à medida que ele descia a colina.

Ylla observou o marido a caminhar por entre a luz do Sol até desaparecer. Depois retomou as suas tarefas relacionadas com as poeiras magnéticas e os novos frutos que tinham de ser colhidos das paredes de cristal. Trabalhava com energia e diligência, mas, por vezes, era tomada de um torpor e dava por si a cantar aquela estranha e memorável canção, com os olhos postos no céu, para lá das colunas de cristal.

Susteve a respiração e ficou muito quieta, à espera.

Estava a aproximar-se.

Poderia acontecer a qualquer momento.

Era como um daqueles dias em que ouvíamos o aproximar de uma tempestade e havia o silêncio da espera, e então, com a menor pressão atmosférica, o clima lançava-se sobre a terra em rajadas, sombras e vapores. E a mudança zumbia nos ouvidos e ficávamos suspensos no tempo de espera pela tempestade que se aproximava. Começávamos a tremer. O céu ficava manchado e colorido. As nuvens tornavam-se mais espessas. As montanhas adquiriam um tom ferruginoso. As flores engaioladas esvoaçavam com ténues suspiros de aviso. Sentíamos o nosso cabelo a agitar-se ao de leve. Algures na casa, o relógio-falante entoava «Tempo, tempo, tempo, tempo…», sempre numa voz branda, como a queda de gotas de água sobre veludo.

E, depois, a tempestade. Os focos de iluminação eléctrica. Os jorros de água escura e o negro ruidoso que caíam e se acercavam, sem parar.

Era assim agora. Formava-se uma tempestade, embora o céu permanecesse limpo. Esperavam-se relâmpagos, mas não havia nuvens.

Ylla percorreu a abafada casa de Verão. Os raios cairiam do céu a qualquer instante: haveria um trovão, um casulo de fumo, um silêncio, passos na entrada, uma pancada na porta cristalina, e ela *correria* para a abrir…

— Ylla, sua louca! — disse ela, escarnecendo de si mesma. — Por que

razão se dedica a tua mente ociosa a tais pensamentos desvairados?

E foi então que aconteceu.

Sentiu um calor intenso, como se um grande incêndio atravessasse o ar. Um som turbilhonante, impetuoso. No céu, um raio de metal.

Ylla soltou um grito.

Ao correr por entre as colunas, escancarou uma porta. Ficou de frente para as colinas. Mas, naquele momento, já não havia mais nada.

Preparava-se para correr colina abaixo quando se deteve. Era suposto ficar ali, não ir a lado nenhum. O médico viria visitá-los e o marido ficaria zangado se ela fugisse.

Esperou à porta, ofegante, de mão estendida.

Esforçou-se por ver na direcção do Vale Verde, mas não conseguiu distinguir nada.

«És uma tonta», pensou, voltando para dentro. «Tu e a tua imaginação. Não foi mais do que um pássaro, uma folha, o vento ou um peixe no canal. Senta-te. Descansa.»

Sentou-se.

Ouviu-se um tiro.

O som muito claro, muito agudo, da maligna arma de insectos.

O corpo estremeceu-lhe com o estampido.

Vinha de muito longe. Um tiro. O zumbido veloz das abelhas distantes. Um tiro. E, depois, um segundo tiro, preciso e frio, e longínquo.

Sentiu o corpo a retrair-se de novo e, por alguma razão, ergueu-se e pôs-se aos berros, aos berros como se nunca mais quisesse parar de berrar. Correu freneticamente pela casa e, mais uma vez, escancarou a porta.

Os ecos dissipavam-se aos poucos na distância.

E acabaram por desaparecer.

Ylla esperou no jardim, com o rosto pálido, durante cinco minutos.

Por fim, com passos lentos, cabisbaixa, deambulou pelas divisões adornadas de colunas, passando as mãos pelos objectos, sentindo os lábios a tremer, até acabar por se sentar sozinha à espera na sala do

vinho, que escurecia. Começou a limpar um copo de âmbar com a ponta do seu lenço.

Nesse instante, ao longe, ouviu-se o som de passos a calcar as pedras pequenas e finas.

Levantou-se para ficar posicionada no centro da sala silenciosa. O copo caiu-lhe dos dedos e estilhaçou-se no chão.

Os passos hesitaram do lado de fora da porta.

Deveria falar? Deveria gritar: «Entre, oh, entre»?

Avançou um pouco.

Os passos subiram a rampa. Uma mão fez girar o trinco da porta.

Ylla sorriu para a porta.

A porta abriu-se. E ela parou de sorrir.

Era o marido. A máscara prateada emanava um brilho fosco.

Entrou na sala e olhou para a mulher apenas por um momento. Depois abriu rapidamente o fole da arma, tirou duas abelhas mortas, ouviu-as bater no chão ao cair, pisou-as e colocou a arma com o fole vazio ao canto da sala, enquanto Ylla se baixava e tentava, por várias vezes, mas sem sucesso, juntar os pedaços do copo estilhaçado.

— Que estiveste a fazer? — perguntou ela.

— Nada — respondeu ele, de costas viradas, tirando a máscara.

— Mas a arma... Ouvi-te a dispará-la. Duas vezes.

— Estava só a caçar. De vez em quando, sabe bem caçar. O doutor Nlle já chegou?

— Não.

— Espera lá. — Estalou os dedos com um ar desgostoso. — Pois claro, lembrei-me agora. Era suposto visitar-nos *amanhã* à tarde. Que estupidez a minha.

Sentaram-se para comer. Ylla olhou para a comida e não mexeu as mãos.

— Que se passa? — perguntou ele, sem levantar os olhos da carne que ia mergulhando na lava borbulhante.

— Não sei. Não tenho fome — respondeu ela.

— Porquê?

— Não sei. Simplesmente, não tenho.

O vento levantava-se pelo céu. O Sol descia. A sala era pequena e ficou fria de repente.

— Tenho estado a tentar lembrar-me — disse ela, na sala silenciosa, diante do marido frio, aprumado e de olhos dourados.

— Lembrares-te do quê? — Bebeu um trago de vinho.

— Daquela canção. Daquela canção doce e bela. — Fechou os olhos e cantarolou, mas não era a canção. — Esqueci-a. E, por algum motivo, não me quero esquecer dela. É algo de que me quero lembrar para sempre. — Começou a mexer as mãos, como se o ritmo a pudesse ajudar a recordá-la toda. Depois recostou-se na cadeira. — Não me consigo lembrar. — E começou a chorar.

— Porque choras? — perguntou-lhe o marido.

— Não sei, não sei, mas não o consigo evitar. Estou triste e não sei porquê, choro e não sei porquê, mas estou a chorar.

Chorava com a cabeça entre as mãos, movendo repetidamente os ombros.

— Amanhã estarás melhor — disse ele.

Ylla não o encarou. Olhou apenas para o deserto vazio e para as estrelas muito brilhantes que despontavam agora no céu negro. E, ao longe, ouvia-se o som do vento que se levantava e das águas que se agitavam, geladas, nos longos canais. A tremer, fechou os olhos.

— Sim — disse ela. — Amanhã estarei melhor.

---

1 «Brinda por mim apenas com os teus olhos e eu me comprometerei com os meus.» «Ou deixa um beijo na taça e eu não pedirei vinho». Antiga canção popular inglesa cujos versos foram escritos, no início do século XVII, pelo dramaturgo e poeta Ben Jonson. Versão do tradutor, a partir do original. [N. T.]

Agosto de 2030
A NOITE DE VERÃO

Nas galerias de pedra, as pessoas estavam reunidas em vários grupos que se embrenhavam aos poucos nas sombras entre as colinas azuis. Uma pálida luz nocturna brilhava sobre elas, vinda das estrelas e das duas luas de Marte. Para lá do anfiteatro de mármore, na escuridão e à distância, ficavam as pequenas cidades e quintas; as lagoas de água prateada jaziam imóveis e os canais reluziam de horizonte a horizonte. Era uma noite de Verão no plácido e temperado planeta Marte. Os canais de vinho esverdeado eram percorridos, para cima e para baixo, por embarcações delicadas como flores de bronze. Nas habitações longas e intermináveis que se curvavam como serpentes tranquilas através das colinas, os amantes sussurravam, deitados ociosamente em frescas camas nocturnas. As últimas crianças corriam pelos becos iluminados por tochas, levando nas mãos aranhas douradas que iam libertando fios de teia. Aqui e ali, preparavam-se jantares tardios em mesas sobre as quais a lava de tons prateados borbulhava quase muda. Nos anfiteatros de uma centena de cidades do lado nocturno de Marte, o povo marciano, com pele castanha e olhos dourados como moedas, reunia-se informalmente para concentrar a sua atenção nos palcos onde os músicos faziam fluir pelo ar calmo como o perfume de flores uma música serena.

Num dos palcos, uma mulher cantava.

O público agitava-se.

A mulher parou de cantar. Levou a mão à garganta. Acenou com a cabeça aos músicos e eles recomeçaram.

Os músicos tocaram e ela cantou e, desta vez, o público suspirou e

inclinou-se para a frente nas cadeiras, alguns dos homens levantaram-se surpreendidos, e um vento frio de Inverno atravessou o anfiteatro. Porque era invulgar, assustadora e estranha a canção que aquela mulher cantava. Tentou conter as palavras que lhe saíam dos lábios, mas as palavras eram estas:

She walks in beauty, like the night
Of cloudless climes and starry skies;
And all that's best of dark and bright
Meet in her aspect and her eyes...[2]

A cantora levou as mãos à boca. Ficou parada, perplexa.

— Que palavras são essas? — perguntaram os músicos.

— Que canção é essa?

— Que língua é essa?

E quando os músicos voltaram a soprar as suas trombetas douradas, a estranha música ressurgiu e passou suavemente sobre o público, que agora falava alto e se levantava.

— Que se passa contigo? — perguntaram os músicos uns aos outros.

— Que melodia é essa que tocaste?

— Que melodia tocaste tu?

A mulher chorou e fugiu do palco. E o público abandonou o anfiteatro. E por todas as cidades transtornadas de Marte ocorreu algo parecido. Chegara uma onda de frio, como se do céu caísse neve branca.

Nas ruelas escuras, sob os archotes, as crianças cantavam:

... and when she got there, the cupboard was bare,
And so her poor dog had none.[3]

— Crianças! — gritaram os adultos. — Que canção é essa? Onde a aprenderam?

— Apenas pensámos nela, de repente. Não passam de palavras que

não entendemos.

Fecharam-se portas. As ruas ficaram desertas. Sobre as colinas azuis despontou uma estrela verde.

Por toda a parte, no lado nocturno de Marte, os amantes acordaram e ouviram os amados, que cantarolavam na escuridão.

— Que melodia é essa?

E em mil casas no campo, a meio da noite, houve mulheres que acordaram aos gritos. Tiveram de ser acalmadas enquanto as lágrimas lhes escorriam pelo rosto.

— Pronto, pronto. Dorme. Que foi? Um sonho?

— Algo terrível acontecerá de manhã.

— Nada poderá acontecer, está tudo bem connosco.

— Aproxima-se e está cada vez mais perto, cada vez mais perto — responderam, num soluço histérico.

— Nada poderá acontecer connosco. Nada. Agora dorme. Dorme.

Tudo permanecia calmo na manhã profunda de Marte, tão calmo como um poço frio e escuro, com as estrelas a brilhar nas águas dos canais. Respirando em todos os quartos, as crianças dormiam encolhidas com as aranhas nas mãos fechadas e os amantes dormiam abraçados. As luas desapareciam no céu, os archotes arrefeciam e os anfiteatros de pedra estavam desertos.

O único som, momentos antes do alvorecer, foi o de um guarda-nocturno, ao fundo de uma rua solitária, que caminhava pela escuridão a trautear uma canção muito estranha...

---

2 «Ela caminha em beleza, como a noite / De tempo sem nuvens e céus de estrelas a brilhar; / E o que há de melhor na escuridão e na luz / Está no seu semblante e no seu olhar.» Primeiros versos do poema *She Walks in Beauty* (*Ela Caminha em Beleza*), de Lord Byron. Versão do tradutor, a partir do original. [*N. T.*]

3 «... e, quando ela lá chegou, o armário estava vazio, / E o seu pobre cão ficou sem nada.» Popular canção infantil de língua inglesa. [*N. T.*]

Agosto de 2030
OS HOMENS DA TERRA

Quem quer que estivesse a bater à porta não parecia querer parar.

A senhora Ttt abriu a porta bruscamente.

— Que foi?

— Fala *inglês*! — O homem especado do lado de fora ficou surpreendido.

— Eu falo o que falo — disse ela.

— É um *inglês* maravilhoso! — O homem usava uniforme. Havia outros três homens com ele, todos cheios de pressa, todos sorridentes, todos sujos.

— Que quer? — exigiu saber a senhora Ttt.

— A senhora é *marciana*! — O homem sorriu. — O termo não lhe é, certamente, familiar. Trata-se de uma expressão da Terra. — Fez um sinal com a cabeça na direcção dos seus homens. — Viemos da Terra. Eu sou o capitão Williams. Aterrámos em Marte há menos de uma hora. Aqui estamos nós, a *Segunda* Expedição! Houve uma Primeira Expedição, mas não sabemos o que lhe aconteceu. Bem, seja como for, aqui estamos nós. E a senhora é a primeira marciana que encontrámos!

— Marciana? — perguntou ela, arqueando as sobrancelhas.

— O que eu quero dizer é que vive no quarto planeta a contar do Sol. Correcto?

— Elementar — disse ela, com rudeza, olhando-os de alto a baixo.

— E nós — o homem levou a mão rechonchuda e rosada ao peito —, nós somos da Terra. Certo, rapazes?

— Certo, capitão! — responderam em coro.

— Este é o planeta Tyrr — disse ela —, se quiser utilizar o nome

adequado.

— Tyrr, Tyrr. — O capitão riu, exausto. — Que *belo* nome! Mas, minha boa senhora, como é possível que fale um inglês tão perfeito?

— Não estou a falar, estou a pensar — respondeu ela. — Telepatia! Tenha um bom dia! — E atirou com a porta.

Pouco depois, lá estava aquele homem horrível a bater de novo à porta.

A senhora Ttt abriu a porta de rompante.

— Que foi agora? — questionou ela.

O homem permanecia no mesmo sítio, tentando sorrir, com ar desorientado. Estendeu as mãos.

— Creio que não está a *perceber*...

— O quê? — explodiu ela.

O homem fitou-a, surpreendido.

— Somos da *Terra*!

— Não tenho tempo — disse ela. — Tenho muito que cozinhar hoje, além da limpeza da casa, da costura e de tudo o resto. Deseja, certamente, falar com o senhor Ttt. Está lá em cima, no escritório dele.

— Sim — respondeu o Homem da Terra, confuso, piscando os olhos. — Permita-nos, por favor, falar com o senhor Ttt.

— Está ocupado. — Atirou novamente com a porta.

Desta vez, as batidas foram de uma ruidosa impertinência.

— Ouça! — gritou o homem, quando a porta se voltou a abrir. Deu um salto para dentro de casa, como se quisesse surpreender a mulher. — Esses não são modos de tratar as visitas!

— No meu chão limpo! — gritou ela. — Lama! Saia! Se quiser entrar em minha casa, lave primeiro as botas.

O homem olhou com consternação para as botas enlameadas.

— Esta — disse ele — não é uma ocasião para trivialidades. Penso — continuou ele — que deveríamos estar a celebrar. — Olhou para ela durante longos instantes, como se o seu olhar a pudesse fazer entender.

— Se, por sua culpa, os meus pãezinhos de cristal murcharem no forno — exclamou ela —, bato-lhe com um bocado de madeira! — Foi espreitar para dentro de um pequeno forno quente. Voltou com o rosto vermelho e transpirado. Sendo magra e ágil como um insecto, tinha olhos de um amarelo penetrante e pele de um castanho suave. A voz era metálica e aguda. — Espere aqui. Vou ver se o senhor Ttt aceita recebê-lo. Qual é o assunto?

O homem praguejou sinistramente, como se ela lhe tivesse dado com um martelo na mão.

— Diga-lhe que somos da Terra e que isto é um feito inédito!

— Isto o quê? — Levantou a mão castanha. — Esqueça. Já volto.

O som dos seus passos esvoaçou pela casa de pedra.

Lá fora, o imenso céu azul marciano apresentava-se quente e imóvel como as águas cálidas de um mar profundo. O deserto marciano estendia-se, abrasador, fazendo lembrar um vaso de barro pré-histórico, com ondas de calor que se erguiam e tremeluziam. Havia um pequeno foguetão reclinado sobre o topo de uma colina ali perto. Um trajecto de pegadas enormes começava nas imediações do foguetão e terminava à porta daquela casa de pedra.

Ouviam-se agora vozes transtornadas no andar superior. Os homens, no patamar de entrada, entreolhavam-se, distribuindo o seu peso de um pé para o outro e tamborilando os dedos com as mãos apoiadas nos cintos. Uma voz masculina gritou lá em cima. A voz da mulher replicou. Após quinze minutos, os Homens da Terra começaram a entrar e a sair pela porta da cozinha, sem nada para fazer.

— Fumamos um cigarro? — perguntou um deles.

Um outro tirou um maço e acenderam os cigarros. Lançaram lentas baforadas de um fumo branco-pálido. Ajeitaram os uniformes e endireitaram os colarinhos. As vozes lá em cima continuavam a resmungar e a protestar. O líder dos homens olhou para o relógio.

— Vinte e cinco minutos — disse ele. — Gostava de saber o que estão a tramar. — Aproximou-se de uma janela e olhou para o exterior.

— Que dia quente — comentou um dos homens.

— É verdade — respondeu outro, sentindo o calor das primeiras horas da tarde.

Entretanto, as vozes desvaneceram-se num murmúrio e acabaram por se silenciar. Não havia um som na casa. Os homens apenas conseguiam escutar a sua própria respiração.

Em silêncio, passou uma hora.

— Espero que não tenhamos causado nenhum problema — disse o capitão, avançando e espreitando para dentro da sala de estar.

A senhora Ttt encontrava-se lá, ocupada a regar umas flores que cresciam no centro da sala.

— Bem me parecia que me tinha esquecido de qualquer coisa — disse ela, quando viu o capitão. Caminhou até à cozinha. — Peço desculpa. — Passou-lhe para a mão uma tira de papel. — O senhor Ttt está muito ocupado. — Voltou a concentrar-se nos seus cozinhados. — De qualquer modo, não é o senhor Ttt que deseja ver; é o senhor Aaa. Leve esse papel até à próxima quinta, ao pé do canal azul, e o senhor Aaa saberá responder ao que pretende saber.

— Não queremos saber nada — objectou o capitão, fazendo um trejeito com os lábios grossos em sinal de descontentamento. — Já o *sabemos*.

— Tem o papel, que mais quer? — perguntou-lhe ela, sem rodeios. E não voltou a falar.

— Bem — disse o capitão, relutante em partir. Ficou parado como se esperasse por alguma coisa. Parecia uma criança com os olhos postos numa árvore de Natal despida. — Bem — repetiu ele. — Vamos embora, rapazes.

Os quatro homens saíram para o dia quente e silencioso.

Meia hora mais tarde, o senhor Aaa, sentado na sua biblioteca a bebericar um pouco de fogo eléctrico de uma chávena de metal, ouviu vozes lá fora, no passeio de pedra. Debruçou-se sobre o peitoril da janela e observou os quatro homens de uniforme que o olhavam de

soslaio.

— É o senhor Aaa? — perguntaram eles.

— Sou.

— O senhor Ttt mandou-nos falar consigo.

— Porque é que ele fez tal coisa? — perguntou o senhor Aaa.

— Estava ocupado!

— É uma pena — disse o senhor Aaa, sarcasticamente. — Pensará ele que eu estou aqui para receber as pessoas para as quais ele não tem tempo?

— Não é isso que importa, senhor — gritou o capitão.

— Para mim, é. Tenho muito que ler. O senhor Ttt é pouco atencioso. Não é a primeira vez que age sem consideração para comigo. Pare de abanar as mãos, senhor, deixe-me terminar. E preste atenção. As pessoas costumam ouvir-me quando falo. E escute com cortesia ou simplesmente não falarei.

Os quatro homens mexeram-se nervosamente no passeio e abriram as bocas, e, por um momento, o capitão, com as veias do rosto salientes, deixou que lhe nascessem algumas lágrimas nos olhos.

— Então — preleccionou o senhor Aaa — parece-lhe correcto que o senhor Ttt revele tanta falta de modos?

Os quatro homens olharam para cima, através do calor. O capitão disse:

— Somos da Terra!

— Parece-me muita falta de cavalheirismo da parte dele — queixou-se o senhor Aaa.

— Um *foguetão*. Viemos nele. Está ali ao fundo!

— Não é a primeira vez que o Ttt é pouco razoável, sabe?

— Uma longa viagem desde a Terra.

— Ah, se eu não fosse tão comedido, ligava-lhe para lhe dizer das boas.

— Apenas nós os quatro; eu e estes três homens, a minha tripulação.

— Vou ligar-lhe, sim, é isso mesmo que vou fazer!

— Terra. Foguetão. Homens. Viagem. Espaço.

— Vou ligar-lhe para lhe dar uma reprimenda! — exclamou o senhor Aaa. E desapareceu como uma marioneta de um palco.

Durante uns instantes, ouviram-se vozes exaltadas que viajavam de um lado para o outro num qualquer estranho mecanismo. Lá em baixo, o capitão e a sua tripulação olhavam com alguma nostalgia para o belo foguetão na colina, tão sereno, adorável e harmonioso.

O senhor Aaa reapareceu à janela, com um imoderado ar de triunfo.

— Desafiei-o para um duelo, pelos deuses! Um duelo!

— Senhor Aaa — recomeçou o capitão, calmamente.

— Vou matá-lo com um tiro, está a ouvir?

— Senhor Aaa, gostaria que ouvisse o que tenho para lhe *contar*. Percorremos noventa e sete milhões de quilómetros.

O senhor Aaa prestou atenção ao capitão pela primeira vez.

— De onde disse que era?

O capitão deixou escapar um sorriso aberto.

— *Finalmente* começamos a entender-nos — murmurou, num aparte, aos seus homens, antes de se voltar a dirigir ao senhor Aaa. — Viajámos noventa e sete milhões de quilómetros. Desde a Terra!

O senhor Aaa bocejou.

— Nesta altura do ano são apenas *oitenta* milhões de quilómetros — comentou ele, pegando numa arma de aspecto assustador. — Bem, agora tenho de ir. Leve esse bilhete ridículo, cuja utilidade me parece dúbia, atravesse aquela colina até à pequena cidade de Iopr e conte tudo ao senhor Iii. É *ele* o homem com quem quer falar. Não com o senhor Ttt, um idiota que vou matar; nem comigo, porque não está no meu ramo de actividade.

— Ramo de actividade, ramo de actividade! — lamuriou-se o capitão. — Por acaso é preciso estar num determinado ramo de actividade para receber Homens da Terra?

— Não seja tolo, toda a gente sabe *isso* — disse o senhor Aaa, apressando-se a descer as escadas. — Adeus! — acrescentou, já a correr ao longo do passeio, como se tivesse um par de aparelhos ortopédicos nas pernas.

Os quatro viajantes não se moveram, chocados. Por fim, o capitão disse:

— Havemos de encontrar alguém que nos ouça.

— Talvez pudéssemos partir e voltar mais tarde — disse um dos homens, numa voz desolada. — Talvez devêssemos descolar e aterrar de novo. Dar-lhes tempo de organizar uma festa.

— Pode ser uma boa ideia — murmurou o capitão, cansado.

A pequena cidade estava repleta de pessoas que entravam e saíam dos edifícios, cumprimentando-se umas às outras, usando máscaras douradas, azuis e rubras numa assinalável variedade, máscaras com lábios prateados e sobrancelhas de bronze, máscaras sorridentes e máscaras carrancudas, de acordo com o humor dos seus donos.

Os quatro homens, transpirados da longa caminhada, pararam e perguntaram a uma menina onde era a casa do senhor Iii.

— Ali — disse a criança, acenando com a cabeça.

Ansiosa e cuidadosamente, o capitão baixou-se, pousou um joelho no chão e mirou aquele rosto jovem e doce.

— Menina, quero falar contigo.

Sentou-a no joelho e envolveu-lhe as mãozinhas castanhas nas suas mãos grandes, como se estivesse preparado para contar uma história que ia formando lentamente na cabeça, com uma enorme e paciente felicidade nos detalhes.

— Bem, vou contar-te o que aconteceu, menina. Há seis meses, chegou outro foguetão a Marte. Nele, vinham um homem chamado York e o seu assistente. Não sabemos o que lhes aconteceu. Talvez se tenham despenhado. Vinham num foguetão. E nós também. Devias vê-lo! Um *grande* foguetão! Somos, portanto, a Segunda Expedição, que veio a seguir à Primeira. E fizemos todo este caminho desde a Terra.

A menina soltou distraidamente uma das mãos e colocou no rosto uma máscara sem expressão. Depois tirou do bolso uma aranha-brinquedo dourada e deixou-a cair no chão enquanto o capitão continuava a falar. A aranha-brinquedo subiu docilmente até ao

joelho da menina, enquanto esta a contemplava através das ranhuras da sua máscara inexpressiva e era interpelada pelo capitão, que a sacudia suavemente e lhe debitava a história.

— Somos Homens da Terra — disse ele. — Acreditas em mim?

— Sim — respondeu a menina, desviando o olhar para a forma como os seus pés ondeavam na poeira.

— Óptimo. — O capitão beliscou-a no braço, num misto de alegria e maldade, porque queria que ela lhe prestasse atenção. — Construímos o nosso próprio foguetão. Acreditas *nisso*?

A menina enfiou um dedo no nariz.

— Sim.

— E... Tira o dedo do nariz, menina... Eu sou o capitão e...

— Nunca na História tinha alguém viajado através do espaço numa grande nave espacial — recitou a pequena criatura, com os olhos fechados.

— Muito bem! Como soubeste?

— Oh, telepatia — respondeu ela, limpando descontraidamente o dedo no joelho.

— E isso não te enche de entusiasmo? — clamou o capitão. — Não te deixa contente?

— É melhor irem ver o senhor Iii quanto antes. — Deixou cair o brinquedo ao chão. — O senhor Iii gostará de falar convosco. — E, tendo proferido estas palavras, pôs-se em fuga, com a submissa aranha-brinquedo a correr atrás dela.

O capitão, de cócoras e mãos estendidas, ficou a vê-la partir. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Olhou para as mãos vazias, boquiaberto. Os outros três homens permaneceram parados sobre as suas sombras. Cuspiram na rua de pedra...

O senhor Iii abriu a porta. Estava prestes a sair para uma conferência, mas dispunha de um minuto, se eles se apressassem a entrar e a informá-lo do que desejavam...

— Um pouco de atenção — disse o capitão, com os olhos vermelhos

e cansado. — Somos da Terra, temos um foguetão, somos quatro, tripulação e comandante, estamos exaustos, estamos esfomeados, gostaríamos de encontrar um sítio para dormir. Gostaríamos que alguém nos oferecesse a chave da cidade, ou algo parecido, e que alguém nos desse um aperto de mão e dissesse «Bravo!» e «Parabéns, amigo!» Em resumo, é isto.

O senhor Iii era um homem alto, vaporoso e magro, com cristais azuis espessos sobre olhos amarelados. Inclinou-se sobre a secretária e pôs-se a examinar alguns papéis, dirigindo de vez em quando olhares perscrutadores aos seus visitantes.

— Pois, *creio* que não tenho os formulários aqui comigo — disse ele, revolvendo as gavetas da secretária. — Mas onde é que eu *terei* deixado os formulários? — perguntou a si mesmo. — Algures. Algures. Oh, *aqui* estão eles! — Entregou bruscamente os papéis. — Terá de assinar estes documentos, claro.

— É mesmo necessário ler este palavreado todo? — perguntou o capitão.

O senhor Iii lançou-lhe um olhar vítreo e duro.

— Disse que era da Terra, não é verdade? Então tem de assinar.

O capitão escreveu o nome.

— Quer que eles assinem também?

O senhor Iii olhou para o capitão, olhou para os outros três homens e desatou a rir.

— *Eles* a assinar! Ah, que maravilha! *Eles* a assinar! — Escorriam-lhe lágrimas dos olhos. Bateu no joelho e curvou-se para permitir que a investida do riso lhe saísse pela boca aberta. Teve de se apoiar na secretária. — *Eles* a assinar!

Os quatro homens franziram o sobrolho.

— Qual é a graça?

— Eles a assinar! — suspirou o senhor Iii, esgotado de tanto rir. — É tão engraçado. Tenho de contar esta ao senhor Xxx! — Examinou o formulário preenchido, ainda a rir. — Parece estar tudo em ordem. — Assentiu com a cabeça. — Mesmo o consentimento para a eutanásia,

caso uma decisão final se afigure necessária no assunto em questão. — Soltou um riso abafado.

— Consentimento para *quê*?

— Não fale. Tenho algo para si. Aqui está. Aceite esta chave.

O capitão corou.

— É uma grande honra.

— Não é a chave da cidade, imbecil! — vociferou o senhor Iii. — É apenas uma chave da Casa. Siga por aquele corredor, destranque a porta grande, entre e feche-a bem atrás de si. Pode passar lá a noite. De manhã, enviarei o senhor Xxx para falar consigo.

Hesitante, o capitão pegou na chave. Ficou a olhar para o chão. Os seus homens não se mexeram. Pareciam ter perdido todo o sangue e todo o entusiasmo resultante da viagem espacial. Estavam completamente exauridos.

— Que foi? Qual é o problema? — perguntou o senhor Iii. — De que está à espera? Que quer? — Aproximou-se e observou de perto o rosto do capitão, inclinando-se para a frente e olhando para cima. — Desembuche!

— Talvez o senhor pudesse... — sugeriu o capitão. — Enfim, tentar ou pensar em... — hesitou. — Esforçámo-nos muito, fizemos uma longa viagem, e talvez nos pudesse apertar a mão e felicitar-nos. — A voz surgia-lhe cada vez mais fraca. — Não lhe parece?

O senhor Iii estendeu a mão rigidamente.

— Parabéns! — disse ele, com um sorriso frio. — Parabéns. — Virou-lhes as costas. — Agora tenho de me ir embora. Use essa chave.

Sem lhes prestar mais atenção, como se tivessem derretido e desaparecido através do chão, o senhor Iii começou a andar de um lado para o outro da sala, enchendo uma pequena pasta com papéis. Ficou mais uns cinco minutos naquela divisão da casa, mas não voltou a dirigir-se ao solene quarteto que ali se encontrava de cabeça baixa, pernas curvadas pelo peso e olhos cada vez menos brilhantes. Quando o senhor Iii saiu pela porta, estava ocupado a examinar as unhas...

Avançaram com dificuldade pelo corredor, sob a luz fraca e silenciosa da tarde, até chegarem a uma grande porta de prata polida. Abriram-na com a chave, também de prata, entraram, fecharam a porta e viraram-se.

Encontravam-se num amplo salão iluminado pelo sol. Havia homens e mulheres sentados à volta de mesas ou em pé a conversar em grupos. Ao ouvirem o som da porta, olharam para os quatro homens de uniforme.

Um dos marcianos aproximou-se deles e fez uma vénia.

— Sou o senhor Uuu — disse ele.

— E eu sou o capitão Jonathan Williams, da cidade de Nova Iorque, na Terra — disse o capitão, sem grande entusiasmo.

Houve, de imediato, uma explosão na sala!

As vigas tremeram com os gritos e os berros. As pessoas, avançando rapidamente, acenaram com as mãos e soltaram guinchos de alegria, derrubaram mesas, tropeçaram umas nas outras, mostraram-se divertidas, agarraram nos quatro Homens da Terra para logo os erguerem em ombros. Deram seis vezes a volta ao salão, em seis círculos completos e maravilhosos, enquanto saltavam, gesticulavam, cantavam.

Os Homens da Terra estavam tão estupefactos que se deixaram levar durante um minuto inteiro sobre os ombros vacilantes antes de começarem a rir e a gritar uns para os outros:

— Ei! Assim, *sim*!

— Isto é que é vida, rapaz! Uau! Boa! Iupi!

Não paravam de piscar os olhos uns aos outros e de agitar as mãos, golpeando o ar.

— Ei! — gritavam eles.

— Viva! — reagia a multidão.

Pousaram os Homens da Terra em cima de uma mesa. A gritaria cessou.

O capitão quase se desfez em lágrimas.

— Obrigado. Foi muito bom, muito bom.

— Fale-nos de vocês — sugeriu o senhor Uuu.

O capitão aclarou a voz.

Enquanto o ouvia, o auditório soltava exclamações de espanto. Após ser apresentada a tripulação, todos os homens fizeram um pequeno discurso, sentindo-se um pouco inibidos com o estrondo dos aplausos.

O senhor Uuu deu uma palmada no ombro do capitão.

— É bom ver outro homem da Terra. Eu também sou da Terra.

— Como assim?

— Muitas das pessoas que aqui estão vieram da Terra.

— O senhor? Da Terra? — O capitão encarou-o fixamente. — Mas é possível? Veio de foguetão? Será que as viagens espaciais já existem há séculos? — Parecia desapontado. — De que... de que país é?

— Tuiereol. Vim no espírito do meu corpo, há muitos anos.

— Tuiereol. — O capitão balbuciou a palavra. — Não conheço esse país. E o que é isso do espírito do corpo?

— Ali a menina Rrr também é da Terra, não é verdade, menina Rrr?

A menina Rrr assentiu e riu de modo estranho.

— E o mesmo se aplica à senhora Www, ao senhor Qqq e ao senhor Vvv.

— Eu sou de Júpiter — declarou um homem, envaidecido.

— Eu sou de Saturno — disse outro, com os olhos a cintilar de malícia.

— Júpiter, Saturno — murmurou o capitão, pestanejando.

Entretanto, tudo ficou muito calmo. As pessoas ficaram por ali, de pé ou sentadas em redor de mesas que estavam estranhamente vazias para mesas de banquete. Os olhos amarelos brilhavam e os rostos encovados apresentavam sombras escuras. O capitão reparou, pela primeira vez, que não havia janelas e que a luz parecia atravessar as paredes. Havia apenas uma porta. O capitão estremeceu.

— Estou confuso. Onde é Tuiereol na Terra? Fica perto da América?

— O que é a América?

— Nunca ouviu falar do continente americano e diz que é da Terra?

O senhor Uuu levantou-se, furioso.

— A Terra é um lugar de mares e apenas mares. Não há continentes. Eu sou da Terra e sei.

— Espere um pouco. — O capitão recostou-se. — Parece um marciano comum. Tem olhos amarelos, pele castanha.

— A Terra é um lugar onde só há *selva* — disse a menina Rrr, orgulhosa.

— Sou de Orri, na Terra, uma civilização feita de prata!

Nesse instante, o capitão virou a cabeça e examinou o senhor Uuu e depois o senhor Www e o senhor Zzz, o senhor Nnn, o senhor Hhh e o senhor Bbb. Viu aqueles olhos amarelos a aumentar e a diminuir na luz, focados e desfocados. Começou a tremer. Por fim, voltou-se para os seus homens e fitou-os sombriamente.

— Percebem o que é isto?

— O quê, capitão?

— Não é uma celebração — respondeu o capitão, fatigado. — Não é um banquete. Estes não são representantes do governo. Não é uma festa surpresa. Reparem nos olhos deles. Ouçam-nos!

Ninguém respirou. Houve apenas um ligeiro e silencioso movimento de olhos no salão fechado.

— Agora entendo — disse o capitão, com voz muito distante — o motivo por que todos nos entregaram bilhetes e nos passaram de uns para os outros, até conhecermos o senhor Iii, que nos mandou seguir por um corredor com uma chave para abrir uma porta e fechar uma porta. E aqui estamos nós...

— Onde, capitão?

O capitão suspirou.

— Num manicómio.

Era noite. O amplo salão estava em silêncio, tenuemente iluminado por fontes de luz ocultas nas paredes transparentes. Os Quatro Homens da Terra encontravam-se sentados a uma mesa de madeira e segredavam, curvando as cabeças desoladas. Homens e mulheres

jaziam amontoados pelo chão. Havia movimentos subtis nos cantos escuros, homens e mulheres solitários que gesticulavam com as mãos. A cada meia hora, um dos homens do capitão tentava abrir a porta prateada e voltava para a mesa.

— Nada, capitão. Estamos bem trancados.

— Eles julgam mesmo que somos loucos, capitão?

— Sem dúvida. Foi por isso que não nos receberam em festa. Limitaram-se a tolerar aquilo que, para eles, deve ser um estado psicótico muito recorrente. — Apontou para as figuras escuras que dormiam em redor deles. — Paranóicos, todos eles! Que boas-vindas nos deram! — Uma pequena chama acendeu-se e apagou-se nos olhos do capitão. — Por um momento, acreditei que estávamos a ter a verdadeira recepção que merecíamos. Todos aqueles gritos, cantorias e discursos. Foi muito bom, não foi? Enquanto durou...

— Quanto tempo nos vão manter aqui, capitão?

— Até provarmos que não somos loucos.

— Deverá ser simples.

— Assim *espero*.

— Não parece estar muito seguro disso, capitão.

— Não estou. Olhe para aquele canto.

Um homem sentado sozinho na escuridão. Da sua boca surgiu uma chama azul que se transformou na forma arredondada de uma pequena mulher nua. A forma desabrochou suavemente no ar em vapores de luz de cobalto, sussurrando e suspirando.

O capitão fez sinal com a cabeça para outro canto, onde uma mulher, de pé, se metamorfoseava. De início estava embutida numa coluna de cristal; depois fundiu-se numa estátua dourada, converteu-se numa vara de cedro polido e, por fim, regressou à sua configuração de mulher.

Durante a noite, por todo o salão, as pessoas exalavam delicadas chamas violáceas, transformavam-se, metamorfoseavam-se, pois a noite era a altura de mudanças e aflições.

— Magos, feiticeiros — suspirou um dos Homens da Terra.

— Não, alucinações. Transmitem-nos a demência de que sofrem para que vejamos também as suas alucinações. Telepatia. Auto-sugestão e telepatia.

— É isso que o preocupa, capitão?

— Sim. Se as alucinações podem parecer tão «reais», tão contagiosas e quase credíveis, tanto para nós como para qualquer outra pessoa, não admira que nos tenham tomado por psicóticos. Se aquele homem é capaz de criar pequenas mulheres de fogo azul, e aquela mulher, de se fundir numa coluna, é muito natural que os marcianos pensem que *nós* criámos o nosso foguetão com as *nossas* mentes.

— Oh — disseram, na obscuridade, os homens da tripulação.

À volta deles, no vasto salão, brotavam chamas azuis que cintilavam, evaporavam. Pequenos demónios de areia vermelha corriam entre os dentes de homens adormecidos. Mulheres transformavam-se em serpentes oleosas. Havia no ar um cheiro a répteis e a animais.

De manhã, todos se levantaram com uma aparência fresca, feliz e normal. Em nenhuma parte havia chamas ou demónios. O capitão e os seus homens esperaram junto à porta prateada, esperando que ela se abrisse.

O senhor Xxx chegou cerca de quatro horas mais tarde. Suspeitaram que ele tivesse esperado do lado de fora da porta, espreitando-os pelo menos durante três horas antes de entrar e de lhes fazer sinal para que o acompanhassem até ao seu pequeno gabinete.

Era um homem jovial e sorridente, a acreditar na máscara que usava, pois nela se exibia não apenas um sorriso pintado, mas três. Por detrás dela, a voz era a de um psicólogo não tão sorridente.

— Muito bem, qual é o problema?

— Pensa que somos loucos, mas não somos — disse o capitão.

— Pelo contrário, não penso que *todos* vocês sejam loucos. — O psicólogo apontou uma varinha ao capitão. — Não. Apenas o senhor. Os outros são alucinações secundárias.

O capitão bateu com a mão no joelho.

— Então *é isso*! Foi por essa razão que o senhor Iii começou a rir

quando lhe perguntei se os meus homens também deveriam assinar os documentos!

— Sim, o senhor Iii contou-me. — O psicólogo riu através da boca sorridente, esculpida. — Uma boa piada. Onde é que eu ia? Ah, sim, alucinações secundárias. As mulheres vêm ter comigo com serpentes que lhes saem dos ouvidos. Quando as curo, as serpentes desaparecem.

— Teremos todo o gosto em ser curados. Prossiga, por favor.

O senhor Xxx pareceu surpreendido.

— É invulgar. Não são muitos os que desejam ser curados. A cura é drástica, sabe?

— Avance com ela! Estou seguro de que concluirá que somos todos sãos.

— Deixe-me conferir os seus papéis para garantir que estão em ordem para a «cura». — Examinou um ficheiro. — Sim. Sabe, casos como o seu exigem uma «cura» especial. As pessoas naquele salão padecem de formas mais simples. Mas quando se chega a este ponto, com alucinações primárias, secundárias, auditivas, olfactivas e labiais, além de fantasias tácteis e ópticas, o problema é bastante sério. Temos de recorrer à eutanásia.

O capitão pôs-se de pé de um salto e berrou:

— Olhe, já aguentámos bastante! Teste-nos, dê-nos pancadinhas nos joelhos, ausculte os nossos corações, mande-nos fazer exercícios, faça perguntas!

— Fale livremente.

O capitão falou como um louco durante uma hora. O psicólogo ouviu.

— Incrível — comentou. — Trata-se da fantasia onírica mais detalhada que alguma vez ouvi.

— Pelo amor de Deus, podemos mostrar-lhe o nosso foguetão, se quiser — gritou o capitão.

— Sim, gostaria de o ver. Consegue manifestá-lo nesta sala?

— Oh, com certeza. Está nesse seu ficheiro, na letra F.

O senhor Xxx abriu e examinou o ficheiro com ar sério. Depois, fazendo um som de desagrado com a língua, fechou-o solenemente.

— Porque me disse para olhar? O foguetão não está aqui.

— Claro que não, seu idiota! Era uma piada. Será que os loucos dizem piadas?

— Na verdade, encontramos alguns estranhos sentidos de humor. Bem, leve-me ao seu foguetão. Quero vê-lo.

Era meio-dia. O dia estava muito quente quando alcançaram o foguetão.

— Muito bem. — O psicólogo caminhou até à nave e deu-lhe uma ligeira pancada. O metal ressoou suavemente. — Posso entrar a bordo? — perguntou, maliciosamente.

— Pode, sim.

O senhor Xxx entrou e ausentou-se durante muito tempo.

— Que coisa absurda e exasperante. — O capitão mascava um charuto enquanto esperava. — De bom grado regressaria a casa e diria às pessoas para não se preocuparem com Marte. Que bando de labregos desconfiados.

— Calculo que boa parte da população seja louca, capitão. Parece ser esta a principal razão para a desconfiança.

— Ainda assim, é tudo demasiado irritante.

Após meia hora a inspeccionar, tocar, escutar, cheirar e provar, o psicólogo saiu da nave.

— E *agora* já ficou convencido? — gritou o capitão, como se fosse surdo.

O psicólogo fechou os olhos e coçou o nariz.

— Este é o exemplo mais incrível de alucinação sensorial e sugestão hipnótica com que alguma vez me cruzei. Percorri o seu «foguetão», como lhe chama. — Bateu no casco. — Ouço-o. Fantasia auditiva. — Inspirou. — Consigo cheirá-lo. Alucinação olfactiva, induzida por telepatia sensorial. — Beijou a nave. — Sinto-lhe o gosto. Fantasia labial!

Apertou a mão do capitão.

— Posso felicitá-lo? É um génio psicótico! Fez o trabalho completo! A tarefa de projectar a sua psicótica imagem de vida na mente dos outros através da telepatia e de evitar que as alucinações se tornem sensorialmente mais fracas é quase impossível. Aquelas pessoas da Casa costumam concentrar-se na parte visual ou, quando muito, na combinação de fantasias visuais e auditivas. Mas o senhor conseguiu equilibrar toda a conglomeração. A sua insanidade é encantadoramente completa!

— A minha insanidade. — O capitão empalideceu.

— Sim, sim, que bela insanidade. Metal, borracha, gravitadores, alimentos, roupas, combustível, armas, escadas, porcas, parafusos, colheres. Conferi dez mil artigos distintos na sua nave. Nunca antes vira tamanha complexidade. Havia até sombras por baixo dos beliches e por baixo de *tudo*! Que concentração de vontade! E tudo, independentemente de quando ou como foi testado, possuía um cheiro, uma consistência, um sabor, um som! Deixe-me abraçá-lo!

Por fim, recuou.

— Registarei todas estas informações naquela que será a minha maior monografia! E falarei disto na Academia Marciana no próximo mês! O*lhe* para si! Até mudou a cor dos olhos, de amarelo para azul, e a da pele, de castanho para cor-de-rosa. E essas roupas, e as suas mãos com cinco dedos em vez de seis! Metamorfose biológica através de desequilíbrio psicológico! E os seus três amigos…

O senhor Xxx sacou de uma pequena arma.

— Incurável, claro. É um pobre e admirável homem. Será mais feliz morto. Deseja dizer as suas últimas palavras?

— Pare, pelo amor de Deus! Não dispare!

— Triste criatura. Vou pôr um fim ao tormento que o levou a imaginar este foguetão e estes três homens. Será fascinante ver os seus amigos e o seu foguetão desaparecerem assim que o matar. Escreverei um excelente ensaio sobre a dissolução das imagens neuróticas a partir do que aqui observei hoje.

— Sou da Terra! O meu nome é Jonathan Williams e estes...

— Sim, eu sei — acalmou-o o senhor Xxx, antes de disparar a arma.

O capitão caiu com uma bala no coração. Os outros três homens gritaram.

O senhor Xxx contemplou-os, espantado.

— Continuam a existir? É magnífico! Alucinações com persistência temporal e espacial! — Apontou-lhes a arma. — Bem, vou assustá-los até que se dissolvam.

— Não! — suplicaram os três homens.

— Um apelo auditivo, mesmo com o paciente morto — observou o senhor Xxx ao abatê-los.

Os três homens ficaram estendidos na areia, intactos, imóveis.

O senhor Xxx pontapeou-os. De seguida, deu uma pancada seca e breve na nave.

— *Ela* persiste! *Eles* persistem! — Disparou a arma várias vezes contra os cadáveres. Depois recuou. A máscara sorridente caiu-lhe do rosto.

Lentamente, o pequeno rosto do psicólogo mudou de expressão. Ficou boquiaberto. A arma caiu-lhe dos dedos. Os olhos perderam o brilho e pareciam vazios. Levantou as mãos e virou-se num círculo cego. Apalpou os cadáveres, sentindo a boca cheia de saliva.

— Alucinações — balbuciou freneticamente. — Gosto. Visão. Cheiro. Som. Sensação táctil. — Agitou as mãos, com os olhos arregalados, e começou a sair-lhe da boca uma espuma fina.

— Desapareçam! — gritou aos cadáveres. — Desaparece! — gritou à nave. Examinou as mãos trémulas. — Contaminaram-me — murmurou, descontrolado. — Sofri uma transferência. Telepatia. Hipnose. Agora estou *eu* contaminado. Agora sou *eu* o louco. Alucinações em todas as formas sensoriais. — Deteve-se e, com as mãos dormentes, procurou a pistola em seu redor. — Há apenas uma cura. Apenas uma forma de os fazer desaparecer, sumir.

Soou um último tiro. O senhor Xxx caiu.

Os quatro cadáveres continuaram estendidos ao sol. O senhor Xxx

permaneceu no lugar onde caíra.

O foguetão, reclinado na pequena colina ensolarada, não desapareceu.

Quando, ao pôr-do-sol, as pessoas da cidade encontraram o foguetão, questionaram-se sobre o que seria. Como ninguém sabia, foi vendido a um negociante de ferro-velho e rebocado, com o intuito de ser desmontado para sucata.

Naquela noite, não parou de chover. No dia seguinte, o tempo estava bom e quente.

Março de 2031
O CONTRIBUINTE

Queria ir para Marte a bordo do foguetão. Foi até ao campo de lançamento logo pela manhã e gritou da vedação de arame aos homens de uniforme que queria ir para Marte. Disse-lhes que era um contribuinte, que se chamava Pritchard e que tinha o direito de ir para Marte. Não nascera ele ali mesmo no Ohio? Não era ele um bom cidadão? Por que motivo não poderia então ir *ele* para Marte? Agitou os punhos na direcção dos homens e disse-lhes que queria fugir da Terra. Qualquer pessoa com um mínimo de bom senso desejaria fugir da Terra. Dali por dois anos iria haver uma grande guerra atómica na Terra e ele não queria lá estar quando tal acontecesse. Ele e milhares de outros como ele, se tivessem um pouco de sensatez, iriam para Marte. Sem dúvida alguma! Para fugirem das guerras, da censura, do estatismo, do recrutamento, do controlo governamental sobre tudo e mais alguma coisa, da arte e da ciência! Podiam ficar com a Terra! Trocava a sua boa mão direita, o coração e a cabeça pela oportunidade de ir para Marte! Que era preciso fazer, onde era preciso assinar, quem era preciso conhecer para embarcar no foguetão?

Os homens riram dele através da tela de arame.

Não queria nada ir para Marte, disseram eles. Não sabia, por acaso, que a Primeira e a Segunda Expedições tinham fracassado, desaparecido? Que os homens estavam provavelmente mortos?

Mas não o podiam provar, não tinham a *certeza*, disse ele, agarrando-se à vedação. Talvez aquele planeta lá em cima fosse um paraíso e o capitão York e o capitão Williams simplesmente não se tivessem dado ao trabalho de regressar. Ora bem, poderiam abrir o

portão e deixá-lo entrar a bordo do Foguetão da Terceira Expedição ou teria de o derrubar a pontapé?

Mandaram-no calar.

Viu os homens caminhar para o foguetão.

— Esperem por mim! — gritou ele. — Não me abandonem neste mundo horrível, tenho de fugir. Vem aí uma guerra atómica. Não me deixem na Terra!

Arrastaram-no para longe, enquanto se debatia. Atiraram com a porta da carrinha da polícia, levando-o naquele início de manhã, de rosto pressionado contra a janela traseira. E, pouco antes de fazerem soar a sirene no topo de uma colina, viu o fogo vermelho, ouviu o estrondo e sentiu o forte tremor quando o foguetão prateado descolou e o deixou para trás, numa banal manhã de segunda-feira, no banal planeta Terra.

Abril de 2031
A TERCEIRA EXPEDIÇÃO

A nave desceu do espaço. Veio das estrelas e das velocidades negras, dos movimentos brilhantes e dos abismos silenciosos do espaço. Era uma nave nova, com fogo no corpo e homens nas suas células de metal, e movia-se num silêncio limpo, inflamado e quente. Era tripulada por dezassete homens, incluindo um capitão. A multidão no campo do Ohio gritara e acenara, com as mãos levantadas para o Sol, e o foguetão desabrochara em grandes flores de calor e cor, partindo em direcção ao espaço, na *terceira* viagem a Marte!

Agora desacelerava com uma eficiência metálica nas atmosferas superiores de Marte. Continuava a ser um objecto de beleza e força. Cruzara as águas da noite profunda do espaço como um pálido monstro marinho, um leviatã. Passara pela antiga Lua e lançara-se em diante, em vazios atrás de vazios. No seu interior, os homens tinham sido sacudidos e atirados de um lado para o outro, tinham sentido náuseas e recuperado a disposição, alternadamente. Um deles morrera, mas os restantes dezasseis, com os olhos bem abertos e os rostos pressionados contra as escotilhas de vidro grosso, observavam agora como Marte oscilava por baixo deles, cada vez mais perto.

— Marte! — gritou o navegador Lustig.

— O bom e velho Marte! — disse Samuel Hinkston, arqueólogo.

— Muito bem — disse o capitão John Black.

O foguetão pousou num relvado verdejante. Lá fora, naquele relvado, encontrava-se um veado de ferro. Mais ao longe, erguia-se sobre a verdura uma casa vitoriana alta e castanha, tranquila sob a luz do Sol, repleta de volutas e ornamentos rococó, com janelas coloridas feitas de vidro azul, cor-de-rosa, amarelo e verde. No alpendre havia

gerânios peludos e um velho baloiço preso ao tecto por um gancho e a oscilar para trás e para a frente, para trás e para a frente, ao sabor da brisa. A casa apresentava no topo uma cúpula com vitrais biselados em forma de diamante e um telhado em forma de cone! Através da janela da frente era possível ver uma partitura intitulada *Beautiful Ohio*[4] sobre uma estante de música.

Em redor do foguetão, estendia-se pelas quatro direcções a pequena cidade, verde e parada na Primavera marciana. Havia casas brancas e casas de tijolo vermelho, bem como ulmeiros altos a ondular ao vento, áceres imponentes e castanheiros-da-índia. E campanários com sinos dourados e silenciosos.

Os homens do foguetão viram tudo isto. Depois entreolharam-se e, sem perderem tempo, voltaram a prestar atenção à paisagem lá fora. Agarraram os cotovelos uns dos outros, subitamente incapazes de respirar, ou assim parecia. Os seus rostos empalideceram.

— Raios me partam — murmurou Lustig, esfregando a cara com os dedos dormentes. — Raios me partam.

— Não pode ser — disse Samuel Hinkston.

— Meu Deus — disse o capitão John Black.

Houve um aviso feito pelo químico da tripulação.

— Capitão, a atmosfera é rarefeita. Mas há oxigénio suficiente. É segura.

— Nesse caso, saímos — disse Lustig.

— Espere — disse o capitão John Black. — Como podemos nós saber o que é isto na realidade?

— É uma pequena cidade com ar rarefeito mas respirável, capitão.

— Uma pequena cidade idêntica às da Terra — acrescentou Hinkston, o arqueólogo. — Incrível. Não pode ser, mas *é*.

O capitão John Black dirigiu-lhe um olhar indolente.

— Acredita que as civilizações de dois planetas diferentes podem progredir ao mesmo ritmo e evoluir da mesma maneira, Hinkston?

— Jamais pensaria que assim pudesse ser, capitão.

O capitão Black manteve-se encostado à escotilha.

— Olhem lá para fora e reparem bem. Os gerânios. Uma planta adaptada. Aquela variedade específica só é conhecida na Terra há cinquenta anos. Pensem nos milhares de anos que são precisos para as plantas evoluírem. E digam-me depois se faz sentido que os marcianos tenham: primeiro, janelas de vitrais; segundo, cúpulas; terceiro, baloiços de alpendre; quarto, um instrumento que se assemelha a um piano e que, provavelmente, *é* um piano; e, quinto, se observarem com atenção através desta lente telescópica, faz sentido que um compositor marciano tenha publicado uma música estranhamente intitulada *Beautiful Ohio*, significando isso que existe um rio Ohio em Marte?

— O capitão Williams, claro! — exclamou Hinkston.

— O quê?

— O capitão Williams e a sua tripulação de três homens! Ou Nathaniel York e o seu companheiro. Isso explicaria tudo!

— Não explicaria absolutamente nada. Tanto quanto sabemos, a expedição York explodiu no dia em que chegou a Marte, matando York e o seu companheiro. No que diz respeito a Williams e aos seus três homens, a nave explodiu no segundo dia após a chegada. Pelo menos, as pulsações dos seus rádios pararam nessa altura, o que leva a crer que, se os homens tivessem continuado vivos depois disso, teriam entrado em contacto connosco. E, de qualquer modo, a expedição York foi só há um ano, ao passo que o capitão Williams e os seus homens pousaram neste planeta no último mês de Agosto. Supondo que ainda estejam vivos, poderiam eles, mesmo com a ajuda de um brilhante povo marciano, ter construído uma cidade como esta e *envelhecê-la* em tão pouco tempo? Reparem na cidade: parece estar ali há cerca de setenta anos. Reparem na madeira dos pilares do alpendre; reparem nas árvores, todas elas centenárias! Não, nada disto é obra de York ou Williams. É outra coisa. Não me agrada. E não vou sair da nave antes de saber o que é.

— Além disso — complementou Lustig, acenando com a cabeça —, Williams e os seus homens, tal como York, pousaram no lado *oposto*

de Marte. Nós tivemos o cuidado de pousar *deste* lado.

— Bem visto. Na eventualidade de alguma tribo local de marcianos hostis ter matado York e Williams, recebemos instruções para pousar numa região mais afastada, para assim evitarmos a repetição de um tal desastre. Portanto, aqui estamos nós, numa terra que, tanto quanto sabemos, Williams e York nunca viram.

— Caramba — disse Hinkston —, quero sair para inspeccionar a cidade, se o capitão mo permitir. Talvez *existam* padrões de pensamento e diagramas de civilização semelhantes em todos os planetas do nosso sistema solar. Podemos estar no limiar da maior descoberta psicológica e metafísica da nossa era!

— Prefiro esperar um pouco — disse o capitão John Black.

— Capitão, talvez estejamos a testemunhar um fenómeno que, pela primeira vez, prove em absoluto a existência de Deus.

— Há muitas pessoas que têm fé sem precisarem desse tipo de prova, senhor Hinkston.

— Eu sou uma delas, capitão. No entanto, parece evidente que uma cidade como esta não poderia aparecer sem intervenção divina. O grau de *pormenor*. Estou a ser invadido por tantas emoções que não sei se hei-de rir ou chorar.

— Não faça, então, nem uma coisa nem outra até sabermos o que teremos de enfrentar.

— Enfrentar? — intrometeu-se Lustig. — Não teremos de enfrentar nada, capitão. É uma povoação agradável, calma e verde, muito parecida com a cidade antiquada onde nasci. Gosto do aspecto dela.

— Em que ano nasceu, Lustig?

— Em 1980, capitão.

— E você, Hinkston?

— No ano de 1985, capitão. Em Grinnell, no Iowa. E esta cidade parece idêntica à minha terra natal.

— Hinkston, Lustig, ambos poderiam ser meus filhos. Tenho exactamente oitenta anos. Nasci em 1950, no Illinois, e, graças a Deus e a uma ciência que, nos últimos cinquenta anos, é capaz de tornar

alguns velhos novamente em jovens, aqui estou eu em Marte, não me sentindo mais cansado do que vocês, mas infinitamente mais desconfiado. Esta cidade, aparentemente muito pacífica e tranquila, é tão parecida com Green Bluff, no Illinois, que me assusta. É *demasiado* parecida com Green Bluff. — Virou-se para o operador de rádio. — Rádio para Terra. Transmita-lhes que pousámos. Nada mais. Diga-lhes que enviaremos um relatório completo amanhã.

— Sim, meu capitão.

O capitão Black olhou através da escotilha da nave com um rosto que deveria ser o de um octogenário, mas que parecia o de um homem com quarenta anos.

— Eis o que vamos fazer, Lustig: você, eu e o Hinkston assumiremos a tarefa de inspeccionar a cidade. Os restantes homens ficarão a bordo. Se algo acontecer, poderão fugir. É melhor perder três tripulantes do que uma nave inteira. Se as coisas correrem mal, a nossa tripulação poderá alertar o próximo foguetão. Creio que é o do capitão Wilder, programado para descolar no Natal. Se Marte se revelar hostil, será certamente nosso desejo que o próximo foguetão venha bem armado.

— Nós também estamos bem armados. Dispomos de um arsenal regulamentar.

— Então diga a todos para ficarem perto das armas. Venham, Lustig, Hinkston.

Os três homens desceram juntos os vários níveis da nave e saíram.

Era um belo dia de Primavera. Empoleirado numa macieira em flor, um pisco cantava ininterruptamente. Quando o vento tocava nos ramos verdes, caía uma chuva de pétalas brancas como a neve e um aroma floral espalhava-se pelo ar. Algures na cidade, alguém tocava piano e a música ia e vinha, num efeito suave e sonolento. A canção era *Beautiful Ohio*. Num outro local, um gramofone, irregular e gasto, sibilava uma gravação de *April Showers*[5], cantada por Al Jolson.

Os três homens detiveram-se junto à nave. Inspiraram e aspiraram o

ar demasiado rarefeito e moveram-se devagar para não se cansarem.

O gramofone tocava agora outra canção:

Oh, give me a June night
The moonlight and you...[6]

Lustig começou a tremer. Samuel Hinkston também.

O céu estava sereno, tranquilo, e um curso de água corria algures, através de cavernas frescas e sombras de árvores numa ravina. Algures, um cavalo trotava e puxava uma carroça aos solavancos.

— Capitão — disse Samuel Hinkston —, a explicação deve ser, *tem* de ser, que as viagens de foguetão a Marte começaram ainda antes da Primeira Guerra Mundial!

— Não.

— De que outra maneira consegue explicar estas casas, o veado de ferro, os pianos, a música? — Hinkston agarrou o cotovelo do capitão e, tentando ser persuasivo, encarou-o. — Imaginemos que, em 1905, umas quantas pessoas que odiavam a guerra se juntaram em segredo a alguns cientistas, construíram um foguetão e vieram para Marte...

— Não, não, Hinkston.

— Porque não? O mundo era diferente em 1905. Um segredo desta natureza poderia ser mantido muito mais facilmente.

— Mas um foguetão é algo muito complexo. Não, seria impossível conseguir mantê-lo em segredo.

— E vieram viver para aqui e, naturalmente, construíram casas idênticas às nossas, pois traziam com eles a cultura da Terra.

— E têm vivido aqui todos estes anos? — perguntou o capitão.

— Em paz e tranquilidade, sim. Talvez tenham feito algumas viagens, as suficientes para trazerem as pessoas necessárias a uma pequena cidade, e talvez depois tenham parado, receando ser descobertos. É por isso que esta cidade parece tão antiquada. Não vejo aqui nada que se afigure posterior a 1927, não é verdade? Ou talvez, capitão, as viagens de foguetão sejam ainda mais antigas do que pensamos.

Talvez tenham começado em alguma parte do mundo há séculos e tenham sido mantidas em segredo entre o reduzido número de pessoas que vieram para Marte e que, ao longo desse período, visitaram muito ocasionalmente a Terra.

— Com esses argumentos, até parece razoável.

— Tem de ser. A prova está à nossa frente. Tudo o que temos de fazer é encontrar algumas pessoas e comprovar esta teoria.

O som das botas era abafado pela espessa relva verde cujo cheiro indicava que fora cortada recentemente. Apesar da sua desconfiança, o capitão John Black sentiu-se tomado de uma paz profunda. Há trinta anos que não estava numa pequena cidade e o zumbido das abelhas no ar primaveril acalmava-o, sossegava-o, e a aparência fresca das coisas era um bálsamo para a alma.

Entraram no alpendre. Por baixo das tábuas, à medida que se foram aproximando da divisória de uma porta dupla, soaram ecos surdos. Conseguiram ver, no interior da casa, uma cortina de contas que pendia ao longo da entrada do corredor, um candelabro de cristal e um quadro de Maxfield Parrish pendurado numa parede sobre uma confortável poltrona *Morris*. A casa tinha cheiro de habitação antiga, de sótão, e era infinitamente confortável. Podia ouvir-se o tilintar de gelo num jarro de limonada. Numa cozinha distante, devido ao calor do dia, alguém preparava um almoço frio. Alguém murmurava uma melodia, num tom agudo e doce.

O capitão John Black tocou à campainha.

Pelo corredor, ouviram-se passos, delicados e leves, e uma mulher com cerca de quarenta anos e rosto simpático, envergando o tipo de vestido que se usava em 1939, espreitou para os ver.

— Em que posso ajudar? — perguntou.

— Desculpe — disse o capitão, pouco seguro. — Procuramos... isto é, poderia ajudar-nos... — Parou de falar.

Os olhos escuros e curiosos da mulher permaneceram fixados nele.

— Se estão a vender alguma coisa... — começou ela.

— Não, espere! — exclamou ele. — Que cidade é esta?

A mulher olhou-o de alto a baixo.

— Como assim, que cidade é esta? Como podem estar numa cidade sem saberem o nome?

O capitão estava com ar de quem precisava de se sentar à sombra de uma macieira.

— Somos forasteiros. Desejávamos saber como surgiu esta cidade e como a senhora aqui chegou.

— São agentes recenseadores?

— Não.

— Toda a gente sabe — disse ela — que esta cidade foi construída em 1868. É alguma brincadeira?

— Não, não é uma brincadeira! — exclamou o capitão. — Somos da Terra.

— Debaixo do *solo*, é isso que está a querer dizer? — estranhou ela.

— Não, viemos do terceiro planeta, que se chama Terra, numa nave. E pousámos aqui no quarto planeta, Marte…

— Estamos — explicou a mulher, como se estivesse a falar para uma criança — em Green Bluff, no Illinois, no continente americano, banhado pelos oceanos Atlântico e Pacífico, num lugar chamado mundo ou, por vezes, Terra. Agora vão-se embora. Adeus.

Após proferir estas palavras, afastou-se a passos largos pelo corredor, passando os dedos nas cortinas de contas.

Os três homens ficaram a olhar uns para os outros.

— Sugiro que arrombemos a divisória da porta — disse Lustig.

— Não o podemos fazer. É propriedade privada. Meu Deus!

Foram sentar-se no degrau do alpendre.

— Já lhe ocorreu, Hinkston, que talvez nos tenhamos afastado, de algum modo, da nossa rota e, por acidente, tenhamos voltado para trás e aterrado na Terra?

— Mas como poderíamos nós ter feito isso?

— Não sei, não sei. Oh, por Deus, deixe-me pensar.

— Conferimos cada quilómetro do trajecto — insistiu Hinkston. — Os

nossos cronómetros registaram todos os quilómetros. Passámos pela Lua, avançámos pelo espaço e aqui chegámos. Tenho a *certeza* de que estamos em Marte.

— No entanto — disse Lustig —, suponha que, por acidente, nos perdemos nas dimensões do espaço, do tempo, e pousámos numa Terra de há sessenta ou setenta anos.

— Oh, deixe-se de invenções, Lustig!

Lustig caminhou até à porta, tocou à campainha e gritou para dentro da habitação fresca e pouco iluminada:

— Em que ano estamos?

— Em 1956, claro — respondeu a senhora, sentada numa cadeira de baloiço a beber limonada.

— Ouviram? — perguntou Lustig, virando-se subitamente para os outros. — Estamos no ano de 1956! Viajámos *mesmo* para trás no tempo! Esta *é* a Terra!

Lustig sentou-se e, sem que o conseguissem evitar, os três homens foram tomados pela surpresa e pelo horror de tal ideia. Começaram, de forma quase espasmódica, a esfregar as mãos nos joelhos.

Entretanto, o capitão disse:

— Nunca esperei nada assim. Estou verdadeiramente assustado. Como pode uma coisa destas acontecer? Quem me dera que tivéssemos trazido o Einstein.

— Será que algum dos habitantes desta cidade acreditará em nós? — perguntou Hinkston. — Não estaremos a brincar com algo perigoso? Refiro-me ao tempo. Não deveríamos simplesmente levantar voo e regressar?

— Não. Só depois de tentarmos outra casa.

Passaram por três casas e pararam diante de um pequeno chalé branco por baixo de um carvalho.

— Quero ser o mais lógico possível — disse o capitão. — E não acredito que estejamos perto de descobrir o que está a acontecer. Admitamos, Hinkston, como você mesmo sugeriu inicialmente, que as

viagens de foguetão começaram há décadas. E que, ao fim de alguns anos a viver neste planeta, as pessoas da Terra começaram a ficar com saudades de casa. De início, não passava de uma ligeira neurose. Mas, com o passar do tempo, transformou-se numa psicose acentuada, já a ameaçar a loucura. Se fosse psiquiatra, que faria ao ser confrontado com tal problema?

Hinkston reflectiu.

— Bem, julgo que reorganizaria a civilização em Marte para que fosse ficando cada dia mais parecida com a da Terra. Se houvesse alguma forma de reproduzir cada planta, cada estrada, cada lago, e até os oceanos, fá-lo-ia. Depois, mediante um certo tipo de vasta hipnose colectiva, convenceria todos os habitantes de uma cidade deste tamanho de que estavam realmente na Terra, e não em Marte.

— Bem pensado, Hinkston. Creio que agora estamos a chegar a algum lado. A mulher daquela casa apenas *pensa* que vive na Terra. É algo que lhe protege a sanidade. Ela e todos os outros nesta cidade são os sujeitos da maior experiência de migração e hipnose de sempre.

— É *isso*, capitão!

— Certo! — disse Hinkston.

— Bem. — O capitão suspirou. — Chegámos a uma conclusão satisfatória. Sinto-me melhor. Faz tudo um pouco mais sentido. Aquela história das dimensões, e de andar para trás e para a frente a viajar no tempo, dá-me a volta ao estômago. Mas *assim*... — O capitão sorriu. — Ora bem, parece que seremos muito populares neste lugar.

— Seremos mesmo? — perguntou Lustig. — Afinal de contas, tal como os Peregrinos, estas pessoas vieram para aqui fugidas da Terra. Talvez não fiquem muito contentes quando nos virem. Talvez nos tentem expulsar ou matar.

— Dispomos de armas superiores. Vamos lá, então, a esta próxima casa. Sem perdas de tempo.

No entanto, mal tinham atravessado o relvado quando Lustig parou e olhou para o outro lado da cidade, para o fundo da rua silenciosa na

tarde idílica.

— Capitão — disse ele.

— Que se passa, Lustig?

— Oh, capitão, meu capitão, aquilo que estou a *ver*... — disse Lustig, e começou a chorar. Ergueu os dedos, que se retorciam e tremiam, e o rosto encheu-se-lhe de surpresa, alegria e incredulidade. Parecia que, a qualquer momento, era capaz de enlouquecer de felicidade. Olhou para o fundo da rua e começou a correr, tropeçando desajeitadamente, caindo, levantando-se e continuando a correr. — Vejam, vejam!

— Não o deixe fugir! — ordenou o capitão, desatando também a correr.

Lustig corria agora depressa, aos gritos. A meio da rua sombreada, virou para um pátio e saltou para o alpendre de uma grande casa verde com um galo de ferro no telhado.

Batia à porta, berrando e chorando, quando Hinkston e o capitão alcançaram o pátio, detendo-se a uma certa distância dele. Estavam todos ofegantes, exaustos da corrida no ar rarefeito.

— Avó! Avô! — gritou Lustig.

Dois idosos apareceram à porta.

— David! — disseram o homem e a mulher, com vozes esganiçadas, e apressaram-se a abraçá-lo, a dar-lhe palmadinhas nas costas e a andar à volta dele. — David, oh, David, passaram tantos anos! Estás crescido, rapaz; cresceste muito, rapaz. Oh, meu querido David, como estás?

— Avó, avô — soluçou David Lustig. — Parecem estar bem, muito bem! — Agarrou os pequenos idosos, fê-los rodar, beijou-os, abraçou-os, chorou sobre eles e voltou a afastar-se para os ver melhor, piscando os olhos. O Sol brilhava no céu, o vento soprava, a relva era verde, a tela da porta dupla estava escancarada.

— Entra, filho, entra. Temos chá gelado para ti, acabado de fazer, muito chá!

— Estou com amigos. — Lustig virou-se e acenou ao capitão e a

Hinkston, muito excitado, rindo. — Capitão, subam.

— Como estão? — disseram os idosos. — Entrem. Os amigos do David são também nossos amigos. Não fiquem aí parados!

A sala da casa antiga estava fresca e, a um canto, um relógio de pé alto marcava o tempo com o seu pêndulo de bronze, sonoro e arrastado. Havia almofadas macias sobre grandes sofás, paredes cobertas de livros, um tapete com o padrão de uma rosa grossa — e chá, gelado nas mãos suadas e fresco nas línguas sedentas.

— À nossa saúde. — A avó tocou com o copo nos dentes de porcelana.

— Há quanto tempo aqui estão, avó? — perguntou Lustig.

— Desde que morremos — respondeu ela, acrimoniosa.

— Desde o quê? — O capitão John Black pousou o copo.

— Ah, sim. — Lustig assentiu com a cabeça — Morreram há trinta anos.

— E você fica aí sentado como se nada fosse! — gritou o capitão.

— Não se exalte. — A mulher idosa piscou os olhos brilhantes. — Quem é o senhor para questionar aquilo que acontece? Estamos aqui. E o que é a vida, afinal? Quem faz o quê, porquê e onde? Só sabemos que estamos aqui, outra vez vivos, e não fazemos perguntas. Uma segunda oportunidade. — Inclinou-se e estendeu o pulso delgado. — Toque. — O capitão tocou. — Sólido, não é? — perguntou ela. O capitão assentiu. — Aí está — disse ela, triunfante —, para quê fazer perguntas?

— Bem — disse o capitão —, é que nunca pensámos encontrar uma coisa destas em Marte.

— E agora encontraram-na. Atrevo-me a dizer que há muitas coisas em todos os planetas que nos revelam os infinitos desígnios de Deus.

— Estamos no Céu? — perguntou Hinkston.

— Que disparate. Não. Estamos num planeta onde nos foi dada uma segunda oportunidade. Ninguém nos explicou porquê. Mas, na verdade, também não nos disseram nada quando estávamos na Terra.

Na outra Terra, quero eu dizer. Aquela de onde vêm. Como é que sabemos que não havia *outra* antes *dessa*?

— É uma boa pergunta — disse o capitão.

Lustig continuava a sorrir para os avós.

— Meu Deus, é tão bom ver-vos. Tão bom.

O capitão levantou-se e bateu com a mão na perna de maneira descontraída.

— Temos de ir andando. Obrigado pelas bebidas.

— Mas voltam, claro — disseram os idosos —, para jantar connosco hoje à noite?

— Vamos tentar, obrigado. Há muito a fazer. Os meus homens esperam-me no foguetão e...

Parou de falar. Olhou na direcção da porta, sobressaltado.

Ao longe, sob a luz do Sol, surgiu um som de vozes, uma algazarra de cumprimentos.

— Que é aquilo? — perguntou Hinkston.

— Vamos descobri-lo muito em breve.

Mal acabou de dizer estas palavras, o capitão John Black saiu num ápice pela porta da frente e atravessou a correr o relvado verde, até alcançar a rua da pequena cidade marciana.

Nesse instante, deteve-se a olhar para o foguetão. As escotilhas estavam abertas e a tripulação começara a sair, acenando com as mãos. Juntara-se uma multidão e, engolidos por ela, os homens apressavam-se por entre aquelas pessoas, cumprimentando-as, conversando, rindo. As pessoas esboçavam pequenas danças. As pessoas aglomeravam-se. O foguetão ficou vazio e abandonado.

Uma banda de música rompeu a tocar à luz do Sol, improvisando uma melodia alegre com tubas e trompetes erguidos. Ouviu-se o rufar de tambores e o estridular de pífaros. Surgiram meninas de cabelo dourado a saltar de um lado para o outro. Meninos a gritar «Viva!» Homens gordos a distribuir charutos de dez cêntimos. A determinada altura, o presidente da câmara fez um discurso. Depois, cada membro da tripulação, com uma mãe num braço, um pai ou uma

irmã no outro, foi sendo levado alegremente rua abaixo até pequenas casas ou grandes mansões.

— Parem! — gritou o capitão Black.

As portas fecharam-se com estrondo.

O calor subiu no céu limpo da Primavera e tudo ficou em silêncio. A banda de música desapareceu numa esquina, deixando o foguetão a reluzir e cintilar sozinho ao sol.

— Abandonaram a nave! — disse o capitão. — Abandonaram-na! Vou esfolá-los vivos, juro por Deus! Tinham ordens expressas!

— Capitão — disse Lustig —, não seja demasiado duro com eles. Todas aquelas pessoas eram velhos amigos e familiares.

— Não é desculpa!

— Imagine como eles se sentiram, capitão, ao verem caras familiares do lado de fora da nave!

— Tinham ordens, que diabo!

— Mas como se teria sentido o senhor, capitão?

— Teria cumprido as ordens... — A boca do capitão permaneceu aberta.

Caminhando no passeio sob o sol marciano, alto, sorridente, de olhos espantosamente claros e azuis, apareceu um jovem com cerca de vinte e seis anos.

— John! — chamou o jovem, acelerando o passo.

— Não acredito. — O capitão John Black vacilou.

— John, meu grande filho da mãe!

O jovem correu até ele, agarrou-lhe a mão e deu-lhe uma palmada nas costas.

— És tu — disse o capitão Black.

— Claro, quem *pensavas* que era?

— Edward! — O capitão dirigiu-se a Lustig e Hinkston, não largando o estranho. — É o meu irmão Edward. Ed, apresento-te os meus homens, Lustig, Hinkston! O meu irmão!

Os dois irmãos continuaram a apertar as mãos e os braços e, por fim, abraçaram-se.

— Ed!

— John, meu malandro!

— Estás com óptimo aspecto, Ed, mas, diz-me, que *é* isto? Não mudaste com o passar dos anos. Morreste, lembro-me bem, quando tinhas vinte e seis anos e eu tinha dezanove. Santo Deus, foi há tanto tempo, e aqui estás tu. Que está a acontecer, Senhor?

— A mãe está à espera — disse Edward Black, sorrindo.

— A mãe?

— E o pai também.

— O pai? — O capitão quase caiu, como se tivesse sido atingindo por uma arma poderosa. Começou a caminhar de modo rígido e descoordenado. — A mãe e o pai estão vivos? Onde?

— Na nossa casa antiga, na avenida Oak Knoll.

— A casa antiga. — O capitão arregalou os olhos, surpreendido e encantado. — Ouviram isto, Lustig, Hinkston?

Hinkston já não estava. Vira a sua casa ao fundo da rua e corria para lá. Lustig ria.

— Está a ver, capitão, o que aconteceu a todos os que estavam no foguetão? Ninguém se conseguiu conter.

— Sim, sim. — O capitão fechou os olhos. — Quando abrir os olhos, terás desaparecido. — Pestanejou. — Ainda aqui estás. Meu Deus, Ed, estás com *óptimo* aspecto!

— Vamos, o almoço está à espera. Avisei a mãe.

Lustig disse:

— Capitão, estarei na casa dos meus avós, caso precise de mim.

— O quê? Ah, sim, Lustig. Até logo, então.

Edward agarrou no braço do capitão e fê-lo andar mais depressa.

— Ali está a casa. Lembras-te dela?

— Que diabo! Aposto que consigo chegar primeiro do que tu ao alpendre!

Desataram a correr. As árvores farfalharam por cima da cabeça do capitão Black. A terra rugiu sob os seus pés. Viu a figura dourada de Edward Black adiantar-se-lhe no surpreendente sonho da realidade.

Viu a casa cada vez mais perto, a tela da porta dupla escancarada.

— Ganhei! — gritou Edward.

— Sou um homem velho — arfou o capitão —, e tu continuas jovem. Mas, verdade seja dita, *sempre* me ganhaste, bem me lembro!

À porta, encontrava-se a mãe, rosada, roliça e radiante. Atrás dela, o pai, de cabelos grisalhos e cachimbo na mão.

— Mãe! Pai!

Subiu os degraus a correr como uma criança para ir ao encontro dos pais.

Foi uma tarde agradável e longa. Depois de terminarem o almoço prolongado, sentaram-se na sala de estar e o capitão contou-lhes tudo sobre o foguetão, recebendo acenos de cabeça e sorrisos. A mãe continuava na mesma, e o pai trincou a ponta de um charuto e acendeu-o com ar pensativo, como sempre fazia. Ao jantar, comeram um grande peru e o tempo passou a correr. Quando os ossos, chupados e limpos, repousaram finalmente nos pratos, o capitão recostou-se na cadeira e suspirou de satisfação. A noite cobria todas as árvores e tingia o céu, e as lâmpadas eram auréolas de luz rosada na casa tranquila. De todas as outras casas ao longo da rua vinha o som de música, de pianos a tocar, de portas a bater.

A mãe pôs um disco no gramofone e dançou com o capitão John Black. Usava o mesmo perfume daquele Verão em que ela e o pai tinham morrido num acidente de comboio. Pareceu muito real entre os braços do capitão enquanto dançavam levemente ao som da música.

— Não é todos os dias — disse ela — que se tem uma segunda oportunidade de viver.

— Acordarei de manhã — disse o capitão — e estarei no meu foguetão, no espaço, e tudo isto terá desaparecido.

— Não, não penses assim — implorou ela, delicadamente. — Não duvides. Deus é bom para nós. Sejamos felizes.

— Desculpe, mãe.

O disco terminou num sibilo circular.

— Estás cansado, filho. — O pai apontou com o cachimbo. — O teu antigo quarto está à tua espera, com a cama de bronze e tudo.

— Mas eu devia ir buscar os meus homens.

— Porquê?

— Porquê? Bem, não sei. Por nenhuma razão, suponho. Não, nenhuma. Estão todos a jantar ou a dormir. Uma boa noite de sono não lhes fará mal.

— Boa noite, filho. — A mãe beijou-lhe a face. — É bom ter-te em casa.

— É bom *estar* em casa.

Deixou os domínios do fumo de charuto, do perfume, dos livros, da luz suave, e subiu as escadas a conversar, a conversar com Edward. O irmão abriu uma porta e lá estava a cama de bronze amarelo e os antigos galhardetes de futebol universitário e um blusão de cabedal bafiento que acariciou com muda afeição.

— É muito — disse o capitão. — Estou atordoado e cansado. Aconteceram demasiadas coisas hoje. Sinto-me como se tivesse estado quarenta e oito horas sob uma chuva forte sem chapéu ou impermeável. Estou encharcado até aos ossos de tanta emoção.

Edward puxou os lençóis, brancos como a neve, e sacudiu as almofadas. Abriu a janela de guilhotina e deixou entrar o aroma nocturno das flores de jasmim. Havia luar e o som de danças e murmúrios distantes.

— Então isto é Marte — comentou o capitão, despindo-se.

— Sim, é.

Edward despiu-se com movimentos lentos e demorados. Tirou a camisa pela cabeça, revelando os seus ombros dourados e o pescoço musculado.

Apagaram as luzes. Estavam deitados na cama, lado a lado, como naquela época — há quantos anos já? O capitão refastelou-se e foi bafejado pelo aroma de jasmim que esvoaçava pelas cortinas de renda no quarto escuro. Entre as árvores, sobre um relvado, alguém ligara

um gramofone portátil que agora tocava suavemente *Always*.

Lembrou-se de Marilyn.

— A Marilyn está aqui?

O irmão, esticado na cama, banhado pelo luar que entrava pela janela, esperou um pouco antes de dizer:

— Sim. Está fora. Mas volta amanhã de manhã.

O capitão fechou os olhos.

— Quero muito vê-la.

O quarto, rectangular, ficou em silêncio. Apenas se ouvia a respiração dos dois irmãos.

— Boa noite, Ed.

Houve um compasso de espera.

— Boa noite, John.

Deitado placidamente, o capitão deixou os seus pensamentos fluir. Pela primeira vez, a tensão do dia começava a dissipar-se. Agora conseguia pensar com clareza. Tudo fora pura emoção. As bandas de música, os rostos familiares. Mas agora…

«Como?», questionou-se. «Como teria sido criado tudo aquilo? E porquê? Com que propósito? Por obra e graça de alguma intervenção divina? Preocupar-se-ia Deus assim tanto com os Seus filhos? Como, porquê e para quê?»

Ponderou todas as teorias apresentadas por Hinkston e Lustig nas primeiras horas de calor da tarde. Deixou que todos os tipos de novas teorias se formassem na sua mente como seixos preguiçosos que rolavam e emanavam ténues focos de luz. Mãe. Pai. Edward. Terra. Marte. Marcianos.

Quem teria vivido ali em Marte há milhares de anos? Marcianos? Ou teria sido sempre da forma que era hoje?

Marcianos. Repetiu a palavra devagar, para si mesmo.

Quase soltou uma gargalhada. De súbito, porém, ocorreu-lhe a mais ridícula das teorias. Sentiu uma espécie de calafrio. Não devia, claro, levá-la a sério. Era altamente improvável. Absurda. Seria melhor esquecê-la. Era mesmo ridícula.

Mas, pensou ele, *imaginemos*... «Imaginemos que viviam marcianos em Marte, que tinham detectado a chegada da nossa nave, que nos tinham visto lá dentro e que nos odiavam. Imaginemos também, só para compor o ramalhete, que nos queriam destruir, considerando-nos invasores, presenças indesejáveis, e que o pretendiam fazer de maneira muito astuta, apanhando-nos desprevenidos. Bem, qual seria a melhor arma que um marciano poderia usar contra Homens da Terra com armas atómicas?»

A resposta era interessante. Telepatia, hipnose, memória e imaginação.

«Imaginemos que todas estas casas não são reais, que esta cama não é real, mas apenas uma fantasia criada pela minha própria cabeça, materializada por meio da telepatia e da hipnose dos marcianos», pensou o capitão John Black. «Imaginemos que estas casas, na verdade, têm uma qualquer *outra* forma, uma forma marciana, mas que, jogando com os meus desejos e vontades, os marcianos fizeram esta parecer a minha antiga casa, na minha terra natal, para afastarem as minhas suspeitas. Haverá melhor maneira de enganar um homem do que usar os seus próprios pais como isco?

«E esta cidade, tão antiga, de 1956, muito antes de qualquer um dos meus homens ter nascido. De uma altura em que eu tinha seis anos e *havia* discos de Al Jolson, quadros de Maxfield Parrish *ainda* pendurados, cortinas de contas, "*Beautiful Ohio*" e arquitectura do princípio do século. E se os marcianos tiraram as recordações de uma cidade *exclusivamente* da *minha* cabeça? Costuma dizer-se que as memórias de infância são as mais nítidas. E depois de construírem a cidade a partir da *minha* mente, povoaram-na com as pessoas mais amadas que encontraram nas mentes de todos os tripulantes do foguetão!

«Imaginemos ainda que aquelas duas pessoas a dormir no quarto ao lado não são a minha mãe e o meu pai, mas dois marcianos, incrivelmente brilhantes, com a capacidade de me manterem nesta permanente hipnose onírica.

«E aquela banda de música? Que plano surpreendente e bem engendrado! Primeiro, enganam Lustig, depois Hinkston, depois reúnem uma multidão; e todos os homens do foguetão, ao verem as mães, as tias, os tios, as namoradas, mortos há dez ou vinte anos, desrespeitam naturalmente as ordens, saem à rua e abandonam a nave. Que seria mais natural, mais insuspeito, mais simples? Uma pessoa não faz muitas perguntas quando, subitamente, a mãe é trazida de volta à vida; limita-se a ficar muito feliz. E aqui estamos todos esta noite, dispersos por várias casas, por várias camas, sem armas que nos protejam, com o foguetão vazio e exposto ao luar. Não seria, de facto, horrível e aterrador descobrir que tudo isto faz parte de um sofisticado plano dos marcianos para nos dividir e conquistar, para nos matar? Talvez num qualquer momento durante a noite, o meu irmão, deitado nesta mesma cama, mude de forma, derreta, adquira novas propriedades e se transforme numa outra coisa, numa coisa terrível: um marciano. Ser-lhe-ia muito fácil virar-se na cama e cravar-me uma faca no coração. E talvez, em todas as outras casas ao longo da rua, uma dúzia de outros irmãos ou pais possam igualmente derreter, pegar em facas e atacar os incautos e adormecidos Homens da Terra...»

Sob os lençóis, as mãos do capitão tremiam. Tinha o corpo frio. De repente, já não era uma teoria. De repente, ficou apavorado.

Sentou-se na cama e pôs-se à escuta. A noite estava muito calma. A música cessara. O vento extinguira-se. O irmão dormia a seu lado.

Com cuidado, levantou os lençóis, chegou-os para trás e esgueirou-se para fora da cama. Estava a atravessar o quarto com passos leves quando ouviu a voz do irmão:

— Aonde vais?

— O quê?

A voz do irmão soou bastante fria.

— Perguntei: aonde pensas que vais?

— Vou beber água.

— Mas não estás com sede.

— Estou, sim.

— Não, não estás.

O capitão John Black começou a correr para sair do quarto. Gritou. Gritou duas vezes.

Não chegou a alcançar a porta.

Na manhã seguinte, a banda de música tocou um hino fúnebre. De todas as casas da rua inundada de sol saíram pequenas procissões solenes carregando caixões compridos. As avós, as mães, as irmãs, os irmãos, os tios e os pais caminharam, a chorar, até ao cemitério contíguo à igreja, onde havia covas recém-abertas e novas lápides instaladas. Ao todo, eram dezasseis covas e dezasseis lápides.

O presidente da câmara fez um discurso breve e triste, com um rosto que, por vezes, parecia o seu e, por vezes, parecia outra coisa.

A mãe e o pai do capitão Black estavam lá, com o irmão Edward, e choravam, enquanto os seus rostos se derretiam, perdendo os traços familiares, e se transformavam noutra coisa.

A avó e o avô de Lustig estavam lá, chorosos, com os rostos a mudar como cera, a reluzir como tudo reluz nos dias de calor.

Baixaram os caixões. Alguém murmurou algo sobre «a inesperada e súbita morte de dezasseis bons homens durante a noite».

A terra caiu pesadamente sobre as tampas dos caixões.

A banda de música marchou de volta à cidade, tocando *Columbia, the Gem of the Ocean*[7], e todos tiraram o dia de folga.

---

4 Canção composta em 1918, com letra de Ballard MacDonald e música de Robert A. King. Em 1969, viria a ser adoptada como a canção oficial do estado norte-americano do Ohio. [N. T.]

5 Popular canção norte-americana composta em 1921, com letra de B. G. De Sylva e música de Louis Silvers. [N. T.]

6 «Oh, dá-me uma noite de Junho / O luar e tu». Canção composta em 1924, com letra de Cliff Friend e música de Abel Baer. [N. T.]

7 Canção patriótica dos Estados Unidos. [N. T.]

Junho de 2032
— E A LUA MANTENHA O MESMO BRILHO

Na noite em que saíram pela primeira vez do foguetão, estava tanto frio que Spender começou a juntar lenha seca marciana para fazer uma pequena fogueira. Não disse nada sobre uma possível celebração. Limitou-se a juntar a lenha, a pegar-lhe fogo e a vê-la arder.

No clarão que iluminava o ar rarefeito daquele mar seco de Marte, olhou por cima do ombro e viu o foguetão que os trouxera — ao capitão Wilder e a Cheroke, a Hathaway, a Sam Parkhill e a ele próprio —, através de um silencioso espaço negro de estrelas, para pousarem num mundo morto e irreal.

Jeff Spender esperou pelo barulho. Observou os outros homens e esperou que começassem a saltar e a gritar. Tal aconteceria assim que o torpor de serem «os primeiros» homens em Marte se dissipasse. Nenhum deles disse nada, mas muitos desejavam, talvez, que as outras expedições tivessem falhado e que esta, a Quarta, fosse *a* bem-sucedida. Não se tratava de um pensamento maldoso. Ainda assim, alimentavam-no, imaginando a honra e a fama, enquanto os seus pulmões se acostumavam à atmosfera rarefeita, quase embriagante, quando se moviam com demasiada rapidez.

Biggs acercou-se da fogueira acabada de acender e disse:

— Porque não usamos o fogo químico da nave em vez dessa lenha?

— Nada disso — disse Spender, sem levantar os olhos.

Não seria bom, na primeira noite em Marte, exagerar no ruído, recorrendo a algo tão estranho e brilhante como uma fornalha. Seria uma espécie de blasfémia importada. Haveria tempo para isso mais tarde; tempo para atirar latas de leite condensado aos orgulhosos canais marcianos; tempo para as folhas do *The New York Times* serem

arrastadas pelo vento, farfalharem e percorrerem o fundo solitário e cinzento dos mares marcianos; tempo para abandonar cascas de banana e toalhas de piquenique nas ruínas estriadas e delicadas das antigas cidades dos vales marcianos. Muito tempo para tudo isso. E estremeceu por dentro ao ter esse pensamento.

Alimentou o fogo à mão e foi como uma oferenda a um gigante morto. Tinham aterrado num enorme túmulo. Uma civilização morrera aqui. Era apenas uma mera questão de cortesia passar a primeira noite em silêncio.

— Esta não é a minha ideia de celebração. — Biggs virou-se para o capitão Wilder. — Capitão, sugiro a abertura das rações de *gin* e carne para nos animarmos um pouco.

O capitão Wilder olhou na direcção de uma cidade morta a pouco mais de um quilómetro e meio de distância.

— Estamos todos cansados — disse ele, quase ausente, como se toda a sua atenção estivesse focada na cidade e ele se tivesse esquecido dos seus homens. — Amanhã à noite, talvez. Hoje devemos apenas ficar felizes por termos atravessado todo aquele espaço sem levar com um meteoro na antepara e sem qualquer um de nós ter morrido.

Os homens estavam inquietos. Ao todo, eram vinte, apoiando-se nos ombros uns dos outros ou ajustando os cintos. Spender observou-os. Não pareciam satisfeitos. Tinham arriscado a vida por um grande feito. Agora queriam gritar e beber até cair, disparar as armas para mostrarem como eram extraordinários por terem conseguido furar o espaço e conduzir um foguetão até ao longínquo planeta Marte.

Mas ninguém gritava.

O capitão deu uma ordem em voz baixa. Um dos homens correu até à nave e regressou com latas de comida que foram abertas e devoradas sem muito alarido. Entretanto, os homens começaram a conversar. O capitão sentou-se e narrou-lhes de novo a viagem. Já sabiam tudo aquilo, mas foi bom ouvi-lo, como algo superado, concluído e arrumado em segurança. Não falariam sobre a viagem. Alguém tocou no assunto, mas disseram-lhe que se calasse. As

colheres moviam-se sob o luar duplo: a comida sabia bem e o vinho, ainda melhor.

A certa altura, uma pincelada de fogo surgiu no céu e, instantes depois, o foguetão auxiliar pousou para lá do acampamento. Spender ficou a observar enquanto a pequena escotilha se abriu e Hathaway, o médico-geólogo — eram todos homens de duplas especialidades, para poupar espaço na viagem —, desceu e caminhou lentamente até ao capitão.

— E então? — perguntou o capitão Wilder.

Hathaway contemplou as cidades distantes que tremeluziam ao luar. Depois de engolir em seco e focar os olhos, disse:

— Aquela cidade ali, capitão, está morta, e morreu há uns bons milhares de anos. E o mesmo se aplica àquelas três cidades nas colinas. Mas aquela quinta cidade, a cerca de trezentos quilómetros...

— Que tem?

— Na semana passada viviam lá pessoas, capitão.

Spender levantou-se.

— Marcianos — disse Hathaway.

— Onde estão agora?

— Mortos — respondeu Hathaway. — Entrei numa das casas de uma rua. Pensei que, tal como as outras cidades e casas, estivesse morta há séculos. Mas, meu Deus, havia cadáveres dentro. Era como caminhar sobre uma pilha de folhas no Outono. Como galhos secos e pedaços de jornal queimado, nada mais. E *recentes*. Estão mortos, no máximo, há dez dias.

— Verificou as outras cidades? Encontrou *alguma* coisa viva?

— Absolutamente nada. Foi por isso que decidi examinar as restantes cidades. Das cinco, quatro estão vazias há milhares de anos. Não faço a menor ideia do que terá acontecido aos habitantes. Mas a quinta cidade continha sempre o mesmo: cadáveres. Milhares de cadáveres.

— De que morreram? — perguntou Spender, aproximando-se.

— Não vai acreditar.

— O que os matou?

Hathaway disse simplesmente:

— Varicela.

— Meu Deus, não!

— Sim, é verdade. Fiz testes. Atacou os marcianos como nunca atacou os Homens da Terra. Suponho que o metabolismo deles reagiu de modo diferente. Estorricou-os e reduziu-os a lascas quebradiças. Mas é varicela, sem dúvida. Portanto, as três expedições, a de York, a do capitão Williams e a do capitão Black, devem ter conseguido chegar a Marte. Só Deus sabe o que lhes aconteceu. Mas pelo menos sabemos o que *eles* fizeram involuntariamente aos marcianos.

— Não encontrou outros sinais de vida?

— É possível que alguns marcianos, se foram espertos, tenham fugido para as montanhas. Mas não devem ser os suficientes, aposto consigo, para constituírem um problema nativo. Este planeta está acabado.

Spender virou-se e foi sentar-se junto à fogueira, deixando-se ficar a olhar para ela. «Varicela, meu Deus, varicela, parece mentira! Uma espécie desenvolve-se durante um milhão de anos, aperfeiçoa-se, ergue cidades como aquelas, faz tudo o que pode para se munir de respeito e beleza, e depois morre. Parte dela morre lentamente, a seu próprio tempo, antes da nossa era, com dignidade. Mas o resto! O resto acaba por morrer de uma doença com um nome bonito, terrível ou majestoso? Não, em nome de tudo o que é sagrado, tinha de morrer de varicela, uma doença infantil, uma doença que nem sequer mata *crianças* na Terra! Não está certo e não é justo. É como dizer que os gregos morreram de papeira, ou que os orgulhosos romanos morreram, nas suas belas colinas, de pé de atleta! Se ao menos lhes tivéssemos dado tempo para prepararem as suas vestes mortuárias, para se deitarem, para adoptarem uma aparência decente e pensarem noutra *qualquer* desculpa para morrerem. Não pode ser algo sujo e ridículo como a varicela. Não se enquadra na arquitectura, não se enquadra em nenhum lugar deste mundo!»

— Certo, Hathaway, coma alguma coisa.

— Obrigado, capitão.

E, com a mesma rapidez, tudo foi esquecido. Os homens começaram a conversar entre si.

Spender não tirou os olhos deles, segurando o prato nas mãos, sem tocar na comida. Sentiu o chão ficar mais frio. As estrelas aproximaram-se, muito nítidas.

Quando alguém falava demasiado alto, o capitão respondia em voz baixa, levando-os a falar também calmamente, por imitação.

O ar tinha um cheiro puro e fresco. Spender ficou sentado durante muito tempo, simplesmente a desfrutar da composição do ar. Havia nele muitas coisas que não conseguia identificar: flores, elementos químicos, poeiras, ventos.

— E aquela vez em Nova Iorque, quando engatei aquela loura, como é que ela se chamava? Ah, sim, Ginnie! — gritou Biggs. — Era isso, Ginnie!

Spender contraiu-se. A mão começou a tremer-lhe. Revirou os olhos por trás das pálpebras finas e esparsas.

— E a Ginnie respondeu-me... — prosseguiu Biggs.

Os homens riam às gargalhadas.

— E, então, espetei-lhe um beijo! — berrou Biggs, com uma garrafa na mão.

Spender pousou o prato. Escutou o vento, fresco e sussurrante, que lhe acariciava as orelhas. Observou os edifícios marcianos, brancos e gelados, na orla do mar vazio.

— Que mulher, que mulher! — Biggs esvaziou a garrafa na boca aberta. — A melhor entre todas as que conheci!

O cheiro do corpo transpirado de Biggs pairava no ar. Spender deixou que a fogueira se apagasse.

— Ei, Spender, reanima aí o fogo! — disse Biggs, olhando-o por um instante e, de seguida, voltando a centrar a atenção na garrafa: — Bem, certa noite, a Ginnie e eu...

Um homem chamado Schoenke pegou no acordeão e começou a

tocar e a improvisar um sapateado, fazendo levantar a poeira em redor.

— Eia! Estou vivo — gritou ele.

— Viva! — berraram os homens.

Atiraram os pratos vazios para o chão. Três deles puseram-se em linha e começaram a levantar as pernas como coristas, gracejando ruidosamente. Os outros, batendo palmas, gritavam pedindo mais. Cheroke despiu a camisa e mostrou o peito nu, suando enquanto rodopiava. O luar brilhava-lhe no cabelo curto, nas faces jovens, bem barbeadas.

No fundo do mar, o vento soprava vapores fracos. Nas montanhas, enormes rostos de pedra observavam o foguetão prateado e a pequena fogueira.

O barulho aumentou, mais homens se juntaram à dança, um deles tocou uma harmónica, outro soprou num pente envolto em papel de seda. Abriram-se e beberam-se mais vinte garrafas. Biggs andava aos ziguezagues, sacudindo os braços para dirigir os homens que dançavam.

— Vamos lá, capitão! — exclamou Cheroke, gemendo uma canção.

O capitão viu-se obrigado a participar na dança, embora não tivesse vontade de o fazer. Manteve, por isso, um ar solene. Spender observou-o e pensou: «Pobre homem, que noite esta! Eles não sabem o que fazem. Antes de terem vindo para Marte, deveriam ter participado num programa de orientação para aprenderem a comportar-se, a caminhar e a permanecer sossegados durante alguns dias.»

— Já chega — implorou o capitão. E sentou-se, argumentando que estava exausto.

Spender olhou para o peito do capitão. Não estava ofegante. O rosto também não estava transpirado.

Acordeão, harmónica, vinho, gritos, danças, uivos, rodas, bater de panelas, risos.

Biggs cambaleou até à orla do canal marciano. Levava seis garrafas

vazias e deixou-as cair, uma a uma, nas águas profundas e azuis do canal. Ao submergir, as garrafas emitiam sons surdos, vazios.

— Eu te baptizo, eu te baptizo, eu te baptizo — disse Biggs, com voz pastosa. — Eu te baptizo Biggs, Canal Biggs.

Junto à fogueira, Spender levantou-se e, antes que alguém tivesse oportunidade de se mexer, acercou-se de Biggs e agrediu-o, uma vez nos dentes e outra na orelha. Biggs tropeçou e caiu no canal. Depois do ruído provocado pelo embate do corpo na água, Spender esperou em silêncio que Biggs subisse para a margem de pedra. Por essa altura, já os homens o estavam a agarrar.

— Ei, qual é o teu problema, Spender? Hum? — perguntaram.

Biggs subiu e, por uns instantes, ficou parado, a pingar. Viu que os homens seguravam Spender.

— Bem — disse ele, e começou a avançar.

— Basta! — explodiu o capitão Wilder. Os homens largaram Spender. Biggs deteve-se e lançou um olhar ao capitão. — Muito bem, Biggs, vá vestir umas roupas secas. Vocês, rapazes, continuem com a vossa festa! Spender, venha comigo!

Os homens retomaram a festa. Wilder afastou-se uma certa distância e confrontou Spender.

— Pode explicar-me o que acabou de acontecer? — perguntou ele.

Spender olhou para o canal.

— Não sei. Senti vergonha. De Biggs, de nós, do barulho. Meu Deus, que espectáculo.

— Foi uma longa viagem. Precisam de um pouco de diversão.

— E onde está o respeito deles, capitão? A noção do que é correcto?

— Você está cansado e tem uma forma diferente de ver as coisas, Spender. Será multado em cinquenta dólares.

— Sim, senhor. Foi só porque tive a impressão de que Eles nos estavam a observar enquanto fazíamos figura de parvos.

— Eles?

— Os marcianos, quer estejam mortos ou não.

— Estão seguramente mortos — disse o capitão. — Acha que Eles

sabem que aqui estamos?

— Uma coisa velha não sabe sempre quando uma coisa nova chega?

— É possível. A falar assim até parece que acredita em espíritos.

— Acredito nas coisas que foram feitas. E há provas de muitas coisas feitas em Marte. Há estradas e casas, e há livros, suponho, e grandes canais, relógios e estábulos, se não para cavalos, bem, então para algum outro animal doméstico, talvez com doze patas, quem sabe? Para onde quer que olhe, vejo coisas que foram *usadas*, que foram tocadas e manuseadas durante séculos. Se, portanto, me perguntar se acredito no espírito das coisas ao serem usadas, responderei que sim. Estão todas aqui. Todas as coisas que tinham algum propósito. Todas as montanhas que tinham nomes. E nós nunca poderemos usá-las sem nos sentirmos desconfortáveis. E, de certo modo, as montanhas nunca nos parecerão familiares. Dar-lhes-emos novos nomes, mas os antigos permanecerão lá, algures no tempo, porque as montanhas foram moldadas e vistas com esses nomes. Os nomes que daremos aos canais, às montanhas e às cidades cairão como água nas costas de um pato-real. Por mais que nos aproximemos de Marte, nunca lhe tocaremos de verdade. E, então, ficando furiosos, sabe o que faremos? Esventrá-lo-emos, arrancar-lhe-emos a pele e transformá-lo-emos para que se ajuste a nós.

— Não destruiremos Marte — disse o capitão. — É demasiado grande e demasiado bom.

— Acha mesmo que não? Nós, os Homens da Terra, possuímos um talento especial para arruinar coisas grandes e belas. Só não instalámos barracas de cachorros-quentes no meio do templo egípcio de Karnak porque ficava fora de mão e não constituía uma importante oportunidade comercial. E o Egipto é uma pequena parte da Terra. Mas aqui tudo é antigo e diferente, pelo que teremos de nos estabelecer num lugar e começar a estragá-lo. Baptizaremos o canal de Canal Rockefeller e a montanha de Montanha do Rei Jorge e o mar de Mar de Dupont, e haverá cidades chamadas Roosevelt e Lincoln e Coolidge, coisa que jamais fará sentido, porque já existem nomes

apropriados para todos estes lugares.

— O seu trabalho, o trabalho dos arqueólogos, será esse: encontrar os nomes antigos para que nós os adoptemos.

— Um punhado de homens como nós contra todos os interesses comerciais. — Spender olhou para as montanhas de ferro. — *Eles* sabem que estamos aqui esta noite, para lhes cuspir no vinho, e imagino que nos odeiem.

O capitão abanou a cabeça.

— Não há ódio aqui — disse ele, ouvindo o vento. — Pelo aspecto das cidades, eram um povo gracioso, belo e filosófico. Aceitaram o que lhes aconteceu. Admitiram a morte da espécie, isso sabemo-lo nós, e sem uma guerra desesperada que, num último momento, lhes tivesse destruído as cidades. Todas as que vimos até agora se encontram perfeitamente intactas. É provável que a nossa presença aqui não os incomode mais do que incomodaria um grupo de crianças a brincar no relvado, conhecendo e compreendendo como são as crianças. E, de qualquer modo, talvez tudo isto nos torne melhores. Você reparou, Spender, na estranha calma dos homens quando o Biggs os forçou a ficarem animados? Pareciam muito humildes e assustados. Ao olharmos para tudo isto, sabemos que não somos assim tão especiais, que somos crianças em macacões, barulhentas e excitadas, aos berros com os nossos átomos e foguetões de brincar. Mas um dia a Terra será como Marte é hoje. E essa constatação acabará por nos tornar mais moderados. Será uma lição prática sobre as civilizações. Aprenderemos com Marte. Agora recomponha-se. Vamos regressar e fingir-nos alegres. A multa de cinquenta dólares mantém-se.

A festa não estava a correr muito bem. O vento, vindo do mar morto, envolvia os homens, e envolveu também o capitão e Jeff Spender quando estes regressaram ao grupo. O vento levantava a poeira, abanava o foguetão brilhante e o acordeão, e o pó entrava na harmónica que acompanhava a música improvisada e nos olhos dos homens. O vento produzia uma espécie de canto agudo pelo ar. E, tão repentinamente como se levantara, o vento cessou.

No entanto, também a festa tinha chegado ao fim.

Os homens mantinham-se de pé, tendo como pano de fundo o céu escuro e frio.

— Vamos lá, meus senhores! — Biggs saltou do interior da nave num uniforme novo, não olhando uma única vez para Spender. A sua voz parecia a de alguém num auditório vazio. Uma voz solitária. — Vamos lá!

Ninguém se mexeu.

— Vamos, Whitie, a tua harmónica!

Whitie soprou um acorde que soou estranho e desafinado. De seguida, sacudiu a harmónica para tirar a saliva e guardou-a.

— Que tipo de festa é *esta*? — perguntou Biggs.

Alguém abraçou o acordeão. O som gerado assemelhou-se ao de um animal a morrer. E foi tudo.

— Muito bem, eu e a minha garrafa faremos a nossa própria festa.

Biggs agachou-se encostado ao foguetão e pôs-se a beber de um cantil.

Spender, sem se mexer, observou-o durante muito tempo. Depois, os dedos subiram-lhe lentamente pela perna trémula até à pistola guardada no coldre e tamborilaram na superfície de couro.

— Todos os que quiserem podem vir comigo à cidade — anunciou o capitão. — Deixaremos um guarda aqui junto ao foguetão e, por via das dúvidas, iremos armados.

Os homens dividiram-se. Catorze quiseram ir, incluindo Biggs, que se juntou ao grupo entre sorrisos e acenos com a sua garrafa. Os outros seis ficaram para trás.

— Cá vamos nós! — gritou Biggs.

Sob o luar, o grupo avançou em silêncio até chegar à orla da onírica cidade morta. À luz das luas gémeas, as suas sombras eram também duplas. Não respiraram, ou assim pareceu, durante vários minutos. Esperavam por um qualquer movimento na cidade morta, pelo erguer de alguma forma cinzenta, pelo surgimento de algum vulto ancestral que cruzasse a galope o fundo do mar vazio, montado num corcel

antigo com armadura e de linhagem impossível, de origem incrível.

Os olhos e a mente de Spender povoaram as ruas. As pessoas moviam-se como luzes azuis vaporosas pelas avenidas empedradas, e ouviam-se ténues murmúrios, e animais estranhos corriam pelas areias de tom cinza-avermelhado. Em cada janela havia uma pessoa que se inclinava e acenava devagar, como que submersa numa água intemporal, a alguma forma móvel na profundidade do espaço sob as torres prateadas pelo luar. Uma música tocava num qualquer ouvido interno e Spender imaginou a configuração dos instrumentos que poderiam evocar aquela música. A terra estava assombrada.

— Ei! — gritou Biggs, em pé e com as mãos à volta da boca aberta. — Ei, pessoas da cidade aí ao fundo!

— Biggs! — advertiu o capitão.

Biggs calou-se.

Avançaram por uma avenida pavimentada com ladrilhos. Agora todos sussurravam, pois era como entrar numa enorme biblioteca ao ar livre ou num mausoléu habitado pelo vento e sobre o qual as estrelas brilhavam. O capitão falava sem levantar a voz, a si mesmo fazendo algumas perguntas: para onde teriam ido as pessoas, o que teriam sido, quem eram os seus reis, como tinham morrido? E, ainda murmurando, questionou-se sobre como teriam os marcianos construído aquela cidade de modo que perdurasse através das eras e se teriam eles alguma vez visitado a Terra. Seriam eles os antepassados dos Homens da Terra há dez mil anos? E teriam amado e odiado com amores e ódios semelhantes aos nossos e feito as mesmas tolices quando faziam tolices?

Ninguém se mexeu. As luas fizeram-nos parar e paralisar. O vento soprou tenuemente em redor deles.

— Lord Byron — disse Jeff Spender.

— Lord quê? — O capitão virou-se para o ver bem.

— Lord Byron, um poeta do século XIX. Escreveu um poema há muito tempo que parece adequar-se a esta cidade e ao modo como os marcianos se devem sentir, se é que sobrou algo deles capaz de

sentir. Poderia ter sido escrito pelo último poeta marciano.

Os homens permaneceram imóveis sobre as suas sombras.

— Como é o poema, Spender? — perguntou o capitão.

Spender mudou de posição, estendeu a mão para se lembrar, semicerrou os olhos por momentos e, quando se lembrou, a sua voz lenta e calma recitou as palavras, e os homens escutaram tudo o que disse:

So we'll go no more a-roving
So late into the night,
Though the heart be still as loving,
And the moon be still as bright.

A cidade continuava cinzenta, alta e desprovida de movimento. Os rostos dos homens estavam voltados para a luz.

For the sword outwears its sheath,
And the soul wears out the breast,
And the heart must pause to breathe,
And love itself must rest.

Though the night was made for loving,
And the day returns too soon,
Yet we'll go no more a-roving
By the light of the moon.[8]

Sem uma palavra que fosse, os Homens da Terra ficaram parados no meio da cidade. Estava uma noite limpa. Não havia som algum a não ser o do vento. Sob os seus pés, estendia-se um pátio de ladrilhos com formas de animais e povos antigos. Baixaram os olhos para o contemplarem.

Da garganta de Biggs saiu um ruído de náusea. Tinha os olhos baços. Levou as mãos à boca, engasgou-se, fechou os olhos, curvou-se e

uma corrente de fluido espesso encheu-lhe a boca, jorrou para os ladrilhos e cobriu os desenhos. Biggs repetiu este processo duas vezes. Um cheiro forte e nauseabundo a vinho invadiu o ar frio.

Ninguém se mexeu para ajudar Biggs. E ele continuou a vomitar.

Spender observou-o por um momento e, logo de seguida, virou-se e começou a caminhar na direcção das avenidas da cidade, sozinho ao luar. Não parou uma única vez para olhar para os homens reunidos lá atrás.

Deitaram-se às quatro da manhã. Estenderam os cobertores, fecharam os olhos e respiraram o ar calmo. O capitão Wilder sentou-se junto à fogueira e ficou a alimentá-la com pequenos paus.

McClure abriu os olhos duas horas mais tarde.

— Não vai dormir, capitão?

— Estou à espera do Spender — disse Wilder, esboçando um sorriso.

McClure reflectiu um pouco.

— Sabe, capitão, não me parece que ele volte. Não sei porquê, mas é isso que sinto em relação a ele: nunca mais voltará.

McClure virou-se e adormeceu. O fogo estalou e morreu.

Spender não regressou na semana seguinte. O capitão enviou equipas de resgate, mas todas voltaram sem qualquer ideia de onde Spender pudesse estar. Regressaria, pois, quando bem lhe apetecesse. Era um cabeça-dura, diziam os homens. Que fosse para o diabo!

O capitão não dizia nada, mas registava tudo no diário de bordo…

Certa manhã, que poderia ser uma segunda-feira ou uma terça-feira ou qualquer outro dia em Marte, Biggs estava sentado na orla do canal, com os pés pendurados e mergulhados na água fresca, enquanto apanhava sol no rosto.

Um homem, caminhando ao longo da margem do canal, aproximou-se dele. A sombra do homem caiu sobre Biggs. Este último olhou para cima.

— Macacos me mordam! — disse Biggs.

— Sou o último marciano — disse o homem, sacando de uma arma.

— Que disseste? — perguntou Biggs.

— Vou matar-te.

— Deixa-te de coisas. Que tipo de brincadeira é essa, Spender?

— Levanta-te, para a receberes no estômago.

— Por amor de Deus, guarda essa arma.

Spender premiu o gatilho apenas uma vez. Biggs ficou sentado na beira do canal por um instante, antes de se inclinar para a frente e cair à água. A arma fizera apenas um ligeiro zumbido. O corpo foi arrastado com lenta indiferença pelas correntes calmas do canal. Fez um som oco e borbulhante que logo cessou.

Spender enfiou a arma no coldre e, sem fazer barulho, foi-se embora. O Sol brilhava sobre Marte. Sentiu-o queimar-lhe as mãos e deslizar-lhe pelas faces tensas. Não correu; caminhou como se nada tivesse acontecido, como se apenas a luz do dia se tivesse alterado. Caminhou até ao foguetão e verificou que alguns dos homens se encontravam a tomar um pequeno-almoço acabado de fazer sob um abrigo construído por Cookie.

— Eis que chega O Solitário — disse alguém.

— Olá, Spender! Há quanto tempo!

Os quatro homens à mesa ficaram a observar a figura silenciosa que os fitava.

— Tu e essas malditas ruínas — gracejou Cookie, mexendo uma substância negra numa panela. — Pareces um cão num cemitério.

— Talvez — disse Spender. — Mas tenho andado a descobrir coisas. Que diriam se vos contasse que encontrei um marciano a vaguear por aí?

Os quatro homens pousaram os garfos.

— A sério? Onde?

— Não importa. Deixem-me fazer uma pergunta. Como se sentiriam se fossem marcianos e chegassem ao vosso planeta pessoas que o começassem a destruir?

— Sei perfeitamente como me sentiria — disse Cheroke. — Tenho um pouco de sangue Cherokee a correr nas minhas veias. O meu avô

contou-me muitas histórias acerca do território do Oklahoma. Se existir um marciano nas redondezas, estou do lado dele.

— E quanto a vocês? — perguntou Spender, cauteloso, aos outros homens.

Ninguém respondeu. Mas o silêncio era uma resposta em si mesma: agarra o que puderes; achado não é roubado; se alguém te oferecer a outra face, bate-lhe com força; e assim por diante.

— Bem — disse Spender —, encontrei um marciano.

Os homens olharam-no de soslaio.

— Lá em cima, numa cidade morta. Não esperava encontrá-lo. E não era minha intenção procurá-lo. Nem sei o que ele lá fazia. Estou a viver há cerca de uma semana numa pequena cidade num vale, a aprender a ler os livros antigos e a contemplar as antigas formas artísticas. E, certo dia, vi esse marciano, que ficou parado por um instante antes de desaparecer. Não o voltei a ver até ao dia seguinte. Fui ficando por ali, a estudar a escrita antiga, e o marciano foi voltando, aproximando-se cada vez mais. No dia em que aprendi a decifrar a língua marciana (é bastante simples e há pictografias para nos ajudarem), o marciano apareceu à minha frente e disse: «Dá-me as tuas botas.» E eu dei-lhe as minhas botas e ele disse: «Dá-me o teu uniforme e todo o teu equipamento.» E eu dei-lhe tudo e ele disse: «Dá-me a tua arma.» E eu dei-lhe a minha arma. Então, ele disse: «Agora vem comigo e vê o que vai acontecer.» E o marciano encaminhou-se para o acampamento e aqui está ele.

— Não vejo nenhum marciano — disse Cheroke.

— Lamento muito.

Spender sacou da arma. Ouviu-se um ligeiro zumbido. A primeira bala apanhou o homem da esquerda; a segunda e a terceira atingiram os homens à direita e ao centro da mesa. Cookie, junto à fogueira, virou-se horrorizado e recebeu a quarta bala. Caiu na fogueira e ficou lá estendido enquanto a sua roupa pegava fogo.

O foguetão repousava sob a luz do Sol. Três homens permaneciam sentados para o pequeno-almoço, com as mãos em cima da mesa,

imóveis, a comida a arrefecer à frente deles. Cheroke, ileso, ficou sozinho a fitar Spender numa incredulidade aturdida.

— Podes vir comigo — disse Spender.

Cheroke não respondeu.

— Podes ficar do meu lado — acrescentou Spender, esperando uma resposta.

Por fim, Cheroke consegui falar.

— Mataste-os — disse ele, atrevendo-se a olhar para os homens à volta dele.

— Mereceram-no.

— Estás louco!

— Talvez esteja. Mas podes vir comigo.

— Ir contigo? Para quê? — exclamou Cheroke, com o rosto pálido e os olhos lacrimejantes. — Vai-te embora. Desaparece!

O rosto de Spender endureceu.

— De todos eles, pensei que *tu* entenderias.

— Desaparece! — Cheroke tentou alcançar a sua arma.

Spender disparou pela última vez. Cheroke não mais se mexeu.

Spender começou então a cambalear. Levou a mão ao rosto suado. Olhou de relance para o foguetão e, subitamente, começou a tremer. A reacção física foi tão avassaladora que quase o fez cair. A expressão do rosto parecia a de quem acabara de despertar de uma hipnose, de um sonho. Sentou-se por um momento e mandou as tremuras pararem.

— Basta, basta! — ordenou ao corpo, sentindo todas as suas fibras estremecer e vacilar. — Basta! — Apertou o corpo com a mente até dele expulsar todas as tremuras. Por fim, as mãos ficaram calmamente apoiadas nos joelhos tranquilos.

Levantou-se e, com grande eficiência, prendeu às costas uma caixa de provisões portátil. A mão recomeçou a tremer-lhe, apenas por uma fracção de segundo, mas ele disse «Não!» com tal firmeza que o tremor desapareceu. Depois, caminhando rigidamente, atravessou as colinas vermelhas e quentes daquele território, sozinho.

O Sol subia e queimava no céu. Uma hora mais tarde, o capitão desceu do foguetão para comer ovos com fiambre. Preparava-se para cumprimentar os quatro homens sentados quando se deteve e detectou um ténue cheiro a pólvora no ar. Viu o cozinheiro caído sobre a fogueira e os quatro corpos diante da comida já fria.

Pouco depois, Parkhill e dois outros desceram também. O capitão barrou-lhes o caminho, impressionado pelos homens em silêncio e pelo modo como estavam sentados à mesa do pequeno-almoço.

— Chamem os homens, todos eles — ordenou o capitão.

Parkhill começou a correr ao longo da orla do canal.

O capitão tocou em Cheroke, cujo corpo se inclinou devagar e caiu da cadeira. A luz do Sol incidia-lhe sobre o cabelo curto e as maçãs do rosto salientes.

Entretanto, os homens chegaram.

— Quem falta?

— Só o Spender, capitão. Encontrámos o Biggs a boiar no canal.

O capitão contemplou as colinas que se erguiam na luz do dia. O Sol mostrava os dentes num sorriso amarelo.

— Maldito seja! — disse ele, cansado. — Porque é que não veio falar comigo?

— Devia era ter vindo falar *comigo* — bradou Parkhill, com os olhos em chama. — Ter-lhe-ia rebentado os miolos, isso mesmo, juro por Deus!

O capitão Wilder fez sinal a dois dos homens.

— Tragam pás — disse ele.

Estava demasiado calor para abrir covas. Do mar vazio vinha um vento quente que lhes soprava a poeira contra o rosto, enquanto o capitão virava as páginas da Bíblia. Quando o capitão fechou o livro, alguém pegou numa pá e começou a lançar lentas correntes de areia sobre os corpos embrulhados.

Regressaram ao foguetão, testaram os mecanismos das espingardas, puseram às costas pesadas cargas de granadas e conferiram a folga

das pistolas nos coldres. A cada um foi designada uma parte específica das colinas. O capitão deu-lhes instruções sem levantar a voz ou agitar as mãos, que lhe pendiam junto ao corpo.

— Vamos — disse ele.

Spender viu a poeira fina erguer-se em vários pontos do vale e percebeu que a perseguição estava organizada e pronta a começar. Pousou o livro prateado que estivera a ler, sentado confortavelmente sobre uma rocha lisa. As páginas do livro eram finas como tecido, de prata pura, pintadas à mão em preto e dourado. Tratava-se de um livro de filosofia com, pelo menos, dez mil anos que ele encontrara numa quinta de uma povoação dos vales marcianos. Sentia relutância em largá-lo.

Durante alguns instantes, pensou: «Que importa? Fico aqui a ler até que me venham matar.»

Depois de ter assassinado os seis homens naquela manhã, a primeira reacção fora um período de atordoamento confuso, a que se seguira um estado de náuseas e, por fim, uma estranha paz. Mas também a paz estava a desaparecer, pois via as colunas de pó que se levantavam no trilho dos caçadores, e ele voltava a ser invadido pelo ressentimento.

Pegou no cantil que trazia à cintura e bebeu um pouco de água fresca. Depois levantou-se, espreguiçou-se, bocejou e escutou a pacífica maravilha do vale em redor. Como seria bom se ele e umas quantas outras pessoas que conhecia na Terra pudessem ali ficar, ter ali as suas vidas, sem barulho nem preocupações.

Levou o livro com ele numa das mãos, mantendo na outra a pistola preparada. Ao passar por um riacho cheio de pedras e seixos brancos, despiu-se e entrou na água para se lavar. Demorou o tempo que quis antes de se vestir e voltar a pegar na arma.

O tiroteio começou por volta das três da tarde. Àquela hora, já Spender se encontrava no alto das colinas. Seguiram-no através de três pequenas cidades das colinas marcianas. Sobre as cidades,

espalhadas como seixos, havia quintas isoladas onde antigas famílias tinham encontrado um regato, um lugar verde, e construído uma piscina de mosaicos, uma biblioteca e um pátio com uma fonte pulsante. Spender ficou meia hora a nadar numa das piscinas, cheia de água da chuva sazonal, à espera que os perseguidores o alcançassem.

Ao sair da pequena quinta, soaram tiros. A cerca de seis metros atrás dele, os ladrilhos soltaram lascas, rebentaram. Começou a correr, escondendo-se ao longo de uma série de pequenas falésias, deu a volta e, com o primeiro tiro, abateu um dos homens que o perseguiam.

O grupo formaria uma rede, um círculo — Spender sabia-o. Apertariam o cerco e apanhá-lo-iam. Era estranho, porém, não terem usado as granadas. O capitão Wilder poderia facilmente ter ordenado que as lançassem.

«Mas sou demasiado boa pessoa para me desfazerem em bocados», pensou Spender. «É isso que o capitão pensa. Quer ver-me apenas com um buraco de bala no corpo. Não é estranho? Pretende dar-me uma morte limpa. Sem porcarias. Porquê? Porque me compreende. E, como me compreende, está disposto a arriscar a vida de homens bons para me dar um tiro certeiro na cabeça. Não é isso?»

Entretanto, ouviu uma rajada de nove ou dez tiros. As pedras à volta dele saltaram. Spender respondeu com disparos espaçados, por vezes enquanto olhava de relance para o livro que tinha na mão.

O capitão, segurando uma espingarda, correu sob a luz quente do Sol. Spender seguiu-o com a mira da pistola, mas não disparou. Ao invés, apontou para o topo de uma rocha que protegia Whitie, premiu o gatilho e ouviu um grito de fúria.

De repente, o capitão levantou-se e pôs-se a acenar com um lenço branco. Disse qualquer coisa aos homens e, guardando a espingarda, começou a subir a montanha. Spender deixou-se ficar estendido durante uns momentos, mas logo se ergueu, mantendo a pistola preparada.

O capitão aproximou-se e sentou-se num pedregulho quente, sem olhar uma única vez para Spender. Depois levou a mão ao bolso da camisa. Os dedos de Spender apertaram a pistola com mais força. O capitão disse:

— Um cigarro?

— Obrigado — respondeu Spender, tirando um.

— Lume?

— Eu tenho.

Deram uma ou duas passas em silêncio.

— Está calor.

— É verdade.

— Sente-se confortável aqui em cima?

— Muito.

— Quanto tempo pensa que consegue resistir?

— O equivalente a uns doze homens.

— Por que razão não nos matou a todos hoje de manhã quando teve oportunidade? Poderia tê-lo feito, sabe?

— Eu sei. Fiquei maldisposto. Quando queremos muito fazer uma coisa, mentimos a nós próprios. Dizemos que as outras pessoas estão todas erradas. Ora, mal comecei a matar pessoas, percebi que eram apenas seres néscios e que não os devia matar. Mas era tarde de mais. Como não podia continuar, vim aqui para cima, decidido a mentir mais um pouco a mim próprio e ficar zangado, para voltar a ganhar forças.

— E ganhou?

— Não muitas. As suficientes.

O capitão estudou o cigarro.

— Porque o fez?

Spender pousou tranquilamente a pistola junto aos pés.

— Porque vi que estes marcianos tinham algo com que nós apenas poderemos sonhar. Pararam onde nós deveríamos ter parado há cem anos. Percorri as cidades, fiquei a conhecer estes povos e gostaria de os poder chamar meus antepassados.

— Têm ali uma bela cidade. — O capitão apontou com a cabeça para uma das muitas povoações.

— Não é só isso. Sim, estas cidades são boas. Os marcianos sabiam incluir a arte no seu modo de vida. Para os norte-americanos, sempre foram duas coisas distintas. A arte era algo que ficava guardado no piso de cima, no quarto do filho louco. A arte era algo que se tomava em doses dominicais, talvez misturada com a religião. Bem, estes marcianos têm arte, religião e tudo o resto.

— Acredita mesmo que eles chegaram ao fundo de tudo?

— Aposto que sim.

— E foi por isso que começou a matar pessoas.

— Quando eu era miúdo, os meus pais levaram-me a visitar a Cidade do México. Nunca me esquecerei do comportamento do meu pai: grosseiro e espalhafatoso. Quanto à minha mãe, não gostou das pessoas, porque eram escuras e não se lavavam bem. E a minha irmã recusou-se a falar com a maioria delas. Fui o único que gostou realmente de lá ir. E consigo imaginar os meus pais a virem para Marte e a agirem aqui do mesmo modo. Para o norte-americano comum, nada do que é estranho presta. Se as canalizações não forem como as de Chicago, é um desatino. Só de pensar nisso! Oh, meu Deus, só de pensar nisso! E, depois, a guerra. Você ouviu os discursos no Congresso antes de partirmos. Se tudo correr bem, esperam instalar três estações de investigação atómica e depósitos de bombas nucleares em Marte. Tais ambições significam o fim de Marte; todas estas coisas maravilhosas desaparecerão. Como se sentiria se o marciano vomitasse álcool rançoso no chão da Casa Branca?

O capitão não disse nada, mas escutava-o.

Spender continuou:

— E depois chegarão os outros grandes interesses. Os homens dos minérios e os do turismo. Lembra-se do que aconteceu ao México quando Hernán Cortés e os seus admiráveis amigos chegaram de Espanha? Toda uma civilização foi destruída por fanáticos gananciosos e moralistas. A História jamais perdoará a Cortés.

— O seu comportamento de hoje também não foi ético — observou o capitão.

— Que poderia eu fazer? Apresentar-vos os meus argumentos? Estou só contra todo o sistema corrupto, opressivo e voraz da Terra. Hão-de vir aqui lançar as imundas bombas atómicas, numa luta por bases para travar guerras. Não lhes bastou terem arruinado um planeta; ainda precisam de estragar outro. Mas necessitariam mesmo de destruir o lar de outras pessoas? São simplórios arrogantes. Quando aqui cheguei, não só me senti livre dessa suposta cultura como também da ética e dos costumes que praticam. Pensei que me libertara desse quadro de referência. Tudo o que tinha de fazer era matar-vos a todos e seguir com a minha vida.

— Mas não resultou — disse o capitão.

— Não. Depois da quinta morte ao pequeno-almoço, descobri que, afinal, não era um homem completamente novo, completamente marciano. Não me era fácil descartar tudo o que tinha aprendido na Terra. Mas agora sinto-me outra vez seguro. Vou matar-vos a todos. E isso retardará a próxima viagem de foguetão uns bons cinco anos. Actualmente, não existe outro foguetão além deste. Na Terra, esperarão um ou dois anos e, quando não tiverem notícias nossas, ficarão com muito medo de construir uma nova nave. Demorarão o dobro do tempo e farão uma centena de modelos experimentais complementares para evitar mais um fracasso.

— Tem razão.

— Por outro lado, um bom relatório da sua parte, caso regressasse, aceleraria a invasão de Marte. Se tiver sorte, viverei até aos sessenta anos. Todas as expedições que pousem em Marte terão de me enfrentar. Não chegará mais do que uma nave de cada vez, possivelmente de ano a ano, e nunca com uma tripulação superior a vinte homens. Depois de me tornar amigo deles e de lhes explicar que o nosso foguetão explodiu certo dia (tenciono fazê-lo explodir ainda esta semana, quando terminar a minha missão), terei de os matar, sem poupar ninguém. Marte continuará intacto durante o próximo

meio século. Passado algum tempo, talvez as pessoas da Terra desistam. Lembra-se de como se cansaram da ideia de construir zepelins que caíam sempre em chamas?

— Tem tudo planeado — admitiu o capitão.

— Sim, tenho.

— Ainda assim, está em desvantagem numérica. Daqui a uma hora, estará cercado. Daqui a uma hora, estará morto.

— Descobri algumas passagens subterrâneas e um lugar para viver que vocês nunca encontrarão. Ficarei lá durante algumas semanas. Até que baixem a guarda. Sairei, então, para vos apanhar, um a um.

O capitão acenou com a cabeça.

— Fale-me desta sua civilização — disse ele, apontando para as cidades das montanhas.

— Sabiam viver em sintonia com a natureza. Não se esforçaram demasiado para ter só a parte humana e nada da parte animal. Foi esse o erro que cometemos quando Darwin apareceu. Recebemo-lo de braços abertos e sorriso rasgado, tal como fizemos com Huxley e Freud. E, então, descobrimos que Darwin e as nossas religiões não eram conciliáveis. Ou pelo menos assim pensámos. Fomos uns tolos. Tentámos subverter as teorias de Darwin, Huxley e Freud. Mas elas não se deixaram abalar. E por isso, como idiotas, tentámos destruir a religião, empreitada na qual obtivemos bastante sucesso. Perdemos a fé e começámos a perguntar a nós próprios para que servia a vida. Se a arte não era mais do que uma projecção frustrada do desejo, se a religião não era mais do que uma ilusão, de que servia a vida? A fé sempre nos dera respostas para todas as questões. Mas foi tudo posto em causa com Freud e Darwin. Passámos a ser, e ainda somos, um povo perdido.

— E estes marcianos são um povo *encontrado*? — perguntou o capitão.

— Sim. Souberam combinar a ciência e a religião de modo que ambas trabalhassem lado a lado, nenhuma negando a outra, cada uma enriquecendo a outra.

— Parece o cenário ideal.

— E era. Gostaria de lhe mostrar como os marcianos o fizeram.

— Os meus homens estão à espera.

— Demoraremos apenas meia hora. Avise-os, capitão.

O capitão hesitou, mas depois levantou-se e gritou uma ordem colina abaixo.

Spender conduziu-o até uma pequena povoação marciana toda construída em mármore frio e perfeito. Havia nela grandes frisos de belos animais, criaturas felinas com patas brancas e símbolos solares com membros amarelos, e estátuas de seres idênticos a touros, de homens e mulheres e de enormes cães muito bem esculpidos.

— Aqui está a sua resposta, capitão.

— Não percebo.

— Os marcianos descobriram o segredo da vida entre os animais. Os animais não questionam a vida; vivem-na. A única razão para viverem *é* a vida; por isso, aproveitam-na e apreciam-na. Repare bem: a estatuária, os símbolos animais, repetidos vezes sem conta.

— Parecem pagãos.

— Pelo contrário, são símbolos de Deus, símbolos da vida. Também em Marte o ser humano se tornou demasiado humano e pouco animal. E os homens de Marte compreenderam que, para sobreviver, teriam de se abster de fazer essa tal pergunta: *Porquê viver*? A vida era a própria resposta. A vida era a propagação de mais vida e o viver o melhor possível. Os marcianos perceberam que tinham perguntado «Porquê sequer viver?» no auge de um período de guerra e desespero, quando não havia qualquer resposta. No entanto, assim que a civilização se acalmou, se aquietou, e as guerras terminaram, a pergunta perdeu o sentido. Naquela altura, a vida era boa e não precisava de argumentos.

— Parece que os marcianos eram bastante ingénuos.

— Só quando lhes convinha. Desistiram de se esforçar tanto para destruir tudo, para rebaixar tudo. Fundiram a religião, a arte e a ciência, porque, no fundo, a ciência não é mais do que uma

investigação de um milagre que nunca conseguiremos explicar e a arte é uma interpretação desse milagre. Nunca permitiram que a ciência esmagasse a estética e o belo. Trata-se simplesmente de uma questão de grau. Um Homem da Terra pensa: «Neste quadro, na verdade, a cor não existe. Um cientista pode provar que a cor é apenas a forma como as células são dispostas num determinado material para reflectirem a luz. Portanto, a cor não é, na verdade, uma parte efectiva das coisas que eu acabo por captar.» Um marciano, muito mais inteligente, diria: «É um belo quadro. Saiu da mão e da mente de um homem inspirado. O tema e a cor expressam a vida. É uma boa obra.»

Houve uma pausa. Sentado ao sol da tarde, o capitão olhou com curiosidade em redor, para a pequena povoação silenciosa e fresca.

— Gostaria de viver aqui — disse ele.

— Poderá viver, se quiser.

— Está a *convidar-me*?

— Será que algum daqueles homens sob o seu comando será capaz de compreender realmente tudo isto? São cínicos profissionais e, para eles, é demasiado tarde. Porque é que quer regressar com eles? Para poder manter um estatuto elevado entre os demais? Para comprar um giroscópio igual ao do seu vizinho? Para ouvir música com a sua carteira e não com o seu íntimo? Ali ao fundo, num pequeno pátio, há um cilindro de música marciana com, pelo menos, cinquenta mil anos. Ainda toca. Música que nunca ouvirá na vida. Poderia ouvi-la. Há livros. Já os consigo ler bem. Poderia sentar-se em repouso e lê-los.

— Parece tudo maravilhoso, Spender.

— Mas não vai ficar?

— Não. De qualquer forma, obrigado.

— E, certamente, não me deixará ficar aqui em paz. Terei de vos matar a todos.

— É um optimista.

— Encontrei algo por que lutar e viver; isso faz de mim um assassino

melhor. Tenho agora o equivalente a uma religião. É como reaprender a respirar. E a ficar deitado ao sol, deixando-o acariciar o corpo e bronzeá-lo. E a ouvir música e a ler um livro. Que tem a vossa civilização para oferecer?

O capitão mudou a posição dos pés. Abanou a cabeça.

— Lamento que isto esteja a acontecer. Lamento toda esta situação.

— Eu também. Creio que é melhor levá-lo de volta para poder dar início ao ataque.

— Suponho que sim.

— Capitão, não o matarei. Quanto tudo terminar, ainda estará vivo.

— O quê?

— Decidi, desde o princípio, que o pouparia.

— Bem…

— Vou salvá-lo dos outros. Quando estiverem todos mortos, talvez mude de ideias.

— Não — disse o capitão. — Há demasiado sangue da Terra em mim. Terei de continuar a persegui-lo.

— Mesmo tendo a oportunidade de ficar aqui?

— É curioso, mas sim, mesmo assim. Não sei porquê. Nunca me questionei a este respeito. Bem, separamo-nos aqui. — Estavam de volta ao sítio onde se tinham encontrado. — Não quer acompanhar-me sem resistir, Spender? É a minha última oferta.

— Não, obrigado. — Spender estendeu a mão. — Uma última coisa. Se vencer, faça-me um favor. Veja o que pode ser feito para evitar a devastação deste planeta, pelo menos durante cinquenta anos, para que seja dada uma oportunidade decente aos arqueólogos. Promete-me isso?

— Prometo.

— E, por último, se ajudar, pense em mim como alguém muito louco que perdeu o controlo num dia de Verão e nunca mais o conseguiu recuperar. Assim será mais fácil para si.

— Vou pensar nisso. Adeus, Spender. Boa sorte.

— É um homem invulgar — disse Spender, quando o capitão

começou a descer o trilho, envolvido pelo vento quente.

O capitão regressou como que perdido para junto dos seus homens cobertos de pó. Mantinha os olhos semicerrados, pelo efeito do sol, e respirava com dificuldade.

— Há alguma coisa que se beba? — perguntou. Sentiu uma garrafa fresca a ser posta na sua mão. — Obrigado. — Bebeu e limpou a boca. — Muito bem — prosseguiu. — Tenham cuidado. Temos todo o tempo que quisermos. Não quero mais baixas. Terão de o matar. Não vai descer. Se puderem, abatam-no com um tiro certeiro. Não o desfaçam. Acabem logo com ele.

— Vou rebentar-lhe o raio dos miolos — disse Sam Parkhill.

— Não, atirem ao peito — disse o capitão. Conseguia ver o rosto forte e determinado de Spender.

— Os malditos miolos — disse Parkhill.

O capitão entregou-lhe a garrafa num movimento brusco.

— Ouviu bem o que eu disse. Atirem ao peito.

Parkhill resmungou entre dentes.

— Vamos — ordenou o capitão.

Voltaram a espalhar-se, caminhando e depois correndo, e depois caminhando nas encostas quentes das colinas onde surgiram inesperadas grutas frescas que cheiravam a musgo e clareiras rochosas que cheiravam a sol sobre pedra.

«Odeio a esperteza», pensou o capitão, «quando não nos sentimos verdadeiramente espertos e não queremos *ser* espertos. Espiarmos e fazermos planos e sentirmo-nos orgulhosos de os termos engendrado. Odeio esta sensação de pensar que estou a agir bem, quando não me sinto realmente seguro de que assim seja. Quem somos nós, afinal? A maioria? É essa a resposta? A maioria é sempre sagrada, não é? Sempre, sempre. Nunca está errada, nem por um breve e insignificante momento, não é? Em dez milhões de anos, nunca se enganou?» O capitão pensou: «Que é esta maioria e quem

faz parte dela? E que pensam eles e como ficaram assim, e será que algum dia mudarão e por que diabo fui eu apanhado nesta maioria podre? Não me sinto confortável. Será claustrofobia, medo das multidões ou bom senso? Poderá um homem estar certo contra um mundo inteiro que se acha com razão? Não pensemos nisso. Ao invés, rastejemos por aí e mostremo-nos excitados e primamos o gatilho. Ali, *ali*!»

Os homens corriam e agachavam-se, corriam e mergulhavam nas sombras, e mostravam os dentes, ofegantes, porque o ar era rarefeito, muito pouco adequado a corridas. Precisavam, por isso, de se sentar durante cinco minutos de cada vez, arquejando e vendo pontos negros nos olhos, engolindo o ar e ansiando por mais, apertando os olhos e, por fim, levantando-se com as armas erguidas para abrirem túneis naquele ar rarefeito de Verão, túneis de som e calor.

Spender continuava no mesmo sítio e disparava apenas de vez em quando.

— Vou espalhar os teus malditos miolos por toda a parte! — gritou Parkhill, correndo encosta acima.

O capitão apontou a arma a Sam Parkhill. Logo de seguida, baixou-a e ficou a olhar fixamente para ela, horrorizado.

— Que estavam a fazer? — perguntou ele à mão inerte e à arma.

Quase matara Parkhill pelas costas.

— Deus me ajude.

Viu Parkhill ainda a correr e, depois, a atirar-se ao chão para se abrigar.

Spender estava a ser cercado por uma larga rede de homens que corriam. No topo da colina, deitado atrás de duas rochas, Spender sorria de exaustão devido à atmosfera rarefeita, com grandes ilhas de suor por baixo de cada braço. O capitão avistou as duas rochas. Havia entre elas um intervalo de cerca de dez centímetros, dando livre acesso ao peito de Spender.

— Ei, tu! — gritou Parkhill. — Tenho aqui uma bala para a tua cabeça!

O capitão Wilder aguardou. «Vá lá, Spender», pensou ele. «Saia daí,

como disse que faria. Só tem alguns minutos para fugir. Saia e volte mais tarde. Vá lá. Disse que o faria. Desça aos túneis que admitiu ter encontrado e deixe-se lá ficar a viver durante meses, anos, a ler os seus belos livros e a banhar-se nas piscinas dos templos. Despache-se, homem, antes que seja tarde de mais.»

Spender não abandonou a sua posição.

«Qual é o problema dele?», perguntou a si mesmo o capitão.

Pegou na arma e viu os homens que corriam e se escondiam. Observou as torres da imaculada e pequena povoação marciana, semelhantes a peças de xadrez bem esculpidas ao sol da tarde. Olhou para as rochas e para o intervalo onde o peito de Spender continuava exposto.

Parkhill lançara-se ao ataque, gritando furioso.

— Não, Parkhill — disse o capitão. — Não posso permitir que o faça. Nem a si nem aos outros. Não, nenhum de vocês. Só eu.

Levantou a arma e apontou-a.

«Ficarei limpo depois disto?», pensou. «É correcto que seja eu a fazê-lo? Sim, é. Sei o que estou a fazer, os motivos por que o faço, e é o mais correcto, porque penso que sou a pessoa certa. Espero e rezo para que possa estar à altura da situação.»

Acenou com a cabeça a Spender.

— Despache-se — disse num sussurro que ninguém ouviu. — Dou-lhe mais trinta segundos para fugir. Trinta segundos!

O capitão olhou para o pulso e acompanhou o tiquetaque do relógio. Os homens corriam. Spender não se mexia. O relógio impôs o seu tiquetaque durante muito tempo, cada vez mais ruidoso para os ouvidos do capitão.

— Despache-se, Spender, despache-se, vá-se embora!

Os trinta segundos esgotaram-se.

A arma estava apontada. O capitão inspirou fundo.

— Spender — disse, expirando.

Premiu o gatilho.

Tudo o que aconteceu foi o levantar de um fino pó de pedra à luz do

Sol. Os ecos do estampido dissiparam-se.

O capitão levantou-se e chamou os homens.

— Está morto.

Os outros homens não acreditaram. O ângulo de visão a partir dos sítios onde se encontravam tinham-nos impedido de reparar naquela fissura nas rochas. Viram o capitão correr pela colina acima, sozinho, e pensaram que ou era muito corajoso ou muito louco.

Passados alguns minutos, foram atrás dele.

Juntaram-se à volta do corpo e alguém disse:

— No peito?

O capitão baixou os olhos.

— No peito — confirmou. E viu como as rochas tinham mudado de cor por baixo de Spender. — Porque terá ele esperado? Porque não fugiu como planeara? Porque se deixou ficar e matar?

— Quem sabe? — comentou alguém.

Spender jazia ali, com as mãos fechadas, uma a apertar a arma, a outra a apertar o livro prateado que brilhava ao sol.

«Terá sido por minha causa?», pensou o capitão. «Terá sido porque me recusei a ceder? Será que Spender detestava a ideia de me matar? Serei mesmo diferente destes outros homens? Será essa a razão? Terá ele pensado que podia confiar em mim? Que outra resposta haverá?»

Nenhuma. Agachou-se ao lado do corpo silencioso.

«Tenho de me manter à altura da situação», pensou ele. «Não o posso desiludir agora. Se reconheceu em mim alguma coisa idêntica a si mesmo e não me conseguiu matar por causa disso, então que tarefa me espera! É isso, sim, é isso. Sou agora igual a Spender, embora pense antes de disparar. Aliás, não disparo, não mato. Prefiro entender-me com as pessoas. E ele não conseguiu matar-me porque eu era ele próprio numa situação ligeiramente diferente.»

O capitão sentiu a luz do Sol na nuca. E ouviu-se a falar em voz alta:

— Se, ao menos, tivesse vindo falar comigo antes de ter começado a

matar, poderíamos ter encontrado uma solução.

— Uma solução? — perguntou Parkhill. — Não há solução para gente *como* ele.

Um zumbido de calor, gerado pelas rochas e pelo céu azul, percorria a terra.

— Talvez esteja certo — disse o capitão. — Nunca nos conseguiríamos entender. Spender e eu, talvez. Mas Spender e você e os outros, não, nunca. Está melhor morto. Deixe-me beber desse cantil.

Foi o capitão quem sugeriu o sarcófago vazio para Spender. Tinham descoberto um antigo cemitério marciano. Colocaram Spender num caixão de prata, com velas e vinhos que tinham dez mil anos, e cruzaram-lhe as mãos sobre o peito. A última coisa que viram dele foi o seu rosto tranquilo.

Permaneceram por um momento na cripta antiga.

— Creio que seria bom para vocês pensarem em Spender de vez em quando — disse o capitão.

Saíram da cripta e fecharam a porta de mármore.

Na tarde seguinte, Parkhill praticou um pouco de tiro ao alvo numa das cidades mortas, disparando sobre as janelas de cristal e rebentando os topos das frágeis torres. O capitão apanhou Parkhill e partiu-lhe os dentes a soco.

---

8 «Nunca mais, então, vaguearemos / Tão tarde pela noite dentro, / Embora o coração mantenha o mesmo amor, / E a Lua mantenha o mesmo brilho. / Pois a espada desgasta a bainha, / E a alma esgota o peito, / E o coração deve deter-se para se recompor, / E até o amor precisa de descansar. / Embora a noite seja para quem ama, / E o dia volte demasiado cedo, / Nunca mais, assim, vaguearemos / iluminados pela luz da lua.» Poema *So we'll go no more a-roving*, de Lord Byron. Versão do tradutor, a partir do original. [N. T.]

Agosto de 2032
OS COLONOS

Os Homens da Terra chegaram a Marte.

Vieram porque tinham medo ou não tinham medo, porque eram felizes ou infelizes, porque se sentiam como os Peregrinos ou não se sentiam como os Peregrinos. Cada um tinha os seus motivos. Deixavam para trás esposas más ou empregos maus ou cidades más; vinham para encontrar ou deixar algo, para desenterrar ou enterrar ou deixar em paz alguma coisa. Vinham com sonhos modestos, com sonhos grandiosos ou sem sonhos. Mas um dedo do governo apontava em cartazes a quatro cores em muitas cidades: Há Trabalho para Si no Céu: Visite Marte! E os homens apressaram-se a partir, apenas uns quantos no início, algumas dezenas, pois a maioria sentia a grande doença dentro de si mesmo antes de o foguetão se lançar no espaço. E essa doença chamava-se Solidão, porque quando viam a sua cidade natal ficar do tamanho de um punho, depois de um limão, depois de uma cabeça de alfinete, até desaparecer no rasto do fogo, sentiam que nunca tinham nascido, que não havia cidade, que se encontravam em nenhures, com espaço a toda a volta, sem nada familiar, no meio de desconhecidos. E quando os estados do Illinois, do Iowa, do Missouri ou do Montana desapareciam em mares de nuvens, e, mais ainda, quando os Estados Unidos ficavam reduzidos a uma ilha na bruma e todo o planeta Terra se transformava numa bola de beisebol enlameada e atirada para longe, ficavam realmente sozinhos, a vaguear pela lonjura do espaço, a caminho de um mundo que não eram capazes de imaginar.

Não era estranho, por isso, que os primeiros homens fossem poucos. Os números foram aumentando gradualmente em proporção

aos Homens da Terra já em Marte. Os números eram reconfortantes. Mas os primeiros Solitários só puderam contar com eles mesmos...

Dezembro de 2032
A MANHÃ VERDE

Quando o Sol se pôs, o homem baixou-se à beira do caminho, preparou uma pequena refeição e escutou o crepitar do fogo enquanto levava a comida à boca e a mastigava com ar pensativo. Fora um dia idêntico aos outros trinta, com muitos buracos bem cavados às primeiras horas do dia, sementes atiradas à terra e água trazida dos canais brilhantes. Agora, com um cansaço de ferro no corpo frágil, deitava-se e observava como a cor do céu passava de uma escuridão a outra.

Chamava-se Benjamin Driscoll e tinha trinta e um anos. Pretendia fazer com que Marte crescesse numa mancha verde e alta, repleta de árvores e folhagens produtoras de ar, mais ar, numa extensão cada vez maior com o passar das estações. Árvores para arrefecer as cidades no Verão escaldante e árvores para deter os ventos de Inverno. Havia tantas coisas que uma árvore podia fazer: acrescentar cor, oferecer sombra, dar frutos ou servir de recreio para as crianças. Todo um universo aéreo para trepar e onde se pendurar, uma arquitectura de alimento e prazer — era isso uma árvore. Mas, acima de tudo, as árvores destilariam um ar gélido para os pulmões e comporiam um ligeiro farfalhar para os ouvidos durante as noites passadas em leitos de neve, até se adormecer docemente com esse som.

Escutava como a terra escura se recolhia em si mesma, esperando pelo sol, pelas chuvas que ainda não tinham chegado. Com a orelha colada ao chão, era capaz de ouvir os passos dos anos futuros a moverem-se ao longe, e imaginava como as sementes que lançara à terra naquele dia desabrochariam num impulso verde rumo ao céu,

estendendo ramo atrás de ramo, até Marte se transformar numa floresta vespertina, num pomar reluzente.

Às primeiras horas da manhã, quando o pequeno Sol se erguia palidamente entre as colinas onduladas, levantava-se, despachava um pequeno-almoço fumegante em poucos minutos e, após pisar as cinzas da fogueira, punha-se a caminho com as suas mochilas, testando, escavando, plantando sementes ou rebentos, calcando ao de leve a terra, regando, seguindo em frente, assobiando, olhando para o céu claro que se iluminava em direcção a um meio-dia quente.

— Precisas do ar — disse ele à sua fogueira nocturna. A fogueira era uma companheira rubicunda e viva que lhe respondia sob a forma de estalidos, que dormia perto dele com os seus olhos rosados e sonolentos que aqueciam a noite fria. — Todos nós precisamos do ar. Aqui em Marte o ar é rarefeito. Ficamos cansados muito depressa. É como viver nos Andes, na América do Sul, a grande altitude. Inspiramos e não recebemos nada. Não ficamos satisfeitos.

Apalpou a caixa torácica. Em trinta dias, crescera bastante. Para receber mais ar, teriam todos de desenvolver os pulmões. Ou plantar mais árvores.

— É para isso que aqui estou — disse ele. A fogueira estalou. — Na escola, contavam-nos a história de Johnny Appleseed, que percorreu a América a plantar macieiras. Bem, eu estou a fazer ainda mais. Estou a plantar carvalhos, ulmeiros e áceres, todo o tipo de árvores, faias, cedros e castanheiros. Em vez de gerar apenas fruta para o estômago, estou a produzir ar para os pulmões. Daqui por uns anos, quando estas árvores já estiverem crescidas, *imagina* o oxigénio que darão!

Lembrou-se da chegada a Marte. Naquele dia, à semelhança de outras mil pessoas, contemplou a manhã serena e pensou: «Como me enquadrarei aqui? Que farei? Haverá trabalho para mim?»

Depois desmaiou.

Alguém lhe passou uma ampola de amoníaco pelo nariz e, tossindo, recuperou os sentidos.

— Vai ficar bem — disse o médico.

— Que aconteceu?

— O ar é muito rarefeito. Alguns não aguentam. Penso que terá de regressar à Terra.

— Não! — Levantou-se e, quase de imediato, obscureceram-se-lhe os olhos e Marte rodopiou duas vezes à volta dele. Dilatou então as narinas e forçou os pulmões a beber daquele profundo vazio. — Ficarei bem. Preciso de ficar neste planeta!

Deixaram-no deitado, a arquejar com os movimentos horríveis de um peixe. E pensou: «Ar, ar, ar. Vão mandar-me de volta por causa do ar.» E virou a cabeça para poder avistar as colinas e os campos marcianos. Focou-os e a primeira coisa que notou foi que, para onde quer que olhasse, não havia árvores, não havia árvores nenhumas no horizonte. Era uma terra nua, uma terra de argila escura, mas sem nada, nem sequer ervas. «Ar», pensou ele, enquanto aquela substância fina assobiava nas suas narinas. Ar, ar. E no topo das colinas, ou à sombra delas, ou mesmo junto aos pequenos riachos, nem uma árvore e nem uma só folha de erva verde. Pois claro! Sentiu que a resposta não lhe vinha da mente, mas dos pulmões e da garganta. E o pensamento foi como uma súbita lufada de oxigénio puro, que o reanimou. Árvores e ervas. Olhou para as mãos e virou-as. Plantaria árvores e ervas. Seria esse o seu trabalho, lutar exactamente contra aquilo que poderia impedir a sua permanência ali. Travaria uma guerra hortícola privada com Marte. O solo era velho e as plantas, tão antigas que tinham definhado. Mas e se fossem introduzidas novas espécies? Árvores da Terra, grandes acácias-mimosas e salgueiros-chorões, magnólias e majestosos eucaliptos. Que aconteceria então? Era impossível adivinhar a riqueza mineral escondida no solo, uma riqueza inexplorada, porque os velhos fetos, flores, arbustos e árvores tinham morrido de cansaço.

— Deixem-me levantar! — gritou. — Preciso de ir ver o Coordenador!

Falou com o Coordenador uma manhã inteira acerca das coisas que cresciam e eram verdes. Passariam meses, se não anos, até que se iniciassem as plantações organizadas. Por enquanto, era trazida

comida congelada da Terra em sincelos voadores e apenas uns quantos jardins comunitários se começavam a cobrir de plantas hidropónicas.

— Entretanto — disse o Coordenador —, esse será o seu trabalho. Dar-lhe-emos as sementes que pudermos e algum equipamento. Neste momento, o espaço nos foguetões é preciosíssimo. Além disso, como estas primeiras cidades são comunidades mineiras, receio que a sua actividade de plantação de árvores não colha muitas simpatias.

— Mas serei autorizado a desenvolvê-la?

Com efeito, obteve a autorização. Munido de um único motociclo, cuja caixa estava cheia de sementes e rebentos, estacionou o veículo na imensidão de um vale deserto e pôs-se a explorar o território a pé.

Este início da aventura fora já há trinta dias, e nunca olhara para trás, porque olhar para trás tê-lo-ia deixado de coração apertado. O clima era excessivamente seco e, nesse sentido, era também improvável que algumas das sementes tivessem já germinado. Talvez toda a sua campanha, as quatro semanas que passara curvado a escavar a terra, estivesse perdida. Continuou, por isso, a olhar em frente, enquanto avançava ao sol por aquele amplo vale quase raso, distante da Primeira Cidade, à espera da chegada das chuvas.

Quando cobriu os ombros com o cobertor, viu que se começavam a formar nuvens por cima das montanhas secas. Marte era um lugar tão imprevisível como o tempo. Sentiu a elevada temperatura das colinas diminuir pelo efeito da noite gelada e pensou no solo rico e escuro, um solo tão negro e brilhante que quase rastejava e se agitava na nossa mão fechada, um solo fértil do qual poderiam brotar pés de feijão enormíssimos que, se sacudidos com muita força, poderiam fazer cair gigantes aos berros.

A fogueira tiritou e converteu-se em cinza adormecida. O ar estremeceu com o rolar distante de uma carroça: um trovão. Depois, um súbito odor a água. «É esta noite», pensou, e estendeu a mão para sentir a chuva. Esta noite.

Acordou com um ligeiro toque na testa.

A água escorreu-lhe pelo nariz até aos lábios. Uma outra gota acertou-lhe no olho, turvando a visão. Outra ainda salpicou-lhe o queixo.

A chuva.

Pura, suave e lenta, era aspergida desde o alto do céu. Semelhante a um elixir mágico com sabor a feitiços, estrelas e ar, trazia com ela uma poeira acre que se movia na língua dele como um xerez leve e raro.

Chuva.

Sentou-se. Deixou o cobertor cair e a camisa de ganga azul ser salpicada, enquanto a chuva tomava a forma de gotas mais sólidas. Parecia que um animal invisível dançava sobre a fogueira, esmagando-a, até sobrar apenas um fumo irado. A chuva caía. A enorme abóbada negra do céu rachou-se em seis lascas de um azul pulverulento, como uma maravilhosa porcelana estalada, e desabou. Dez mil milhões de cristais de chuva hesitaram tempo suficiente para serem fotografados pela descarga eléctrica. Depois, escuridão e água.

Ficou ensopado até aos ossos, mas manteve a cabeça levantada e deixou que a água lhe atingisse as pálpebras, rindo-se. Bateu palmas, levantou-se e deu uma volta pelo pequeno acampamento. Era uma da manhã.

Choveu continuamente durante duas horas e depois parou. As estrelas surgiram logo de seguida, recém-lavadas e mais nítidas do que nunca.

O senhor Benjamin Driscoll vestiu roupas secas, que tirara da sua mochila de celofane, deitou-se e adormeceu sorridente.

O Sol surgiu lentamente entre as colinas. Expandiu-se pela terra em silêncio e acordou o senhor Driscoll.

Esperou um pouco antes de se levantar. Trabalhara e aguardara durante um longo mês quente, e agora, já de pé, virava-se finalmente e olhava na direcção de onde viera.

Era uma manhã verde.

Até onde os seus olhos podiam alcançar, havia árvores erguidas contra o céu. Não uma, não duas, não uma dúzia, mas os milhares que plantara com sementes e rebentos. E não eram pequenas, não, não eram árvores jovens nem tenros brotos, mas árvores grandes, árvores enormes, tão altas como dez homens, verdes e viçosas, vigorosas e maciças, árvores de resplandecentes folhas metálicas, árvores que sussurravam, árvores alinhadas sobre as colinas, limoeiros e tílias, sequóias e acácias, carvalhos e ulmeiros e álamos, cerejeiras, áceres, freixos, macieiras, laranjeiras e eucaliptos, estimulados por uma chuva tumultuosa, alimentados por um solo estranho e mágico, árvores que, diante dos seus próprios olhos, expandiam novos ramos, abriam novos botões.

— Impossível! — exclamou o senhor Benjamin Driscoll.

Mas o vale e a manhã eram verdes.

E o ar!

De todas as partes, como uma imensa corrente, um rio das montanhas, chegava o novo ar, o oxigénio que brotava das árvores verdes. Era possível vê-lo tremeluzir nas alturas em vagas cristalinas. Oxigénio fresco, puro e verde, oxigénio frio que transformava o vale no delta de um rio. Não demoraria muito até que as portas da cidade se abrissem de par em par e as pessoas corressem através do novo milagre do oxigénio, inalando-o, saboreando-o em grandes golfadas, ficando com as bochechas rosadas, os narizes frios, os pulmões revivificados, os corações aos saltos e os corpos macerados erguidos numa dança.

O senhor Benjamim Driscoll bebeu um longo trago de ar verde aquoso e desmaiou.

Quando voltou a despertar, cinco mil novas árvores tinham crescido para o Sol amarelo.

Fevereiro de 2033
OS GAFANHOTOS

Os foguetões incendiaram os prados descarnados, transformaram a rocha em lava, a madeira em carvão, a água em vapor, converteram a areia e a sílica num vidro verde que, como espelhos estilhaçados, reflectia a invasão em curso por todo o lado. Os foguetões chegaram como tambores retumbando pela noite. Os foguetões chegaram como gafanhotos, um enxame que pousava em vagas de fumo róseo. E dos foguetões saíram homens apressados, com martelos nas mãos, dispostos a moldar o estranho mundo à força, a conferir-lhe uma aparência familiar, expulsando toda a estranheza. Traziam as bocas cheias de pregos, o que os fazia parecer animais carnívoros com dentes de aço, e cuspiam-nos para as mãos ágeis, à medida que montavam as estruturas das casas de madeira, fixavam as telhas que bloqueavam as misteriosas estrelas e instalavam persianas verdes que ocultavam a noite. Quando os carpinteiros terminaram o seu trabalho, chegaram as mulheres com vasos de flores, tecidos estampados, panelas, e começaram a fazer um barulho de cozinha para abafar o silêncio de Marte, à espera no lado de fora da porta e das janelas com persianas.

Em seis meses, foi erigida no planeta deserto uma dúzia de pequenas cidades, repletas de tubos de néon e lâmpadas eléctricas amarelas. No total, chegaram a Marte cerca de noventa mil pessoas e, na Terra, mais ainda faziam as malas…

Agosto de 2033
ENCONTRO NOCTURNO

Antes de subir as colinas azuis, Tomás Gomez parou para abastecer no isolado posto de gasolina.

— Está aqui um pouco sozinho, não está, amigo? — disse Tomás.

O velho limpou o pára-brisas da carrinha.

— Não me queixo.

— Está a gostar de Marte, amigo?

— Estou. Há sempre algo novo a acontecer. Quando para cá vim, no ano passado, decidi que não ficaria à espera de nada, nem pediria nada, nem me surpreenderia com nada. Precisamos de esquecer a Terra e como tudo era. Precisamos de olhar para o que aqui temos e para o *diferente* que é. Divirto-me muito só com o clima. É um clima *marciano*. Um calor dos diabos durante o dia, um frio dos diabos à noite. Fico encantado com as flores diferentes e com a chuva diferente. Vim para Marte para me aposentar e queria um sítio onde tudo fosse diferente. Nós, os velhos, precisamos de ter coisas diferentes. Os jovens não querem conversar connosco, os outros velhos aborrecem-nos de morte. Por isso, pensei que o melhor para mim era um lugar tão distinto que bastaria abrir os olhos para me entreter. Consegui comprar este posto de gasolina. Se começar a ser muito concorrido, mudo-me para outra estrada antiga que não seja tão movimentada, onde possa ganhar apenas o suficiente para viver e ainda ter tempo para sentir as coisas *diferentes* que aqui existem.

— Tem toda a razão, amigo — disse Tomás, com as mãos morenas a descansar sobre o volante. Sentia-se bem. Trabalhara dez dias seguidos numa das novas colónias e dispunha agora de dois dias de folga e estava a caminho de uma festa.

— Já nada me surpreende — disse o velho. — Limito-me a olhar. A experienciar. Se não aceitarmos Marte tal como ele é, mais vale voltarmos à Terra. Neste planeta, tudo é esquisito: o solo, o ar, os canais, os nativos (ainda não vi nenhum, mas dizem que eles andam por aí), os relógios. Até o meu relógio funciona de um modo estranho. Até o *tempo* é esquisito em Marte. Às vezes sinto que estou aqui completamente sozinho, que não há mais ninguém no raio do planeta inteiro. E era capaz de apostar. Outras vezes sinto-me como se tivesse oito anos, o meu corpo encolhido e tudo à minha volta muito alto. Caramba, este é o lugar perfeito para um velho. Mantém-me alerta e feliz. Sabe como é Marte? É como um presente que recebi no Natal há setenta anos, não sei se teve algum, chamavam-lhes caleidoscópios e eram feitos de pedacinhos de cristal, tecido, contas e outras peças bonitas. Levantávamo-los contra o Sol, olhávamos através deles e ficávamos deslumbrados. Todos aqueles padrões! Bem, Marte é assim. Aproveite-o. Não lhe peça para ser outra coisa. Caramba, sabia que aquela estrada ali mesmo, construída pelos marcianos, tem mais de dezasseis séculos e ainda está em boas condições? É um dólar e cinquenta, obrigado e boa noite.

Tomás afastou-se pela estrada antiga, rindo baixinho.

Era uma longa estrada que atravessava a escuridão e as montanhas. Tomás segurava o volante e, de vez em quando, esticava uma das mãos para tirar um doce da lancheira. Há uma hora que conduzia sem avistar outros carros ou luzes, apenas a estrada a deslizar por baixo das rodas, o zumbido, o rugido, e Marte lá fora, tão silencioso. Marte era sempre silencioso, mais ainda naquela noite. Numa cadência constante, os desertos e mares vazios passavam por ele e as montanhas balançavam-se contra as estrelas.

Naquela noite, havia um cheiro a Tempo no ar. Tomás sorriu e perscrutou o pensamento fantasioso. A que cheirava o Tempo? Cheirava a pó, a relógios e a pessoas. E se, por outro lado, perguntasse a que soava o Tempo? Soava a água a correr numa

caverna escura, a vozes suplicantes, a pedaços de sujidade em queda sobre tampas de caixas vazias e chuva. E, indo ainda mais longe, qual seria a *aparência* do Tempo? O Tempo parecia neve a cair em silêncio num quarto escuro, um filme mudo num teatro antigo, cem mil milhões de rostos a descer como aqueles balões de Ano Novo, sempre a descer até ao absoluto vazio. Assim eram o cheiro, o som e a aparência do Tempo. E naquela noite — Tomás esticou a mão para sentir o vento do lado de fora —, naquela noite, quase se conseguia *tocar* no Tempo.

Tomás conduziu a carrinha entre as colinas do Tempo. Sentiu um formigueiro no pescoço e, continuando a olhar em frente, endireitou-se no assento.

Ao passar por uma pequena cidade marciana sem vida, parou a carrinha, desligou o motor e deixou que o silêncio o envolvesse. Permaneceu sentado e conteve a respiração enquanto observava os edifícios azuis ao luar. Estavam desabitados há séculos. Eram perfeitos, impecáveis — em ruínas, é verdade, mas perfeitos.

Ligou o motor e conduziu mais um ou dois quilómetros antes de parar de novo. Saiu da carrinha com a lancheira e caminhou até um pequeno promontório de onde podia contemplar melhor a cidade poeirenta. Abriu a garrafa térmica e encheu uma chávena de café. Uma ave nocturna passou por ele a voar. Tomás sentia-se bem, completamente em paz.

Passados cerca de cinco minutos, ouviu um ruído. Lá ao longe, onde a estrada antiga fazia uma curva, houve um movimento, uma luz fraca e, depois, um murmúrio.

Tomás virou-se devagar com a chávena de café na mão.

E, vindo das colinas, surgiu um ser estranho.

Era uma máquina, semelhante a um enorme insecto verde-jade, um louva-a-deus, que voava delicadamente pelo ar frio da noite, exibindo um número incerto e indistinto de diamantes verdes no corpo e jóias vermelhas que brilhavam como olhos multifacetados. As suas seis patas caíram sobre a estrada antiga, produzindo um som idêntico ao

das gotas de uma chuva prestes a extinguir-se, e, da parte superior da máquina, um marciano com olhos de ouro derretido olhou para Tomás como se estivesse a espreitar para dentro de um poço.

Tomás ergueu a mão e pensou automaticamente em saudá-lo, mas não mexeu os lábios, uma vez que se tratava *mesmo* de um marciano. No entanto, Tomás nadara em rios azuis na Terra, com desconhecidos a passar na estrada, comera em casas estranhas com pessoas estranhas, e a sua maior defesa sempre fora o seu sorriso. Não estava armado. E, naquele momento, também não sentia a falta de uma arma, embora um certo medo se lhe tivesse alojado no coração.

Também as mãos do marciano estavam vazias. Por um momento, ficaram a estudar-se através do ar frio da noite. Foi Tomás quem tomou a iniciativa.

— Olá! — saudou ele.

— Olá! — saudou o marciano na sua própria língua.

Não se entendiam.

— Disse «olá»? — perguntaram ambos.

— Que disse? — voltaram a perguntar, cada um numa língua diferente.

Franziram os respectivos sobrolhos.

— Quem é você? — quis saber Tomás, em inglês.

— Que está a fazer aqui? — quis saber o estranho, mexendo os lábios em marciano.

— Para onde vai? — perguntaram os dois ao mesmo tempo, algo atrapalhados.

— Chamo-me Tomás Gomez.

— Chamo-me Muhe Ca.

Nenhum deles entendeu o outro, mas bateram no peito quando repetiram os seus nomes e tornou-se claro o que estavam a tentar transmitir.

E, então, o marciano começou a rir.

— Espere! — Tomás sentiu um contacto na cabeça, mas nenhuma

mão lhe tocara.

— Pronto! — disse o marciano em inglês. — Assim é melhor!

— Aprendeu a minha língua muito depressa!

— Nada disso.

Constrangidos pelo surgimento de um novo silêncio, olharam para a chávena de café que Tomás segurava na mão.

— Algo diferente? — perguntou o marciano, olhando para ele e para o café, talvez referindo-se aos dois.

— Posso oferecer-lhe uma bebida? — perguntou Tomás.

— Por favor.

O marciano deslizou para fora da máquina.

Tomás encheu uma segunda chávena de café fumegante e ofereceu-a.

As mãos deles encontraram-se e, como que feitas de névoa, atravessaram-se.

— Jesus Cristo! — gritou Tomás, deixando cair a chávena.

— Pelos deuses! — disse o marciano na sua própria língua.

— Viu o que aconteceu? — murmuraram ambos.

Estavam gelados e aterrorizados.

O marciano curvou-se para pegar na chávena, mas não conseguiu tocar-lhe.

— Jesus! — disse Tomás.

— Essa agora! — O marciano tentou, por diversas vezes, agarrar a chávena, sem sucesso. Endireitou-se, meditou por um momento e, depois, tirou uma faca do cinto.

— Ei! — gritou Tomás.

— Não percebeu, apanhe! — disse o marciano, lançando-lhe a faca. Tomás juntou as mãos para a receber. A faca atravessou-lhe a carne e caiu no chão. Tomás baixou-se para a apanhar, mas não conseguiu tocar-lhe e, começando a tremer, recuou.

Depois ficou a olhar para a figura do marciano perfilada contra o céu.

— As estrelas! — disse ele.

— As estrelas! — repetiu o marciano, olhando, por sua vez, para Tomás.

As estrelas eram brancas e nítidas do outro lado do corpo do marciano. Parecia que lhe tinham sido incrustadas na carne como centelhas absorvidas pela membrana fina e fosforescente de um gelatinoso peixe marinho. Era possível ver as estrelas cintilar como olhos violeta no estômago e no peito do marciano, e através dos pulsos, como jóias.

— Consigo ver através de si! — disse Tomás.

— E eu através de si! — disse o marciano, recuando um pouco.

Tomás apalpou o próprio corpo e, sentindo o calor, ficou mais tranquilo. «*Eu* sou real», pensou.

O marciano levou as mãos ao nariz e aos lábios.

— *Eu* sou de carne e osso — disse ele, num murmúrio quase audível. — *Eu* estou vivo.

Tomás fitou o estranho.

— E se *eu* sou real, então *você* deve estar morto.

— Não, você é que está!

— Um espectro!

— Um fantasma!

Apontaram um para o outro, com a luz das estrelas a reluzir nos seus membros como punhais e pingentes de gelo e pirilampos. Voltaram a examinar os respectivos corpos e cada um deles achou-se intacto, quente, animado, aturdido, surpreendido, e considerou o outro, ah, sim, aquele outro ali, irreal, um prisma fantasmagórico que reflectia a luz acumulada de mundos distantes.

«Estou bêbado», pensou Tomás. «Amanhã não contarei isto a ninguém, não, não.»

Permaneceram ambos especados na estrada antiga.

— De onde é? — perguntou, por fim, o marciano.

— Da Terra.

— O que é isso?

— Além. — Tomás acenou com a cabeça na direcção do céu.

— Quando?

— Aterrámos há mais de um ano, lembra-se?

— Não.

— E todos vocês estavam mortos, com excepção de uns poucos. Você é um ser raro, não *sabe* disso?

— Não é verdade.

— Sim, mortos. Eu vi os corpos. Negros, nos quartos, nas casas, mortos. Milhares de cadáveres.

— Isso é ridículo. Estamos *vivos*!

— Escute, foram invadidos, só você é que não sabe. Deve ter escapado.

— Não escapei coisa nenhuma; não havia nada de que escapar. Que quer dizer? Estou a caminho de um festival no canal, perto das Montanhas Eniall. Estive lá ontem à noite. Não está a ver aquela cidade ali? — O marciano apontou.

Tomás olhou e viu as ruínas.

— Mas, entenda, aquela cidade está morta há milhares de anos.

O marciano riu.

— Morta. Ainda ontem dormi lá!

— E eu estive lá na semana passada, e há duas semanas, e acabo de passar por lá, e não passa de um amontoado de ruínas. Vê as colunas caídas?

— Caídas? Como assim? Vejo-as perfeitamente. O luar ajuda. E estão de pé.

— Há poeira nas ruas — disse Tomás.

— As ruas estão limpas!

— Os canais estão vazios.

— Os canais estão cheios de vinho de lavanda!

— Está morta.

— Está viva! — protestou o marciano, rindo cada vez mais. — Oh, está muito enganado. Vê todas aquelas luzes de festa? Naquela cidade, há barcos belos tão esguios como mulheres, mulheres belas tão esguias como barcos, mulheres da cor da areia, mulheres com

flores de fogo nas mãos. Consigo vê-las, pequenas, a correr pelas ruas. É para onde vou agora, para o festival. Flutuaremos nas águas durante toda a noite. Cantaremos, beberemos, faremos amor. Não a consegue *ver*?

— Meu caro, a sua cidade está morta como um lagarto seco. Pergunte a qualquer um de nós. Estou a ir para a Cidade Verde esta noite. Trata-se de uma nova colónia que acabámos de erigir perto da Estrada Illinois. Está a fazer confusão. Trouxemos um milhão de pés de tábua de madeira do Oregon, duas dúzias de toneladas de bons pregos de aço, e levantámos a martelo duas das mais belas povoações que alguma vez viu. Esta noite, vamos fazer uma festa numa delas. Estão a chegar dois foguetões da Terra com as nossas mulheres e namoradas. Haverá bailes e *whisky*...

Nesse momento, o marciano ficou inquieto.

— Disse que era *naquela* direcção?

— Lá estão os foguetões. — Tomás conduziu-o à beira da colina e apontou para baixo. — Está a ver?

— Não.

— Raios, *estão* ali! Aquelas coisas longas e prateadas.

— Não.

Tomás começou a rir.

— É cego!

— Vejo muito bem. É você quem não consegue ver.

— Mas vê a nova *cidade*, não vê?

— Só vejo um oceano. E água na maré baixa.

— Meu caro, essa água evaporou-se há quarenta séculos.

— Ah, pronto, agora *já* chega.

— É a pura verdade, garanto-lhe.

O marciano ficou muito sério.

— Responda-me mais uma vez. Não consegue ver a cidade como a descrevo? As colunas muito brancas, os barcos muito delgados, as luzes festivas... Oh, vejo tudo tão claramente! E escute! Ouço-os a cantar. Estão, na verdade, muito perto.

Tomás pôs-se à escuta e abanou a cabeça.

— Não.

— E eu, por outro lado — disse o marciano —, não consigo ver o que me descreve. Curioso.

Voltaram a sentir frio, algo gelado a percorrer-lhes o corpo.

— Será que...

— O quê?

— Disse «do céu»?

— Da Terra.

— Terra, um nome, nada — disse o marciano. — Mas... quando passei pelo desfiladeiro há uma hora... — Tocou na nuca — Senti...

— Frio?

— Sim.

— E agora?

— Frio de novo. É estranho. Havia qualquer coisa na luz, nas colinas, na estrada — disse o marciano. — Senti a estranheza, a estrada, a luz, e por um momento julguei ser o último homem vivo neste planeta.

— Também eu! — disse Tomás, e foi como se estivesse a falar com um velho e querido amigo, fazendo-lhe confidências, ficando entusiasmado com o tema da conversa.

O marciano fechou os olhos e voltou a abri-los.

— Só há uma explicação. Tem que ver com o Tempo. Sim. Você é uma aparição do Passado!

— Não, você é que é do Passado — disse o Homem da Terra, depois de reflectir um pouco sobre o assunto.

— Parece estar muito *seguro*. Como poderá provar quem é do Passado e quem é do Futuro? Em que ano estamos?

— 2033.

— Que significa isso para *mim*?

Tomás ponderou a pergunta e encolheu os ombros.

— Nada.

— É como se lhe dissesse que estamos no ano 4462853 S. E. C. Não significa absolutamente nada! Onde está o relógio para nos mostrar a

posição das estrelas?

— Mas as ruínas provam-no! Provam que *eu* sou o Futuro, que *eu* estou vivo, que *você* está morto!

— Tudo em mim nega essa possibilidade. O meu coração bate, o meu estômago tem fome, a minha boca tem sede. Não, não, nem mortos nem vivos, nenhum de nós. Talvez mais vivos do que qualquer outra coisa. Melhor, apanhados entre a vida e a morte. Dois estranhos de passagem na noite, é isso. Dois estranhos de passagem. Ruínas, foi o que disse?

— Sim. Está com medo?

— Quem, na verdade, quer ver o Futuro? Um homem pode enfrentar o Passado, mas pensar... as colunas *ruíram*, foi o que disse? E o mar está vazio, os canais secos, as mulheres mortas e as flores murchas? — O marciano ficou alguns instantes em silêncio, antes de fixar os olhos em frente. — Mas *estão* ali. *Vejo-os*. Não será isso suficiente para mim? Esperam-me agora, independentemente *do* que me disser.

E, para Tomás, eram os foguetões ao longe, a cidade e as mulheres da Terra que o *esperavam*.

— Nunca estaremos de acordo — disse ele.

— Então concordemos em discordar — disse o marciano. — Que importa quem é do Passado ou do Futuro, se ambos estamos vivos? O que tiver de acontecer acontecerá. Amanhã ou daqui a dez mil anos. Como poderá saber se aqueles templos não são os templos da sua própria civilização daqui por cem anos, caídos em ruínas? Não sabe. Portanto, não pergunte. Mas a noite é muito curta. Lá estão os fogos festivos no céu, e os pássaros.

Tomás estendeu a mão. O marciano fez o mesmo, imitando-o.

As mãos de ambos não se tocaram, fundiram-se uma através da outra.

— Será que nos voltaremos a encontrar?

— Quem sabe? Talvez numa outra noite.

— Gostaria de o acompanhar a esse tal festival.

— E eu gostaria de visitar a vossa nova cidade, para ver essa nave

espacial de que me falou, para ver esses homens, para saber de tudo o que aconteceu.

— Adeus — disse Tomás.

— Boa noite.

O marciano afastou-se no seu veículo de metal verde, voando serenamente sobre as colinas. O Homem da Terra virou a carrinha e conduziu-a em silêncio na direcção oposta.

— Meu Deus, que sonho — suspirou Tomás, com as mãos no volante, já a pensar nos foguetões, nas mulheres, no *whisky* áspero, nas danças da Virgínia, na festa.

«Que visão estranha», pensou o marciano, apressando-se, já a pensar no festival, nos canais, nos barcos, nas mulheres de olhos dourados e nas canções.

A noite estava escura. As luas tinham-se deitado. A luz das estrelas tremeluzia na estrada deserta, onde agora não havia um som, um carro, uma pessoa, nada. E assim continuou o resto da noite escura e fria.

Outubro de 2033
A COSTA

Marte era uma costa distante a que os homens chegavam em vagas. Cada nova vaga era diferente e mais forte. A primeira trouxera homens acostumados aos espaços amplos, ao frio e à solidão, os homens do deserto e das quintas, sem um pingo de gordura no corpo, com rostos que os anos tinham descarnado, olhos semelhantes a cabeças de pregos e mãos ásperas como luvas velhas, prontas a pegar em qualquer coisa. Marte não lhes podia fazer nada, uma vez que tinham sido criados em planícies e pradarias tão vastas como os campos marcianos. Chegaram e tornaram tudo um pouco menos desocupado, para que outros pudessem ganhar coragem para os seguir. Colocaram vidraças em janelas vazias e luzes atrás das vidraças.

Foram os primeiros homens.

Todos sabiam quem seriam as primeiras mulheres.

Os segundos homens deveriam ter vindo de outros países, com outros sotaques e outras ideias. Mas os foguetões eram norte-americanos e os homens eram norte-americanos, e assim continuou a ser, enquanto a Europa, a Ásia, a América do Sul, a Austrália e as ilhas se limitaram a ver os fogos-de-artifício deixá-las para trás. O resto do mundo estava mergulhado na guerra ou a pensar na guerra.

Por isso, os segundos homens também eram norte-americanos. E vinham de habitações insalubres e passagens subterrâneas. Encontraram muito descanso e ócio na companhia dos homens reservados, oriundos dos estados do amaranto, que sabiam usar os silêncios. Tal companhia enchia-os de paz, após longos anos esmagados em túneis, latas e caixas de Nova Iorque.

E entre os segundos homens havia aqueles que, pelo olhar, pareciam estar a caminho de Deus...

Novembro de 2033
OS BALÕES DE FOGO

O fogo explodia sobre os relvados na noite de Verão. Era possível ver o brilho nos rostos dos tios e das tias. Os foguetes enchiam os olhos castanhos e cintilantes dos primos no alpendre e as canas frias e chamuscadas tombavam nos prados secos ao longe.

O reverendíssimo padre Joseph Daniel Peregrine abriu os olhos. Que sonho: ele e os primos com as suas brincadeiras ígneas na velha casa do avô, no Ohio, há tantos anos!

Ficou deitado a ouvir o grande vazio da igreja, as outras celas onde dormiam outros padres. Teriam também os sonhos deles, na véspera do voo do foguetão *Crucifixo*, resgatando memórias do 4 de Julho? Sim, aquela circunstância era como uma das excitantes madrugadas do Dia da Independência, quando se esperava pelo primeiro estrondo e logo se saía para a rua orvalhada com as mãos cheias de milagres ruidosos.

Ali estavam eles, portanto, os Vigários Episcopais, na aurora expectante, momentos antes de serem catapultados para Marte e de espalharem o seu incenso pela aveludada catedral do espaço.

— Devemos mesmo ir? — murmurou o padre Peregrine. — Não seria melhor tratar dos nossos próprios pecados na Terra? Não estaremos a fugir das nossas vidas aqui?

Levantou-se, erguendo pesadamente o corpo carnudo, cuja requintada aparência fazia lembrar um misto de morangos, leite e bifes.

«Ou será preguiça?», interrogou-se. «Temerei eu a viagem?»

Entrou no chuveiro de jacto fino como agulhas.

«Mas vou levar-te para Marte, meu corpo», falou de si para si.

«Deixarás aqui os velhos pecados. E rumarás a Marte para encontrares novos pecados?» Era um pensamento quase delicioso. Pecados nunca dantes imaginados. Oh, ele mesmo escrevera um pequeno livro, *O Problema do Pecado Noutros Mundos*, ignorado pelos seus irmãos episcopais por não ser suficientemente sério.

Ainda na noite anterior falara dele com o padre Stone, enquanto fumavam um último charuto.

— Em Marte, o pecado poderá parecer uma virtude. Teremos de nos precaver contra actos virtuosos que lá possam vir a ser considerados pecados mais tarde! — comentara o padre Peregrine, entusiasmado. — É deveras fascinante! Há séculos que a perspectiva de ser missionário não é acompanhada por tamanha promessa de aventura!

— *Eu* conseguirei reconhecer o pecado — objectou o padre Stone, rudemente —, *mesmo* em Marte.

— Oh, nós, os padres, orgulhamo-nos de ser papel de tornesol, de mudar de cor na presença do pecado — replicou o padre Peregrine —, mas e se a química marciana apresentar características perante as quais não adquiramos *nenhuma* cor? Se houver novos sentidos em Marte, teremos de admitir a possibilidade do pecado irreconhecível.

— Se não houver malícia premeditada, também não haverá pecado ou castigo, tal como o Senhor no-lo garante — contrapôs o padre Stone.

— Na Terra, sim. Mas talvez um pecado marciano possa infundir no subconsciente o seu mal, por via telepática, deixando livre a mente consciente do homem para agir, aparentemente, sem malícia! Como proceder *neste* caso?

— E que *poderia* impedir novos pecados?

O padre Peregrine inclinou-se para a frente com dificuldade.

— Adão, *sozinho*, não pecou. Junte-o a Eva e terá introduzido a tentação. Inclua um segundo homem e tornará possível o adultério. Com a adição de sexo ou pessoas, adicionará o pecado. Se os homens não tivessem braços, não conseguiriam estrangular com as mãos. Não haveria esse pecado particular de homicídio. Acrescente braços e

estará a adicionar a possibilidade de uma nova violência. As amebas não podem pecar porque se reproduzem por cissiparidade. Não cobiçam esposas nem se matam umas às outras. Dê sexo às amebas, acrescente-lhes braços e pernas, e terá homicídio e adultério. Acrescente um braço, uma perna ou uma pessoa, ou elimine cada um deles, e estará a adicionar ou a subtrair um possível mal. E se em Marte houver cinco novos sentidos, órgãos, membros invisíveis que não consigamos imaginar? Não poderá, então, haver cinco novos *pecados*?

O padre Stone suspirou.

— Parece-me que *gosta* deste tipo de coisas!

— Mantenho a minha mente viva, padre; apenas viva, nada mais do que isso.

— A sua mente está sempre a magicar, não é verdade? Espelhos, archotes, pratos.

— Sim. No entanto, tal deve-se ao facto de a Igreja, por vezes, se assemelhar àqueles quadros vivos do circo em que as cortinas sobem e aparecem homens cobertos de óxido de zinco e pó de talco, estátuas brancas que pretendem, pela imobilidade, representar a Beleza abstracta. É tudo maravilhoso. Mas, quanto a mim, espero que haja sempre espaço para andar pelo meio das estátuas. Não concorda, padre Stone?

O padre Stone afastara-se.

— Julgo que é melhor irmos para a cama. Dentro de algumas horas, estaremos em plena ascensão para vermos os *seus* novos pecados, padre Peregrine.

O foguetão estava a postos para o lançamento.

Os padres deixaram as suas devoções na manhã fria, muitos deles excelentes sacerdotes de Nova Iorque, Chicago ou Los Angeles — a Igreja decidira enviar os melhores —, e atravessaram a cidade até ao campo gelado. Enquanto caminhava, o padre Peregrine lembrou-se das palavras do Bispo:

— Padre Peregrine, chefiará os missionários, com o padre Stone a seu lado. Ao escolhê-lo para esta difícil tarefa, considero os meus motivos deploravelmente obscuros, padre, mas o seu panfleto sobre o pecado planetário não deixou de ser lido. É um homem flexível. E Marte é como aquele armário desarrumado e sujo que negligenciámos durante milénios. Lá o pecado acumulou-se como bricabraque. Marte tem o dobro da idade da Terra e teve duas vezes mais noites de sábado, banhos de bebidas alcoólicas e olhos arregalados para mulheres tão nuas como focas brancas. Quando abrirmos a porta desse armário, cairá tudo em cima de nós. Precisamos de um homem ágil, flexível, cuja mente se saiba esquivar. Alguém um pouco mais dogmático poderia não aguentar. Sinto que será resiliente, padre. O trabalho é seu.

O bispo e os padres ajoelharam-se.

A bênção foi dada e o foguetão foi aspergido com água benta. Depois, o bispo levantou-se e dirigiu-se-lhes:

— Sei que ireis com Deus, que prepararei os marcianos para a recepção da Sua Verdade. Desejo-vos a todos uma boa viagem *meditativa*.

Diante do bispo, desfilaram vinte homens de hábitos sussurrantes, para depositarem momentaneamente as mãos nas bondosas mãos daquele supervisor religioso, antes de entrarem no projéctil purificado.

— Será que Marte — disse o padre Peregrine no último momento — é o Inferno? E que está apenas à espera da nossa chegada para explodir em enxofre e fogo?

— Que Deus esteja connosco — disse o padre Stone.

O foguetão começou a mover-se.

Sair do espaço era como sair da mais bela catedral que alguma vez tinham visto. Pousar em Marte era como assentar os pés na calçada vulgar do lado de fora da igreja cinco minutos depois de terem *realmente* conhecido o seu amor por Deus.

Os padres saíram cautelosamente do foguetão fumegante e ajoelharam-se na areia marciana, enquanto o padre Peregrine dava graças.

— Senhor, agradecemos-Te a viagem através dos Teus aposentos. E, Senhor, chegámos a uma nova terra, pelo que devemos ter novos olhos. Ouviremos novos sons, pelo que devemos ter novos ouvidos. E haverá novos pecados, para os quais pedimos a graça de corações melhores, mais firmes e mais puros. Ámen.

Puseram-se de pé.

E ali estava Marte, como um mar sob o qual se arrastavam, semelhantes a biólogos submarinos em busca de vida. Este era o território do pecado oculto. Oh, com que cuidado teriam todos de se equilibrar, como penas cinzentas, neste novo elemento, receosos de que o *próprio* andar pudesse ser pecaminoso, ou mesmo o acto de respirar, ou simplesmente o de jejuar!

E ali estava o presidente da câmara da Primeira Cidade, vindo ao encontro deles com a mão esticada.

— Em que posso ser útil, padre Peregrine?

— Gostaríamos de saber tudo sobre os marcianos. Só assim poderemos organizar inteligentemente a nossa Igreja. Têm, porventura, três metros de altura? Em caso afirmativo, construiremos portas altas. Têm uma cor de pele azul ou vermelha ou verde? Precisamos de saber isso para que, no momento de introduzir figuras humanas nos vitrais, possamos usar a cor de pele certa. São pesados? Construiremos bancos resistentes para eles.

— Padre — disse o presidente da câmara —, penso que não se devem preocupar com os marcianos. Há duas espécies. Uma está praticamente extinta, restando apenas uns poucos sobreviventes que vivem escondidos. E a segunda... bem, a segunda espécie não é propriamente humana.

— Como assim? — O coração do padre Peregrine começou a bater mais depressa.

— São globos luminosos, padre, que vivem naquelas colinas. Homens

ou animais, não se sabe ao certo. Mas ouvi dizer que agem de forma inteligente. — O presidente da câmara encolheu os ombros. — É evidente que não são seres humanos, e por isso não me parece que se devam preocupar...

— Pelo contrário — atalhou, de imediato, o padre Peregrine. — Disse «inteligente»?

— Conta-se uma história. Um prospector partiu uma perna naquelas colinas e teria morrido lá. No entanto, as esferas azuis compostas de luz aproximaram-se dele. Quando recuperou os sentidos, encontrava-se numa estrada e não sabia como ali tinha chegado.

— Estava bêbado — disse o padre Stone.

— É esta a história — disse o presidente da câmara. — Padre Peregrine, com a maioria dos marcianos morta, e existindo apenas estas esferas azuis, julgo sinceramente que ficariam melhor na Primeira Cidade. Marte está a expandir-se. Hoje em dia, é uma fronteira, como nos velhos tempos na Terra o eram o Oeste e o Alasca. Os homens estão a começar a chegar em grande número. Na Primeira Cidade, há cerca de dois mil mineiros, operários e mecânicos irlandeses morenos que precisam de ser salvos, porque vieram com eles demasiadas mulheres perversas e há demasiado vinho marciano com dez séculos...

O padre Peregrine contemplava as suaves colinas azuis.

— E então, padre? — perguntou o padre Stone, após aclarar a voz.

O padre Peregrine não ouviu.

— Esferas de *fogo* azul?

— Sim, padre.

— Ah — suspirou o padre Peregrine.

— Balões azuis. — O padre Stone abanou a cabeça. — Um circo!

O padre Peregrine sentiu os pulsos a latejar. Estudou a pequena cidade de fronteira, envolta no pecado recente e em bruto, e estudou as colinas, tão antigas como o mais antigo — e talvez para ele o ainda mais novo — pecado.

— Caro presidente, poderão os seus trabalhadores irlandeses

morenos ficar mais um dia a assar no fogo do Inferno?

— Vou virá-los e regá-los com molho para si, padre.

O padre Peregrine acenou com a cabeça para as colinas.

— Então, é para ali que iremos.

Houve um murmúrio colectivo.

— Seria mais simples — explicou o padre Peregrine — seguirmos para a cidade. Contudo, prefiro pensar que, se o Senhor aqui estivesse e alguém afirmasse: «Eis o caminho batido», Ele responderia: «Mostrai-me o terreno de ervas daninhas. Eu *farei* o caminho.»

— Mas...

— Padre Stone, pense no fardo que seria para nós se passássemos por pecadores e não estendêssemos as nossas mãos.

— Mas estamos a falar de globos de fogo!

— Imagino que o homem tenha parecido esquisito aos outros animais quando apareceu pela primeira vez. No entanto, ele tinha uma alma, apesar de toda a sua simplicidade. Até prova em contrário, vamos assumir que essas esferas ígneas têm almas.

— Muito bem — concordou o presidente da câmara —, mas voltarão para a cidade.

— Veremos. Primeiro, o pequeno-almoço. Depois, o padre Stone e eu iremos sozinhos até às colinas. Não quero assustar esses marcianos inflamados com máquinas ou multidões. Tomamos o pequeno-almoço?

Os padres comeram em silêncio.

Ao cair da noite, o padre Peregrine e o padre Stone encontravam-se no topo das colinas. Pararam e sentaram-se numa rocha para desfrutar de um momento de descanso e espera. Os marcianos ainda não tinham aparecido e ambos se sentiram vagamente desapontados.

— Gostava de saber... — O padre Peregrine limpou o rosto. — Se gritássemos «Olá!», acha que eles responderiam?

— Padre Peregrine, não é capaz, por uma vez, de levar as coisas a sério?

— Não até que Deus o faça. Ah, não fique com esse ar tão chocado, por favor. O Senhor não é sisudo. Na realidade, é um pouco difícil saber o que Ele é além do Seu amor. E o amor está relacionado com o humor, não está? Bem vistas as coisas, não podemos amar alguém que não suportamos, pois não? E não conseguimos suportar uma pessoa a não ser que nos possamos rir dela, não é verdade? E, sendo certo que não passamos de pequenos animais ridículos a chafurdar numa taça de caramelo mole, Deus deve amar-nos ainda mais porque apelamos ao Seu sentido de humor.

— Nunca *pensei* em Deus como sendo bem-humorado — confessou o padre Stone.

— O Criador do ornitorrinco, do camelo, da avestruz e do homem? Oh, deixe-se disso! — disse o padre Peregrine, rindo-se.

Todavia, nesse instante, vindos do meio das colinas crepusculares, como uma série de lâmpadas azuis acesas que iluminavam o caminho, chegaram os marcianos.

O padre Stone foi o primeiro a avistá-los.

— Olhe!

O padre Peregrine virou-se e o riso desapareceu da sua boca.

Os globos azuis de fogo pairavam entre as estrelas brilhantes, que piscavam ao longe.

— Monstros! — O padre Stone levantou-se de um salto.

Mas o padre Peregrine deteve-o.

— Espere!

— Devíamos ter ido para a cidade!

— Não. Escute, veja! — pediu o padre Peregrine.

— Tenho medo!

— Não tenha. Estamos perante uma obra de Deus!

— Do Demónio!

— Não, ora essa, acalme-se!

O padre Peregrine tranquilizou-o e ambos se baixaram, recebendo a suave luz azul nos rostos virados para cima quando os globos ígneos se aproximaram.

«Outra vez a Noite da Independência», pensou o padre Peregrine, estremecendo. Sentiu-se de novo uma criança de regresso àquelas noites do 4 de Julho em que o céu era rasgado por estrelas de pólvora e estrondos flamejantes, com os abalos a fazer as janelas das casas oscilar como gelo em mil lagos superficiais. As tias, os tios, os primos a gritar «Ah!», como que a um médico celestial. As cores do céu de Verão. E os Balões de Fogo, acesos por um avô indulgente, apoiados nas suas mãos enormes e ternas. Oh, a recordação daqueles belos Balões de Fogo, suavemente iluminados, com pedaços de tecido semelhantes a asas de insectos vivos, guardados em caixas como vespas dobradas e, por fim, depois do dia de comoção e festa, finalmente retirados das caixas, delicadamente desdobrados, azuis, vermelhos, brancos, patrióticos — os Balões de Fogo! Viu os rostos esbatidos de familiares queridos há muito mortos e cobertos de musgo, enquanto o avô acendia a pequena vela e permitia que o ar quente se elevasse para preencher o balão luminoso nas suas mãos, uma visão fúlgida a que eles se agarravam, relutantes em deixá-lo partir, já que, uma vez largado, era outro ano que se ia, outro 4 de Julho, outro pedaço de Beleza desaparecido. E, cada vez mais altos, subindo através das constelações das quentes noites de Verão, os Balões de Fogo vagueavam, seguidos por olhos patrióticos, sem palavras, a partir dos alpendres das casas de família. Afastando-se na direcção do interior profundo do Illinois, passando sobre rios nocturnos e mansões adormecidas, os Balões de Fogo iam diminuindo de tamanho, até que desapareciam para sempre…

O padre Peregrine sentiu os olhos inundados de lágrimas. Por cima dele, pairavam os marcianos — não um, mas *mil* Balões de Fogo sussurrantes, ou assim parecia. A qualquer momento, poderia sentir junto de si o querido avô, há muito falecido, de olhos postos na Beleza.

Mas quem o interpelou foi o padre Stone.

— Vamos embora, por favor, padre!

— Tenho de falar com eles.

O padre Peregrine avançou, sem saber o que dizer, pois o que sempre dissera aos Balões de Fogo do passado fora apenas na sua mente — «és lindo, és lindo» —, e isso agora não bastava. Apenas pôde erguer os braços pesados e gritar, como tantas vezes quis fazer aos Balões de Fogo encantados.

— Viva!

Mas as esferas ígneas apenas ardiam como imagens num espelho escuro. Pareciam fixas, gasosas, milagrosas, eternas.

— Viemos com Deus — disse o padre Peregrine para o céu.

— Ridículo, ridículo, ridículo. — O padre Stone mordia as costas das mãos. — Em nome de Deus, padre Peregrine, pare!

Naquele instante, porém, as esferas fosforescentes afastaram-se no vento para as colinas. Desapareceram num instante.

O padre Peregrine voltou a gritar e o eco desse último apelo sacudiu as colinas. Quando se virou, viu uma avalancha sacudir o pó, fazer um compasso de espera e depois, como uma trovoada de rodas de pedra, rolar pela montanha abaixo na direcção deles.

— Veja só o que fez! — gritou o padre Stone.

O padre Peregrine estava quase fascinado, mas logo ficou horrorizado. Virou-se, sabendo que só conseguiriam correr alguns metros antes que as pedras os esmagassem. Teve tempo de sussurrar um «Oh, Deus!» e, então, as pedras caíram!

— Padre!

Foram separados como o trigo do joio. Houve um tremeluzir azul de globos, uma deslocação de estrelas frias, um bramido, e, de seguida, deram por si mesmos numa elevação de terreno a setenta metros de distância a olhar para o sítio onde os seus corpos teriam ficado enterrados sob toneladas de pedra.

A luz azul evaporara-se.

Os dois padres agarraram-se um ao outro.

— Que aconteceu?

— Os fogos azuis levantaram-nos!

— Fugimos, *foi* isso!

— Não, os globos salvaram-nos.

— Não podiam.

— Sim, *salvaram*.

O céu estava vazio. Por momentos, foi como se um enorme sino tivesse parado de tocar e as suas reverberações ainda se fizessem sentir nos dentes e nas medulas de ambos.

— Vamos embora daqui. Ainda fará com que nos matem.

— Deixei de temer a morte há muitos anos, padre Stone.

— Não provámos nada. Aquelas luzes azuis fugiram ao primeiro grito. É inútil.

— Não. — O padre Peregrine fora invadido por um encanto obstinado. — De algum modo, salvaram-nos. E isso prova que têm almas.

— Prova apenas que *talvez* nos tenham salvado. Foi tudo muito confuso. Talvez tenhamos escapado pelos nossos próprios pés.

— Eles não são animais, padre Stone. Os animais não salvam vidas, principalmente as de estranhos. Há aqui misericórdia e compaixão. É possível que amanhã consigamos provar mais alguma coisa.

— Provar o quê? Como? — O padre Stone sentia-se extremamente cansado; a afronta à sua mente e ao seu corpo surgiu-lhe no rosto tenso. — Vamos segui-los em helicópteros, enquanto lhes lemos capítulos e versículos? Não são humanos. Não têm olhos nem ouvidos nem corpos como os nossos.

— Mas eu sinto algo em relação a eles — replicou o padre Peregrine. — Sei que estamos na iminência de uma grande revelação. Salvaram-nos. É sinal de que *pensam*. Fizeram uma escolha entre duas possíveis: deixar-nos viver ou morrer. Esse facto prova a existência de livre-arbítrio!

O padre Stone começou a fazer uma fogueira, irritando-se com os paus que tinha nas mãos e tossindo com o fumo cinzento.

— Quanto a mim, penso abrir um convento para crias de ganso, um mosteiro para porcos piedosos, e construirei uma abside num microscópio para que as paramécias possam assistir aos serviços

religiosos e rezar o terço com os seus flagelos.

— Oh, padre Stone!

— Peço-lhe perdão. — O padre Stone, do outro lado da fogueira, piscou os olhos vermelhos. — Mas isto é como abençoar um crocodilo antes de ele nos devorar. Está a pôr em risco toda a expedição missionária. O nosso lugar é na Primeira Cidade, onde devemos ajudar os homens, lavando-lhes o álcool das gargantas e o perfume das mãos!

— Não consegue reconhecer o humano no inumano?

— Prefiro dedicar-me a reconhecer o inumano no humano.

— E se eu provar que estes seres pecam, conhecem o pecado, conhecem a vida moral, têm livre-arbítrio e intelecto, padre Stone?

— Vai precisar de muito para me convencer.

A noite tornou-se rapidamente fria e eles ficaram a contemplar a fogueira, absortos nos seus pensamentos mais extravagantes, enquanto comiam biscoitos e bagas. Pouco depois, prepararam-se para dormir sob as estrelas harmoniosas. Antes de se virar uma última vez, o padre Stone, que estivera a pensar durante muitos minutos em algo que pudesse aborrecer o padre Peregrine, olhou para o suave leito de carvão rosado e disse:

— Não houve Adão e Eva em Marte. Nem Pecado Original. Talvez os marcianos vivam num estado de graça divina. Nesse caso, poderemos voltar para a cidade e começar a instruir os Homens da Terra.

O padre Peregrine lembrou-se de dizer uma pequena oração pelo padre Stone, que ficara muito irritado e agora se mostrava vingativo, Deus o ajudasse.

— Sim, padre Stone, mas os marcianos mataram alguns dos nossos colonos. Portanto, pecaram. Devem ter existido um Pecado Original e um Adão e Eva marcianos. Encontrá-los-emos. Infelizmente, seja qual for a sua forma, os homens são homens, o que significa que têm uma inclinação para o pecado.

Como resposta, o padre Stone fingiu estar a dormir.

O padre Peregrine não fechou os olhos.

Evidentemente, não deviam deixar que aqueles marcianos fossem para o Inferno, pois não? Com que peso na consciência poderiam voltar para as novas cidades coloniais, aquelas cidades tão cheias de gargantas pecadoras e mulheres de olhares lampejantes e corpos brancos como ostras que foliavam em camas e com trabalhadores solitários? Por outro lado, não seria esse o lugar dos padres? Não seria esta ida às colinas um mero capricho pessoal? Estaria realmente a pensar na Igreja do Senhor ou a tentar saciar a sua infindável curiosidade? Aqueles globos azuis do Fogo de Santo António — como ardiam na sua mente! Que desafio, encontrar o homem por detrás da máscara, o humano por detrás do inumano. Não ficaria orgulhoso se pudesse dizer, nem que fosse apenas no seu íntimo, que convertera uma gigantesca e giratória mesa de bilhar cheia de esferas ígneas? Que pecado de soberba! Impunha-se a penitência! Mas, pensando melhor, muitas acções orgulhosas eram levadas a cabo por Amor, e ele amava tanto o Senhor e sentia-se tão feliz por isso que desejava que todos fossem felizes também.

A última coisa que viu antes de adormecer foi o regresso dos fogos azuis, como uma esquadrilha de anjos em chamas que cantavam serenamente para o apaziguar no seu descanso preocupado.

Os arredondados sonhos azuis ainda se encontravam no céu quando o padre Peregrine acordou de madrugada.

O padre Stone dormia tranquilo como uma trouxa imóvel. O padre Peregrine observou os marcianos que flutuavam e o observavam. Eram humanos — tinha a certeza disso. Não obstante, precisava de o provar; caso contrário, teria de enfrentar um bispo de boca seca e *olhos secos* que lhe pediria gentilmente para se afastar.

Mas como seria possível provar tal humanidade se eles se escondiam nas altas abóbadas do céu? Como trazê-los para mais perto e, desse modo, dar resposta às inúmeras perguntas?

— Salvaram-nos da avalancha.

O padre Peregrine levantou-se, afastou-se pelo meio das rochas e

começou a subir a colina mais próxima, até chegar a um sítio onde o terreno caía a pique para uma base plana, sessenta metros mais abaixo. Sentia-se sufocar devido à subida vigorosa no ar gelado. Parou e recuperou o fôlego.

— Se caísse daqui, certamente morreria.

Pegou num seixo e atirou-o. Momentos depois, o seixo produziu um estalido ao bater nas rochas lá em baixo.

— O Senhor jamais me perdoaria.

Atirou outro seixo.

— Não seria suicídio, pois não, se o fizesse por Amor?

Levantou os olhos para as esferas azuis.

— Mas, antes disso, uma nova tentativa. — Gritou-lhes: — Olá, viva!

Os ecos sobrepuseram-se uns aos outros, mas os fogos azuis não piscaram nem se mexeram.

Então, falou-lhes durante cerca de cinco minutos. Quando parou, olhou para baixo e viu o padre Stone, ainda indignamente adormecido no pequeno acampamento.

— Tenho de provar tudo. — O padre Peregrine aproximou-se da orla do penhasco. — Sou um velho. Não tenho medo. Compreenderá o Senhor que estou a fazer isto por Ele.

Respirou fundo. Viu a sua vida inteira passar-lhe diante dos olhos e pensou: «Estarei morto dentro de momentos? Receio que ame demasiado a vida. Mas amo ainda mais as coisas.»

E, impelido por este pensamento, saltou do penhasco.

Caiu.

— Idiota! — gritou, entre cambalhotas. — Estavas errado! — As rochas precipitaram-se ao seu encontro e viu-se esmagado contra elas, enviado desta para melhor. — Porque fiz isto?

No entanto, sabia a resposta e, instantes depois, estava calmo enquanto caía. O vento rugia à sua volta e os rochedos precipitavam-se ao seu encontro.

E deu-se então uma deslocação de estrelas, um bruxulear de luz azul, e sentiu-se rodeado por uma vaga azulada e em suspensão.

Pouco depois, foi depositado, com um solavanco suave, sobre as rochas, onde se deixou ficar sentado algum tempo, vivo e a apalpar-se e a olhar para cima, para aquelas luzes azuis que tinham recuado de imediato.

— Salvaram-me! — sussurrou. — Não me deixaram morrer. Sabiam que era errado.

Correu para o padre Stone, que continuava a dormir em sossego.

— Padre, padre, acorde! — Abanou-o até o despertar. — Padre, eles salvaram-me!

— Quem o salvou? — O padre Stone pestanejou e sentou-se.

O padre Peregrine relatou-lhe a experiência por que acabara de passar.

— Um sonho, um pesadelo; volte a dormir — disse o padre Stone, irritado. — Já chega desses seus balões de circo.

— Mas eu estava acordado!

— Pronto, pronto, padre, acalme-se. Já passou.

— Não acredita em mim? Tem uma arma? Tem, sim, dê-ma.

— Que vai fazer?

O padre Stone entregou-lhe a pequena pistola que tinham trazido como protecção contra cobras e outros animais semelhantes e imprevisíveis.

— Vou prová-lo — disse o padre Peregrine, agarrando na pistola.

Apontou-a à própria mão e disparou.

— Pare!

Houve uma fulguração e diante dos olhos de ambos a bala *parou* no ar, suspensa a pouco mais de dois centímetros da palma da mão aberta. Pairou por um instante, envolta numa fosforescência de tons azuis, e depois, sibilando, caiu sobre a poeira do chão.

O padre Peregrine disparou a arma mais três vezes: à mão, à perna e ao corpo. As três balas ficaram a pairar, cintilaram e, como insectos mortos, caíram aos seus pés.

— Está a ver? — perguntou o padre Peregrine, baixando o braço e deixando que a pistola caísse junto às balas. — Eles sabem. Eles

compreendem. Não são animais. Pensam e avaliam e vivem num clima moral. Que animal me salvaria assim de mim mesmo? Nenhum animal o faria. Apenas outro ser humano, padre. Acredita agora?

O padre Stone observava o céu e as luzes azuis. Em silêncio, apoiou um dos joelhos no chão, apanhou as balas quentes e segurou-as na mão em concha. De seguida, apertou a mão com força.

O Sol levantava-se atrás deles.

— Julgo que é melhor descermos, contarmos aos outros o que aconteceu e trazê-los aqui — disse o padre Peregrine.

Quando o Sol se aproximava do seu zénite, já eles tinham feito grande parte do caminho de regresso ao foguetão.

O padre Peregrine desenhou um círculo ao centro do quadro preto.

— Este é Cristo, o Filho do Pai.

Fingiu não ouvir a forte inalação de ar por parte dos outros padres.

— Este é Cristo, em toda a Sua glória — continuou.

— Parece um problema de geometria — observou o padre Stone.

— É uma feliz comparação, uma vez que estamos a lidar com símbolos aqui. Cristo não deixa de ser Cristo, tendes de o admitir, pelo facto de ser representado por um círculo ou um quadrado. Durante séculos, a cruz simbolizou o Seu amor e o Seu sofrimento. Portanto, este círculo será o Cristo Marciano. Será assim que O traremos para Marte.

Os padres ficaram agitados e, algo rabugentos, olharam uns para os outros.

— Irmão Mathias, peço-lhe que crie, em vidro, uma réplica deste círculo, um globo, cheio de fogo brilhante. Ficará por cima do altar.

— Um vulgar truque de magia — murmurou o padre Stone.

O padre Peregrine, paciente, continuou:

— Pelo contrário. Estamos a dar-lhes Deus numa imagem compreensível. Se Cristo tivesse vindo até nós, na Terra, sob a forma de um polvo, tê-lo-íamos aceitado tão abertamente? — Abriu as mãos. — Terá sido, então, um vulgar truque de magia do Senhor enviar-nos

Jesus sob a forma de um homem? Pensais, porventura, que, depois de abençoarmos a igreja que aqui construiremos e santificarmos o seu altar e este símbolo, Cristo se recusará a habitar a forma diante de nós? Nos vossos corações, sabeis bem que Ele não se recusará.

— Mas o corpo de um animal sem alma! — disse o irmão Mathias.

— Já analisámos essa questão muitas vezes desde que regressámos esta manhã, irmão Mathias. Estes seres salvaram-nos da avalancha. Perceberam que a autodestruição era pecaminosa e impediram-na por mais de uma vez. Portanto, devemos construir uma igreja nas colinas, viver com eles, descobrir os seus próprios modos de pecar, os modos alienígenas, e ajudá-los a descobrir Deus.

Os padres não pareceram agradados com a ideia.

— É por serem tão estranhos à vista? — perguntou o padre Peregrine. — Mas o que é uma forma? Apenas uma taça para a alma ardente que Deus nos dá a todos. Se eu amanhã descobrisse que os leões-marinhos subitamente possuíam livre-arbítrio, intelecto, e sabiam evitar o pecado, sabiam o que a vida era e temperavam a justiça com piedade e a vida com amor, então construiria uma catedral submarina. E se amanhã os pardais ganhassem, milagrosamente, por vontade de Deus, almas eternas, eu transportaria uma igreja com hélio e seguiria atrás deles, pois todas as almas, independentemente da sua forma, se forem providas de livre-arbítrio e consciência dos seus pecados, arderão no Inferno, a menos que lhes sejam dadas as devidas comunhões. Do mesmo modo, não posso deixar que uma esfera marciana arda no Inferno, pois é uma esfera apenas para os meus olhos. Quando os fecho, o que fica à minha frente é uma inteligência, um amor, uma alma, e sou incapaz de a renegar.

— Mas esse globo de vidro que deseja colocar no altar — protestou o padre Stone.

— Pensai nos chineses — contrapôs o padre Peregrine, imperturbável. — Que tipo de Cristo adoram os cristãos chineses? Um Cristo oriental, naturalmente. Já todos vimos os presépios orientais.

Como está vestido Cristo? Com roupas orientais. Por onde caminha? Por cenários chineses de bambu, montanhas enevoadas e árvores retorcidas. Tem as pálpebras mais afiladas, as maçãs do rosto mais elevadas. Cada país, cada povo, acrescenta algo ao nosso Senhor. Lembro-me da Virgem de Guadalupe, amada por todo o México. Já reparastes na cor da pele dela representada nos quadros? É uma pele escura, igual à dos seus devotos. Será blasfémia? De maneira nenhuma. Não é lógico que as pessoas aceitem um Deus, por mais real que seja, de outra cor. Muitas vezes me questiono por que têm sucesso os nossos missionários em África, com um Cristo branco como a neve. Talvez se deva ao facto de o branco ser uma cor sagrada, quer se trate de albinos ou de qualquer outra forma, para as tribos africanas. Será que, com o passar do tempo, Cristo não poderá escurecer lá também? A forma não importa. O conteúdo é tudo. Não podemos esperar que estes marcianos aceitem uma forma alienígena. Teremos de lhes dar Cristo à sua própria imagem.

— Há uma falha no seu raciocínio, padre — disse o padre Stone. — Os marcianos não julgarão que estamos a ser hipócritas? Acabarão por perceber que não adoramos um Cristo redondo, globular, mas um homem com membros e uma cabeça. Como explicaremos a diferença?

— Mostrando-lhes que não existe nenhuma. Cristo preencherá qualquer recipiente que seja oferecido. Corpos ou globos, Ele estará neles, e cada um adorará a mesma coisa sob aparências diferentes. Acima de tudo, teremos de *acreditar* neste globo que daremos aos marcianos. Teremos de acreditar numa forma que não tem sentido divino para nós enquanto tal. Este esferóide *será* Cristo. E deveremos ter em consideração que, de outro modo, nós próprios, bem como a forma do nosso Cristo da Terra, não teríamos sentido, seríamos ridículos, um desperdício de material, para estes marcianos.

O padre Peregrine pousou o giz.

— Dito isto, é tempo de irmos para as colinas construir a nossa igreja.

Os padres começaram a preparar o equipamento.

A igreja não era uma igreja, mas uma área livre de pedras, um planalto numa das montanhas baixas, com o solo alisado e varrido, e um altar sobre o qual o irmão Mathias colocou o globo ígneo que construíra.

Ao fim de seis dias de trabalho, a «igreja» estava pronta.

— Que faremos com isto? — O padre Stone bateu num sino de ferro que tinham trazido. — Que significará para *eles* um sino?

— Deduzo que o trouxemos para nosso próprio conforto — admitiu o padre Peregrine. — Precisamos de alguns elementos familiares. Esta igreja assemelha-se muito pouco a uma igreja. E sentimo-nos algo deslocados aqui, até mesmo eu, porque a actividade de converter as criaturas de outro mundo é uma coisa nova. Por vezes, sinto-me um ridículo actor de teatro. E é então que rezo a Deus, para que me dê forças.

— Muitos dos padres estão infelizes. Alguns deles escarnecem de toda esta obra, padre Peregrine.

— Eu sei. Seja como for, colocaremos este sino numa pequena torre, para conforto deles.

— E quanto ao órgão?

— Será tocado na primeira missa, amanhã.

— Mas os marcianos…

— Eu sei. Mais uma vez, suponho que será para nosso próprio conforto, a nossa própria música. Daqui por pouco tempo, talvez descubramos a deles.

Na manhã de domingo, levantaram-se muito cedo e atravessaram o ar frio como fantasmas pálidos, a geada a tinir nos seus hábitos: envoltos em sons harmoniosos, sacudiam borrifos de água prateada.

— *Será* domingo aqui em Marte? — gracejou o padre Peregrine, mas, ao ver o padre Stone numa crispação nervosa, apressou-se a fechar o tema. — Talvez seja terça-feira ou quinta-feira, quem sabe? Mas não importa. É uma divagação vã. Para nós, é domingo. Vinde.

Os padres entraram na área plana e ampla da «igreja» e ajoelharam-

se. Tiritavam e tinham os lábios azulados de frio.

O padre Peregrine disse uma pequena oração e colocou os dedos frios nas teclas do órgão. A música subiu como um bando de pássaros encantadores. As teclas eram tocadas por um homem que parecia passar as mãos entre as ervas de um jardim silvestre, projectando na direcção das colinas grandes vagas de beleza.

A música acalmou o ar, que tinha o fresco odor do amanhecer, vagueou até às montanhas e sacudiu partículas minerais numa chuva poeirenta.

Os padres esperaram.

— Bem, padre Peregrine. — O padre Stone perscrutava o céu vazio onde o Sol se erguia, vermelho como uma fornalha. — Não vejo os nossos amigos.

— Deixe-me tentar mais uma vez — disse o padre Peregrine, transpirando.

Construiu, então, uma arquitectura de Bach, cada pedra mais delicada do que a anterior, erguendo uma catedral de música tão vasta que os seus coros mais distantes ficavam em Nínive e a cúpula mais longínqua ficava na mão esquerda de São Pedro. A música demorou-se e não ruiu quando terminou, mas dividiu-se numa série de nuvens brancas e foi levada para outras paragens.

O céu continuava vazio.

— Eles virão! — Mas o padre Peregrine sentia o pânico no peito, muito pequeno, a crescer. — Rezemos. Peçamos-lhes que venham. Eles lêem os pensamentos, eles *sabem*.

Entre ruflos e murmúrios, os padres baixaram-se mais uma vez e rezaram.

E, vindos de leste, saindo das montanhas geladas das sete da manhã de domingo, ou talvez de quinta-feira ou segunda-feira em Marte, surgiram os suaves globos ígneos.

Pairaram, mergulharam e ocuparam a área em torno dos trémulos padres.

— Obrigado, oh, obrigado, Senhor.

O padre Peregrine fechou os olhos com convicção, tocou a música e, quando terminou, voltou-se e admirou a sua assombrosa congregação.

E uma voz tocou-lhe na mente, uma voz que lhe disse:

— Viemos por pouco tempo.

— Podeis ficar — disse o padre Peregrine.

— Apenas por uns instantes — disse a voz, serenamente. — Viemos transmitir algumas coisas. Devíamos ter falado mais cedo. Mas esperávamos que seguísseis o vosso caminho se vos deixássemos sozinhos.

O padre Peregrine começou a falar, mas a voz fê-lo calar.

— Nós somos os Antigos — disse a voz, entrando nele como um facho gasoso azulado que ardia nas câmaras da sua cabeça. — Somos os antigos marcianos que abandonaram as cidades de mármore e foram para as colinas, renunciando à vida material que tinham tido. Foi há muitas eras, portanto, que nos transformámos nestas coisas que somos hoje. Em tempos, fomos homens, com corpos, pernas e braços como os vossos. Reza a lenda que um de nós, um homem bom, descobriu uma forma de libertar a alma e o intelecto, de os libertar das doenças e melancolias do corpo, das mortes e transfigurações, dos maus humores e senilidades, pelo que pudemos assumir a aparência do relâmpago e do fogo azul, passando a viver, desde então e para sempre, nos ventos, nos céus e nas colinas, nem orgulhosos nem arrogantes, nem ricos nem pobres, nem apaixonados nem frios. Passámos a viver separados daqueles que deixámos para trás, os outros homens deste mundo, e não nos lembramos já do modo como nos transformámos nestes seres, uma vez que o processo se perdeu. No entanto, jamais morreremos ou praticaremos o mal. Abandonámos os pecados do corpo e vivemos na graça de Deus. Não cobiçamos bens alheios e não temos bens próprios. Não roubamos, não matamos, não nos entregamos à luxúria, não odiamos. Vivemos felizes. Não nos podemos reproduzir. Não comemos nem bebemos nem guerreamos. Despimo-nos de todas as sensualidades,

infantilidades e pecados carnais quando abandonámos os nossos corpos. Deixámos para trás o pecado, padre Peregrine, e ele viu-se queimado como as folhas na cesta de vime do Outono, desapareceu como a neve suja de um Inverno rigoroso, desapareceu como as flores sexuais de uma Primavera vermelha e amarela, desapareceu como as noites ofegantes do Verão mais quente, e as nossas estações são temperadas e o nosso clima é rico em reflexão.

O padre Peregrine estava agora de pé, pois a voz tocava-o com tal intensidade que quase o fizera endoidecer. Era percorrido por um êxtase e por um fogo.

— Queremos transmitir que agradecemos o facto de terdes construído este lugar para nós, embora não necessitemos dele, visto cada um de nós ser um templo em si mesmo e não precisarmos de lugares de purificação. Perdoai-nos por não termos vindo mais cedo, mas vivemos separados e em pontos diferentes. Há dez mil anos que não falamos com ninguém, nem interferimos de maneira nenhuma na vida deste planeta. Ocorreu-lhe agora que somos os lírios do campo: não trabalhamos nem fiamos. Tem razão. E por isso sugerimos que leveis os elementos deste templo para as vossas novas cidades e que as purifiqueis. Quanto a nós, ficai tranquilos, pois somos felizes e estamos em paz.

Os padres estavam de joelhos no meio da imensa luz azul, juntamente com o padre Peregrine, que também se ajoelhara, e choravam, e não importava o tempo que tinham desperdiçado; para eles, não importava mesmo nada.

As esferas azuis murmuraram e começaram a subir novamente numa corrente de ar frio.

— Poderei — gritou o padre Peregrine, quase sem coragem de terminar a pergunta, com os olhos fechados —, poderei voltar um dia para aprender convosco?

Os fogos azuis resplandeceram. O ar tremeu.

Sim. Um dia, poderia voltar. Um dia.

Então, os Balões de Fogo afastaram-se e desapareceram, deixando-

o num estado semelhante ao de uma criança, de joelhos, com os olhos inundados de lágrimas e a choramingar:

— Voltai, voltai!

Parecia que, a qualquer momento, o avô poderia pegar nele e levá-lo pelas escadas até ao quarto de uma cidade no Ohio há muito desaparecida.

Ao pôr-do-sol, em fila, desceram as colinas. Ao olhar para trás, o padre Peregrine viu as chamas dos fogos azuis. «Não», pensou ele, «não conseguiríamos ter construído uma igreja para seres como vós. Vós sois a própria Beleza. Que Igreja poderia competir com os fogos-de-artifício da alma pura?»

O padre Stone caminhava em silêncio ao lado dele. Por fim, disse:

— A meu ver, há uma Verdade em cada planeta. E são todas partes constituintes da Grande Verdade. Um dia, todas se encaixarão como as peças de um quebra-cabeça. Esta foi uma experiência transformadora. Nunca mais duvidarei, padre Peregrine. Pois esta Verdade é tão autêntica como a Verdade da Terra, e ambas se encontram lado a lado. Mais tarde, iremos a outros planetas e continuaremos a compor a soma das partes da Verdade, até que, um dia, a Totalidade aparecerá à nossa frente como a luz de um novo dia.

— Isso é muito, vindo de si, padre Stone.

— De certo modo, lamento que tenhamos de descer à cidade para ajudar a nossa espécie. Aquelas luzes azuis, quando ficaram a pairar sobre nós, e aquela *voz*...

O padre Stone sentiu um calafrio. O padre Peregrine estendeu a mão para lhe pegar no braço. Caminharam juntos.

— Sabe — concluiu o padre Stone, fixando os olhos no Irmão Mathias, que caminhava mais à frente carregando a esfera de vidro ternamente nos braços, a esfera de vidro cuja luz azulada fosforescente brilharia para sempre dentro dela —, sabe, padre Peregrine, aquele globo ali...

— Sim?

— É Ele. Afinal de contas, *é* Ele.

O padre Peregrine sorriu, e continuaram a descer as colinas rumo à nova cidade.

Fevereiro de 2034
ÍNTERIM

Trouxeram quinze mil pés de tábua de pinho do Oregon e setenta e nove mil de sequóia da Califórnia para construírem a Décima Cidade, uma pequena povoação limpa e bonita junto aos canais de pedra. Nas noites de domingo, era possível ver a luz vermelha, azul e verde dos vitrais das igrejas e ouvir as vozes que cantavam os hinos numerados: «Cantemos agora o setenta e nove»; «Cantemos agora o noventa e quatro.» E, em certas casas, ouvia-se a batida forte de uma máquina de escrever, o romancista a trabalhar; ou o arranhar de uma caneta, o poeta a trabalhar; ou nenhum som, o antigo vagabundo a trabalhar. Em muitos aspectos, era como se um grande terramoto tivesse arrancado as raízes e os alicerces de uma cidade do Iowa e depois, num abrir e fechar de olhos, um tornado de proporções dignas de Oz tivesse transportado a cidade inteira para Marte, pousando-a sem um único solavanco…

Abril de 2034
OS MÚSICOS

Os rapazes costumavam fazer caminhadas até ao profundo território marciano. Levavam sacos de papel perfumados, nos quais, de vez em quando, durante esses longos passeios, enfiavam os narizes para sentir o odor intenso do presunto e dos picles com maionese, bem como o borbulhar da laranjada nas garrafas mornas. Balançando os sacos cheios de cebolas verdes suculentas, chouriços de fígado aromáticas, molho de tomate vermelho e pão branco, desafiavam-se uns aos outros para ultrapassar os limites estabelecidos pelas mães austeras. Corriam a gritar:

— O primeiro a chegar dá o pontapé de partida!

Davam passeios no Verão, no Outono e no Inverno. No Outono era mais divertido, porque imaginavam que corriam entre as folhas secas, como na Terra.

Caminhavam como um conjunto de seixos espalhados pelas planícies de mármore junto aos canais, os rapazes de faces rosadas e olhos azuis como ágatas, ofegando ordens com um bafo a cebola. Ao chegarem à cidade proibida, já não era uma questão de gritarem «O último a chegar é uma menina!» ou «O primeiro a chegar pode fazer de Músico!», uma vez que as portas da cidade morta estavam escancaradas e eles acreditavam poder ouvir os mais ténues estalidos, como folhas de Outono, no interior. Entre exigências de silêncio, avançavam colados uns aos outros com paus nas mãos, lembrando-se do que os pais lhes tinham dito: «Para lá, não! Nem para nenhuma das cidades antigas! Se não tiveres cuidado por onde andas, chegas a casa e apanhas a tareia da tua vida. Vamos inspeccionar-te os sapatos!»

E lá estavam eles na cidade morta, um bando de rapazes, com os lanches meio devorados, que se desafiavam uns aos outros através de sussurros agudos.

— Aqui vou eu!

E, de repente, um deles arrancava a correr em direcção à casa de pedra mais próxima, atravessava a porta de entrada, cruzava a sala e entrava num dos quartos, onde, quase sem olhar, começava a pontapear tudo em redor. Ao arrastar os pés, fazia com que as folhas escuras voassem pelo ar, frágeis e finas como pedaços de tecido cortados ao céu nocturno. Atrás dele, corriam seis outros rapazes, e o primeiro seria o Músico, tocando o xilofone de ossos brancos por baixo da cobertura de flocos negros. Por vezes, uma grande caveira aparecia a rolar, semelhante a uma bola de neve, e eles punham-se a gritar. As costelas pareciam pernas de aranha, plangentes como uma harpa abafada, e os flocos negros da mortalidade rodopiavam à volta deles numa dança desordenada; os rapazes puxavam-se, empurravam-se e caíam sobre as folhas, no meio daquela morte que transformara os mortos em flocos secos, numa brincadeira de rapazes em cujos estômagos borbulhava laranjada.

E depois avançavam para a casa seguinte, para mais dezassete casas, sabendo que cada uma das cidades, por sua vez, seria incendiada e purificada dos seus horrores pelos Bombeiros, guerreiros anti-sépticos com pás e caixotes que removiam farrapos de ébano e ossos idênticos a bengalas doces de hortelã-pimenta, separando lentamente, mas com convicção, o terrível do normal. Portanto, como os Bombeiros não tardariam a chegar, os rapazes tinham de brincar depressa!

Por fim, reluzentes de suor, comiam o resto das sanduíches. Com um último pontapé, um último concerto de marimba, uma última investida outonal aos montes de folhas, regressavam a casa.

As mães examinavam-lhes os sapatos em busca de pequenos flocos negros que, quando descobertos, resultavam em banhos escaldantes e sovas paternais.

No final desse ano, os Bombeiros tinham já recolhido as folhas de Outono e os xilofones brancos, pondo fim à diversão.

Maio de 2034
O DESERTO

Oh, o Bom Tempo chegou finalmente...

Anoitecia, e Janice e Leonora faziam as malas na casa de Verão, entoando canções, comendo aos poucos e apoiando-se uma na outra sempre que sentiam necessidade disso. Mas nunca olhavam para a janela através da qual a noite se adensava e as estrelas surgiam brilhantes e frias.

— Escuta! — disse Janice.

Parecia o som de um barco a vapor a descer o rio, mas era um foguetão no céu. E mais longe — seriam banjos a tocar? Não, eram apenas os grilos de uma noite de Verão do ano de 2034. Dez mil sons respiravam através da cidade e do tempo que se fazia sentir. Janice, com a cabeça curvada, ouvia-os. Há muito, muito tempo, em 1849, aquela mesma rua exalara as vozes de ventríloquos, pregadores, videntes, bobos, intelectuais, jogadores, reunidos naquela mesma Independence, no Missouri. Esperavam que a terra húmida secasse e que as ervas dos campos alagados crescessem fortes o suficiente para suportar o peso das charretes e das carroças, dos seus destinos e sonhos indiscriminados.

Oh, o Bom Tempo chegou finalmente,
Para Marte partiremos, Senhor,
Cinco mil mulheres no Céu,
Que sementeira primaveril,
Senhor!

— É uma velha canção do Wyoming — disse Leonora. — Com uma

pequena alteração na letra, é perfeita para 2034.

Janice pegou numa caixa de fósforos de comprimidos alimentares, calculando o peso das coisas transportadas naquelas carroças de eixos e camas altas. Tonelagens incríveis por cada homem, por cada mulher! Presuntos, toucinhos fumados, açúcar, sal, farinha, frutos secos, pão, ácido cítrico, água, gengibre, pimenta — uma lista tão extensa quanto a terra! No entanto, ali, naquele tempo, alguns comprimidos que cabiam num relógio de pulso conseguiam servir de alimento não só de Fort Laramie a Hangtown, mas através de um deserto de estrelas.

Janice abriu por completo a porta do armário e quase gritou.

A escuridão, a noite e os espaços entre as estrelas miraram-na.

Muitos anos antes, tinham acontecido duas coisas. A irmã fechara-a, aos gritos, num armário. E, numa festa, enquanto jogava às escondidas, atravessara a cozinha a correr e entrara num corredor escuro. Mas não era um corredor. Era um vão de escada não iluminado, de um negrume devorador. Correra até ficar sem chão. Pedalara com os pés no ar, gritara e caíra. Caíra na escuridão da meia-noite. Na cave. Levara muito tempo, uma batida do coração, a cair. E ficara a asfixiar naquele armário durante muito, muito tempo, sem a luz do dia, sem amigos, sem ninguém que ouvisse os seus gritos. Longe de tudo, presa na escuridão. A cair na escuridão. Aos gritos!

As duas memórias.

Naquele dia, com a porta do armário aberta por completo, com a escuridão como uma capa de veludo pendurada à frente dela para ser acariciada por mãos trémulas, ou como uma pantera negra a respirar ali tão perto, a fitá-la de olhos apagados, as duas memórias saltaram subitamente lá de dentro. O espaço e uma queda. O espaço e a sensação de estar presa, aos gritos. Ela e Leonora a trabalhar sem distracções, ambas de volta das malas, com cuidado para não olhar pela janela, na direcção da assustadora Via Láctea — apenas para ter o há muito familiar armário, com a sua noite privada, a lembrá-las,

finalmente, do seu destino.

Era assim que seria lá fora, a deslizar para as estrelas, durante a noite, no grande e assustador armário negro, aos gritos, mas sem ninguém que as ouvisse. Sempre a cair entre nuvens de meteoros e cometas ímpios. Pelo poço do elevador. Pela calha do carvão até ao grande vazio.

Gritou. Nenhum som lhe saiu pela boca. Ficou preso entre o peito e a cabeça. Gritou. Bateu com a porta do armário! Encostou-se a ela! Sentiu o respirar lamurioso da escuridão junto à porta e segurou-a com força, os olhos a encherem-se-lhe de lágrimas. Ficou naquela posição durante muito tempo, até as tremuras se dissiparem, enquanto observava Leonora a trabalhar. E a histeria, assim ignorada, definhou e, por fim, desapareceu. Um relógio de pulso impunha o seu tiquetaque, o seu nítido som de normalidade, no quarto.

— Noventa e seis *milhões* de quilómetros. — Aproximou-se finalmente da janela como se de um poço se tratasse. — Ainda não acredito que, esta noite, os homens em Marte estão a construir cidades, à nossa espera.

— A única coisa em que devemos acreditar é que temos de apanhar o nosso Foguetão amanhã.

Janice ergueu um vestido branco como um fantasma no quarto.

— Estranho, tão estranho. Casar… noutro mundo.

— Vamos para a cama.

— Não! A chamada está marcada para a meia-noite. Não ia ser capaz de adormecer, só a pensar na melhor forma de dizer ao Will que decidi apanhar o Foguetão para Marte. Oh, Leonora, pensa bem, a minha voz a viajar noventa e seis milhões de quilómetros até ele no telefone-luz. Mudei de ideias tão depressa. Estou assustada!

— A nossa *última* noite na Terra.

Agora sabiam-no realmente e aceitavam-no, o conhecimento encontrara-as: iriam partir e talvez nunca mais voltassem. Deixariam a cidade de Independence, no estado do Missouri, no continente da América do Norte, banhado por dois oceanos, o Atlântico e o Pacífico,

nenhum dos quais passível de ser arrumado nas malas de viagem. Tal conhecimento começara por gerar nelas uma sensação de pequenez, mas agora enfrentava-as. E elas ficaram quase paralisadas diante dele.

— Os nossos filhos não serão americanos, nem sequer terráqueos. Seremos todos marcianos, para o resto das nossas vidas.

— Não quero ir! — protestou Janice, subitamente. O pânico cresceu dentro dela, com gelo e fogo. — Tenho medo! O espaço, a escuridão, o foguetão, os meteoros! *Tudo* deixado para trás! Não quero passar por isso!

Leonora abraçou-a pelos ombros e embalou-a.

— É um Mundo Novo. É como nos velhos tempos. Os homens primeiro, as mulheres a seguir.

— Porquê? Porque é que eu tenho de ir? Diz-me!

— Porque — disse Leonora, por fim, calmamente, sentando-a na cama — o Will está lá em cima.

Era bom ouvir o nome dele. Janice acalmou-se.

— Estes homens dificultam tanto as coisas — comentou Leonora. — Antigamente, se uma mulher percorresse trezentos quilómetros atrás de um homem, era algo digno de registo. Depois fizeram com que passasse para mil e seiscentos quilómetros. E agora põem um universo inteiro entre nós. Mas isso não nos pode fazer desistir, pois não?

— Tenho medo de fazer figuras tristes no Foguetão.

— Farei figuras tristes contigo. — Leonora levantou-se. — Vá, vamos dar um passeio pela cidade. Vamos ver tudo uma última vez.

Janice contemplou a cidade lá fora.

— Amanhã à noite, tudo isto continuará aqui, mas nós não. As pessoas irão acordar, comer, trabalhar, dormir, acordar outra vez, mas nós não o saberemos, e elas nunca sentirão a nossa falta.

Leonora e Janice andaram à volta uma da outra como se não conseguissem encontrar a porta.

— Vamos lá.

Abriram a porta, apagaram as luzes, saíram e fecharam a porta atrás

delas.

Havia uma grande agitação no céu. Vastos movimentos floridos, enormes silvos e rodopios, uma espécie de nevasca: os helicópteros, como flocos brancos, baixavam devagar. Do Oeste e do Leste, do Norte e do Sul, chegavam mulheres aos magotes, com os corações cuidadosamente embrulhados em papel de seda nas suas malas. Por todo o céu nocturno, era possível observar a nevasca de helicópteros. Os hotéis estavam cheios, as casas particulares organizavam-se para receber hóspedes, surgiam povoações de tendas em prados e pastagens como flores estranhamente feias e, naquela noite, a cidade e o campo aqueciam mais do que pelo simples efeito do Verão. Aqueciam com os rostos rosados das mulheres e os rostos queimados pelo sol dos novos homens que observavam o céu. Para lá das colinas, os foguetões experimentavam o seu fogo, e um som, como o de um órgão gigante cujas teclas fossem premidas ao mesmo tempo, fazia tremer as janelas de cristal e todos os ossos do corpo. Sentia-se um tremor nos maxilares, nos dedos dos pés, nos dedos das mãos.

Leonora e Janice sentaram-se na drogaria entre mulheres desconhecidas.

— As senhoras são bonitas, mas têm um ar muito triste — disse o homem da máquina de bebidas.

— Dois batidos de chocolate.

Leonora sorriu por ambas, como se Janice fosse muda.

Olharam as duas para a bebida de chocolate como se esta fosse uma pintura rara num museu. Os batidos não abundariam em Marte ainda durante muitos anos.

Janice revolveu a mala, tirou relutantemente um envelope e pousou-o no balcão de mármore.

— É do Will para mim. Chegou por correio espacial há dois dias. Foi o que me fez mudar de ideias, que me fez decidir ir. Não te disse. Mas quero que o leias. Vá, lê o bilhete.

Leonora retirou o bilhete do envelope e leu-o em voz alta:

— «Querida Janice: Esta é a *nossa* casa se decidires vir para Marte.

Will.»

Leonora abriu de novo o envelope e uma fotografia colorida, brilhante, caiu em cima do balcão. Era a fotografia de uma casa, de uma casa escura, musgosa e antiga, de tom castanho-caramelo e aspecto confortável, com flores vermelhas e elegantes fetos verdes a cercá-la, bem como uma hera exuberantemente desgrenhada no alpendre.

— Mas Janice!

— Sim?

— É uma fotografia da tua casa aqui na Terra, aqui na Elm Street!

— Não. Olha com atenção.

E olharam outra vez, juntas. Em ambos os lados e atrás da casa confortável e escura, o cenário não pertencia a qualquer paisagem da Terra. O solo apresentava uma estranha tonalidade violeta, a relva era ligeiramente avermelhada, o céu brilhava como um diamante cinzento e uma árvore torcida crescia para um lado, parecendo uma velha com cristais no cabelo branco.

— É a casa que o Will construiu para mim — disse Janice — em Marte. Ajuda-me olhar para ela. Durante todo o dia de ontem, sempre que fiquei sozinha e tive oportunidade, nos momentos de maior medo e pânico, peguei nesta fotografia e pus-me a olhar para ela.

Ficaram ambas com a atenção presa na casa escura e confortável a noventa e seis milhões de quilómetros de distância, familiar mas estranha, velha mas nova, com uma luz amarela a brilhar na janela da sala da frente.

— Esse Will — disse Leonora, acenando com a cabeça — é um homem que sabe o que faz.

Terminaram as bebidas. Lá fora, uma enorme e animada multidão de desconhecidos vagueava de um lado para o outro e a «neve» continuava a cair sem parar do céu de Verão.

Compraram muitas coisas desnecessárias para levar com elas: sacos de rebuçados de limão, revistas femininas lustrosas, perfumes frágeis

(deixando que fossem os responsáveis pela pesagem das bagagens a preocupar-se mais tarde com aquilo que constituía «carga essencial»). Depois caminharam até à cidade e, não se importando com o custo, alugaram dois coletes com cinto — duas pequenas máquinas que contrariavam o efeito da gravidade e imitavam as borboletas —, pegaram nos comandos delicados e sentiram-se a flutuar sobre a cidade como duas pétalas brancas.

— Para qualquer sítio — disse Leonora —, em qualquer direcção.

Deixaram-se ir ao sabor do vento, e o vento levou-as através da noite das macieiras e da noite dos animados preparativos, por cima da bela cidade, por cima das casas de infância e de outros tempos, de escolas e avenidas, de riachos, prados e quintas tão familiares que cada grão de trigo era uma moeda dourada. Voaram como as folhas devem voar perante a ameaça de incêndio, com sussurros de aviso e relâmpagos de Verão a estalar entre as colinas onduladas. Viram as estradas de pó branco como leite no campo que, há não muito tempo, tinham sobrevoado em helicópteros iluminados pela luz da Lua, antes de descerem em grandes espirais de som para pousarem à beira de frescos ribeiros nocturnos com homens jovens que já tinham partido.

Flutuaram num enorme suspiro sobre uma cidade já tornada remota pelo pequeno espaço entre elas e a terra, uma cidade que se afastava atrás delas num rio negro e regressava numa vaga de luzes e cor, intocável e já um sonho, uma mancha de nostalgia nos olhos, um certo pânico da memória que começou a ser criada antes de o seu objecto desaparecer.

Sopradas em serenos remoinhos, viram secretamente uma centena de rostos de amigos queridos que iriam deixar para trás, pessoas que pareciam iluminadas por candeeiros, presas e emolduradas por janelas que deslizavam no vento; um périplo bafejado pelo Tempo. Não houve nenhuma árvore que não tivessem examinado à procura de antigas confissões de amor nelas esculpidas e talhadas, nenhum passeio sobre o qual não tivessem planado como que por cima de campos cobertos de neve de mica. Pela primeira vez, perceberam que

a cidade onde viviam era bela e ambas sentiram os olhos arregalados pela beleza deste festim que estavam a proporcionar a si mesmas. Tudo flutuava num carrossel crepuscular, com notas de música caprichosas a pontuar o movimento e vozes que chamavam e murmuravam a partir de casas palidamente assombradas pela televisão.

As duas mulheres passaram como agulhas, cosendo cada árvore à seguinte com o seu perfume. Tinham os olhos demasiado cheios e, ainda assim, continuavam a recolher cada detalhe, cada sombra, cada carvalho ou ulmeiro solitário, cada carro que passava nas ruas serpenteadas lá em baixo, até encherem por completo não só os olhos, mas também as cabeças e os corações.

«Sinto-me como se estivesse morta», pensou Janice, «enterrada no cemitério numa noite primaveril, e tudo o resto estivesse vivo menos eu, e todos se preparassem para seguir com as suas vidas sem mim. De certa forma, era também assim que, quando era muito nova, me sentia todas as primaveras ao passar pelo cemitério e ao chorar pelas pessoas enterradas, porque elas estavam mortas e não me parecia justo que, em noites tão agradáveis como aquelas, eu estivesse viva. Sentia-me culpada por estar viva. E agora, aqui, esta noite, sinto que me tiraram do cemitério e me deixaram sobrevoar a cidade uma última vez para poder ver como é estar vivo, como é ser uma cidade e um povo, antes de me voltarem a fechar a porta negra.»

De modo suave e delicado, idênticas a duas lanternas de papel branco numa noite de vento, as mulheres passaram por cima das suas vidas e dos seus passados, cruzando os prados onde as povoações de tendas reluziam e as estradas onde os camiões de carga se amontoavam e continuariam a passar até de madrugada. Pairaram sobre tudo isto durante muito tempo.

O relógio do tribunal batia as onze e quarenta e cinco quando elas, fazendo lembrar teias de aranha lançadas das estrelas, chegaram e tocaram o pavimento iluminado pela Lua em frente da antiga casa de Janice. A cidade dormia e a casa de Janice esperava pela vinda das

duas mulheres em busca do seu *próprio* sono, que não estava lá.

— Somos *nós*, aqui? — perguntou Janice. — Janice Smith e Leonora Holmes, no ano 2034?

— Sim.

Janice lambeu os lábios e endireitou-se.

— Preferia que fosse outro ano.

— Por exemplo, 1492 ou 1612? — Leonora suspirou e o vento suspirou nas árvores em sintonia com ela, afastando-se. — É sempre o Dia de Colombo ou o Dia de Plymouth Rock, e raios me partam se sei o que nós, mulheres, podemos fazer em relação a isso.

— Ser solteironas.

— Ou fazer exactamente aquilo que estamos a fazer.

Abriram a porta da casa aquecida pela noite e os sons da cidade começaram a morrer lentamente nos seus ouvidos. Quando fecharam a porta, o telefone começou a tocar.

— A chamada! — gritou Janice, desatando a correr.

Leonora entrou no quarto atrás dela e já Janice levantava o auscultador e dizia:

— Estou, estou!

A telefonista, numa cidade distante, preparava o complexo equipamento que ligaria os dois mundos, pelo que as duas mulheres esperaram, uma sentada e pálida, a outra de pé e não menos pálida, curvada sobre a primeira.

Houve uma longa pausa, cheia de estrelas e tempo, uma pausa de espera não muito diferente dos últimos três anos para todos eles. Todavia, o momento chegara e, agora, era a vez de Janice telefonar através de milhões e milhões de quilómetros de meteoros e cometas, fugindo do Sol amarelo que poderia ferver ou queimar as suas palavras ou chamuscar-lhes o significado, a sua voz como uma agulha de prata a perfurar tudo, em pontos de conversa, através da noite imensa, a reverberar nas luas de Marte e a apressar-se. Foi então que a voz dela encontrou o caminho até um homem num quarto de uma cidade noutro planeta, a cinco minutos de distância por rádio. E a

mensagem era esta:

— Olá, Will. Daqui é a Janice!

Engoliu em seco.

— Disseram-me que não tenho muito tempo. Um minuto.

Fechou os olhos.

— Queria falar devagar, mas disseram-me para falar depressa e ser sucinta. Por isso, quero que saibas que me decidi. Vou para aí. Viajarei amanhã no Foguetão. Sim, *vou* ter contigo. E amo-te. Espero que me possas ouvir. Amo-te. Já passou tanto tempo…

A voz de Janice deslocou-se na direcção daquele planeta oculto. No entanto, depois de enviada a mensagem, verbalizadas as palavras, desejou chamá-las de volta, para as censurar, para as reordenar, para compor um conjunto de frases mais bonitas, uma explicação mais fiel do seu estado de alma. Mas, pensou ela, as palavras já se encontravam em trânsito entre planetas e se, por uma qualquer radiação cósmica, pudessem ser capturadas pela luz, incendiadas na maravilha vaporosa do espaço, o seu amor iluminaria dezenas de mundos e despertaria o lado nocturno da Terra numa alvorada prematura. Naquele momento, as palavras já não eram suas, pertenciam ao espaço, não pertenciam a ninguém até que chegassem ao seu destino, e viajavam a trezentos mil quilómetros por segundo.

«Que me dirá ele? Que me dirá no minuto de que dispõe?», perguntou a si mesma. Mexeu no relógio, rodou-o no pulso e o auscultador do telefone-luz que mantinha encostado ao ouvido fez um estalido, deixando o espaço falar com ela através de danças eléctricas e auroras audíveis.

— Já respondeu? — murmurou Leonora.

— Chiu! — disse Janice, curvando-se, como se estivesse indisposta.

Então, a voz de Will chegou do espaço.

— Estou a ouvi-lo! — exclamou Janice.

— Que diz ele?

A voz partiu de Marte e viajou através de lugares onde não havia amanhecer ou anoitecer, apenas a noite constante com um sol no

meio da escuridão. E algures entre Marte e a Terra, o conteúdo da mensagem perdeu-se, talvez varrido por uma onda de gravidade eléctrica gerada pelo movimento de um meteoro ou interceptado por uma chuva de meteoritos prateados. Em todo o caso, as palavras pequenas e as palavras pouco importantes foram levadas para longe. E a voz dele chegou com apenas uma palavra:

— ... amor...

Depois disso, a noite imensa voltou a instalar-se e o som do movimento de estrelas, de sóis que sussurravam para si mesmos, e o batimento do coração dela, como outro mundo no espaço, encheram-lhe o auscultador.

— *Ouviste-o*? — perguntou Leonora.

Janice apenas conseguiu acenar com a cabeça.

— Que disse ele, que disse ele? — gritou Leonora.

Mas Janice não podia contar a ninguém, era demasiado bom para contar. Sentou-se a ouvir aquela palavra uma e outra vez, enquanto a memória a repetia. Ficou a ouvi-la, enquanto Leonora lhe tirava o telefone sem que ela se apercebesse e o repunha no descanso.

Pouco depois, foram para a cama e apagaram as luzes. O vento da noite espalhava pelos quartos o cheiro da longa viagem envolta em escuridão e estrelas, bem como as suas vozes, que falavam do dia seguinte e dos dias posteriores, que não seriam bem dias, mas dias-noites de tempo sem tempo. Entretanto, as vozes dissiparam-se no sono ou no pensamento vigilante, e Janice ficou deitada sozinha na cama.

Será que era assim que tudo terminava há um século, questionou-se, quando as mulheres, na véspera, se deitavam para dormir, preparadas ou não, nas pequenas cidades do Leste, e ouviam o som de cavalos na noite, o ranger das carroças *Conestoga* prontas a partir, o ruminar de bois debaixo das árvores e o choro de crianças já sozinhas antes de tempo? Todos os sons de chegadas e partidas nas florestas profundas e nos campos, enquanto os ferreiros trabalhavam

nos seus próprios infernos vermelhos até altas horas da noite? E o cheiro de toucinho fumado e presunto para a viagem, e as carroças pesadas como barcos que pareciam afundar-se sob o peso das mercadorias, com os barris de madeira a abanar e a derramar água ao longo das pradarias, e as galinhas histéricas nas suas gaiolas enfiadas por baixo dos veículos, e os cães a correr para o deserto em frente e, receosos, a regressar com expressões de espaço vazio nos olhos? Será que era assim, então, naquele tempo distante? Na orla do precipício, à beira do penhasco de estrelas. Naquele tempo, o cheiro a búfalo e, no nosso tempo, o cheiro do Foguetão. Terá sido, então, assim?

À medida que o sono ia assumindo o controlo dos seus sonhos, Janice concluiu que sim, sem dúvida, evidentemente e em definitivo, sempre fora assim e continuaria a ser assim para sempre.

2035–2036
A ATRIBUIÇÃO DOS NOMES

Chegaram às estranhas terras azuis e deram-lhes os seus nomes. Ali passaram a existir o ribeiro Hinkston, a encruzilhada Lustig, o rio Black, a floresta Driscoll, a montanha Peregrine, a cidade Wilder, todos nomes de pessoas e de coisas que as pessoas fizeram. O sítio onde os marcianos mataram os primeiros Homens da Terra foi baptizado de Cidade Vermelha, numa clara alusão ao sangue. O lugar onde a segunda expedição foi destruída ganhou o nome de Segunda Tentativa. E em cada um dos outros locais onde os homens dos foguetões queimavam a terra com os seus caldeirões ardentes foram deixados nomes como cinzas, havendo também, é claro, uma colina Spender e uma cidade Nathaniel York…

Os antigos nomes marcianos eram nomes de água, ar e colinas. Eram nomes de neves desviadas para sul pelos canais de pedra, com o intuito de encher os mares vazios. Nomes de feiticeiros selados e enterrados, torres e obeliscos. Todavia, os foguetões esmagaram tais nomes como martelos, transformando o mármore em gesso, estilhaçando os marcos de barro que identificavam as antigas cidades e assentando sobre os escombros grandes pórticos com os novos nomes: Cidade do Ferro, Cidade do Aço, Cidade do Alumínio, Vila Eléctrica, Cidade do Milho, Quinta do Grão, Detroit II, e outros nomes mecânicos e metálicos da Terra.

Após construírem e baptizarem as cidades, construíram ainda cemitérios e deram-lhes também nomes: Colina Verde, Cidade do Musgo, Colina da Bota, Breve Estada. E os primeiros mortos foram sepultados…

Mas, depois de tudo estar pregado, limpo e no seu devido lugar,

quando tudo parecia seguro e certo, quando as cidades já se encontravam bem estabelecidas e a solidão atingia níveis mínimos, começaram a vir os sofisticados da Terra. Vinham em grupos e de férias, em pequenas viagens para comprar bagatelas, tirar fotografias e sentir a «atmosfera»; vinham para estudar e aplicar as leis sociológicas; vinham com estrelas e insígnias, normas e regulamentos, trazendo alguma da burocracia que alastrara pela Terra como uma erva daninha alienígena e deixando-a crescer em Marte, onde quer que ela conseguisse criar raízes. Começaram a planear as vidas das pessoas e as bibliotecas; começaram a dar ordens e a intimidar aquelas mesmas pessoas que tinham vindo para Marte na esperança de escapar às ordens, ao controlo e à intimidação.

E era inevitável que algumas dessas pessoas acabassem por ripostar…

Abril de 2036
USHER II

— «Ao longo de um dia monótono, escuro e silencioso do Outono desse ano, em que as nuvens pairavam opressivamente baixas nos céus, eu estivera a percorrer sozinho, a cavalo, uma região singularmente lúgubre, tendo acabado por me encontrar, à medida que se aproximavam as sombras da noite, diante da melancólica Casa de Usher…»

O senhor William Stendahl interrompeu a sua citação. Ali, no topo de uma colina baixa e negra, erguia-se a Casa, com uma inscrição na pedra angular: 2036 d. C.

O senhor Bigelow, o arquitecto, disse:

— Está pronta. Aqui tem a chave, senhor Stendahl.

Os dois homens ficaram em silêncio naquela tranquila tarde de Outono. As plantas do edifício farfalhavam sobre a relva negra como um corvo junto aos seus pés.

— A Casa de Usher — disse o senhor Stendahl, satisfeito. — Planeada, construída, comprada, paga. O senhor Poe não ficaria *encantado*?

O senhor Bigelow olhou-o de soslaio.

— Corresponde ao que queria, senhor?

— Sim!

— É a cor certa? É «desolada» e «terrível»?

— *Muito* desolada, *muito* terrível!

— As paredes são… «sombrias»?

— De um modo surpreendente!

— O pequeno lago é «negro e sinistro» quanto baste?

— Incrivelmente negro e sinistro.

— E o carriço, tivemos de o tingir, não sei se sabe, tem o adequado tom de cinzento e ébano?

— É hediondo!

O senhor Bigelow consultou os seus planos arquitectónicos. Deles, citou uma parte:

— Parece-lhe que a estrutura, no seu todo, provoca um «frio glacial, um aperto no coração, uma tristeza no pensamento»? A Casa, o lago, a terra, senhor Stendahl?

— Senhor Bigelow, vale cada cêntimo! Meu Deus, é linda!

— Obrigado. Tive de trabalhar em completa ignorância. Louvado seja Deus por o senhor ter os seus foguetões privados; caso contrário, nunca teríamos conseguido trazer a maior parte do equipamento. Como poderá reparar, aqui estamos sempre no crepúsculo, sempre no mês de Outubro, nesta terra árida, estéril, morta. Foi preciso muito trabalho. Matámos tudo. Dez mil toneladas de DDT. Não sobrou uma cobra, um sapo ou uma mosca marciana! Um crepúsculo permanente, senhor Stendahl; sinto-me orgulhoso. Há máquinas, ocultas, que obscurecem o Sol. Está sempre com o devido ambiente «lúgubre».

Stendahl absorveu tudo, a monotonia, a opressão, os vapores fétidos, toda a «atmosfera», tão delicadamente concebida e ajustada. E aquela Casa! Aquele horror de ruína, aquele lago perverso, os fungos, a decadência generalizada! Artificial ou não, quem poderia adivinhar?

Olhou para o céu de Outono. Algures lá em cima, mais além, muito distante, estava o Sol. Algures em Marte, era o mês de Abril, um mês amarelo de céu azul. Algures lá em cima, os foguetões desciam em chamas para civilizar um planeta maravilhosamente morto. No entanto, o ruído estridente que faziam ao passar era abafado por este mundo sombrio e à prova de som, por este antigo mundo outonal.

— Agora que o meu trabalho está concluído — disse o senhor Bigelow, pouco confortável —, sinto necessidade de lhe perguntar o que vai fazer com tudo isto.

— Com Usher? Ainda não adivinhou?

— Não.

— O nome Usher não significa nada para si?

— Nada.

— Bem, e *este* nome: Edgar Allan Poe?

O senhor Bigelow abanou a cabeça.

— Claro — resmungou Stendahl delicadamente, numa mistura de consternação e desprezo. — Como poderia eu esperar que conhecesse o abençoado senhor Poe? Ele morreu há muito tempo, antes de Lincoln. Todos os livros que escreveu foram queimados no Grande Fogo em 2006. Já passaram trinta anos.

— Ah — disse o senhor Bigelow, sabiamente. — Era um daqueles!

— Sim, Bigelow, um daqueles. Os livros dele, de Lovecraft, de Hawthorne, de Ambrose Bierce, e todas as histórias de terror, fantasia e horror, bem como todas as histórias sobre o futuro, foram queimados. Impiedosamente. Aprovaram uma lei. Oh, começou por ser algo quase insignificante. Em 1999, era um grão de areia. Começaram por censurar os livros de banda desenhada. Depois passaram para os policiais e, claro, para os filmes, desta ou daquela inclinação, de um grupo ou de outro, guiados por parcialidades políticas, preconceitos religiosos, pressões dos sindicatos. Havia sempre uma minoria que receava alguma coisa e uma grande maioria com medo do escuro, do futuro, do passado e do presente, com medo de si mesmas e das suas próprias sombras.

— Estou a ver.

— Também tinham medo da palavra «política» (que, mais uma vez, acabou por se tornar sinónimo de «comunismo» entre os elementos mais reaccionários, segundo me foi dado conhecer, e usar esta palavra poderia custar a vida!) e, com um parafuso apertado aqui, uma porca apertada ali, um empurrão, um puxão, uma sacudidela, a arte e a literatura rapidamente se transformaram numa enorme pasta de caramelo apta a ser esticada em fios, emaranhada, entrançada, atada em nós e atirada em todas as direcções, até perder toda a resistência

e sabor. Então, quase todas as câmaras de filmar pararam de gravar e as salas de cinema ficaram às escuras, e as gráficas dos jornais, que jorravam conteúdos de leitura como se fossem as Cataratas do Niágara, passaram a um mero gotejar inócuo de material «puro». Oh, a palavra «evasão» também era radical, posso garantir-lhe!

— A sério?

— Sim! Todos os homens, diziam eles, tinham de enfrentar a realidade. Tinham de enfrentar o Aqui e Agora! Tudo o que não obedecesse a este critério teria de desaparecer! E todas as belas mentiras literárias e elevações da imaginação deviam ser abatidas em pleno voo! Por isso, alinharam-nos contra a parede de uma biblioteca numa manhã de domingo há trinta anos, em 2006; alinharam o Pai Natal, o Cavaleiro sem Cabeça, a Branca de Neve, o Anão Saltador, a Mãe Gansa… oh, tantos prantos… e abateram-nos, e queimaram os castelos de papel, os sapos dos contos de fadas, os antigos reis e as pessoas que foram felizes para sempre (porque, como se comprovou, *ninguém* viveu feliz para sempre!), e o Era uma Vez transformou-se no Nunca Mais! E espalharam as cinzas do Fantasma Rickshaw juntamente com o entulho da Terra de Oz; fatiaram os ossos de Glinda, *a Bondosa*, e de Ozma, esmigalharam Policromo num espectroscópio e serviram Jack Cabeça de Abóbora com merengue no Baile dos Biólogos! O Feijoeiro morreu num espinheiro de burocracia! A Bela Adormecida acordou com o beijo de um cientista e morreu com a picada fatal da sua seringa. E obrigaram Alice a beber uma substância numa garrafa que a reduziu a um tamanho em que já não podia gritar «Curiosante e curiosantíssimo», e deram uma marretada no Espelho para o estilhaçarem e acabarem com todas as Ostras e com o Rei Vermelho!

Cerrou os punhos. Meu Deus, fora tudo tão rápido! Ficou com o rosto vermelho e tentou recuperar o fôlego.

Quanto ao senhor Bigelow, ficou estupefacto com aquela longa explosão. Piscou os olhos e, por fim, disse:

— Desculpe. Não sei do que está a falar. Para mim, são só nomes.

Pelo que ouvi dizer, a Incineração foi uma coisa boa.

— Saia daqui! — gritou Stendahl. — Já fez o seu trabalho, agora deixe-me em paz, seu idiota!

O senhor Bigelow chamou os seus carpinteiros e foi-se embora.

O senhor Stendahl ficou sozinho diante da sua Casa.

— Ouçam — disse ele para os foguetões invisíveis. — Vim para Marte para me afastar de vocês, pessoas de Mente Limpa, mas vocês, a cada dia que passa, chegam em grupos maiores, como moscas atraídas por restos de comida. Por isso, vão ter de aprender. Vou ensinar-vos uma bela lição por aquilo que fizeram ao senhor Poe na Terra. A partir de hoje, tenham cuidado. A Casa de Usher está oficialmente aberta!

Ao proferir estas palavras, ergueu um punho para o céu.

O foguetão aterrou. Um homem saiu com desenvoltura. Olhou de relance para a Casa e os seus olhos cinzentos adquiriram uma expressão de desagrado e irritação. Atravessou o canal a passos largos para confrontar o pequeno homem que ali se encontrava.

— O seu nome é Stendahl?

— Sim.

— Chamo-me Garrett, sou Investigador de Climas Morais.

— Os funcionários do Clima Moral chegaram, então, finalmente a Marte? Perguntava a mim mesmo quando apareceriam.

— Chegámos na semana passada. Em breve, teremos tudo limpo e organizado como na Terra. — Algo exasperado, o homem acenou com uma carteira de identificação na direcção da Casa. — Que tal se me falasse daquela casa, Stendahl?

— É um castelo assombrado, se preferir o termo.

— Não prefiro, Stendahl. Aliás, *não* me agrada nada o som dessa palavra, «assombrado».

— É muito simples. Neste ano da graça de Nosso Senhor de 2036, construí um santuário mecânico. Nele, morcegos de cobre voam em feixes electrónicos, ratazanas de latão correm em caves de plástico, esqueletos robotizados dançam; vivem aqui arlequins, lobos,

fantasmas brancos e vampiros robotizados, todos criados pela engenharia química e pelo engenho.

— Era isso que eu temia — disse Garrett, sorrindo discretamente. — Receio que teremos de demolir a sua casa.

— Sabia que apareceriam assim que descobrissem o que se estava a passar.

— Teria vindo mais cedo, mas nós, nos Climas Morais, queríamos ter a certeza das suas intenções antes de avançarmos. Podemos ter aqui os Desmanteladores e a Equipa de Incineração antes da hora de jantar. Por volta da meia-noite, a sua casa estará completamente arrasada. Senhor Stendahl, considero-o um pouco pateta. Gastar dinheiro que tanto custou a ganhar numa tamanha tolice. Deve ter-lhe custado uns três milhões de dólares...

— Quatro milhões! Mas, senhor Garrett, herdei vinte e cinco milhões quando era muito novo. Se assim entender, posso esbanjá-lo. É uma pena terrível, porém, ter a casa terminada apenas há uma hora e o senhor me aparecer logo à porta com os seus Desmanteladores. Não poderia, pelo menos, deixar-me desfrutar do meu Brinquedo durante, digamos, vinte e quatro horas?

— O senhor conhece a lei. É muito rígida. Nem livros, nem casas, nada que possa, de alguma forma, sugerir fantasmas, vampiros, fadas ou qualquer criatura da imaginação.

— Não tarda, estarão a queimar Babbitts!

— Causou-nos muitos problemas, senhor Stendahl. Está tudo registado. Há vinte anos. Na Terra. O senhor e a sua biblioteca.

— Sim, eu e a minha biblioteca. E mais alguns como eu. Oh, Poe já caíra no esquecimento, assim como Oz e as outras criaturas. Mas eu possuía o meu pequeno esconderijo. Tínhamos as nossas bibliotecas, alguns cidadãos particulares, até que enviaram os vossos homens, com archotes e incineradoras, para rasgar e queimar os meus cinquenta mil livros. Do mesmo modo, trespassaram com uma estaca o coração do *Halloween* e disseram aos vossos produtores de cinema que, se quisessem continuar a trabalhar, teriam de se limitar a filmar

e a refilmar obras de Ernest Hemingway. Meu Deus, quantas vezes vi *Por Quem os Sinos Dobram* ser feito! Trinta versões diferentes. Todas realistas. Oh, o realismo! Oh, o aqui, oh, o agora, oh, o Inferno!

— Não vale a pena ser amargo!

— Senhor Garrett, terá de entregar um relatório completo, não é verdade?

— Sim.

— Então, nem que seja por mera curiosidade, é melhor que entre e dê uma vista de olhos. Só lhe tomará um minuto.

— Muito bem. Vá à frente. E nada de truques. Estou armado.

Ao ser aberta, a porta da Casa de Usher rangeu e deixou escapar um vento húmido. Ouviram-se longos suspiros e gemidos, como um enorme fole subterrâneo a respirar nas catacumbas perdidas.

Uma ratazana saltitou pelas pedras do chão. Garrett, com um berro, deu-lhe um pontapé. A ratazana caiu e do seu pêlo de *nylon* saiu uma incrível horda de pulgas metálicas.

— Espantoso! — disse Garrett, inclinando-se para ver melhor.

Uma velha bruxa estava sentada num nicho, as suas mãos de cera tremiam sobre algumas cartas de *tarot* cor-de-laranja e azuis. A bruxa sacudiu a cabeça e sibilou pela boca desdentada para Garrett, tocando nas cartas gordurosas.

— Morte! — gritou ela.

— Bem vê, é a *este* tipo de coisas que me refiro — disse Garrett. — Deplorável!

— Deixarei que o senhor mesmo a queime.

— Fará isso, a sério? — Garrett ficou satisfeito. Depois franziu as sobrancelhas. — Devo reconhecer que está a aceitar tudo isto muito bem.

— Bastou-me poder simplesmente criar este lugar. Poder dizer que o fiz. Dizer que gerei uma atmosfera medieval num incrédulo mundo moderno.

— Em bom rigor, sinto uma espécie de admiração relutante por esse talento que revela, senhor.

Garrett observou uma névoa que passava, em murmúrios constantes, com a forma de uma bela e vaporosa mulher. Ao fundo de um corredor húmido, rodopiava uma máquina. Como que compostas do material produzido numa centrifugadora de algodão-doce, as névoas erguiam-se e flutuavam, murmurantes, pelos corredores silenciosos.

Vindo do nada, apareceu um macaco.

— Cuidado! — gritou Garrett.

— Não tenha medo. — Stendahl bateu ao de leve no peito negro do animal. — É um robô. Tem esqueleto de cobre e tudo, tal como a bruxa. Está a ver? — Acariciou o pêlo e, por baixo dele, ficou visível a tubagem metálica.

— Sim. — Garrett estendeu timidamente a mão para tocar na criatura. — Mas porquê, senhor Stendahl, porquê tudo *isto*? O que justifica esta obsessão?

— A burocracia, senhor Garrett. Mas não tenho tempo para explicar. O governo irá descobri-lo em breve. — Fez um sinal com a cabeça ao macaco. — Muito bem. A*gora*.

E o macaco matou o senhor Garrett.

— Estamos quase prontos, Pikes?

Curvado sobre a mesa, Pikes ergueu os olhos.

— Sim, senhor.

— Realizou um esplêndido trabalho.

— É para isso que sou pago, senhor Stendahl — disse Pikes brandamente, enquanto levantava a pálpebra de plástico do robô e inseria o globo ocular de vidro, ajustando-o na perfeição aos músculos de borracha. — Já está.

— Tal qual o senhor Garrett.

— Que fazemos com ele, senhor? — Pikes apontou com os olhos para a mesa de autópsias onde o verdadeiro senhor Garrett jazia morto.

— É melhor queimá-lo, Pikes. Não queremos ter dois senhores

Garrett, pois não?

Pikes fez rolar a mesa com o senhor Garrett até à incineradora de tijolo.

— Adeus — disse ele, empurrando o senhor Garrett e fechando a porta.

De seguida, Stendahl confrontou o robô Garrett.

— Tem as suas ordens, Garrett?

— Sim, senhor. — O robô sentou-se. — Devo regressar aos Climas Morais. Apresentarei um relatório complementar. Atrasarei a acção durante, pelo menos, quarenta e oito horas. Direi que estou fazer uma investigação mais detalhada.

— Certo, Garrett. Adeus.

O robô apressou-se a ir para o foguetão de Garrett, entrou e partiu.

Stendahl virou-se.

— Agora, Pikes, está na hora de enviarmos o resto dos convites para esta noite. Julgo que nos iremos divertir bastante, não concorda?

— Tendo em conta que esperámos vinte anos, prevejo uma grande diversão!

Piscaram o olho um ao outro.

Sete da tarde. Stendahl estudava o relógio. Estava quase na hora. Rodava o copo de xerez na mão. Estava sentado em silêncio. Por cima dele, entre as vigas de carvalho, os morcegos, com delicados esqueletos de cobre escondidos sob a pele de borracha, miravam-no e guinchavam. Ergueu o copo para eles.

— Ao nosso sucesso.

Depois recostou-se, fechou os olhos e relembrou todo o plano. Pensou no prazer com que recordaria aquilo quando fosse velho. Este acerto de contas com o governo anti-séptico pelos terrores e conflagrações literárias. Oh, como a raiva e o ódio tinham crescido dentro dele ao longo dos anos. Oh, como o plano fora ganhando forma aos poucos na sua mente entorpecida, até àquele dia, três anos antes, em que conhecera Pikes.

Ah, sim, Pikes. Pikes, consumido por uma amargura tão profunda que fazia lembrar um poço escuro e corroído por ácido verde. Quem era Pikes? Apenas o melhor deles todos! Pikes, o homem dos dez mil rostos, uma fúria, um fumo, um nevoeiro azul, uma chuva branca, um morcego, uma gárgula, um monstro, assim era Pikes! Melhor do que Lon Chaney, o pai? Stendahl reflectiu um pouco. Noite após noite, vira Chaney nos filmes antigos, antiquíssimos. Sim, melhor do que Chaney. Melhor do que aquela outra velha múmia? Como se chamava ele? Karloff? Muito melhor! Lugosi? A comparação era odiosa! Não, Pikes só havia um, e era agora um homem despido das suas fantasias, sem lugar na Terra a que regressar, sem ninguém que o pudesse admirar. Proibido até de representar para si mesmo diante de um espelho!

Pobre, impossível e derrotado Pikes! Como te deves ter sentido, Pikes, naquela noite em que apreenderam os teus filmes, como entranhas arrancadas à câmara, retiradas do teu corpo, para os lançarem, presos em pilhas de bobinas, às chamas de um forno! Terá sido uma sensação tão má quanto a de ver cinquenta mil livros nossos aniquilados sem nenhuma reparação? Sim. Sim. Stendahl sentiu as mãos gelar perante aquela raiva insensata. Portanto, foi com naturalidade que, um dia, começaram a conversar e a conversa se prolongou, entre infindáveis chávenas de café, até altas horas de incontáveis noites, e dessa troca de impressões e misturas amargas tivesse surgido… a Casa de Usher.

Um enorme sino de igreja tocou. Os convidados estavam a chegar.

Sorridente, foi recebê-los.

Adultos sem memória, os robôs aguardavam. Em sedas verdes da cor dos lagos na floresta, em sedas da cor dos sapos e dos fetos, aguardavam. Com cabelo amarelo da cor do Sol e da areia, os robôs aguardavam. Oleados, com ossos tubulares feitos de bronze e mergulhados em gelatina, os robôs aguardavam deitados. Em caixões para os que não estavam mortos nem vivos, em caixas de tábuas

grossas, os metrónomos aguardavam que os pusessem em movimento. Havia um cheiro a lubrificação e a latão torneado. Havia um silêncio sepulcral. Robôs com sexo, mas assexuados. Nomeados, mas sem nomes, com todas as características dos humanos, excepto a humanidade, os robôs olhavam fixamente para as tampas pregadas das suas caixas ainda com a etiqueta de remessa, numa morte que nem sequer era uma morte, visto nunca ter existido uma vida. E agora havia um som agudo de pregos arrancados. Agora havia um levantar de tampas. Agora havia sombras nas caixas e a pressão de uma mão a fazer sair óleo de uma lata. Agora um relógio era posto a funcionar, produzindo um ténue tiquetaque. Agora outro e mais outro, até aquela divisão da Casa se converter numa imensa relojoaria envolta em ruídos surdos. Os olhos de mármore mexeram-se e abriram por completo as pálpebras de borracha. As narinas deram sinal. Os robôs, revestidos de pêlo de macaco e pele de coelho, levantaram-se: Tuidledum logo a seguir a Tuidledim, a Tartaruga Disfarçada, o Arganaz; corpos afogados no mar, cobertos de sal e algas brancas, balançando; homens enforcados com gargantas azuis e olhos viscosos revirados, criaturas de gelo e ouropel ardente, duendes argilosos e gnomos apimentados; Tik-Tok, Ruggedo, o Pai Natal com neve a cair à sua frente, o Barba Azul com suíças semelhantes a chamas de acetileno e nuvens sulfurosas das quais se projectavam trombas de fogo verde; e, numa serpentina escamosa e gigante, um dragão com uma fornalha no ventre, que cambaleou pela porta com um grito, um rugido, um silêncio, uma agitação, um vento. Dez mil tampas caíram para trás. A relojoaria expandiu-se pela Casa de Usher. A noite estava encantada.

Uma brisa quente atravessou a terra. Os foguetões dos convidados, queimando o céu e convertendo o Outono em Primavera, chegaram.

Os homens saíram dos foguetões, vestidos a rigor, e atrás deles saíram as mulheres, com cabelos penteados ao alto em elaborados detalhes.

— Então, Usher é *isto*!

— Mas onde está a porta?

Nesse momento, Stendahl apareceu. As mulheres riram e tagarelaram. O senhor Stendahl levantou a mão para as fazer calar. Virou-se, olhou para uma janela de castelo muito alta e chamou:

— Rapunzel, Rapunzel, deixa cair as tuas tranças.

E, lá em cima, uma bela donzela inclinou-se sobre o vento da noite e deixou cair o seu cabelo dourado. O cabelo entrelaçou-se, esvoaçou e transformou-se numa escada pela qual os convidados puderam subir, rindo, para aceder à Casa.

Quantos sociólogos eminentes! Quantos psicólogos inteligentes! Quantos políticos, bacteriologistas e neurologistas de suma importância! Lá estavam eles, entre as paredes desagradavelmente húmidas e frias.

— Sejam todos bem-vindos!

O senhor Tryon, o senhor Owen, o senhor Dunne, o senhor Lang, o senhor Steffens, o senhor Fletcher e mais duas dúzias de personalidades.

— Entrem, entrem!

A menina Gibbs, a menina Pope, a menina Churchil, a menina Blunt, a menina Drummond e uma vintena de outras mulheres resplandecentes.

Pessoas ilustres, todas elas, membros da Sociedade para a Prevenção da Fantasia, defensoras da abolição do *Halloween* e do Dia de Guy Fawkes, matadores de morcegos, queimadores de livros, portadores de archotes; cidadãos bons e limpos, todos eles, que começaram por esperar que os homens duros viessem enterrar os marcianos, limpar as cidades, construir as povoações, reparar as estradas e tornar tudo seguro. E só então, com tudo bem encaminhado para a Segurança, vieram os Desmancha-Prazeres, aquelas pessoas com mercurocromo em vez de sangue e com olhos da cor do iodo vieram para estabelecer os seus Climas Morais e repartir a bondade por toda a gente. E eram amigos de Stendahl! Sim,

com muito, muito cuidado, durante o ano anterior, ele conhecera-os e tornara-se amigo de cada um deles na Terra!

— Bem-vindos aos amplos salões da Morte! — gritou ele.

— Olá, Stendahl, que *é* tudo isto?

— Já perceberão. Dispam as vossas roupas. Encontrarão cabinas daquele lado. Vistam os disfarces que lá encontrarem. Os homens por aqui e as mulheres por ali.

Os convidados, constrangidos, permaneceram no mesmo sítio.

— Não sei se devemos ficar — disse a menina Pope. — Não me agrada o aspecto disto. Roça a... blasfémia.

— Que disparate, é um baile de *disfarces*!

— Parece bastante ilegal — disse o senhor Steffens, torcendo o nariz.

— Deixem-se disso. — Stendahl começou a rir. — Divirtam-se. Amanhã estará em ruínas. Entrem nas cabinas!

A Casa fervilhava de vida e cor: os arlequins corriam com guizos nos gorros; os ratos brancos dançavam quadrilhas em miniatura ao som da música dos gnomos que tocavam pequenos violinos com pequenos arcos; nas vigas chamuscadas ondulavam bandeiras, enquanto os morcegos voavam como nuvens em redor das bocas das gárgulas, de onde jorrava vinho fresco, abundante e espumoso. Um riacho serpenteava ao longo das sete salas do baile de máscaras. Os convidados provaram o líquido do riacho e descobriram que era xerez. Os convidados saíam das cabinas transformados em figuras de outra época, com os rostos cobertos por dominós, e o simples acto de colocarem uma máscara retirava-lhes o direito de promover uma guerra contra a fantasia e o terror. As mulheres desfilavam majestosamente em vestidos vermelhos e riam muito. Os homens tentavam agradar-lhes e convidavam-nas para dançar. E nas paredes havia sombras sem que ninguém as projectasse, e aqui e ali havia espelhos que não reflectiam qualquer imagem.

— Somos todos vampiros! — gracejou o senhor Fletcher. — Mortos!

Havia sete salas, cada uma de cor diferente: uma azul, uma roxa, uma verde, uma em tons de laranja, outra branca, a sexta violeta e a

sétima envolta em veludo preto. Na sala preta, um relógio de ébano marcava as horas ruidosamente. E os convidados percorriam as salas, já embriagados, por entre fantasias robotizadas, no meio de Arganazes e Chapeleiros Loucos, *Trolls* e Gigantes, Gatos Pretos e Rainhas Brancas — e, sob os seus pés dançantes, o chão ecoava o batimento forte de um coração oculto e denunciador.

— Senhor Stendahl!

Um sussurro.

— Senhor Stendahl!

Um monstro com o rosto da Morte parara junto dele. Era Pikes.

— Precisamos de falar a sós.

— Que se passa?

— Veja.

Pikes estendeu uma mão esquelética na qual segurava um pequeno conjunto, chamuscado e parcialmente derretido, de pequenas rodas, porcas, dentes de engrenagem e parafusos.

Stendahl observou o conjunto de peças durante algum tempo. Depois arrastou Pikes até um corredor.

— Garrett? — perguntou, murmurando.

Pikes confirmou com a cabeça.

— Enviou um robô no lugar dele. Há pouco, quando estava a limpar a incineradora, encontrei isto.

Por instantes, ambos ficaram com os olhos presos nas fatídicas peças.

— Esta descoberta significa que a polícia estará aqui a qualquer momento — disse Pikes. — E arruinará o nosso plano.

— Não sei. — Stendahl olhou de relance para o corrupio de gente amarela, azul e cor-de-laranja. A música varria os salões enevoados. — Devia ter adivinhado que Garrett não seria idiota a ponto de vir pessoalmente. Mas espere!

— Qual é o problema?

— Nenhum. Não há problema nenhum. Garrett enviou-nos um robô. E nós, bem, nós enviámos-lhe um de volta. A menos que o examine ao

pormenor, não perceberá a troca.

— Claro!

— Na próxima vez, virá *ele* mesmo. Na verdade, como agora pensa que é seguro, pode aparecer-nos à porta a qualquer instante, *em carne e osso*. Mais vinho, Pikes!

O enorme sino de igreja tocou.

— Aí está ele, aposto consigo. Vá receber o senhor Garrett.

Rapunzel deixou cair as suas tranças douradas.

— Senhor Stendahl?

— Senhor Garrett. O *verdadeiro* senhor Garrett?

— O próprio. — Garrett prestou atenção às paredes húmidas e frias, bem como às pessoas que rodopiavam. — Pensei que seria melhor vir para ver por mim mesmo. Não podemos confiar em robôs. Principalmente quando são robôs de outras pessoas. Também tive o cuidado de convocar os Desmanteladores. Chegarão dentro de uma hora para derrubar os pilares deste lugar horrível.

Stendahl fez uma vénia.

— Obrigado por me informar. — Acenou com a mão. — Enquanto não chegam, pode muito bem desfrutar disto também. Um pouco de vinho?

— Não, obrigado. Que se passa aqui? Pode um homem descer tão baixo?

— Veja com os seus próprios olhos, senhor Garrett.

— Um crime — disse Garrett.

— O crime mais revoltante — disse Stendahl.

Uma mulher gritou. A menina Pope apareceu a correr, com o rosto da cor de um queijo.

— Acabou de acontecer algo terrível! Vi a menina Blunt ser estrangulada por um macaco e enfiada por uma chaminé acima!

Stendahl e Garrett olharam e viram longos cabelos amarelos a cair pelo cano da chaminé. Garrett gritou.

— Que horror! — soluçou a menina Pope, mas depois parou de chorar. Piscou os olhos e virou-se. — Menina Blunt!

— Sim — disse a menina Blunt, parada junto deles.

— Mas acabei de a ver ser enfiada na chaminé!

— Não — riu a menina Blunt. — Era um robô, uma reprodução perfeita de mim mesma!

— Mas, mas…

— Não chore, querida. Eu estou bem. Deixe-me ver. Ah, sim, ali *estou* eu! Pela chaminé acima, tal como disse. Não é engraçado?

A menina Blunt afastou-se a rir.

— Aceita uma bebida, Garrett?

— Julgo que sim. Esta situação enervou-me. Meu Deus, que lugar. De facto, merece ser demolido. Por um momento…

Garrett deu um gole na bebida.

Outro grito. O senhor Steffens, aos ombros de quatro coelhos brancos, foi levado por um lanço de escadas que apareceu magicamente no chão. Atiraram-no para dentro de um poço e ali o deixaram amarrado, exposto ao avanço da lâmina de aço de um enorme pêndulo que começou a descer, cada vez mais próximo do seu corpo maltratado.

— Sou eu lá em baixo? — perguntou o senhor Steffens, aparecendo ao lado de Garrett. Curvou-se para o poço. — Que estranho, que invulgar, assistirmos à nossa morte.

O pêndulo desferiu um golpe final.

— Que realista — disse o senhor Steffens, virando as costas.

— Outra bebida, senhor Garrett?

— Sim, por favor.

— Não falta muito. Os Desmanteladores devem estar a chegar.

— Graças a Deus!

E, por uma terceira vez, um grito.

— Que foi agora? — perguntou Garrett, apreensivo.

— É a minha vez — disse a menina Drummond. — Vejam.

E uma segunda menina Drummond, soltando gritos agudos, foi fechada num caixão e sepultada na terra por baixo do soalho.

— Ora, lembro-me *disto* — tartamudeou o Investigador de Climas

Morais. — Dos antigos livros proibidos. O Enterro Prematuro. E os outros. O Fosso, o Pêndulo, o macaco e a chaminé, os Crimes da Rua Morgue. Num livro que queimei, sim!

— Outra bebida, Garrett. Vá, segure bem no copo.

— Meu Deus, *tem* mesmo uma grande imaginação, não tem?

Ficaram parados a assistir à morte de mais cinco, um na boca de um dragão, os outros atirados para um lago negro, afundando-se e desaparecendo.

— Gostaria de ver o que planeei para si? — perguntou Stendahl.

— Com certeza — respondeu Garrett. — Que importa? Faremos explodir este sítio maldito de qualquer forma. O senhor é detestável.

— Acompanhe-me, então. Por aqui.

Conduziu Garrett ao nível subterrâneo, através de várias passagens, continuando a descer por escadas em espiral no interior da terra até às catacumbas.

— Que me quer mostrar aqui em baixo? — perguntou Garrett.

— A sua morte.

— Um duplicado?

— Sim. E também outra coisa.

— O quê?

— O Amontillado — respondeu Stendahl, avançando com uma lanterna acesa que segurava no ar.

Ao longo do caminho, havia esqueletos que pareciam ter congelado com metade do corpo de fora das tampas dos caixões. Garrett, enojado, levou a mão ao nariz.

— O quê?

— Nunca ouviu falar no Amontillado?

— Não!

— Não reconhece isto? — Stendahl apontou para uma cela.

— Deveria reconhecer?

— Ou isto? — Stendahl mostrou-lhe a pá de pedreiro que trazia debaixo da capa e sorriu.

— Que coisa é essa?

— Venha — disse Stendahl.

Entraram na cela. No escuro, Stendahl prendeu as correntes ao homem meio bêbado.

— Pelo amor de Deus, que está a fazer? — berrou Garrett, sacudindo-se.

— Estou a ser irónico. Não interrompa um homem a meio de uma ironia, é falta de educação. Já está!

— Acorrentou-me!

— É verdade.

— Que vai fazer?

— Deixá-lo aqui.

— Está a brincar.

— Uma bela brincadeira.

— Onde está o meu duplicado? Não o vamos ver morto?

— Não há duplicado.

— Mas os *outros*!

— Os outros estão mortos. As pessoas que viu serem mortas eram as verdadeiras. Os duplicados, os robôs, ficaram a observar.

Garrett não disse nada.

— É suposto que agora diga: «Pelo amor de Deus, Montresor!» — disse Stendahl. — E eu responderei: «Sim, pelo amor de Deus.» Não o quer dizer? Vá, *diga-o*.

— Imbecil.

— Terei de o persuadir? Diga-o. Diga: «Pelo amor de Deus, Montresor!»

— Não o farei, seu idiota. Tire-me daqui.

Garrett estava agora sóbrio.

— Tome. Ponha isto.

Stendahl atirou para dentro da cela algo que tilintou.

— Que é?

— Um gorro com guizos. Ponha-o e talvez o deixe sair.

— Stendahl!

— Ponha-o, já disse!

Garrett obedeceu. Os guizos tiniram.

— Não tem a sensação de que tudo isto já aconteceu antes? — inquiriu Stendahl, começando a trabalhar com a colher de pedreiro, alguma argamassa e tijolos.

— Que está a fazer?

— A emparedá-lo. Esta é a primeira fila. Esta será a segunda.

— Está louco!

— Não contestarei esse argumento.

— Será processado por esta afronta!

Stendahl bateu ao de leve num tijolo e ajustou-o sobre a argamassa fresca, cantarolando.

No interior do lugar que escurecia, Garrett sacudia-se, lutava e gritava. Os tijolos erguiam-se cada vez mais alto.

— Mais agitação, por favor — disse Stendahl. — Transformemos este momento num bom espectáculo.

— Deixe-me sair, deixe-me sair!

Faltava apenas assentar um último tijolo. Os gritos eram contínuos.

— Garrett? — chamou Stendahl, num tom suave. Garrett calou-se. — Garrett — disse Stendahl —, sabe por que razão lhe fiz isto? Porque queimou os livros do senhor Poe sem sequer os ter lido. Limitou-se a seguir a opinião de outras pessoas quanto à necessidade de serem queimados. Caso assim não tivesse sido, teria percebido o que eu me preparava para lhe fazer quando, há pouco, aqui descemos. A ignorância é fatal, senhor Garrett.

Garrett permaneceu em silêncio.

— Quero que esta obra seja perfeita — disse Stendahl, levantando a lanterna para que a luz caísse sobre a figura afundada. — Agite suavemente os seus guizos. — Os guizos soaram baixinho. — Agora, se fizer o favor de dizer «Pelo amor de Deus, Montresor», talvez o liberte.

O rosto do homem apareceu sob a luz. Houve uma hesitação. Depois, de modo grotesco, o homem disse:

— Pelo amor de Deus, Montresor.

— Ah — disse Stendahl, fechando os olhos. Enfiou o último tijolo no devido lugar e selou-o com argamassa. — *Requiescat in pace*, caro amigo.

Apressou-se a sair da catacumba.

Nas sete salas, o som das badaladas da meia-noite fez com que tudo parasse.

A Morte Vermelha apareceu.

Stendahl assomou à porta por um instante para observar. E depois começou a correr, saindo da grande Casa e atravessando o fosso, até ao sítio onde um helicóptero o esperava.

— Preparado, Pikes?

— Preparado.

— Lá se vai ela!

Sorridentes, olharam para a grande Casa, que começou a rachar ao meio, como que abalada por um terramoto. Enquanto Stendahl apreciava aquela magnífica visão, ouviu Pikes a recitar atrás dele, numa voz baixa e cadenciada:

— «... senti uma vertigem quando vi o desmoronar das imponentes paredes, ouviu-se um longo e tumultuoso som de gritos, como a voz de mil águas, e o lago profundo e frio a meus pés fechou-se triste e silenciosamente sobre as ruínas da Casa de Usher.»

O helicóptero elevou-se sobre o lago fumegante e voou em direcção ao Oeste.

Agosto de 2036
OS VELHOS

Nada mais natural do que, por fim, os velhos virem para Marte, seguindo o trilho deixado pelos ruidosos desbravadores, pelas aromáticas e sofisticadas elites, pelos viajantes profissionais e pelos conferencistas românticos em busca de novos enquadramentos.

E, então, as pessoas secas e quebradiças, as pessoas que passavam o tempo a ouvir os corações, a sentir as pulsações e a levar colheres de xarope às bocas tortas, essas pessoas que, em tempos, tinham apanhado comboios para a Califórnia em Novembro e navios a vapor de terceira classe para Itália em Abril, as pessoas parecidas com alperces mirrados, as pessoas mumificadas, chegaram finalmente a Marte...

Setembro de 2036
O MARCIANO

As montanhas azuis elevavam-se na chuva e a chuva caía nos longos canais, e o velho LaFarge e a mulher saíram de casa para ver.

— A primeira chuva da estação — observou LaFarge.

— É boa — disse a mulher.

— É muito bem-vinda.

Fecharam a porta. Lá dentro, aqueceram as mãos à lareira. Estavam a tremer. Ao longe, através da janela, viram a chuva reluzir nas laterais do foguetão que os trouxera da Terra.

— Só nos falta uma coisa — disse LaFarge, olhando para as mãos.

— O quê? — perguntou a mulher.

— Gostaria de ter trazido o Tom connosco.

— Oh, por favor, Lafe!

— Não vou começar outra vez, desculpa.

— Viemos para gozar a nossa velhice em paz, não para pensar nele. Já morreu há tanto tempo. Devíamos tentar esquecer o Tom e tudo o que existe na Terra.

— Tens razão — disse ele, virando as mãos de novo para o calor e fitando o fogo. — Não volto a tocar no assunto. É que sinto falta das nossas viagens de carro até ao Green Lawn Park todos os domingos, para lhe deixarmos flores na lápide. Costumava ser o nosso único passeio.

A chuva azul caía brandamente sobre a casa.

Às nove da noite foram para a cama e ficaram deitados em silêncio, de mãos dadas, ele com cinquenta e cinco anos, ela com sessenta, na escuridão chuvosa.

— Anna? — chamou ele baixinho.

— Sim? — respondeu ela.

— Não ouviste nada?

Puseram-se ambos a escutar a chuva e o vento.

— Nada — disse ela.

— Alguém a assobiar — disse ele.

— Não, não ouvi.

— De qualquer forma, vou levantar-me para ver.

Vestiu o roupão e atravessou a casa até chegar à porta da rua. Hesitante, escancarou a porta e a chuva fria caiu-lhe no rosto. O vento soprou forte.

Junto ao portão do pátio, estava parada uma figura baixa.

Um relâmpago rasgou o céu e um banho de cor branca iluminou o rosto que olhava para o velho LaFarge na entrada.

— Quem está aí? — perguntou LaFarge, tremendo.

Não houve resposta.

— Quem é? Que quer?

Manteve-se o silêncio.

LaFarge sentiu-se muito fraco, cansado e entorpecido.

— Quem és tu? — berrou ele.

A mulher apareceu atrás dele e pegou-lhe no braço.

— Porque estás a gritar?

— Está um rapaz no quintal e não me responde — disse o velho, ainda a tremer. — É parecido com o Tom!

— Vem deitar-te, estás a sonhar.

— Mas ele está ali. Vê com os teus próprios olhos.

LaFarge abriu um pouco mais a porta para que ela pudesse ver. O vento frio soprava, a chuva fina caía sobre a terra e a figura continuava a olhar para a entrada com olhos distantes. A velha apoiou-se na ombreira da porta.

— Vai-te embora! — disse ela, agitando uma mão. — Vai-te embora!

— Não se parece com o Tom? — perguntou o velho.

A figura não se mexeu.

— Estou com medo — disse a velha. — Tranca a porta e vem para a

cama. Não quero ter nada que ver com isto. — E desapareceu, gemendo para si mesma, a caminho do quarto.

O velho permaneceu especado com a chuva levada pelo vento a gelar-lhe as mãos.

— Tom — chamou ele, suavemente. — Tom, se fores tu, se por algum acaso fores tu, Tom, vou deixar a porta destrancada. E se estiveres com frio e quiseres vir aquecer-te, entra mais tarde e deita-te à lareira; há lá uns tapetes de peles.

LaFarge fechou a porta, mas não a trancou.

A mulher sentiu-o a entrar na cama e estremeceu.

— Que noite horrível. Sinto-me tão velha — disse ela, entre soluços.

— Pronto, pronto. — LaFarge tentou acalmá-la, abraçando-a. — Dorme.

A mulher adormeceu só passado muito tempo.

E, então, estando à escuta, LaFarge acabou por ouvir a porta da rua a abrir-se muito devagar, a chuva e o vento a entrar e a porta a fechar-se. Ouviu passos leves ao pé da lareira e uma respiração branda.

— Tom — disse para si mesmo.

Um relâmpago golpeou o céu e rompeu a escuridão.

Pela manhã, o sol estava muito quente.

O senhor LaFarge abriu a porta que dava para a sala de estar e vasculhou-a rapidamente com o olhar.

Os tapetes da lareira estavam vazios.

LaFarge suspirou:

— Estou a ficar velho.

Saiu de casa com a intenção de ir buscar um balde de água limpa ao canal, para se lavar. No patamar de entrada, quase derrubou o jovem Tom, que trazia um balde já cheio até à borda.

— Bom dia, pai!

— Bom dia, Tom.

O velho desviou-se, quase caindo. O rapaz, descalço, atravessou a

sala rapidamente, pousou o balde e virou-se, sorrindo.

— Está um dia bonito!

— Sim, está — disse o velho, incrédulo.

O rapaz agia como se não houvesse nada de estranho. Começou a lavar a cara com a água.

O velho deu um passo em frente.

— Tom, como chegaste aqui? Estás vivo?

— Não deveria estar? — perguntou o rapaz, levantando os olhos.

— Mas, Tom, o Green Lawn Park, todos os domingos, as flores e... — LaFarge teve de se sentar. O rapaz aproximou-se dele e pegou-lhe na mão. O velho apalpou-lhe os dedos, quentes e firmes. — Estás mesmo aqui, não é um sonho?

— O pai *quer* que eu esteja aqui, não quer?

O rapaz parecia preocupado.

— Sim, sim, Tom!

— Então, porquê fazer perguntas? Aceite-me!

— Mas a tua mãe, o choque...

— Não se preocupe com ela. Durante a noite, cantei para os dois e isso fará com que me aceitem mais, sobretudo ela. Eu sei que é um choque. Espere até ela chegar, vai ver — disse Tom, rindo e sacudindo a cabeça com cabelo encaracolado da cor do cobre. Os olhos eram muito azuis e límpidos.

— Bom dia, Lafe, Tom. — A mãe saiu do quarto, penteando o cabelo num carrapito. — Não está um belo dia?

Tom virou-se para rir na cara do pai.

— Está a ver?

Almoçaram muito bem, os três, à sombra, atrás da casa. A senhora LaFarge encontrara uma velha garrafa de vinho de girassol que estava guardada e todos beberam um pouco. O senhor LaFarge nunca vira o rosto da mulher tão iluminado. Se havia quaisquer dúvidas na mente dela acerca de Tom, não as verbalizou. Era uma coisa completamente natural para ela. E estava a tornar-se também natural para o próprio LaFarge.

Enquanto a mãe recolhia os pratos, LaFarge curvou-se na direcção do filho e perguntou-lhe, em tom de confidência:

— Quantos anos tens agora, filho?

— Não sabe, pai? Catorze, claro.

— Quem és tu, *realmente*? Não podes ser o Tom, mas és *alguém*? Quem?

— Não pergunte.

Assustado, o rapaz tapou o rosto com as mãos.

— Podes contar-me — disse o velho. — Eu compreenderei. És um marciano, não és? Já ouvi histórias de marcianos, mas nada muito definido. Histórias de como os marcianos são raros e assumem, quando andam entre nós, a aparência de Homens da Terra. Há algo em ti... És o Tom e, ao mesmo tempo, não és.

— Porque não me pode aceitar e parar de falar? — choramingou o rapaz. As mãos protegiam-lhe por completo o rosto. — Não duvide de mim, por favor, não duvide de mim. — Levantou-se da mesa e desatou a correr.

— Tom, volta!

Mas o rapaz fugiu, correndo ao longo do canal, na direcção da cidade distante.

— Aonde vai o Tom? — perguntou Anna, regressando para levantar o resto da loiça. Reparou na cara do marido. — Disseste alguma coisa que o perturbou?

— Anna — começou ele, segurando-lhe numa das mãos. — Anna, tens alguma recordação do Green Lawn Park, de uma lápide, da pneumonia do Tom?

— Estás a falar de quê? — perguntou ela, rindo.

— De nada — respondeu ele, calmamente.

Ao longe, a poeira começava a assentar depois de Tom ter corrido pela orla do canal.

Às cinco da tarde, com o pôr-do-sol, Tom regressou. Olhou, desconfiado, para o pai.

— Vai perguntar-me alguma coisa? — quis saber.

— Nada de perguntas — assegurou LaFarge.

O rapaz sorriu de orelha a orelha, mostrando os dentes brancos.

— Que bom!

— Onde estiveste?

— Perto da cidade. Por pouco, não voltava. Fui quase... — o rapaz procurou a palavra certa — «capturado».

— Como assim, «capturado»?

— Passei por uma pequena casa perto do canal e quase assumi uma forma que me impediria para sempre de voltar aqui e estar convosco. Não sei como lhe explicar, não é possível, nem *eu* próprio sei; é estranho e prefiro não falar disso.

— Não falemos, então. Talvez seja melhor que te vás lavar, filho. Está na hora do jantar.

O rapaz despachou-se.

Uns dez minutos mais tarde, um barco desceu pela serena superfície do canal. Um homem alto e magro, de cabelo preto, conduzia-o com uma vara, movendo lentamente os braços.

— Boa noite, irmão LaFarge — disse o homem, detendo-se.

— Boa noite, Saul, que novidades há?

— Esta noite, várias. Conhece aquele tipo chamado Nomland que vive lá mais para baixo, ao pé do canal, na cabana de lata?

LaFarge ficou rígido.

— Sim?

— Sabe o tipo de patife que ele era?

— Diz-se que deixou a Terra porque matou um homem.

Saul apoiou-se na vara molhada para melhor ver LaFarge.

— Lembra-se do nome do homem que ele matou?

— Gillings, não era?

— Certo. Gillings. Bem, há cerca de duas horas, o senhor Nomland chegou à cidade a correr e a gritar que vira o Gillings, vivo, aqui em Marte, hoje, esta tarde! Tentou entrar na cadeia e ficar preso em segurança. Mas não o deixaram. Por isso, foi para casa e, há vinte minutos, como me contaram logo, estourou os miolos com uma arma.

Acabo de vir de lá.

— Ora, ora — disse LaFarge.

— Acontece cada uma... — disse Saul. — Bem, boa noite, LaFarge.

— Boa noite.

O barco voltou a deslizar pelas serenas águas do canal.

— O jantar está na mesa — chamou a mulher.

O senhor LaFarge sentou-se para jantar e, segurando na faca, olhou para Tom.

— Tom — disse ele —, que fizeste esta tarde?

— Nada — respondeu Tom, de boca cheia. — Porquê?

— Só queria saber.

O velho prendeu o guardanapo no colarinho.

Às sete da noite, a senhora LaFarge quis ir à cidade.

— Não vou lá há meses — disse.

Contudo, Tom negou-se.

— Tenho medo da cidade — confessou. — Das pessoas. Não quero ir.

— Que conversa para um rapaz crescido — disse a senhora LaFarge. — Nem quero ouvir. Vens também, porque quem manda sou *eu*.

— Anna, se o rapaz não quer ir... — começou o velho.

Mas não houve discussão. A senhora LaFarge fê-los entrar no barco e vogaram canal acima sob as estrelas nocturnas. Tom ia deitado de costas, com os olhos fechados; se dormia ou não, era difícil dizer. O velho não parava de olhar para ele, questionando-se. «Quem é esta criatura», pensou, «tão carente de amor como nós? E que tipo de ser, por solidão, se aproxima de um povo alienígena, assume a voz e o rosto da memória e permanece entre nós, finalmente aceite e feliz? Veio de que montanha, de que caverna, de que pequeno grupo de últimos sobreviventes que restavam neste mundo quando os foguetões chegaram da Terra?» O velho abanou a cabeça. Não havia maneira de saber. Para todos os efeitos, este era Tom.

O velho olhou para a cidade em frente e não gostou do que viu, mas logo regressou à reflexão sobre Tom e Anna, e pensou: «Talvez seja

errado ficar com o Tom durante muito mais tempo, visto esta situação só poder resultar em problemas e mágoas, mas como conseguiremos nós abdicar daquilo que mais desejámos, ainda que ele fique apenas por um dia antes de desaparecer, tornando o vazio mais vazio, a escuridão nocturna mais escura, as noites de chuva mais chuvosas? Se o levassem, seria como se nos tirassem a comida da boca.»

E observou o rapaz adormecido, tão pacífico no fundo do barco. Entretanto, o rapaz choramingou, preso nalgum sonho.

— As pessoas — balbuciou ele. — Mudar e mudar. A armadilha.

— Calma, calma, filho.

LaFarge acariciou os caracóis macios do rapaz e Tom parou de falar.

LaFarge ajudou a mulher e o filho a desembarcar.

— Cá estamos! — Anna sorriu ao ver a quantidade de luzes, ao ouvir a música dos bares, dos pianos, dos gramofones, ao observar as pessoas que passeavam, de braço dado, pelas ruas cheias de gente.

— Preferia estar em casa — disse Tom.

— Tu nunca falaste assim — disse a mãe. — Sempre gostaste das noites de sábado na cidade.

— Fique perto de mim — sussurrou Tom para o pai. — Não quero ser capturado.

Anna ouviu por acaso.

— Deixa de falar dessa maneira; vamos!

LaFarge reparou que o filho lhe dera a mão. LaFarge apertou-lha.

— Não sairei do teu lado, Tommy. — Olhou para a multidão de gente que ia e vinha e também ficou preocupado. — Não nos demoraremos.

— Disparate, vamos ficar a noite toda — disse Anna.

Atravessaram uma rua e três bêbados esbarraram neles. Houve muita confusão, uma separação, um procurar em volta e, depois, LaFarge ficou estupefacto.

Tom desaparecera.

— Onde está ele? — perguntou Anna, irritada. — Aproveita sempre

qualquer oportunidade para se escapulir. Tom! — chamou ela.

O senhor LaFarge precipitou-se por entre a multidão, mas não viu Tom em lado nenhum.

— Ele voltará. Quando nos formos embora, estará no barco — disse Anna, com confiança, conduzindo o marido na direcção do cinema.

Nesse instante, a multidão pareceu ficar agitada, e um homem e uma mulher passaram a correr por LaFarge, que os reconheceu: Joe Spaulding e a mulher. No entanto, desapareceram antes que pudesse falar com eles.

A olhar ansiosamente para trás, comprou os bilhetes para o cinema e deixou que a mulher o arrastasse para a indesejável escuridão.

Quando, às onze da noite, voltaram ao cais, Tom não estava lá. A senhora LaFarge empalideceu.

— Não te preocupes, querida — disse LaFarge. — Vou encontrá-lo. Espera aqui.

— Volta depressa.

A voz dela desvaneceu-se na ondulação da água.

Com as mãos nos bolsos, LaFarge percorreu as ruas nocturnas. Por todo o lado, as luzes começavam a apagar-se, uma a uma. Algumas pessoas ainda estavam debruçadas nas janelas, uma vez que a noite estava quente, mesmo apesar de o céu, de vez em quando, ainda apresentar nuvens de tempestade entre as estrelas. Enquanto caminhava, lembrou-se das constantes referências do rapaz à possibilidade de ser capturado e ao medo que tinha de multidões e cidades. Não havia nenhum sentido naquilo, pensou o velho, exausto. Talvez o rapaz se tivesse ido embora para sempre, talvez nem sequer tivesse existido. LaFarge virou numa ruela, prestando atenção aos números.

— Viva, LaFarge.

Sentado à porta de casa, um homem fumava um cachimbo.

— Olá, Mike.

— Discutiste com a tua mulher? Estás a dar uma volta para te

acalmares?

— Não. Estou apenas a dar uma volta.

— Parece que perdeste alguma coisa. Por falar em coisas perdidas — disse Mike —, foi encontrada uma pessoa esta noite. Conheces o Joe Spaulding? Lembras-te da filha dele, a Lavinia?

— Sim.

LaFarge ficou gelado. Parecia tudo um sonho repetido. Já sabia que palavras se seguiriam.

— A Lavinia voltou para casa esta noite — disse Mike, fumando. — Lembras-te de ela se ter perdido nos fundos do mar morto há cerca de um mês? Acabaram por encontrar aquele que pensavam ser o corpo dela, muito deteriorado, e, desde então, a família Spaulding não tem passado bem. O Joe não parava de dizer que a filha não estava morta, que não era realmente o corpo dela. Pelos vistos, tinha razão. A Lavinia apareceu esta noite.

— Onde?

LaFarge sentiu o ar a faltar-lhe, o coração a bater mais depressa.

— Na Rua Principal. Os Spaulding estavam a comprar bilhetes para um espectáculo. E, de repente, no meio da multidão, lá estava a Lavinia. Deve ter sido uma cena e tanto. A princípio ela não os reconheceu. Mas eles seguiram-na por uma rua e falaram com ela. Finalmente, acabou por recuperar a memória.

— Viste-a?

— Não, mas ouvi quando cantou. Lembras-te de como ela costumava cantar *The Bonnie Banks of Loch Lomond*[9]? Ouvi-a gorjear para o pai ainda há pouco, lá em casa. Foi agradável ouvi-la; é uma rapariga encantadora. Uma pena, pensei eu quando ela morreu; e agora que voltou, está tudo bem. Mas, escuta, pareces muito fraco. É melhor entrares e beberes um pouco de *whisky*...

— Obrigado, mas não, Mike.

O velho afastou-se. Ouviu Mike desejar-lhe boa-noite e não respondeu, pois deslocara a atenção para o prédio de dois andares com aglomerados de flores marcianas de cor carmesim

desordenadamente espalhados pelo alto telhado de cristal. Na parte de trás, por cima do jardim, havia uma varanda em ferro torcido que tinha as janelas iluminadas. Era muito tarde, mas, mesmo assim, pensou: «Que acontecerá à Anna se eu não levar o Tom comigo para casa? Como receberá ela este segundo choque, esta segunda morte? Lembrar-se-á também da primeira morte, bem como deste sonho e do súbito desaparecimento? Oh, meu Deus, tenho de o encontrar, senão que será dela? Pobre Anna, à espera no cais.» Parou e levantou a cabeça. Algures lá em cima, vozes suaves davam as boas-noites a outras vozes, abriam-se e fechavam-se portas, apagavam-se as luzes e o canto delicado continuava. Um momento depois, uma rapariga, que não devia ter mais de dezoito anos, muito bonita, veio à varanda.

LaFarge chamou-a através do vento que se levantava.

A rapariga virou-se e olhou para baixo.

— Quem está aí? — gritou ela.

— Sou eu — respondeu o velho, e, ao perceber que a resposta era ridícula e estranha, calou-se, embora continuasse a mexer os lábios.

Será que deveria gritar: «Tom, meu filho, é o teu pai»? Como falar com ela? Era possível que o considerasse louco e chamasse os pais.

A rapariga debruçou-se na luz golpeada pelo vento.

— Eu conheço-o — respondeu ela, em voz baixa. — Vá-se embora, por favor; não há nada que possa fazer.

— Tens de voltar! — A frase escapou a LaFarge antes que a pudesse evitar.

A figura iluminada pelo luar recuou para a sombra, deixando de haver uma identidade exposta, apenas uma voz.

— Já não sou o seu filho. Nunca deveríamos ter vindo à cidade.

— A Anna está à espera no cais!

— Lamento — disse a voz serena. — Mas que posso eu fazer? Sou feliz aqui, amam-me tanto quanto vocês me amavam. Sou o que sou e aceito o que posso; é demasiado tarde, eles já me apanharam.

— Mas a Anna, o choque para ela. Pensa nisso.

— Os pensamentos são demasiado fortes nesta casa; é como estar

preso. Não consigo mudar para o que era antes.

— És o Tom; *eras* o Tom, não eras? Não podes brincar com um velho; não és mesmo a Lavinia Spaulding, pois não?

— Não sou ninguém, sou apenas eu próprio. Onde quer que esteja, sou alguma coisa, e agora sou algo que o senhor não pode impedir.

— Não estás a salvo na cidade. É melhor ficares no canal, onde ninguém te pode fazer mal — insistiu, quase numa súplica, o velho.

— É verdade. — A voz hesitou. — No entanto, agora tenho de pensar nestas pessoas. Como se sentiriam se, de manhã, eu tivesse desaparecido novamente, desta vez para sempre? Seja como for, a mãe sabe o que eu sou; ela percebeu, tal como aconteceu com o senhor. Julgo que todos eles perceberam, mas não questionaram. Não se questiona a Providência. Se não podemos ter a realidade, um sonho é igualmente bom. Talvez não seja a morta deles regressada, mas sou algo quase melhor: um ideal moldado mentalmente por eles. A escolha é entre magoá-los e magoar a sua mulher.

— São uma família de cinco. Vão suportar melhor a tua perda!

— Por favor — disse a voz. — Estou cansada.

A voz do velho endureceu.

— Tens de vir. Não posso permitir que a Anna sofra de novo. És o nosso filho. És o meu filho e pertences-nos.

— Não, por favor!

A sombra tremeu.

— Não pertences a esta casa nem a estas pessoas!

— Não, não me faça isso!

— Tom, Tom, filho, escuta-me. Vem comigo, desce pelas trepadeiras, rapaz. Vá, a Anna está à espera. Podemos dar-te uma boa casa, tudo o que desejares.

LaFarge continuou a olhar para cima, esperando que o seu desejo se realizasse.

As sombras mexeram-se, as trepadeiras farfalharam.

Por fim, a voz serena disse:

— Está bem, pai.

— Tom!

Sob o luar, a ágil figura de um rapaz desceu pelas trepadeiras. LaFarge esticou os braços para o apanhar.

Lá em cima, as luzes do quarto acenderam-se. Uma voz, vinda de uma das janelas com grades, disse:

— Quem está aí em baixo?

— Despacha-te, filho!

Mais luzes, mais vozes.

— Parem, tenho uma arma! Vinny, estás bem?

A resposta foi um som de passos apressados. Juntos, o velho e o rapaz correram através do jardim.

Ouviu-se um tiro. A bala atingiu o muro no momento em que eles bateram com o portão.

— Tom, vai por ali. Eu vou por aqui para os despistar! Corre para o canal. Encontramo-nos lá daqui por dez minutos, filho!

Separaram-se.

O luar escondeu-se atrás de uma nuvem. O velho correu pela escuridão.

— Anna, estou aqui!

A velha, a tremer, ajudou-o a entrar no barco.

— Onde está o Tom?

— Está a chegar — respondeu LaFarge, a arfar.

Viraram-se para observar os becos e a cidade adormecida. Ainda havia algumas pessoas na rua: um polícia, um guarda-nocturno, um piloto de foguetões, vários homens solitários que regressavam a casa vindos de *rendez-vous* nocturnos, quatro homens e mulheres sorridentes a sair de um bar. Algures, uma música indistinta tocava.

— Porque é que ele não vem? — perguntou a velha.

— Ele virá, ele virá.

Contudo, LaFarge não estava certo disso. Talvez o rapaz tivesse sido capturado outra vez, de alguma forma, quando se dirigia para o cais, ao correr através das ruas nocturnas entre as casas escuras. Era uma corrida longa, mesmo para um jovem, mas deveria ter lá chegado

primeiro.

E agora, ao longe, na avenida iluminada pelo luar, corria um vulto.

LaFarge gritou-lhe e, de seguida, calou-se, uma vez que identificou, também ao longe, o som de vozes e gente a correr. As luzes foram-se acendendo em janelas atrás de janelas. Do outro lado da praça que dava para o cais, o vulto corria. Não era Tom. Era apenas uma forma a correr, com um rosto como prata que brilhava à luz dos candeeiros esféricos espalhados pela praça. E, à medida que se aproximava velozmente, tornava-se mais familiar, até que, ao chegar, já era Tom! Anna estendeu os braços. LaFarge apressou-se a soltar as amarras. Mas já era demasiado tarde.

Na avenida, e atravessando a praça silenciosa, apareciam agora um homem, mais outro, uma mulher, mais dois homens, o senhor Spaulding, todos a correr. Pararam, estupefactos. Ficaram a olhar fixamente, desejando voltar para trás, porque aquilo só podia ser um pesadelo, de tão louco que era. Mas voltaram a avançar, hesitantes, parando, prosseguindo.

Era demasiado tarde. A noite, o acontecimento, chegara ao fim. LaFarge torceu a amarra que segurava entre os dedos. Sentia-se muito frio e só. As pessoas levantavam e baixavam os pés ao luar, deslocando-se a grande velocidade, de olhos arregalados, até a multidão que formavam, dez indivíduos no total, se deter no cais. Gritaram.

— Não se mexa, LaFarge!

Spaulding tinha uma arma.

Por fim, tornava-se evidente o que acontecera. Tom, correndo pelas ruas enluaradas, sozinho, passara pelos transeuntes. Um polícia vira o vulto a correr. O polícia voltara-se, fitando-lhe o rosto, chamara um nome e iniciara a perseguição — «*Você*, pare!» —, julgando reconhecer a cara de um criminoso. E ao longo de todo o trajecto, a mesma coisa: homens aqui, mulheres ali, guardas-nocturnos, pilotos de foguetões. A figura veloz significava tudo para eles, todas as identidades, todas as pessoas, todos os nomes. Quantos nomes diferentes teriam sido

pronunciados nos últimos cinco minutos? Quantas caras diferentes teriam sido moldadas por cima da de Tom, sem que nenhuma fosse a verdadeira?

Ao longo de todo o trajecto, o perseguido e os perseguidores, o sonho e os sonhadores, a caça e os caçadores. Ao longo de todo o trajecto, a súbita revelação, a centelha de uns olhos familiares, o grito de um nome muito antigo, as lembranças de outro tempo, a multidão a multiplicar-se. Todos dando um impulso para a frente enquanto, qual imagem reflectida em dez mil espelhos, dez mil olhos, o sonho chegava e partia, com um rosto diferente para os que vinham à frente, os que vinham atrás, os que ainda estavam para vir, os que ainda não se viam.

«E agora aqui estão todos, junto ao barco, querendo o sonho só para si, tal como nós queremos que ele seja o Tom e não a Lavinia, o William, o Roger ou qualquer outro», pensou LaFarge. Mas tudo estava prestes a acabar. A situação tinha ido longe de mais.

— Saiam, todos vocês! — ordenou Spaulding.

Tom saiu do barco. Spaulding agarrou-lhe o pulso.

— Vais voltar para casa comigo. Eu *sei*.

— Espere — disse o polícia. — Ele é meu prisioneiro. Chama-se Dexter e é procurado por homicídio.

— Não! — soluçou uma mulher. — É o meu marido! Creio que consigo reconhecer o meu marido!

Várias outras vozes se opuseram. A multidão avançou.

A senhora LaFarge servia de escudo a Tom.

— Este é o meu filho. Não têm o direito de o acusar seja do que for. Vamos para casa neste preciso instante!

Quanto a Tom, tremia e sacudia-se com violência. Parecia estar muito doente. A multidão acercou-se dele, esticando as mãos descontroladas, agarrando e exigindo.

Tom gritou.

Perante todos os olhares, metamorfoseou-se. Era Tom e James, um homem chamado Switchman e outro chamado Butterfield; era o

presidente da câmara daquela cidade e uma rapariga chamada Judith, o marido William e a mulher Clarisse. Era cera derretida a adquirir as feições projectadas pelas mentes da multidão, que continuava a berrar, a avançar, a suplicar. A forma gritava, esticava os braços, o rosto dissolvia-se a cada súplica.

— Tom! — gritou LaFarge.

— Alice! — berrou outra pessoa.

— William!

Puxaram-lhe os pulsos e arrastaram-no de um lado para o outro, até que, num último guincho de terror, caiu.

Ficou estendido nas pedras, cera derretida a arrefecer, o rosto composto de todos os rostos, um olho azul, o outro dourado, o cabelo castanho, ruivo, louro, preto, uma sobrancelha grossa, a outra fina, uma mão grande, a outra pequena.

Ficaram parados em redor dele e taparam as bocas com os dedos. Curvaram-se.

— Está morto — disse alguém, por fim.

Começou a chover.

A chuva caiu sobre as pessoas e elas olharam para o céu.

Lentamente, e depois mais depressa, viraram-se, começaram a andar e, logo de seguida, desataram a correr, dispersando-se. Num minuto, o local ficou deserto. Apenas ficaram o senhor e a senhora LaFarge, a olhar para baixo, de mãos dadas, aterrorizados.

A chuva caiu sobre o rosto revolvido, irreconhecível.

Anna não disse nada, mas começou a chorar.

— Vamos para casa, Anna, não há nada que possamos fazer — disse o velho.

Desceram para o barco e voltaram pelo canal na escuridão. Entraram em casa, acenderam um pequeno lume na lareira e aqueceram as mãos. Foram para a cama e ficaram deitados juntos, frios e magros, a ouvir a chuva que regressara ao telhado por cima deles.

— Escuta — disse LaFarge na obscuridade. — Não ouviste nada?

— Nada, nada.

— De qualquer forma, vou ver.

Atravessou o quarto escuro às apalpadelas e esperou à porta da rua durante muito tempo antes de a abrir.

Escancarou a porta e olhou lá para fora.

A chuva caía do céu negro sobre a entrada vazia do quintal, para dentro do canal e entre as montanhas azuis.

Esperou cinco minutos e, então, delicadamente, com as mãos molhadas, fechou e trancou a porta.

---

9 Canção tradicional escocesa. [*N. T.*]

Novembro de 2036
A LOJA DE MALAS

Quando, naquela noite, o proprietário da loja de malas ouviu a notícia na rádio, recebida da Terra via feixe de luz e som, pareceu-lhe algo muito remoto.

Em breve, iria estalar uma guerra na Terra.

Saiu para perscrutar o céu.

Sim, ali estava ela. A Terra, nos céus nocturnos, descendo como o Sol para trás das colinas. As palavras na rádio e aquela estrela verde eram a mesma coisa.

— Não acredito — disse o proprietário.

— Isso é porque não está lá — disse o padre Peregrine, que o visitara para fazer o tempo passar mais depressa naquela noite.

— Que quer dizer com isso, padre?

— É como quando eu era pequeno — disse o padre Peregrine. — Ouvíamos falar das guerras na Ásia. Mas nunca acreditávamos nelas. Era longe de mais. E havia demasiada gente a morrer. Era impossível. Mesmo quando víamos os filmes, não acreditávamos. Agora é igual. A Terra é a Ásia. Está tão distante que é inacreditável. Não é aqui. Não lhe podemos tocar. Nem sequer a conseguimos ver. Tudo o que somos capazes de identificar é uma luz verde. Dois mil milhões de pessoas a viver naquela luz? Inacreditável! Guerra? Não ouvimos as explosões.

— Ouvi-las-emos — disse o proprietário. — Não deixo de pensar em todas aquelas pessoas que viriam para Marte esta semana. Quantas eram? Cerca de cem mil chegariam durante o próximo mês. Que será *delas* se a guerra começar?

— Imagino que voltarão para trás. Serão necessárias na Terra.

— Bem — disse o proprietário —, é melhor limpar o pó às minhas malas. Pressinto que, a qualquer momento, vou ter uma enorme afluência de clientes.

— Acredita que todas as pessoas que estão agora em Marte regressarão à Terra se esta *for* a Grande Guerra por que esperamos há anos?

— É engraçado, padre, mas sim, acredito que regressaremos *todos*. Eu sei, viemos para este planeta para fugir de muitas coisas: da política, da bomba atómica, dos grupos de pressão, do preconceito, das leis. Eu sei. Mas aquela continua a ser a nossa casa. Espere e verá. Quando a primeira bomba cair nos Estados Unidos, as pessoas em Marte vão começar a pensar. Não estão aqui assim há tanto tempo. Um par de anos, não mais do que isso. Se já aqui vivessem há quarenta anos, seria diferente, mas têm familiares lá em baixo e as suas cidades natais. Quanto a mim, deixei de acreditar na Terra. Na verdade, quase a não consigo imaginar. Mas eu sou velho e não conto. Talvez fique.

— Duvido.

— Sim, talvez tenha razão.

Ficaram no alpendre a observar as estrelas. Por fim, o padre Peregrine tirou algum dinheiro do bolso e entregou-o ao dono da loja de malas.

— Pensando bem, é melhor comprar uma mala nova. A que tenho está em muito mau estado…

Novembro de 2036
A ÉPOCA BAIXA

Sam Parkhill, munido de uma vassoura, varria a areia azul de Marte.

— Cá estamos — disse ele. — Sim, senhor, olhem só para aquilo! — Apontou. — Olha para aquele letreiro. Cachorros-Quentes do Sam. Não é lindo, Elma?

— Sem dúvida, Sam — disse a mulher dele.

— Caramba, que mudança para mim. Se os rapazes da Quarta Expedição me pudessem ver agora. Estou contente por ter um negócio enquanto todos os outros ainda andam por aí a trabalhar como soldados. Ganharemos milhares, Elma, milhares.

A mulher ficou a olhar para ele durante muito tempo, sem falar.

— Que aconteceu ao capitão Wilder? — perguntou, por fim. — Aquele capitão que matou aquele tipo que queria matar todos os outros Homens da Terra, como é que ele se chamava?

— Spender, esse louco. Era mesmo muito esquisito. Oh, o capitão Wilder? Vai num foguetão a caminho de Júpiter, segundo ouvi dizer. Promoveram-no para se livrarem dele. Acho que também era um bocado amalucado em relação a Marte. Todo muito sensível, sabes? Voltará de Júpiter e Plutão daqui a vinte anos, se tiver sorte. Foi o que ganhou por não saber estar calado. E enquanto ele está a morrer de frio, olha para mim, olha para este lugar!

Era um cruzamento onde duas estradas mortas desembocavam e se perdiam na escuridão. Ali, Sam Parkhill erguera a sua estrutura de alumínio rebitado, ornamentada com luzes brancas muito fortes, sacudida pela música que saía da máquina de discos.

Baixou-se para ajustar um dos pedaços de vidro partido que espalhara no caminho. Trouxera os vidros, partindo-os, de alguns

antigos edifícios marcianos situados nas colinas.

— Os melhores cachorros-quentes dos dois mundos! O primeiro homem em Marte com uma barraca de cachorros-quentes! As melhores cebolas, o melhor chili e a melhor mostarda! Não podes dizer que não tenho olho para o negócio. Passam por aqui as principais estradas, além fica a cidade morta e os depósitos de minerais. Aqueles camiões da Colónia Terrestre 101 terão de passar por aqui vinte e quatro horas por dia! Sei ou não sei escolher uma boa localização?

Elma olhava para as unhas.

— Achas que aqueles dez mil foguetões com novos trabalhadores conseguirão chegar a Marte? — perguntou, por fim.

— Daqui por um mês — respondeu Sam, numa voz muito alta. — Que cara é essa?

— Não confio naquela gente da Terra — disse ela. — Acreditarei quando vir chegar os dez mil foguetões com os cem mil mexicanos e chineses a bordo.

— Clientes. — Demorou-se na palavra. — Cem mil pessoas esfomeadas.

— Se — disse a mulher devagar, observando o céu — não houver uma guerra atómica. Não confio em bombas atómicas. Há tantas na Terra neste momento. Nunca se sabe.

— Ah — disse Sam, e continuou a varrer.

Pelo canto do olho, captou um tremeluzir azul. Uma forma flutuava suavemente atrás dele. Ouviu a mulher dizer:

— Sam, um amigo teu para falar contigo.

Sam voltou-se rapidamente e viu a máscara que parecia flutuar no vento.

— Então, voltou! — exclamou, empunhando a vassoura como se fosse uma arma.

A máscara assentiu. Era feita de vidro azul-pálido e estava presa por cima de um pescoço delgado, sob o qual esvoaçava uma túnica larga de seda amarela e fina. Duas mãos de malha de prata surgiram do

interior da seda. A boca da máscara era uma ranhura da qual saíam sons musicais, enquanto a túnica, a máscara e as mãos subiam e desciam um pouco.

— Senhor Parkhill, regressei para falarmos de novo — disse a voz por detrás da máscara.

— Pensei que lhe tinha dito que não o queria perto daqui! — gritou Sam. — Vá-se embora, senão pego-lhe a Doença!

— Já tive a Doença — disse a voz. — Fui um dos poucos sobreviventes. Estive doente durante muito tempo.

— Vá-se embora e esconda-se nas colinas, é lá o seu lugar, é lá que tem vivido. Por que razão *me* vem incomodar? Assim, de repente. Duas vezes no mesmo dia.

— Não temos más intenções.

— Mas eu tenho! — disse Sam, recuando. — Não gosto de estranhos. Não gosto de marcianos. Nunca tinha visto um. Não é natural. Ficam escondidos durante todos estes anos e, de repente, aparecem para me importunar. Deixem-me em paz.

— Viemos por uma razão importante — disse a máscara azul.

— Se for por causa da terra, é minha. Construí esta barraca de cachorros-quentes com as minhas próprias mãos.

— De certa forma, *é* por causa da terra.

— Escute bem — disse Sam. — Eu sou de Nova Iorque. É uma cidade onde há dez milhões de pessoas iguais a mim. Vocês, os marcianos, já não são mais do que duas dúzias, não têm cidades, vagueiam pelas colinas, sem líderes, sem leis, e agora vêm-me falar desta terra. Francamente. O velho tem de dar lugar ao novo. É a lei do dar e tirar. Tenho uma arma comigo. Esta manhã, depois de se ter ido embora, carreguei-a.

— Nós, os marcianos, somos telepáticos — disse a fria máscara azul. — Estamos em contacto com uma das vossas cidades do outro lado do mar morto. Tem ouvido a rádio?

— O meu rádio está avariado.

— Então não sabe. Há notícias muito importantes. Da Terra...

Uma mão prateada gesticulou e um tubo de bronze apareceu.

— Permita-me que lhe mostre isto.

— Uma arma — gritou Sam Parkhill.

Num ápice, levou a mão ao coldre que tinha à cintura, sacou da pistola e disparou na direcção da névoa, da túnica, da máscara azul.

A máscara susteve-se por um momento. Depois, como uma pequena tenda de circo que perdeu as estacas e se vai dobrando devagar em pregas sobre pregas, as sedas farfalharam, a máscara desceu, as garras prateadas tilintaram no caminho de pedra. A máscara ficou caída em cima de um montículo de silenciosos ossos e tecidos brancos.

Sam ficou parado, com dificuldade em respirar.

Elma, caminhando de modo hesitante, aproximou-se do montículo.

— Não é uma arma — disse ela, baixando-se. Pegou no tubo de bronze. — Ele ia mostrar-te uma mensagem. Está escrita em caracteres com forma de serpente, tudo serpentes azuis. Não a consigo perceber. Tu consegues?

— Não, essa escrita pictográfica marciana nunca significou nada. Esquece isso! — Sam olhou rapidamente em redor. — Pode haver outros! Temos de o esconder. Vai buscar a pá!

— Que vais fazer?

— Enterrá-lo, claro!

— Não o devias ter matado.

— Foi um erro. Despacha-te!

Em silêncio, Elma foi buscar-lhe a pá.

Às oito horas, já Sam retomara a tarefa de varrer a parte da frente da barraca de cachorros-quentes, embora se mostrasse preocupado. Elma estava de pé, com os braços cruzados, no patamar iluminado.

— Lamento o que aconteceu — disse ele. Olhou para a mulher e logo desviou o olhar. — Sabes que foi simplesmente uma circunstância do Destino.

— Sim — disse Elma.

— Perdi a cabeça quando o vi sacar daquela arma.

— Que arma?

— Bem, eu pensei que era uma arma! Desculpa, desculpa! Quantas vezes tenho de o dizer?

— Chiu — disse Elma, levando um dedo aos lábios. — Chiu.

— Não me importa — disse ele. — Tenho todo o Grupo de Colónias Terrestres a servir-me de protecção! Estes marcianos não se atreverão...

— Olha — disse Elma.

Sam olhou para o fundo do mar morto. Deixou cair a vassoura. Apanhou-a, de boca aberta, e escapou-lhe um pingo de saliva, levado pelo vento. De repente, começou a tremer.

— Elma, Elma, Elma! — disse ele.

— Lá vêm eles — disse Elma.

Através do fundo do antigo mar, doze barcos de areia marcianos, altos e com velas azuis, flutuavam como fantasmas azuis, como fumo azul.

— Barcos de areia! Mas já não existem, Elma, já não há barcos de areia.

— Parecem-me ser barcos de areia — confirmou Elma.

— Mas as autoridades confiscaram-nos todos! Desmantelaram-nos e só venderam uns poucos em leilões! Sou o único em todo este maldito território que tem um e que o sabe manobrar.

— Pelos vistos, deixaste de ser — disse Elma, acenando com a cabeça na direcção do mar.

— Vamos embora, vamos sair daqui!

— Porquê? — perguntou ela, lentamente, fascinada com as embarcações marcianas.

— Vão matar-me! Entra na carrinha, depressa!

Elma não se mexeu.

Sam teve de a arrastar para as traseiras da barraca, onde estavam os dois veículos: a carrinha, que usara regularmente até um mês antes, e o velho barco de areia marciano, que comprara num leilão, satisfeito, e que, durante as últimas três semanas, usara para transportar

mercadorias de um lado para o outro, através do fundo do mar vítreo. Olhou para a carrinha e lembrou-se. O motor estava no chão; há dois dias que o tentava reparar.

— A carrinha não parece estar em condições de andar — disse Elma.

— O barco de areia. Entra.

— Vou deixar que me leves num barco de areia? Nem pensar.

— Entra! Eu consigo manobrá-lo.

Empurrou a mulher para dentro da embarcação, saltou atrás dela, virou a cana do leme e içou a vela azul-cobalto para apanhar o vento do anoitecer.

As estrelas brilhavam e os barcos marcianos azuis deslizavam pelas areias sussurrantes. A princípio, Sam não conseguiu pôr em movimento o seu barco, mas logo se lembrou da âncora de areia e, dando-lhe um puxão, recolheu-a.

— Já está!

O vento lançou o barco de areia pelo fundo do mar morto, fazendo-o passar sobre cristais há muito enterrados e ao largo de colunas reviradas, docas de mármore e bronze desertas, cidades de peças de xadrez brancas e mortas, sopés de colinas púrpuras, cada vez mais distantes. Os vultos das embarcações marcianas começaram a ficar para trás, mas depois alcançaram o barco de Sam.

— É para aprenderem, por Deus! — gritou Sam. — Comunicarei este episódio à Companhia dos Foguetões. Não me negarão protecção! Sou muito rápido.

— Se quisessem, teriam conseguido deter-te — disse Elma, cansada. — Simplesmente não se deram ao trabalho.

Sam soltou uma gargalhada.

— Deixa-te disso. Por que razão me deixariam escapar? Não, a verdade é que não conseguiram ser tão rápidos.

— Não conseguiram mesmo?

Elma fez um sinal com a cabeça para trás dele.

Sam não se virou. Sentiu um vento frio e teve medo de se voltar. Sentiu algo no banco atrás dele, algo tão frágil como a respiração

numa manhã fria, tão azul como o fumo da madeira de nogueira ao crepúsculo, algo semelhante a renda branca antiga, a neve, a geada de Inverno sobre juncos quebradiços.

Ouviu-se um som que parecia o de um prato de vidro fino a partir-se — risos. Depois, silêncio. Sam virou-se.

A jovem estava tranquilamente sentada no banco do leme. Tinha pulsos delgados como pingentes de gelo, olhos grandes tão claros, firmes e brancos como as luas. O vento soprou contra ela e, como uma imagem reflectida na água fria, a jovem ondulou e pareceu sair seda do seu corpo frágil em farrapos de chuva azul.

— Volta para trás — pediu ela.

— Não. — Sam tremia, o leve e delicado frémito de medo de um vespão suspenso no ar, indeciso entre o temor e o ódio. — Sai do meu barco!

— Este barco não é teu — disse a visão. — É tão antigo quanto o nosso mundo. Velejou pelos mares de areia há dez mil anos, quando os mares desapareceram num sussurro e as docas ficaram vazias. E tu vieste e roubaste-o. Agora, dá meia-volta e regressa ao sítio da encruzilhada. Precisamos de falar contigo. Aconteceu uma coisa importante.

— Sai do meu barco! — insistiu Sam. Tirou a arma do coldre com um ranger de cabedal. Apontou-a com cuidado. — Salta antes de eu contar até três, ou…

— Não faças isso! — gritou a rapariga. — Não te vou magoar. Nem os outros. Viemos em paz!

— Um — disse Sam.

— Sam! — disse Elma.

— Escuta-me — disse a rapariga.

— Dois — continuou Sam, com firmeza, armando o gatilho.

— Sam! — gritou Elma.

— Três — disse Sam.

— Nós apenas… — disse a rapariga.

A arma disparou.

Exposta à luz do Sol, a neve derrete e os cristais evaporam, transformando-se em vapor, em nada. Expostos à luz do fogo, os vapores dançam e desvanecem-se. Expostas no interior de um vulcão, as coisas frágeis rebentam e desaparecem. A rapariga, exposta ao tiro de pistola, ao súbito calor, ao impacto, dobrou-se como um lenço macio, derreteu como uma estatueta de cristal. Aquilo que sobrou dela — gelo, flocos de neve, fumo — foi levado pelo vento. O banco do leme ficou vazio.

Sam guardou a arma no coldre e não olhou para a mulher.

— Sam — disse ela, após mais um minuto de viagem sussurrante sobre o mar de areia cor de lua —, peço-te que pares o barco.

— Não, nem penses nisso. — Olhou para a mulher, pálido. — Ao fim deste tempo todo, não me vais deixar.

Elma olhou para a mão dele na arma.

— Acredito que eras capaz — disse ela —, que eras mesmo capaz de o fazer.

Sam sacudiu a cabeça de um lado para o outro, segurando com força a cana do leme.

— Elma, isto é uma loucura. Estamos quase a chegar à cidade, ficaremos bem!

— Sim — disse a mulher, recostando-se friamente no barco.

— Elma, ouve-me.

— Não há nada para ouvir, Sam.

— Elma!

Estavam a passar ao largo de uma daquelas pequenas cidades de peças de xadrez brancas e, na sua frustração, na sua raiva, Sam disparou seis balas contra as torres de cristal. A cidade dissolveu-se numa chuva de vidro antigo e quartzo estilhaçado. Desmoronou como sabão esculpido feito em pedaços. Desapareceu. Sam Parkhill riu e disparou outra vez, e uma última torre, uma última peça de xadrez, pegou fogo, ardeu e, em fragmentos azuis, subiu até às estrelas.

— Vou mostrar-lhes! Vou mostrar a toda a gente!

— Força, mostra-nos, Sam — desafiou Elma, sem sair da sombra.

— Lá vem outra cidade! — Sam recarregou a arma. — Vê bem como vou tratar dela!

Os barcos azuis fantasmagóricos apareceram atrás deles, ganhando velocidade. De início, Sam não os viu, mas apercebeu-se de um sibilar, de um silvar estridente como aço sobre areia. E, de facto, tratava-se do som das proas afiadíssimas dos barcos de areia a alisar o fundo do mar, com flâmulas vermelhas e flâmulas azuis desfraldadas. Nos barcos azul-claros havia imagens azul-escuras: homens com máscaras, homens com rostos prateados, homens com estrelas azuis no lugar dos olhos, homens com orelhas esculpidas em ouro, homens com faces estanhadas e lábios cravejados de rubis, homens de braços cruzados, homens que o perseguiam, homens marcianos.

Um, dois, três, contou Sam. Os barcos marcianos aproximavam-se.

— Elma, Elma, não dou conta de todos!

Elma não falou, nem se levantou do lugar onde se deixara cair.

Sam disparou a arma oito vezes. Um dos barcos de areia desfez-se: a vela, o corpo de esmeralda, as partes de bronze no casco, a cana do leme branca como a Lua e todas as imagens dispersas dentro dele. Os homens mascarados, todos eles, mergulharam na areia e desintegraram-se em chamas alaranjadas e fumegantes.

No entanto, os outros barcos encurtaram a distância.

— Estou em desvantagem, Elma — gritou. — Vão matar-me!

Lançou a âncora. Nada mais havia a fazer. A vela desceu a esvoaçar, dobrando-se sobre si mesma num suspiro. O barco parou. O ventou parou. A viagem parou. Marte imobilizou-se quando as majestosas embarcações marcianas o cercaram e fizeram um compasso de espera.

— Homem da Terra — chamou uma voz de um lugar alto, algures. Uma máscara prateada mexeu-se. Uns lábios orlados de rubis cintilaram com as palavras.

— Não fiz nada!

Sam olhou para todos os rostos, cem no total, que o rodeavam.

Já quase não havia muitos marcianos em Marte — cem, cento e cinquenta, no máximo. E a maioria deles estava ali naquele momento, nos mares desertos, dentro dos seus barcos ressuscitados, perto das suas cidades de xadrez, uma das quais destruída ainda há pouco como um vaso frágil atingido por uma pedra. As máscaras prateadas reluziram.

— Foi tudo um erro — alegou Sam, levantando-se no barco, com a mulher afundada atrás dele, nas profundezas do porão, como se estivesse morta. — Vim para Marte como um homem de negócios honesto e empreendedor. Tirei algum material excedente de um foguetão que se despenhou e construí a melhor barraca que alguma vez viram. Ergui-a ali mesmo, naquele terreno junto ao cruzamento das duas estradas, vocês sabem onde é. Têm de admitir que é um belo trabalho de construção. — Sam riu, olhando em volta. — Foi então que chegou aquele marciano. Eu sei que ele era vosso amigo, mas a morte dele foi um acidente, garanto. Eu só queria ter uma barraca de cachorros-quentes, a única em Marte, a primeira e a mais importante. Estão a perceber? Iria servir ali os melhores cachorros-quentes, com chili e cebolas e sumo de laranja.

As máscaras prateadas não se moveram. Reluziam ao luar. Os olhos amarelos brilhavam sobre Sam, que sentiu o estômago a contrair-se, a definhar e a transformar-se numa pedra. Atirou a pistola para a areia.

— Desisto.

— Apanhe a arma — disseram os marcianos em coro.

— O quê?

— A sua arma. — Uma mão coberta de jóias acenou da proa de um dos barcos azuis. — Apanhe-a. Guarde-a.

Incrédulo, Sam apanhou a pistola.

— Agora — disse a voz — vire o seu barco e volte para a sua barraca.

— Agora?

— Agora — disse a voz. — Não lhe faremos mal. Fugiu antes que pudéssemos explicar. Venha.

Os enormes barcos viraram tão levemente como cardos lunares. As velas ondularam no ar, produzindo o som de um aplauso. Quando se viraram, as máscaras coruscaram, incendiando as sombras.

— Elma! — Sam deu um trambolhão no barco. — Levanta-te, Elma. Vamos regressar. — Estava excitado. Quase gaguejou de alívio. — Não me vão fazer mal, nem me vão matar, Elma. Levanta-te, querida, levanta-te.

— O quê? O quê?

Lentamente, Elma pestanejou e olhou em redor, enquanto o barco era levado de novo pelo vento. Depois fez um esforço para se erguer, como num sonho, e deixou-se cair outra vez num banco, como se fosse um saco de pedras, não dizendo mais nada.

A areia deslizava debaixo do barco. Ao fim de meia hora, estavam de regresso à encruzilhada, com as embarcações paradas e todos fora delas.

O Líder avançou e deteve-se junto de Sam e Elma. Atrás da máscara de bronze batido e polido, os olhos eram apenas ranhuras vazias de uma infinita escuridão azulada, e a boca, uma fenda de onde saíam palavras que se diluíam no vento.

— Prepare a sua barraca — disse a voz. Uma luva de diamantes acenou. — Prepare as iguarias, prepare essas comidas, prepare os vinhos estranhos, pois esta é, sem dúvida, uma grande noite!

— Quer dizer que me deixam ficar aqui? — perguntou Sam.

— Sim.

— Não estão furiosos comigo?

A máscara era esculpida numa expressão rígida, fria e cega.

— Prepare o seu sítio de comida — disse a voz, suavemente. — E aceite isto.

— Que é?

Sam contemplou o rolo de folha de prata que recebera, sobre o qual, em hieróglifos, dançavam figuras com forma de cobras.

— É a concessão de terras de todo o território desde as montanhas

prateadas até às colinas azuis e desde o mar salgado já morto até aos distantes vales de selenite e esmeralda — disse o Líder.

— É... meu? — perguntou Sam, incrédulo.

— Sim, é seu.

— Cento e sessenta mil quilómetros de território?

— Seus.

— Ouviste, Elma?

Elma estava sentada no chão, encostada à barraca de alumínio, com os olhos fechados.

— Mas porquê? Porque é que me estão a dar tudo isto? — perguntou Sam, tentando sondar o interior das ranhuras metálicas dos olhos.

— Não é tudo. Aqui tem.

Outros seis rolos foram entregues, os nomes declarados, os territórios anunciados.

— Mas é metade de Marte! Sou o dono de metade de Marte! — Sam agitou os rolos nas mãos fechadas. Agitou-os para Elma, louco de tanto rir. — Elma, ouviste?

— Ouvi — disse Elma, a olhar para o céu como se estivesse à procura de algo, agora um pouco mais desperta.

— Obrigado, oh, obrigado — disse Sam à máscara de bronze.

— Esta noite é a noite — disse a máscara. — Vai ter de estar preparado.

— Sim, estarei. Que é? Uma surpresa? Será que os foguetões vão chegar da Terra mais cedo do que pensávamos, um mês mais cedo? Os dez mil foguetões, com os colonos, os mineiros, os trabalhadores e as respectivas mulheres, cem mil ao todo? Não será formidável, Elma? Estás a ver, eu bem te disse. Disse-te que aquela cidade não iria ter só mil habitantes para sempre. Chegarão mais cinquenta mil e, um mês depois, mais cem mil e, até ao final do ano, cinco milhões de Homens da Terra. E eu com a única barraca de cachorros-quentes junto à estrada mais movimentada para as minas!

A máscara flutuou no vento.

— Vamos deixá-lo. Prepare-se. A terra é sua.

À luz das luas, no vento, como pétalas metálicas de uma qualquer flor ancestral, como plumas azuis, como imensas e silenciosas borboletas de cobalto, os barcos antigos viraram e deslizaram sobre as areias instáveis, levando máscaras que reluziam e cintilavam, até o último brilho, o último tom de azul, se perder entre as colinas.

— Elma, que os levou a fazer isto? Porque não me mataram? Não sabem nada? Que se passa com eles? Elma, estás a perceber? — Sam abanou a cabeça. — Sou o dono de metade de Marte!

A mulher olhava o céu nocturno, à espera.

— Vamos — disse ele. — Temos de preparar tudo. Cozer todas as salsichas, aquecer os pães, cozinhar o chili, descascar e cortar as cebolas, tirar os molhos, pôr os guardanapos nas pinças, deixar a barraca impecável! Ei! — Ensaiou uma pequena dança desvairada, batendo com os calcanhares um no outro. — Ah, caramba, estou feliz; sim, senhor, estou feliz — cantou, desafinado. — Este é o meu dia de sorte!

Num frenesim, cozeu as salsichas, cortou os pães, picou as cebolas.

— Pensa bem, aquele marciano falou numa surpresa. Só pode significar uma coisa, Elma. Aquelas cem mil pessoas vão chegar antes do previsto, esta noite! Seremos inundados! Trabalharemos sem parar durante dias, com os turistas a circular por aqui em busca de todas as atracções, Elma. Pensa no dinheiro!

Saiu e olhou para o céu. Não viu nada.

— Daqui a pouco, talvez — disse ele, inspirando com satisfação o ar frio, levantando os braços e batendo no peito. — Ah!

Elma ficou calada. Em silêncio, descascou as batatas para fritar, com os olhos sempre postos no céu.

— Sam — disse ela, meia hora mais tarde. — Ali está ela. Olha.

Sam olhou e viu-a.

A Terra.

Cheia e verde, elevava-se, como uma pedra preciosa bem lapidada, sobre as colinas.

— A boa velha Terra — murmurou ele, com ternura. — Velha e

maravilhosa Terra, envia-me os teus sedentos e os teus esfomeados. Algo, algo... como é aquele poema? Envia-me os teus esfomeados, velha Terra. Deste lado está o Sam Parkhill, com os cachorros-quentes bem cozidos, o chili quase pronto, tudo num brinquinho. Vamos, Terra, manda-me os teus foguetões!

Saiu para admirar a sua barraca. Lá estava ela, perfeita como um ovo acabado de pôr no fundo do mar morto, o único núcleo de luz e calor em centenas de quilómetros de terra deserta. Era como um coração a bater sozinho num grande corpo escuro. Sam quase ficou pesaroso de tanto orgulho, fitando-a com olhos lacrimejantes.

— Não há dúvida de que nos faz sentir humildes — comentou, envolto nos odores das salsichas, dos pães quentes, da manteiga gorda. — Venham — convidou as várias estrelas no céu. — Quem será o primeiro cliente?

— Sam — disse Elma.

A Terra mudou no céu negro.

Incendiou-se.

Parte dela pareceu desfazer-se num milhão de pedaços, como se um gigantesco *puzzle* tivesse explodido. Ardeu durante um minuto num clarão diabólico gotejante, adquirindo um tamanho três vezes maior do que o normal, e depois minguou.

— Que é aquilo? — Sam observou o fogo verde no céu.

— A Terra — respondeu Elma, juntando as mãos.

— Não pode ser a Terra, não é a Terra! Não, aquela não é a Terra. Não pode ser.

— Queres dizer que não podia ser a Terra? — perguntou Elma, olhando para ele. — Não, já não é a Terra; é isso que queres dizer?

— Oh, a Terra não, não *podia* ser — choramingou Sam.

Ficou parado, com as mãos caídas ao lado do corpo, a boca aberta, os olhos arregalados e baços, sem esboçar um único movimento.

— Sam — chamou Elma. Pela primeira vez em dias, os olhos dela brilhavam. — Sam?

O marido continuava a fitar o céu.

— Bem — disse ela. Durante cerca de um minuto, em silêncio, estudou o espaço em volta. Depois, bruscamente, sacudiu um pano húmido e pô-lo ao ombro. — Acende mais luzes, aumenta o volume da música, abre as portas. Chegará uma nova leva de clientes daqui por, mais ou menos, um milhão de anos. Temos de estar preparados, sim, senhor.

Sam não se mexeu.

— Que sítio formidável para uma barraca de cachorros-quentes — disse Elma. Esticou a mão, tirou um palito de um frasco de vidro e levou-o à boca, deixando-o entre os dentes da frente. — Vou contar-te um pequeno segredo, Sam — murmurou, inclinando-se na direcção do marido. — Tudo indica que a época baixa vai continuar.

Novembro de 2036
OS OBSERVADORES

Naquela noite, todos saíram à rua e olharam para o céu. Interromperam o jantar, deixaram de se lavar ou de se vestir para o espectáculo e vieram para os alpendres, agora não tão novos, ficando a observar a estrela verde da Terra. Foi um movimento involuntário; todos o fizeram para que pudessem compreender melhor a notícia ouvida na rádio momentos antes. Lá estava a Terra e a guerra iminente, e lá estavam centenas de milhares de mães, avós, pais, irmãos, tias, tios ou primos. Ficaram parados nos alpendres e tentaram acreditar na existência da Terra, tal como outrora tinham tentado acreditar na existência de Marte. Era um problema invertido. Para eles, em todo o caso, a Terra estava agora morta, estavam longe dela há três ou quatro anos. O espaço era um anestésico: cerca de cem milhões de quilómetros de espaço podiam insensibilizar, adormecer a memória, despovoar a Terra, apagar o passado e permitir-lhes que continuassem com o seu trabalho. Mas, naquela noite, os mortos tinham ressuscitado, a Terra voltara a ser habitada, a memória acordara, muitos milhares de nomes haviam sido proferidos: que estariam fulano e sicrano a fazer naquela noite na Terra? E este e aquele? As pessoas nos alpendres observavam-se de soslaio.

Às nove horas da noite, a Terra pareceu explodir, incendiar-se e arder.

As pessoas nos alpendres ergueram as mãos, como que para apagar o fogo.

Esperaram.

Por volta da meia-noite, o fogo estava extinto. A Terra ainda lá estava. Ouve um suspiro, como um vento de Outono, vindo dos

alpendres.

— Já não temos notícias do Harry há muito tempo.

— Ele está bem.

— Devíamos mandar uma mensagem à mãe.

— Ela está bem.

— Está *mesmo*?

— Não te preocupes.

— Achas que ela vai ficar em segurança?

— Claro, claro; agora vem para a cama.

Mas ninguém se mexeu. Levaram jantares tardios para os relvados nocturnos e colocaram-nos sobre mesas dobráveis, comendo aos poucos e devagar até às duas da manhã, altura em que a mensagem de rádio-luz foi transmitida da Terra. Era possível ler os enormes clarões em código Morse que brilhavam como um pirilampo distante:

CONTINENTE AUSTRALIANO PULVERIZADO EM EXPLOSÃO PREMATURA DE ARSENAL ATÓMICO. LOS ANGELES, LONDRES BOMBARDEADAS. GUERRA. VOLTEM PARA CASA. VOLTEM. VOLTEM.

Levantaram-se das mesas.

VOLTEM PARA CASA. VOLTEM. VOLTEM.

— Tiveste notícias do teu irmão Ted este ano?

— Sabes como é. Com os preços dos correios a cinco dólares por carta para a Terra, não lhe escrevo muito.

VOLTEM PARA CASA.

— Tenho pensado na Jane. Lembras-te da Jane, a minha irmã mais nova?

VOLTEM PARA CASA.

Às três horas daquela fria madrugada, o dono da loja de malas ergueu os olhos. Um grande número de pessoas descia a rua.

— Fiquei aberto até mais tarde de propósito. Que vai ser, senhor?

Ao amanhecer, já não havia malas nas prateleiras.

Dezembro de 2036
AS CIDADES SILENCIOSAS

Nos limites do mar morto de Marte, havia uma cidade pequena, branca e silenciosa. A cidade estava deserta. Não havia ninguém nas ruas. Luzes solitárias brilhavam nas lojas o dia inteiro. As portas dos estabelecimentos estavam escancaradas, como se as pessoas tivessem saído a correr sem as trancar. As revistas trazidas da Terra no foguetão prateado um mês antes agitavam-se com o vento e amareleciam, ainda por ler, nos suportes de ferro existentes na parte da frente das drogarias silenciosas.

A cidade estava morta. As camas estavam vazias e frias. O único som era o do zumbido dos cabos e dos dínamos eléctricos, que continuavam vivos, mas por conta própria. A água transbordava de banheiras esquecidas, corria por salas de estar, cruzava alpendres e atravessava pequenos jardins para nutrir flores negligenciadas. Nos cinemas escuros, as pastilhas coladas debaixo dos assentos começavam a endurecer, conservando a marca dos dentes.

Do outro lado da cidade, havia uma pista de foguetões. Ainda era possível sentir o cheiro forte a queimado onde o último foguetão fora lançado para regressar à Terra. Se colocássemos uma moeda de dez cêntimos no telescópio e o apontássemos à Terra, talvez conseguíssemos ver a grande guerra que por lá grassava. Talvez conseguíssemos ver Nova Iorque a explodir. Talvez observássemos Londres coberta por um novo tipo de nevoeiro. Talvez, então, pudéssemos compreender o porquê de esta pequena cidade marciana estar abandonada. Quão rápida fora a evacuação? Bastava entrar em qualquer loja, carregar na tecla para abrir a caixa registadora e vê-la a tilintar de trocos reluzentes. Aquela guerra na Terra devia ser mesmo

terrível...

Pelas avenidas vazias desta cidade, a assobiar baixinho, dando pontapés a uma lata, muito concentrado, surgiu um homem alto e magro. Os olhos escuros brilhavam-lhe com uma expressão de serena solidão. Movia as mãos ossudas nos bolsos, que tiniam com moedas novas. De vez em quando, atirava uma para o chão. Ria comedidamente e seguia em frente, espalhando moedas luzidias por todo o lado.

Chamava-se Walter Gripp. Tinha uma concessão mineira e uma cabana num lugar remoto, algures no topo das colinas marcianas azuis, e costumava caminhar até à cidade a cada duas semanas para ver se conseguia casar com uma mulher sossegada e inteligente. Ao longo dos anos, regressara sempre à cabana sozinho e desapontado. Uma semana antes, ao chegar à cidade, encontrara-a neste estado!

Nesse dia, ficara tão surpreendido que correra para uma charcutaria e pedira uma sanduíche tripla de carne de vaca.

— É para já! — gritou ele, com uma toalha no braço.

Pegou em várias carnes e em pão cozido no dia anterior, tirou o pó de uma mesa, convidou-se a si mesmo para se sentar e comeu até ter de procurar uma casa de refrescos, onde pediu uma gasosa. O funcionário da loja, um tal Walter Gripp, foi extremamente cordial e serviu-lhe logo uma!

De seguida, encheu os bolsos das calças de ganga com todo o dinheiro que conseguiu encontrar. Carregou um atrelado de criança com notas de dez dólares e atravessou a cidade a correr velozmente. Ao chegar aos subúrbios, apercebeu-se de repente, e com vergonha, da imbecilidade dos seus actos. Não precisava de dinheiro. Transportou as notas de dez dólares até ao lugar onde as encontrara, tirou um dólar da sua própria carteira para pagar as sanduíches, colocou-o na caixa registadora da charcutaria e ainda deixou uma gorjeta de vinte e cinco cêntimos.

Nessa noite, desfrutou de um banho turco bem quente e de uma refeição composta por um suculento bife coberto de delicados

cogumelos, xerez seco importado e morangos em vinho. Vestiu um fato de flanela azul novo e pôs um chapéu *Homburg* cinzento que lhe balouçava estranhamente na cabeça magra. Inseriu uma moeda na máquina de discos, que tocou a canção *That Old Gang of Mine*[10]. Inseriu moedas em vinte máquinas de discos por toda a cidade. A noite e as ruas desertas encheram-se com a triste música de *That Old Gang of Mine*, enquanto ele caminhava, alto e magro e solitário, arrastando lentamente os pés nos sapatos novos, com as mãos frias nos bolsos.

Mas isso acontecera há uma semana. Desde então, dormia numa boa casa na Avenida Marciana, levantava-se às nove, tomava banho e saía à cidade em busca de presunto e ovos. Não havia manhã em que não congelasse uma grande quantidade de carnes, vegetais e tartes de creme de limão, o suficiente para durar dez anos, até os foguetões regressarem da Terra, se é que alguma vez regressariam.

Agora, nesta noite, passeava-se para cima e para baixo, admirando as mulheres de cera, rosadas e formosas, nas montras coloridas. Pela primeira vez, percebeu quão morta estava a cidade. Bebeu um copo de cerveja e soluçou um pouco.

— Ora bem — disse Walter —, estou completamente *sozinho*.

Entrou no Cinema Elite para projectar um filme e tentar abstrair-se da sensação de isolamento. A sala de cinema estava vazia e fazia eco, assemelhando-se a um túmulo de fantasmas cinzentos e pretos que rastejavam pelo ecrã enorme. Sentiu um calafrio e apressou-se a sair do sítio assombrado.

Decidido a regressar a casa, caminhava a passos largos por uma rua secundária quando ouviu um telefone tocar.

Pôs-se à escuta.

— Está a tocar um telefone na casa de alguém — disse ele.

Retomou o caminho.

— Alguém devia atender o telefone — reflectiu.

Sentou-se na beira de um passeio para, despreocupadamente, tirar

uma pedra do sapato.

— Alguém! — gritou, saltando. — Eu! Meu Deus, que se passa comigo? — berrou.

Rodopiou sobre si mesmo. Qual seria a casa? Aquela!

Atravessou o relvado a correr, subiu os degraus, entrou na casa e avançou por um corredor escuro.

Levantou o auscultador.

— Estou? — gritou.

Zzzzzzzz.

— Estou, está lá?

Do outro lado, tinham desligado.

— Estou? — voltou a gritar, antes de bater com o telefone. — Estúpido, idiota! — criticou-se a si mesmo. — Sentado naquele passeio, imbecil. Ah, maldito e triste imbecil! — Apertou o telefone. — Vá lá, toca outra vez! *Toca*!

Não pensava que restassem outras pessoas em Marte. Durante a semana inteira, não vira ninguém. Por isso, concluíra que todas as outras cidades estivessem tão vazias quanto esta.

Agora, a olhar fixamente para aquele pequeno e terrível telefone preto, estremeceu. Uma rede telefónica interligava todas as cidades de Marte. De qual das trinta teria vindo aquela chamada?

Não sabia.

Decidiu esperar. Foi até à cozinha da casa desconhecida, descongelou bagas de murta e comeu-as desconsoladamente.

— Não havia ninguém do outro lado da linha — murmurou. — Talvez um poste tenha rebentado algures e feito com que o telefone tocasse sozinho.

Mas não tinha ele ouvido um clique, significando isso que alguém desligara num sítio distante?

Deixou-se ficar no corredor o resto da noite.

— Não é por causa do telefone — disse a si mesmo. — Simplesmente não tenho mais nada para fazer.

Ouviu o tiquetaque do seu relógio.

— Ela não vai voltar a ligar — comentou ele. — *Nunca* mais vai ligar para um número que não atendeu. O mais certo é ela estar a telefonar para outras casas neste *preciso* momento. E aqui estou eu, parado. Espera aí... — Soltou uma gargalhada. — Porque é que continuo a dizer «ela»? — Pestanejou. — Poderia muito bem ser um «ele», não é verdade?

O coração abrandou. Sentiu-se muito frio e desesperançado.

Queria muito que fosse uma «ela».

Saiu da casa e ficou parado no meio da rua iluminada pela luz fraca do amanhecer.

Pôs-se à escuta. Nem um som. Nenhum pássaro. Nenhum carro. Apenas o bater do seu próprio coração. Batida e pausa e nova batida. Doía-lhe o rosto de tanta tensão. O vento soprava gentilmente, oh, tão gentilmente que lhe fazia esvoaçar o casaco.

— Chiu — sussurrou. — *Escuta.*

Balançou-se num círculo lento, virando a cabeça de uma casa silenciosa para a seguinte.

«Ela telefonará para muitos mais números», pensou. «Deve ser uma mulher. Porquê? Porque só uma mulher insistiria em ligar. Um homem não o faria. Os homens são mais independentes. Por acaso, eu liguei para alguém? Não! Nem pensei nisso. Deve ser uma mulher. *Tem* de ser, por Deus!»

Escuta.

Ao longe, sob as estrelas, um telefone tocou.

Começou a correr. Depois deteve-se para ouvir. O toque era baixo. Continuou a correr. Mais alto. Seguiu por uma ruela. Ainda mais alto! Passou por seis casas; e por outras seis. Muito mais alto! Escolheu uma casa e a porta estava trancada.

O telefone tocava lá dentro.

— Maldita sejas!

Forçou a maçaneta. O telefone gritava.

Atirou uma cadeira do alpendre contra a janela da sala e saltou por ela.

Antes de sequer alcançar o telefone, este silenciou-se.

Furioso, revolveu a casa, partiu espelhos, rasgou cortinados e deu pontapés ao fogão da cozinha.

Por fim, exausto, pegou na fina lista telefónica que continha todos os contactos de Marte. Cinquenta mil nomes.

Começou pelo primeiro.

Amelia Ames. Marcou o número dela em Nova Chicago, a cento e sessenta quilómetros, do outro lado do mar morto.

Ninguém atendeu.

O segundo número da lista vivia em Nova Nova Iorque, a oito mil quilómetros, para lá das montanhas azuis.

Ninguém atendeu.

Marcou o terceiro, o quarto, o quinto, o sexto, o sétimo, o oitavo, com os dedos desajeitados, incapaz de segurar o auscultador.

Uma voz de mulher.

— Estou?

Walter gritou-lhe:

— Está? Oh, meu Deus, está?

— Esta é uma gravação — recitou a voz feminina. — A Helen Arasumian não está em casa. Queira deixar a sua mensagem no atendedor de chamadas, para que ela lhe possa ligar de volta quando regressar. Estou? Esta é uma gravação. A Helen Arasumian não está em casa. Queira deixar a sua mensagem…

Walter desligou.

Sentou-se, com os lábios a tremer.

Pensando melhor, remarcou o número.

— Quando a Helen Arasumian chegar a casa — pediu ele —, diga-lhe que vá para o Inferno.

Telefonou para as centrais telefónicas da Confluência de Marte, de Nova Boston, de Arcadia e da Cidade Roosevelt, imaginando que seriam os sítios mais prováveis de onde as pessoas ligariam. Depois disso, tentou contactar as câmaras municipais e outras instituições

públicas de todas as cidades. Ligou para os melhores hotéis, deduzindo que uma mulher preferiria hospedar-se num alojamento de luxo.

De súbito, parou, bateu palmas com força e começou a rir. Claro! Pesquisou na lista telefónica e fez uma chamada interurbana para o maior salão de beleza da Nova Cidade do Texas. Se havia lugar onde uma mulher se deixaria ficar, aplicando máscaras de lama no rosto e acomodando-se debaixo de um secador, seria um salão de beleza suave como o veludo e requintado como um diamante!

O telefone tocou. Alguém do outro lado da linha levantou o auscultador.

Uma voz de mulher disse:

— Estou?

— Se isto for uma gravação — disse Walter Gripp —, vou aí e rebento tudo.

— Não é uma gravação — disse a voz feminina. — Olá! Oh, olá, *há* alguém vivo! Onde *está*?

A mulher soltou um grito de alegria.

Walter quase desmaiou.

— *Você*! — Levantou-se, cambaleante, com os olhos esbugalhados. — Santo Deus, que sorte, como se chama?

— Genevieve Selsor! — Chorou ao auscultador. — Oh, estou tão contente por o ouvir, quem quer que seja!

— Walter Gripp!

— Walter, olá, Walter!

— Olá, Genevieve!

— Walter. É um nome tão bonito. Walter, Walter!

— Obrigado.

— Walter, onde *está*?

A voz de Genevieve era muito gentil, doce e delicada. Walter segurou o telefone com força junto ao ouvido para a poder ouvir a sussurrar amavelmente. Sentiu o chão a fugir-lhe debaixo dos pés. As faces ardiam-lhe.

— Estou na Vila Marlin — disse ele. — Eu...

Um zumbido.

— Estou? — disse ele.

O zumbido continuou.

Carregou no gancho. Nada.

Algures, o vento derrubara um poste. Tão depressa como chegara, Genevieve Selsor partira.

Remarcou o número, mas não havia linha.

— De qualquer modo, sei onde ela está.

Saiu a correr. Enquanto o Sol nascia, fez recuar um carro-carocha da garagem desconhecida, encheu o banco de trás com comida da casa e seguiu viagem a cento e trinta quilómetros por hora pela estrada em direcção à Nova Cidade do Texas.

«Mil e seiscentos quilómetros», pensou. «Genevieve Selsor, não te mexas, vais ter notícias minhas em breve!»

Buzinou em cada curva do caminho para fora da cidade.

Ao crepúsculo, após um dia cansativo ao volante, encostou o carro à beira da estrada, descalçou os sapatos apertados, recostou-se no banco e colocou o chapéu *Homburg* cinzento sobre os olhos cansados. Foi ficando com a respiração mais lenta e regular. O vento soprava e as estrelas brilhavam tenuemente sobre ele com o cair da noite. As montanhas marcianas, com milhões de anos, rodeavam-no por todos os lados. A luz das estrelas cintilava nos coruchéus da pequena cidade marciana, pouco maior do que um tabuleiro de xadrez, nas colinas azuis.

Walter situava-se num lugar intermédio entre a vigília e o sono. E sussurrava. Genevieve. *Oh, Genevieve, doce Genevieve*, cantava baixinho, *os anos podem vir, os anos podem ir...* Sentia-se aquecido por dentro. Ouvia os suspiros da voz serena e doce de Genevieve. *Olá, oh, olá, Walter! Esta não é uma gravação. Onde está, Walter, onde está?*

Walter respirou fundo, esticando uma das mãos para tocar em Genevieve sob o luar. O longo cabelo negro agitava-se ao vento — era belo. E os lábios pareciam rebuçados vermelhos. E as faces

assemelhavam-se a rosas acabadas de colher. E o corpo dela surgia como uma névoa vaporosa e clara, enquanto a voz delicada lhe entoava de volta as palavras daquela velha canção triste: *Oh, Genevieve, doce Genevieve, os anos podem vir, os anos podem ir...*

Adormeceu.

Chegou à Nova Cidade do Texas à meia-noite.

Parou em frente ao Salão de Beleza Deluxe aos gritos.

Esperava que ela saísse apressada e perfumada, toda sorridente.

Mas nada aconteceu.

— Deve estar a dormir. — Caminhou até à porta. — Estou aqui! — gritou. — Olá, Genevieve!

A cidade repousava no silêncio do duplo luar. Algures, o vento sacudiu um toldo.

Walter abriu a porta de vidro e entrou.

— Ei! — Riu-se, pouco confortável. — Não te escondas! Sei que estás aqui!

Esquadrinhou cada compartimento.

Encontrou um pequeno lenço no chão. Cheirava tão bem que quase perdeu o equilíbrio.

— Genevieve — disse.

Percorreu de carro as ruas desertas, mas não viu nada.

— Se isto é uma brincadeira...

Reduziu a velocidade.

— Espera lá. A nossa chamada caiu. Talvez *ela* tenha partido de carro para a Vila Marlin enquanto eu estava a vir para aqui! Deve ter apanhado a velha Estrada do Mar. Acabámos por nos desencontrar durante o dia. Como é que ela poderia saber da minha vinda? Não lhe disse que viria. E ficou com tanto medo quando a linha foi cortada que partiu sem demoras para a Vila Marlin à minha procura! E aqui estou eu, por Deus, que idiota!

Deu uma buzinadela e saiu disparado da cidade.

Conduziu a noite inteira. «E se ela não estiver na Vila Marlin à

espera, quando eu chegar?», ponderou.

Não queria pensar nisso. Ela *tinha* de lá estar. E ele correria para ela, abraçá-la-ia e talvez até a beijasse, uma vez, nos lábios.

Genevieve, *doce Genevieve*, assobiou Walter, acelerando até aos cento e sessenta quilómetros por hora.

O sossego da aurora reinava na Vila Marlin. As luzes amarelas continuavam acesas em várias lojas e a máquina de discos, que tocara ininterruptamente durante cem horas, parou por fim, com uma quebra de energia eléctrica, impondo o silêncio total. O Sol aqueceu as ruas e o céu frio e limpo.

Walter entrou na Rua Principal, com os faróis do carro ainda ligados, dando dois toques de buzina por seis vezes numa esquina e por mais seis noutra. Prestou atenção aos nomes das lojas. Tinha o rosto pálido e cansado, as mãos escorregavam-lhe no volante transpirado.

— Genevieve! — chamou ele pela rua deserta.

A porta de um salão de beleza abriu-se.

— Genevieve! — repetiu, parando o carro.

Walter atravessou a rua a correr, enquanto Genevieve Selsor permanecia parada à porta do salão, segurando nos braços uma caixa de chocolates cremosos. Os dedos que acariciavam a caixa eram roliços e pálidos. O rosto dela, ao avançar para a luz, surgiu redondo e cheio, exibindo uns olhos que faziam lembrar dois enormes ovos enfiados numa confusão branca de massa de pão. As pernas eram tão grossas como cepos e arrastavam-se desajeitadamente. O cabelo possuía um tom de castanho indeterminado e parecia ter sido arranjado e rearranjado para servir de ninho aos pássaros. Não tinha lábios e compensava este facto com os contornos desenhados de uma grande boca vermelha e oleosa que, de início, se abriu de prazer e, logo de seguida, se fechou de preocupação. Tinha depilado as sobrancelhas, reduzindo-as a finas linhas idênticas a antenas.

Walter deteve-se, com o sorriso a dissolver-se, e ficou a observá-la.

Genevieve deixou cair a caixa de chocolates no passeio.

— Por acaso, é a... Genevieve Selsor?

Sentiu os ouvidos a zumbir.

— É o Walter Griff? — perguntou ela.

— Gripp.

— Gripp — emendou.

— Como está? — cumprimentou Walter, com uma voz contida.

— Como está?

Genevieve apertou-lhe a mão.

Os dedos dela estavam pegajosos do chocolate.

— Bem — disse Walter Gripp.

— O quê? — perguntou Genevieve Selsor.

— Apenas disse «bem» — esclareceu Walter.

— Ah.

Eram nove da noite. Tinham passado o dia a fazer um piquenique e, para o jantar, ele preparou um *filet mignon* de que ela não gostou, porque estava demasiado malpassado, tendo ele grelhado a carne mais um pouco, que ficou então, para o gosto dela, demasiado passada ou frita ou qualquer outra coisa.

Walter riu-se e disse:

— Vamos ver um filme!

Genevieve concordou e apoiou os dedos sujos de chocolate no cotovelo dele. No entanto, só lhe apetecia ver um filme antigo, com cerca de oitenta anos, de Clark Gable.

— Não o achas de morrer? — Ela soltou um risinho abafado. — A sério, não o achas de *morrer*?

Entretanto, o filme acabou.

— Passa-o outra vez — ordenou ela.

— Outra vez?

— Sim, outra vez.

E, quando Walter regressou, Genevieve aconchegou-se nele, pondo-lhe as garras em cima.

— Não és bem o que eu esperava, mas és simpático — admitiu ela.

— Obrigado — agradeceu ele, engolindo em seco.

— Ah, aquele Gable — disse ela, beliscando-lhe a perna.

— Ai — queixou-se ele.

Depois do filme, foram às compras nas ruas silenciosas. Genevieve partiu uma montra e pôs o vestido mais berrante que conseguiu encontrar. Ao despejar um frasco de perfume no cabelo, ficou a parecer um cão pastor afogado.

— Que idade tens? — perguntou Walter.

— Adivinha.

A pingar, conduziu-o rua abaixo.

— Hum, trinta — respondeu ele.

— Bem — reagiu ela, sem graça —, só tenho vinte e sete, fica a saber! Olha, ali está outra loja de doces! Francamente, a minha vida ficou muito melhor desde que tudo explodiu. Nunca gostei dos meus pais, eram uns idiotas. Partiram para a Terra há dois meses. E eu deveria ter ido no último foguetão, mas decidi ficar. Sabes porquê?

— Porquê?

— Porque todos se metiam comigo. E, assim, fiquei onde me podia encher de perfume o dia inteiro, beber dez mil batidos e comer doces sem que me advertissem: «Oh, isso tem imensas calorias!» Por isso, aqui *estou* eu!

— Aqui estás tu.

Walter fechou os olhos.

— Está a ficar tarde — disse ela, olhando-o.

— Sim.

— Estou cansada — acrescentou Genevieve.

— Curioso. Eu estou bem desperto.

— Oh — deixou escapar ela.

— Apetece-me ficar acordado a noite inteira — disse Walter. — Olha, há um disco óptimo no *Mike's*. Vamos. Vou pô-lo a tocar para ti.

— Estou cansada.

Genevieve lançou-lhe um olhar malicioso e brilhante.

— Estou muito acordado — afirmou ele. — É estranho.

— Vamos até ao salão de beleza — disse ela. — Quero mostrar-te uma coisa.

Genevieve conduziu-o através da porta de vidro até uma grande caixa branca.

— Quando vim da Cidade do Texas — disse ela —, trouxe isto comigo. — Desfez o laço cor-de-rosa da caixa. — Pensei, pronto, sou a única mulher em Marte, ele é o único homem e, bem... — Levantou a tampa e dobrou para trás as crocantes camadas de papel de seda rosado. Bateu-lhe ao de leve. — Vê.

Walter Gripp arregalou os olhos.

— Que é isso? — perguntou, começando a tremer.

— Não sabes, tonto? É todo rendado, todo branco, muito bonito e tudo isso.

— Não, não sei o que é.

— É um vestido de noiva, tonto!

— A sério? — tartamudeou ele.

Walter fechou os olhos. A voz de Genevieve continuava suave, gentil e doce, tal como soara ao telefone. No entanto, quando abriu os olhos e olhou para ela...

Recuou e disse:

— Muito bonito.

— É, não é?

— Genevieve.

Walter olhou de relance para a porta.

— Sim?

— Genevieve, tenho uma coisa para te dizer.

— Sim? — repetiu ela, inclinando-se para ele, com o cheiro do perfume ainda intenso no rosto redondo e branco.

— A coisa que tenho para te dizer é...

— Sim?

— Adeus!

E, antes que ela pudesse gritar, já ele tinha saído pela porta e entrado no carro.

Genevieve correu até ao passeio e viu-o arrancar a alta velocidade.

— Walter Griff, volta aqui! — gemeu ela, esbracejando.

— Gripp — corrigiu ele.

— Gripp! — gritou ela.

O carro afastou-se pela rua silenciosa, indiferente aos gritos agudos e às pateadas de Genevieve. O fumo do escape fez esvoaçar o vestido branco que ela segurava nas mãos roliças, enquanto as estrelas reluziam e o carro desaparecia rumo ao deserto, perdendo-se no meio da escuridão.

Walter conduziu sem parar durante três noites e três dias. A determinada altura, pensou ver um carro a persegui-lo e, acometido de suores frios, apanhou outra estrada, seguiu através do solitário planeta marciano, passando por pequenas cidades mortas, e continuou a conduzir durante mais uma semana e um dia, até ficar a uma distância de dezasseis mil quilómetros da Vila Marlin. Parou então numa povoação chamada Nascentes de Holtville, na qual existiam algumas lojas pequenas que podia iluminar à noite e restaurantes onde se sentar para comer. E passou a viver ali, com duas grandes arcas congeladoras abastecidas de comida suficiente para cem anos, charutos suficientes para dez mil dias e uma boa cama com um colchão macio.

E quando, muito esporadicamente ao longo dos anos, o telefone toca, ele não atende.

---

10 Música composta, em 1923, por Ray Henderson, com letra de Billy Rose e Mort Dixon. [*N. T.*]

Abril de 2057
OS LONGOS ANOS

Sempre que o vento chegava, atravessando o céu, ele e a pequena família sentavam-se na cabana de pedra e aqueciam as mãos numa fogueira de lenha. O vento remexia as águas do canal e quase expulsava as estrelas do céu, mas o senhor Hathaway ficava contente, pois sentava-se a conversar com a mulher, que lhe respondia, e com as filhas e o filho sobre os velhos tempos na Terra, e todos eles reagiam de modo agradável.

Corria o vigésimo ano depois da Grande Guerra. O planeta Marte transformara-se num túmulo. Se o mesmo acontecera ou não à Terra era um tema de debate sereno entre Hathaway e a família durante as longas noites marcianas.

Naquela noite em particular, uma das violentas tempestades de areia fustigara os cemitérios baixos de Marte, soprando através das cidades antigas e arrancando as paredes de plástico de uma cidade mais recente, construída pelos americanos, que se ia desfazendo na areia, abandonada.

A tempestade amainou. Com o tempo mais limpo, Hathaway saiu para observar a Terra, cujo brilho verde era visível no céu ventoso. Hathaway levantou a mão como alguém que se esticasse para ajustar uma lâmpada fraca no tecto de um quarto escuro. Contemplou a lonjura dos fundos do mar há muito morto. «Nem uma outra criatura viva neste planeta inteiro», pensou. «Apenas eu. E *eles*.» Olhou para trás, para dentro da cabana de pedra.

Que estaria a acontecer agora na Terra? Não detectara qualquer sinal de mudança no aspecto da Terra através do seu telescópio de trinta polegadas. «Bem», pensou, «vou conseguir aguentar-me mais

uns vinte anos, se for cuidadoso. Pode chegar alguém, vindo dos mares mortos ou do espaço, num foguetão sobre uma pequena linha de chama vermelha.»

Gritou para dentro da cabana:

— Vou dar um passeio.

— Está bem — disse a mulher.

Caminhou calmamente através de uma série de ruínas.

— «Fabricado em Nova Iorque» — leu num pedaço de metal pelo qual passou. — E todas estas coisas da Terra terão desaparecido muito antes das antigas cidades marcianas.

Olhou na direcção da aldeia com cinquenta séculos que se estendia entre as montanhas azuis.

Chegou a um cemitério marciano solitário, uma série de pequenas pedras hexagonais numa encosta batida pelo vento triste.

Parou e ficou a observar quatro sepulturas com cruzes de madeira tosca, bem como os nomes aí gravados. Não lhe vieram lágrimas aos olhos. Tinham secado há muito.

— Perdoam-me pelo que fiz? — perguntou às cruzes. — Estava muito sozinho. Compreendem, não compreendem?

Regressou à cabana de pedra e, mais uma vez, mesmo antes de entrar, protegeu os olhos com as mãos, perscrutando o céu negro.

— Continuas à espera e à espera, à procura — disse ele —, e, uma noite, talvez...

Avistou uma minúscula chama vermelha no céu.

Afastou-se da luz da cabana.

— ... e olhas *outra vez* — murmurou.

A minúscula chama vermelha continuava no mesmo sítio.

— Não estava ali na noite passada — murmurou.

Tropeçou, caiu, levantou-se, correu para as traseiras da cabana, fez girar o telescópio e apontou-o ao céu.

Um minuto mais tarde, após uma minuciosa e abismada observação, surgiu junto à porta baixa da cabana. A mulher, as duas filhas e o filho viraram as cabeças na direcção dele. Por fim, conseguiu falar.

— Tenho boas notícias — disse ele. — Estive a observar o céu. Está a chegar um foguetão para nos levar a todos para casa. Estará aqui de manhã cedo.

Baixou a cabeça, escondendo-a entre as mãos, e começou a chorar baixinho.

Às três da manhã, queimou o que restava de Nova Nova Iorque.

Pegou num archote, caminhou até à cidade de plástico e ateou a chama em várias paredes. A cidade floresceu em grandes ondas de calor e luz. Era cerca de um quilómetro e meio quadrado de iluminação, uma área grande o suficiente para ser avistada do espaço. Serviria para atrair o foguetão até ao senhor Hathaway e restante família.

O coração começou a bater-lhe rapidamente de dor e decidiu regressar à cabana.

— Estão a ver? — Ergueu à luz uma garrafa poeirenta. — Vinho que guardei precisamente para esta noite. Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, alguém nos encontraria! Beberemos para celebrar!

Encheu até cima cinco copos.

— Já passou muito tempo — disse Hathaway, olhando com ar grave para o seu copo. — Lembras-te do dia em que a guerra rebentou? Foi há vinte anos e sete meses. E todos os foguetões em Marte foram chamados para a Terra. E tu e eu e as crianças estávamos nas montanhas a fazer trabalho de investigação arqueológica sobre os métodos cirúrgicos ancestrais dos marcianos. Fizemos os cavalos correr tanto que quase os matámos, lembras-te? Mas chegámos aqui à cidade com uma semana de atraso. Não restava ninguém. Os Estados Unidos tinham sido destruídos. Todos os foguetões tinham partido sem esperar pelos retardatários, lembras-te, lembram-se? E, afinal, como viemos a perceber, fomos os *únicos* deixados para trás. Meu Deus, meu Deus, como os anos passam. Não conseguiria ter aguentado sem vos ter aqui a todos. Ter-me-ia matado sem vocês. Mas, com a vossa presença, valia a pena esperar. Brindemos, então, a nós. — Levantou o copo. — E à nossa longa espera juntos. — Bebeu o

vinho.

A mulher, as duas filhas e o filho levaram os copos aos lábios.

O vinho escorreu pelo queixo dos quatro.

Pela manhã, os flocos negros e leves da cidade ardida espalhavam-se pelo fundo do mar. O fogo extinguira-se, mas servira o seu propósito: o ponto vermelho no céu estava maior.

Da cabana de pedra saía o agradável aroma de pão de gengibre cozido. A mulher estava debruçada sobre a mesa, a pousar os tabuleiros quentes do pão acabado de fazer, quando Hathaway entrou. As duas filhas varriam suavemente o chão de pedra com vassouras duras, enquanto o filho polia os talheres.

— Terão um formidável pequeno-almoço à espera — gracejou Hathaway. — Vistam as vossas melhores roupas!

Atravessou apressadamente o terreno até ao grande barracão de metal. Lá dentro, encontrava-se a unidade de armazenamento a frio e o gerador eléctrico que reparara e restaurara com os seus dedos eficientes, pequenos e nervosos ao longo dos anos, tal como reparara relógios, telefones e gravadores de bobina nas horas vagas. O barracão estava cheio de coisas que construíra, alguns mecanismos sem sentido cujas funções eram agora um mistério mesmo para ele próprio quando olhava para eles.

Do fundo do congelador tirou pacotes de feijão e de morangos. Os pacotes tinham vinte anos e estavam cobertos de gelo. «Lázaro, vem para fora», pensou, e tirou uma galinha congelada.

O ar estava repleto de aromas de comida cozinhada quando o foguetão pousou.

Como uma criança, Hathaway correu colina abaixo. Parou uma vez pelo caminho, por ter sentido uma súbita dor aguda no peito. Sentou-se numa rocha para recuperar o fôlego e depois retomou a corrida até ao final do percurso.

Quando parou, deixou-se ficar na atmosfera quente gerada pelo foguetão incandescente. Abriu-se uma porta. Um homem olhou para

baixo.

Hathaway protegeu os olhos e, por fim, disse:

— Capitão Wilder!

— Quem é? — perguntou o capitão Wilder, antes de saltar para fora do foguetão e fitar o velho homem. Estendeu a mão. — Santo Deus, é o Hathaway!

— É isso mesmo.

Estudaram os rostos um do outro.

— O Hathaway da minha velha tripulação, da Quarta Expedição.

— Há quanto tempo, capitão!

— Demasiado tempo. É bom voltar a vê-lo.

— Estou velho — disse Hathaway, com simplicidade.

— Eu também já não sou propriamente jovem. Durante os últimos vinte anos, andei por Júpiter, Saturno e Neptuno.

— Ouvi dizer que o tinham promovido, para que não pudesse interferir na política colonial aqui em Marte. — O velho homem olhou em redor. — Ausentou-se durante tanto tempo que não sabe o que aconteceu...

Wilder disse:

— Consigo adivinhar. Demos duas voltas a Marte e só encontrámos um outro homem, chamado Walter Gripp, a cerca de dezasseis mil quilómetros daqui. Oferecemo-nos para o trazer connosco, mas ele não quis. A última vez que o vimos, estava sentado no meio da estrada numa cadeira de baloiço, a fumar cachimbo e a acenar-nos. Marte, agora, está praticamente todo morto, não há nem um marciano vivo. E em relação à Terra?

— Sabe tanto quanto eu. De vez em quando, consigo captar as ondas de rádio, muito ténues, da Terra. Mas é sempre noutra língua. Infelizmente, só sei falar latim. Por isso, só consigo reconhecer algumas palavras. Julgo que a maior parte da Terra está destruída, mas a guerra continua. Vai voltar, capitão?

— Sim. Estamos curiosos, claro. Não tínhamos contacto via rádio tão longe no espaço. Queremos ver a Terra, seja como for.

— Podem levar-nos convosco?

O capitão Wilder começou por dizer:

— Ah, claro, a sua mulher, recordo-me dela. Foi há vinte e cinco anos, não foi? Quando inauguraram a Primeira Cidade, abandonou o serviço militar para a trazer aqui para cima. E tinha filhos…

— Um rapaz e duas raparigas.

— Sim, eu lembro-me. Estão cá?

— Lá em cima, na nossa cabana. Temos um óptimo pequeno-almoço à vossa espera no topo da colina. Vêm?

— Seria uma honra, senhor Hathaway.

O capitão Wilder gritou para o foguetão:

— Abandonar a nave!

Subiram a colina, Hathaway e o capitão Wilder, seguidos pelos vinte membros da tripulação, inspirando profundamente o ar fresco e rarefeito da manhã. O Sol nascia e revelava um dia bonito.

— Lembra-se do Spender, capitão?

— Nunca o esqueci.

— Visito o túmulo dele uma vez por ano. Parece que acabou por conseguir o que desejava. Não queria que viéssemos para este planeta e suponho que, agora que todos partiram, esteja feliz.

— E o… como é que ele se chamava?… Parkhill, Sam Parkhill?

— Abriu uma barraca de cachorros-quentes.

— Parece *mesmo* dele.

— E regressou à Terra uma semana depois para participar na guerra.

Hathaway levou a mão ao peito e sentou-se abruptamente num pedregulho.

— Perdoe-me, é do entusiasmo. Voltar a vê-lo ao fim destes anos todos. Tenho de descansar.

Sentiu o coração disparar. Contou as batidas. Estava muito mal.

— Temos um médico — disse Wilder. — Desculpe, Hathaway, eu sei que também é médico, mas é melhor que seja visto pelo nosso…

O médico foi chamado.

— Eu fico bem — insistiu Hathaway. — Foi a espera, o entusiasmo. — Mal conseguia respirar. Os lábios estavam azuis. — Sabe — disse ele, enquanto o médico o auscultava —, é como se me tivesse mantido vivo todos estes anos apenas para chegar a este dia. E agora que estão aqui para me levar de volta à Terra, sinto-me satisfeito e posso deitar-me e desistir.

— Tome. — O médico deu-lhe um comprimido amarelo. — É melhor descansar.

— Nem pensar. Deixe-me só ficar sentado por uns instantes. É bom ver-vos. É bom ouvir novas vozes outra vez.

— O comprimido está a fazer efeito?

— Na perfeição. Vamos lá!

Continuaram a subir a colina.

— Alice, vem ver quem está aqui!

Hathaway franziu as sobrancelhas e curvou-se para dentro da cabana.

— Alice, ouviste?

A mulher apareceu. Pouco depois, saíram as duas filhas, altas e graciosas, seguidas pelo filho, mais alto ainda.

— Alice, lembras-te do capitão Wilder?

A mulher hesitou, olhou para Hathaway, como se estivesse à espera de instruções, e só então sorriu.

— Claro, o capitão Wilder!

— Lembro-me de que jantámos juntos na véspera da minha partida para Júpiter, senhora Hathaway.

Alice apertou-lhe a mão vigorosamente.

— As minhas filhas, Marguerite e Susan. O meu filho, John. Lembram-se do capitão, não é verdade?

Trocaram apertos de mãos entre risos e conversas. O capitão Wilder cheirou o ar.

— É pão de *gengibre*?

— Quer um pouco?

Todos se puseram em movimento. Foram trazidas rapidamente mesas dobráveis, enquanto as comidas quentes saíam e os pratos, os elegantes guardanapos cor de damasco e os melhores talheres eram postos. O capitão Wilder ficou a olhar, primeiro para a senhora Hathaway, depois para o rapaz e para as duas raparigas altas, que se moviam em silêncio. Observou-lhes os rostos enquanto passavam por ele apressados, seguindo cada movimento daquelas mãos jovens e cada expressão daqueles rostos sem rugas. Sentou-se numa cadeira trazida pelo rapaz.

— Quantos anos tens, John?

O rapaz respondeu:

— Vinte e três.

Wilder atrapalhou-se a mexer nos talheres. Ficou subitamente pálido. O homem ao lado dele murmurou:

— Capitão Wilder, não pode ser.

O rapaz afastou-se para buscar mais cadeiras.

— Como assim, Williamson?

— Eu tenho quarenta e três anos, capitão. Estudei na mesma altura que o jovem John Hathaway, há vinte anos. Ele afirma que só tem vinte e três agora e, de facto, apenas *aparenta* ter vinte e três. Mas não está certo. Deveria ter quarenta e dois, pelo menos. Que significa isto, capitão?

— Não sei.

— Capitão, parece estar a ficar adoentado.

— Não me sinto bem. Passa-se o mesmo com as filhas. Vi-as há cerca de vinte anos e estão na mesma. Não têm nem uma ruga. Pode fazer-me um favor? Preciso que me trate de uma coisa, Williamson. Dir-lhe-ei onde ir e o que verificar. Lá mais para o final do pequeno-almoço, saia sem ser visto. A tarefa só lhe deverá tomar cerca de dez minutos. O sítio não é longe daqui. Avistei-o do foguetão quando aterrámos.

— Aqui têm! De que estão a falar com um ar tão sério? — A senhora Hathaway serviu-lhes rápidas conchas de sopa, enchendo-lhes as

tigelas. — Sorriam. Estamos todos juntos, a viagem terminou e é como se estivéssemos em casa!

— Sim. — O capitão Wilder riu. — Não há dúvida de que parece muito bem e jovem, senhora Hathaway!

— Oh, que homem gentil!

Wilder observou-a a afastar-se, exibia um rosto rosado e quente, liso como uma maçã, sem rugas e saudável. Ria melodicamente a cada piada, servia as saladas com destreza, jamais parando para respirar. E o filho ossudo e as filhas curvilíneas eram bastante espirituosos, como o pai, contando histórias daqueles longos anos e das suas vidas isoladas, enquanto o pai assentia com a cabeça, orgulhoso de todos eles.

Williamson esgueirou-se e começou a descer a colina.

— Onde é que *ele* vai? — perguntou Hathaway.

— Verificar o foguetão — respondeu Wilder. — Mas como eu estava a dizer, Hathaway, não há nada em Júpiter, absolutamente nada para a Humanidade. E o mesmo se pode dizer de Saturno e Plutão. — Wilder falava de modo mecânico, sem ouvir as próprias palavras, pensando apenas em Williamson a descer a colina e a regressar para lhe contar o que descobrira. — Obrigado.

Marguerite Hathaway estava a encher-lhe o copo de água. Impulsivamente, tocou-lhe no braço. Ela nem sequer se importou. A pele de Marguerite era quente e macia.

Hathaway, do outro lado da mesa, parou várias vezes, levando a mão ao peito num esgar de dor. Depois continuou a ouvir as conversas murmuradas que se transformavam em súbitas vozearias, olhando de vez em quando, com preocupação, para Wilder, que parecia não estar a mastigar com agrado o seu pão de gengibre.

Entretanto, Williamson voltou. Sentou-se a depenicar a comida no prato, até que o capitão lhe murmurou, num aparte:

— Então?

— Descobri, capitão.

— E?

As faces de Williamson estavam brancas. Mantinha a atenção presa nas pessoas que riam. As raparigas sorriam solenemente e o rapaz contava uma piada. Williamson disse:

— Fui ao cemitério.

— As quatro cruzes estavam lá?

— As quatro cruzes estavam lá, capitão. Os nomes ainda estão gravados nelas. Anotei-os para ter a certeza. — Leu as palavras escritas num papel branco: — Alice, Marguerite, Susan e John Hathaway. Mortos de um vírus desconhecido. Julho de 2038.

— Obrigado, Williamson.

Wilder fechou os olhos.

— Há dezanove anos, capitão.

A mão de Williamson tremia.

— Sim.

— Quem são *estes*, então?

— Não sei.

— Que pensa fazer?

— Também não sei.

— Devemos contar aos outros homens?

— Mais tarde. Continue a comer como se não se passasse nada.

— Perdi o apetite, capitão.

A refeição terminou com vinho trazido do foguetão. Hathaway levantou-se.

— Um brinde a todos vós; é bom estar de novo entre amigos. E à minha mulher e aos meus filhos, sem os quais não teria sobrevivido. Foi apenas devido à bondade dos seus cuidados para comigo que pude continuar a viver, à espera da vossa chegada.

Moveu o copo de vinho na direcção da família, que lhe devolveu o olhar timidamente, e baixou por fim a cabeça quando todos começaram a beber.

Hathaway bebeu até ao fim o vinho que tinha no copo. Não gritou quando caiu de frente para cima da mesa e resvalou para o chão. Vários homens ajudaram-no a deitar-se. O médico debruçou-se nele

e auscultou-o. Wilder tocou ao de leve no ombro do médico. O médico olhou para cima e abanou a cabeça. Wilder ajoelhou-se e pegou na mão do velho.

— Wilder? — A voz de Hathaway era quase inaudível. — Estraguei o pequeno-almoço.

— Disparate.

— Despeça-se da Alice e dos meus filhos por mim.

— Espere um momento. Vou chamá-los.

— Não, não faça isso! — disse Hathaway, com dificuldade em respirar. — Não compreenderiam. Não quero que compreendam! Não os chame!

Wilder não se mexeu. Hathaway estava morto.

Wilder esperou muito tempo. Depois levantou-se e afastou-se do grupo de homens aturdidos em redor de Hathaway. Procurou Alice Hathaway, encarou-a e disse:

— Sabe o que acabou de acontecer?

— Algo que envolveu o meu marido?

— Faleceu. O coração dele — disse Wilder, observando-a.

— Lamento — disse ela.

— Como se sente? — perguntou ele.

— Ele não queria que nós nos sentíssemos mal. Disse-nos que aconteceria um dia e não queria que chorássemos. Não nos ensinou a chorar, sabe? Não queria que o soubéssemos fazer. Contou-nos que a pior coisa que podia acontecer a uma pessoa era adquirir a consciência da solidão e da tristeza, e depois pôr-se a chorar. Por isso, não sabemos o que é chorar ou estar triste.

Wilder olhou para as mãos dela, mãos suaves e quentes, com unhas bem arranjadas e pulsos afilados. Mirou-lhe o pescoço delgado, macio e branco, bem como os olhos inteligentes. Por fim, disse:

— O senhor Hathaway fez um óptimo trabalho com a senhora e os seus filhos.

— Ele teria gostado de o ouvir dizer isso. Estava muito orgulhoso de nós. Ao fim de algum tempo, até se esqueceu de que nos tinha feito.

No final, amou-nos e aceitou-nos como mulher e filhos verdadeiros. E, em certo sentido, é o que *somos*.

— Confortaram-no muito.

— Sim, é verdade. Anos a fio, sentámo-nos e conversámos. Ele adorava conversar. Gostava da cabana de pedra e da fogueira de lenha. Podíamos ter vivido numa casa normal na cidade, mas ele preferia estar aqui em cima, onde lhe era possível ser primitivo ou moderno, conforme lhe apetecesse. Contou-me tudo sobre o laboratório dele e sobre as coisas que fazia. Instalou uma rede de colunas de som por toda a cidade americana lá em baixo. Quando carregava num botão, a cidade acendia-se e fazia ruídos, como se dez mil pessoas vivessem nela. Havia ruídos de aviões, de carros e de gente a falar. Ele sentava-se, acendia um charuto e conversava connosco; e os sons da cidade subiam até nós; e de vez em quando o telefone tocava e uma voz gravada fazia perguntas ao senhor Hathaway sobre ciência e cirurgia, às quais ele respondia. Com o telefone a tocar, connosco aqui, com os sons da cidade e o seu charuto, o senhor Hathaway era muito feliz. Só houve uma coisa que não conseguiu que nós fizéssemos — disse ela. — Não conseguiu fazer-nos envelhecer. Ele envelhecia a cada dia, mas nós continuávamos iguais. Creio que não se importava. Talvez nos quisesse assim.

— Vamos enterrá-lo no cemitério onde estão as outras quatro cruzes. Penso que ele iria gostar disso.

— Tenho a certeza que sim — disse ela, pousando a mão ao de leve no pulso do capitão.

Foram dadas ordens. A família seguiu a pequena procissão colina abaixo. Dois homens transportaram Hathaway numa maca tapada. Passaram pela cabana de pedra e pelo barracão onde ele, muitos anos antes, dera início ao seu trabalho. Wilder parou à porta da oficina.

Como seria, interrogou-se, viver num planeta com uma mulher e três filhos e vê-los morrer, ficando sozinho com o vento e o silêncio? Que faria uma pessoa? Enterrá-los com cruzes no cemitério e, logo

de seguida, regressar à oficina para, com todo o poder da mente e da memória, com toda a precisão dos dedos e do génio, começar a montar, peça a peça, todas aquelas coisas que eram mulher, filho, filha. Dispondo, mais abaixo, de uma cidade americana inteira, de onde trazer os víveres e os componentes necessários, um homem brilhante podia fazer qualquer coisa.

O som dos passos do grupo era abafado pela areia. Quando entraram no cemitério, já dois homens abriam uma cova na terra.

Ao final da tarde, regressaram ao foguetão.

Williamson fez um sinal com a cabeça na direcção da cabana de pedra.

— Que faremos com *eles*?

— Não sei — disse o capitão.

— Pensa desligá-los?

— Desligá-los? — O capitão pareceu algo surpreendido. — Essa hipótese nunca me passou pela cabeça.

— Não vai levá-los connosco, pois não?

— Não, seria inútil.

— Quer dizer que os vai deixar aqui, *assim*, como *são*?

O capitão entregou uma arma a Williamson.

— Se conseguir resolver esta situação, é um homem melhor do que eu.

Cinco minutos mais tarde, Williamson voltou da cabana a transpirar.

— Tome a arma. Percebo agora o que quer dizer. Entrei na cabana com a arma. Uma das filhas sorriu para mim. Os outros fizeram o mesmo. A mulher ofereceu-me uma chávena de chá. Meu Deus, seria homicídio!

Wilder assentiu com a cabeça.

— Jamais voltará a existir algo tão perfeito como eles. Foram construídos para durar: dez, cinquenta, duzentos anos. Sim, têm tanto direito à... à vida quanto você ou eu ou qualquer um de nós. — Bateu o cachimbo. — Bem, subam a bordo. Vamos partir. Esta cidade

está acabada, não nos serve para nada.

Era tarde e escurecia. Um vento frio começava a levantar-se. Os homens estavam a bordo. O capitão hesitou. Williamson disse:

— Não me diga que vai voltar para... se despedir... deles?

O capitão fitou-o com frieza.

— Não é da sua conta.

Caminhando apressadamente, Wilder subiu até à cabana por entre o vento do crepúsculo. No foguetão, os homens viram a sombra dele demorar-se na entrada da habitação de pedra. Viram uma sombra de mulher. Viram o capitão a apertar-lhe a mão.

Um momento depois, Wilder voltou a correr para o foguetão.

Nas noites em que o vento viaja sobre os fundos do mar morto e através do cemitério hexagonal, contornando quatro velhas cruzes e uma nova, há uma luz que brilha na cabana de pedra. E nessa habitação baixa, quando o vento ruge e a poeira rodopia e as estrelas frias ardem, há quatro figuras, uma mulher, duas filhas, um filho, que vigiam o lume brando de uma fogueira, sem razão aparente, e conversam e riem.

Noite após noite, ano após ano, desprovida de qualquer motivo, a mulher sai e olha para o céu durante um momento longo, com as mãos erguidas, procurando o brilho verde da Terra, sem saber por que o faz, e depois volta para dentro e atira um pedaço de lenha para a fogueira, e o vento continua a levantar-se e o mar morto continua morto.

Agosto de 2057
CHEGARÃO CHUVAS SUAVES

Na sala de estar, o relógio-falante cantou *Tiquetaque, sete horas, hora de acordar, hora de acordar, sete horas!*, como se tivesse medo de que ninguém se levantasse. A casa matutina estava deserta. O relógio continuou a marcar o tempo, a repetir as suas informações sonoras, sem parar, no vazio. *Sete e nove, hora do pequeno-almoço, sete e nove!*

Na cozinha, o fogão do pequeno-almoço soltou um suspiro sibilante e ejectou do seu interior quente oito fatias de pão perfeitamente torrado, oito ovos estrelados, dezasseis fatias de *bacon*, dois cafés e dois copos de leite frio.

Hoje é 4 de Agosto de 2057, disse uma segunda voz, projectada do tecto da cozinha, *na cidade de Allendale, na Califórnia.* Para efeitos de memorização, repetiu a data três vezes. *Hoje é o aniversário do senhor Featherstone. Hoje é o aniversário de casamento da Tilita. É dia de pagar o seguro, bem como as contas da água, do gás e da electricidade.*

Em alguns sítios das paredes, soou o clique de interruptores e deslizaram fitas de memórias sob olhos eléctricos.

Oito e um, tiquetaque, oito e um, hora de ir para a escola, hora de ir para o trabalho, rápido, rápido, oito e um! Mas nenhuma porta bateu, nenhuma carpete recebeu as pisadas suaves de solas de borracha. Estava a chover lá fora. A caixa meteorológica da porta da frente cantava baixinho *Chuva, chuva, vai-te embora; galochas, impermeáveis para agora...*, e a chuva tamborilava na casa vazia, fazendo eco.

Lá fora, a garagem apitou melodiosamente e ergueu a sua porta para revelar o carro expectante. Após uma longa espera, a porta voltou a descer.

Às oito e trinta, os ovos estavam engelhados e as torradas pareciam

pedras. Um utensílio de alumínio em forma de cunha raspou-os para o lava-louça, onde um jacto de água quente os fez redemoinhar por uma garganta metálica abaixo, que os digeriu e os escoou para o mar distante. A louça suja foi largada numa máquina de lavar quente e emergiu seca e cintilante.

Nove e quinze, cantou o relógio, *hora de limpar*.

De várias concavidades na parede, saíram à pressa minúsculos ratos robotizados. As divisões da casa ficaram repletas de pequenos animais de limpeza, feitos de borracha e metal, que chocavam contra as cadeiras, viravam a direcção das suas correias hirsutas, batiam os tapetes, aspiravam delicadamente o pó escondido. De seguida, como misteriosos invasores, regressaram aos seus esconderijos, perdendo a luz nos olhos eléctricos rosados. A casa estava limpa.

Dez horas. O Sol apareceu por detrás da chuva. A casa permanecia solitária numa cidade de escombros e cinzas. Era a única casa que se mantivera de pé. À noite, a cidade em ruínas emitia um brilho radioactivo que podia ser visto a quilómetros de distância.

Dez e quinze. Os aspersores do jardim rodopiaram como fontes douradas, enchendo o brando ar matinal com borrifos luminosos. A água atingia as vidraças, escorrendo pelo lado oeste da casa, chamuscada pelo fogo e despida por igual da sua tinta branca. Toda a fachada oeste da casa estava preta, com excepção de cinco pontos. No primeiro, via-se a silhueta pintada de um homem a cortar a relva; no segundo, a de uma mulher curvada, como numa fotografia, a colher flores; nos restantes, mais à frente, as imagens de um momento titânico gravadas na madeira: um menino com as mãos no ar, uma bola atirada e, em frente dele, uma menina com os braços levantados para apanhar a bola que nunca mais descia.

Os cinco pontos de tinta — o homem, a mulher, as duas crianças, a bola — permaneciam. O resto era uma fina camada carbonizada.

A suave chuva aspergida preenchia o jardim de uma luz cadente.

Até àquele dia, a casa conservara muito bem a sua paz. Perguntara sempre, com cuidado: «Quem vem aí? Qual é a senha?», e, não

obtendo resposta de raposas errantes e gatos queixosos, fechava as janelas e corria as persianas com a preocupação típica de velhas solteironas cujo sentido de autoprotecção roçava a paranóia mecânica.

A casa tremia a cada som. Se um pardal tocasse de raspão numa janela, as persianas levantavam-se de repente e o pássaro, assustado, fugia! Não, nem mesmo um pássaro podia tocar nela!

A casa era um altar com dez mil acólitos, grandes e pequenos, servindo e assistindo, em coros. Mas os deuses tinham partido e o ritual da religião prosseguia sem sentido, inutilmente.

Meio-dia.

Um cão ganiu, tremendo, no alpendre.

A porta da frente reconheceu a voz do cão e abriu-se. O cão, outrora enorme e gordo, agora magérrimo e coberto de feridas, entrou e percorreu a casa, deixando um rasto de lama. Atrás dele, rodopiaram ratos irritados, furiosos por terem de limpar a lama, zangados pelo incómodo.

Pois nem o fragmento de uma folha era soprado por baixo da porta sem que os painéis de parede se abrissem e os ratos de cobre saíssem apressados. As poeiras, os cabelos ou os papéis inconvenientes eram apanhados por mandíbulas de ferro em miniatura e transportados para as concavidades, de onde seguiam por canos que desciam para a cave e caíam na boca suspirante de uma incineradora que parecia um demoníaco Baal sentado num canto escuro.

O cão correu para o piso de cima, ladrando histericamente para todas as portas, e percebeu por fim, tal como a casa já percebera, que apenas o silêncio ali habitava.

Farejou o ar e arranhou a porta da cozinha. Atrás da porta, o fogão estava a fazer panquecas, o que enchia a casa de um intenso aroma a bolos e a xarope de ácer.

O cão, à porta, começou a espumar da boca enquanto farejava, com os olhos inflamados. Entretanto, pôs-se a correr loucamente em círculos atrás da própria cauda e, sucumbindo ao movimento

frenético, caiu morto. Ficou estendido na sala durante uma hora.

Duas horas, cantou uma voz.

Quando, por fim, a decadência quase imperceptível foi detectada, os regimentos de ratos saíram num zumbido tão suave quanto o das folhas cinzentas sopradas pelo vento eléctrico.

Duas e quinze.

O cão foi recolhido.

Na cave, a incineradora resplandeceu de repente e uma espiral de fagulhas subiu pela chaminé.

Duas e trinta e cinco.

As mesas de *bridge* brotaram das paredes do pátio interior. As cartas esvoaçaram para cima do tapete numa dança de símbolos e figuras. Apareceram martínis num banco de carvalho com sanduíches de salada de ovo. Havia música a tocar.

Mas as mesas ficaram em silêncio e as cartas, por jogar.

Às quatro horas, as mesas dobraram-se como grandes borboletas e regressaram ao interior das paredes revestidas de painéis.

Quatro e trinta.

As paredes do quarto das crianças iluminaram-se.

As formas de vários animais ganharam vida: girafas amarelas, leões azuis, antílopes cor-de-rosa, panteras lilases que cabriolavam numa substância de cristal. As paredes eram de vidro, através do qual se podia ver cor e fantasia. Filmes escondidos rodavam em engrenagens bem oleadas e as paredes animavam-se. O chão do quarto das crianças fora urdido para imitar um ondulante campo de cereais. Por cima dele, correram baratas de alumínio e grilos de ferro. No ar quente e imóvel, borboletas de um delicado tecido vermelho adejaram entre o odor forte dos rastos dos animais! Havia uma espécie de zumbido, idêntico ao de um enorme enxame de abelhas dentro de um fole escuro, o ocioso ronronar de um leão. E havia também o som de passadas de ocapis por entre o murmúrio de uma chuva fresca na selva, assim como o de outros cascos a pousar na erva engomada pelo

Verão. Naquele momento, as paredes dissolveram-se em extensões de ervas secas, quilómetro atrás de quilómetro, e num céu cálido e infinito. Os animais afastaram-se para moitas espinhosas e poças de água.

Era a hora das crianças.

Cinco horas. A banheira encheu-se de água quente e límpida.

Seis, sete, oito horas. A louça do jantar parecia ser manipulada por truques de magia, e no escritório ouviu-se um clique. Do suporte de metal do outro lado da lareira, onde ardia um fogo vivo, saltou um charuto aceso, já com um centímetro de delicada cinza, e ficou à espera que o fumassem.

Nove horas. As camas aqueceram os seus circuitos internos, visto as noites ali serem frias.

Nove e cinco. Uma voz falou, vinda do tecto do escritório:

Senhora McClellan, que poema gostaria de ouvir esta noite?

A casa manteve-se em silêncio.

Por fim, a voz disse:

Como não expressou qualquer preferência, seleccionarei um poema aleatoriamente. Uma música calma de fundo veio acompanhar a voz. *Sara Teasdale. Se bem me lembro, a sua autora preferida…*

There will come soft rains and the smell of the ground,
And swallows circling with their shimmering sound;

And frogs in the pools singing at night,
And wild plum trees in tremulous white;
Robins will wear their feathery fire,
Whistling their whims on a low fence-wire;

And not one will know of the war, not one
Will care at last when it is done.

Not one would mind, neither bird nor tree,
If mankind perished utterly;

And Spring herself, when she woke at dawn,
Would scarcely know that we were gone.[11]

O fogo ardia na lareira de pedra e o charuto foi caindo num monte de cinzas inertes no cinzeiro. As cadeiras vazias estavam de frente umas para as outras entre as paredes mudas, e a música tocava.

Às dez, a casa começou a morrer.

O vento soprava forte. Um ramo de árvore partiu-se e entrou pela janela da cozinha. O solvente de limpeza, engarrafado, derramou-se sobre o fogão. A cozinha incendiou-se num ápice!

Fogo!, gritou uma voz. As luzes da casa acenderam-se subitamente, as bombas de água lançaram água dos tectos. Mas o solvente espalhou-se pelo chão de linóleo, lambendo-o, devorando-o, por baixo da porta da cozinha, enquanto as vozes se juntavam em coro: *Fogo*, *fogo*, *fogo*!

A casa tentou salvar-se a si própria. As portas fecharam-se hermeticamente, mas as janelas tinham sido partidas pelo calor e o vento alimentou as chamas.

A casa perdeu terreno para o fogo quando dez mil milhões de fagulhas furiosas voaram com inflamada facilidade de divisão em divisão, acabando por subir as escadas. Ao mesmo tempo, os ratos-de-água saltavam aos guinchos das paredes, esguichavam a sua água e corriam para buscar mais. E os pulverizadores de parede libertavam chuva mecânica.

Mas era demasiado tarde. Algures, num suspiro, uma bomba encolheu-se e parou. A chuva extintora cessou. A reserva de água que enchera banheiras e lavara louça durante muitos dias tranquilos acabara.

O fogo crepitou ao subir as escadas. Nos corredores do piso de

cima, alimentou-se de Picassos e Matisses, como se fossem acepipes, cozendo a carne pintada a óleo e encrespando suavemente as telas, até estas se transformarem em rebarbas negras.

Então, o fogo estendeu-se nas camas, ergueu-se junto às janelas, alterou as cores dos cortinados!

No entanto, de súbito, chegaram reforços.

De alçapões no sótão, rostos de robôs cegos com bocas em forma de torneiras, espreitaram para baixo e jorraram químicos verdes.

O fogo recuou, como acontece até com um elefante ao avistar uma cobra morta. Naquele momento, havia vinte cobras que se retorciam pelo chão, matando o fogo com um veneno claro e frio de espuma verde.

Mas o fogo era esperto. Tinha enviado chamas pelo exterior da casa, para que entrassem pelo sótão e chegassem às bombas. Uma explosão! O cérebro do sótão que controlava as bombas estilhaçou-se e atingiu as vigas como uma granada de bronze.

O fogo apressou-se a entrar em todos os armários e sondou as roupas neles penduradas.

A casa estremeceu, ossos de carvalho sobre ossos, o seu esqueleto nu a retrair-se do calor, com todos os fios, os seus nervos, à mostra, como se um cirurgião tivesse arrancado a pele de um corpo para deixar as veias e os vasos capilares vermelhos a palpitar no ar escaldante. *Socorro*! *Socorro*! *Fogo*! *Depressa*, *depressa*! O calor fez estalar espelhos como gelo quebradiço no Inverno. E as vozes gemiam: *Fogo*, *fogo*, *depressa*, *depressa*!, como no trágico refrão de uma canção infantil, uma dúzia de vozes, agudas, graves, como crianças a morrer numa floresta, sozinhas, sozinhas. As vozes desvaneciam-se à medida que os fios saltavam dos seus revestimentos como castanhas quentes. Uma, duas, três, quatro, cinco vozes morreram.

No quarto das crianças, a selva ardia. Os leões azuis rugiam, as girafas roxas fugiam aos saltos. As panteras corriam em círculos, mudando de cor, e dez milhões de animais, fugindo à frente do fogo,

desapareciam na direcção de um distante rio fumegante…

Morreram outras dez vezes. No último instante, sob a avalancha de fogo, era possível ouvir outros coros, indiferentes, a anunciar a hora, a tocar música, a cortar a relva com cortadores controlados à distância ou a preparar freneticamente um chapéu-de-chuva, dentro e fora de casa, enquanto a porta da rua se abria e fechava com estrondo, mil coisas a acontecer, como numa relojoaria, quando todos os relógios dão as horas loucamente, uns atrás dos outros, numa cena de confusão maníaca, mas, ainda assim, unitária; cantos, gritos, os derradeiros ratos de limpeza em brava azáfama para se desfazerem das horríveis cinzas! E uma voz, com sublime menosprezo pela situação, pôs-se a recitar poesia no escritório em chamas, até que todas as bobinas dos filmes arderam, até que todos os fios murcharam e os circuitos rebentaram.

O fogo fez explodir a casa e deixou-a cair, soltando nuvens rodilhadas de faíscas e de fumo.

Na cozinha, um momento antes da chuva de fogo e madeira, era possível ver o fogão a preparar pequenos-almoços em ritmo psicopático, dez dúzias de ovos, seis pães para torrar, vinte fatias de *bacon*, que, comidos pelo fogo, faziam com que o fogão tivesse de começar tudo de novo, sibilando histericamente!

O colapso. O sótão abateu sobre a cozinha e a sala de estar, a sala de estar, sobre a cave, a cave, sobre a subcave. A arca congeladora, a poltrona, as fitas dos filmes, os circuitos, as camas e tudo o resto foram lançados para um confuso monte de esqueletos nas profundezas.

Fumo e silêncio. Uma grande quantidade de fumo.

A aurora levantou-se languidamente a leste. Entre as ruínas, apenas uma parede se manteve de pé. Dentro dessa parede, uma última voz repetia, vezes sem conta, mesmo depois de o Sol se erguer e iluminar a pilha de escombros enevoados:

Hoje é 5 de Agosto de 2057, hoje é 5 de Agosto de 2057, hoje é…

11 «Chegarão chuvas suaves e o cheiro da terra, / E andorinhas em círculos com o seu canto luminoso; / E rãs nos charcos em melodias nocturnas, / E ameixeiras silvestres sob uma palidez trémula; / Os piscos vestirão a sua plumagem de fogo, / Sibilando caprichos no arame de uma cerca baixa; / E ninguém saberá da guerra, ninguém / Se preocupará quando ela finalmente terminar. / Ninguém se importará, seja pássaro ou árvore, / Se a Humanidade perecer totalmente; / E a própria Primavera, ao despertar na aurora, / Mal suspeitará que desaparecemos.» Poema *There Will Come Soft Rains* (*Chegarão Chuvas Suaves*), de Sara Teasdale. Versão do tradutor, a partir do original. [N. T.]

Outubro de 2057
O PIQUENIQUE DE UM MILHÃO DE ANOS

Por um qualquer motivo, a ideia tinha sido apresentada pela mãe: talvez a família inteira pudesse desfrutar de uma viagem de pesca. Mas, como Timothy sabia, aquelas não eram as palavras da mãe; eram as palavras do pai, e, por um qualquer motivo, fora a mãe a proferi-las.

O pai espalhou um pequeno monte de seixos marcianos com os pés e concordou. Por isso, de imediato, gerou-se um tumulto, uma gritaria, e rapidamente o acampamento foi enfiado em cápsulas e recipientes, a mãe vestiu um macacão e uma blusa para a viagem, o pai encheu o cachimbo com mãos trémulas e olhos postos no céu marciano, e os três rapazes atiraram-se aos berros para o barco a motor, nenhum deles realmente a prestar atenção à mãe e ao pai, excepto Timothy.

O pai premiu um botão. O barco soltou um zumbido que se elevou até ao céu. A água agitou-se, o barco avançou e a família gritou:

— Viva!

Timothy sentou-se na ré do barco com o pai, pousando os pequenos dedos sobre os dedos peludos deste, e observou as curvas do canal enquanto deixavam para trás o sítio em ruínas onde tinham pousado o pequeno foguetão da família ao chegarem da Terra. Lembrou-se da noite anterior à partida da Terra, da comoção e da azáfama, do foguetão que o pai encontrara algures, de alguma forma, e da conversa sobre umas férias em Marte. Era um destino muito distante para passar férias, mas Timothy não disse nada por causa dos irmãos mais novos. Tinham vindo para Marte e a primeira coisa que iam fazer, ou assim parecia, era sair para pescar.

O pai tinha uma expressão estranha nos olhos enquanto o barco subia o canal. Uma expressão que Timothy não conseguia decifrar. Era composta por uma luz forte e, quem sabe, por uma espécie de alívio, fazendo as rugas do rosto rirem, em vez de se preocuparem ou chorarem.

Passada uma curva, desapareceu o foguetão que arrefecia.

— Ainda falta muito?

Robert chapinhou com a mão. Parecia um pequeno caranguejo a saltar na água violeta.

O pai suspirou:

— Um milhão de anos.

— Xi!

— Vejam, meninos. — A mãe estendeu o braço comprido e macio. — Ali está uma cidade morta.

Olharam com um fervor antecipado e a cidade morta mostrou-se só para eles, repousando num silêncio quente do Verão fabricado em Marte por um meteorologista marciano.

E o pai parecia agradado com o facto de ela estar morta.

Era uma extensão inútil de rochas rosadas que dormiam sobre uma elevação de areia, algumas colunas tombadas, um templo solitário, que logo voltava a desembocar na lonjura de areia. Não havia nada ao longo de quilómetros. Um deserto branco em volta do canal e um deserto azul por cima dele.

Nesse momento, um pássaro sobrevoou-os. Como uma pedra cruzando a superfície de um lago azul, batendo na água, mergulhando e desaparecendo.

O pai assustou-se quando o viu.

— Pensei que era um foguetão.

Timothy olhou para o profundo oceano do céu, tentando ver a Terra, a guerra, as cidades em ruínas e os homens que se matavam uns aos outros desde o dia em que nascera. Mas não conseguiu ver nada. A guerra era tão remota e distante como duas moscas a lutar até à morte no ponto mais alto da nave de uma enorme catedral

silenciosa. E igualmente absurda.

William Thomas limpou o suor da testa e sentiu o toque da mão do filho no braço, como uma jovem e entusiasmada tarântula. Sorriu abertamente para o filho.

— Estás bem, Timmy?

— Óptimo, pai.

Timothy ainda não tinha conseguido entender ao certo o que estava a acontecer dentro daquele vasto mecanismo adulto a seu lado. Tratava-se de um homem com um enorme nariz de falcão, queimado pelo sol e com a pele a cair, olhos azuis calorosos como berlindes de ágata com os quais se podia brincar depois das aulas durante o Verão na Terra, e pernas longas e grossas, semelhantes a colunas, dentro de bermudas largas.

— Para onde é que estás a olhar com tanta atenção, pai?

— Estava a tentar encontrar a lógica terrestre, o senso comum, a boa governação, a paz e a responsabilidade.

— Está tudo ali em cima?

— Não. Não os encontrei. Já lá não estão. Talvez nunca mais voltem a estar. Talvez nos tenhamos enganado ao pensar que alguma vez estiveram.

— Hã?

— Olhem os peixes — disse o pai, apontando.

Os três rapazes soltaram um clamor digno de um soprano e sacudiram o barco quando arquearam os delicados pescoços para ver. Libertaram exclamações de surpresa e espanto. Um peixe anelado de cor prateada flutuou perto deles, ondulando e fechando-se instantaneamente como uma íris à volta das partículas de comida para as assimilar.

O pai estudou-o. Depois, numa voz grave e pensativa, disse:

— Tal como a guerra. A guerra nada ao nosso lado e, quando vê comida, contrai-se. Um instante depois… a Terra desaparece.

— William — disse a mãe.

— Desculpa — disse o pai.

Ficaram sentados sem se mexer e sentiram a água do canal correr fresca, rápida e cristalina. Os únicos sons que se ouviam eram o zumbido do motor, o deslizar da água e o efeito do Sol a expandir o ar.

— Quando é que vemos os marcianos? — gritou Michael.

— Muito em breve, provavelmente — disse o pai. — Talvez esta noite.

— Oh, mas os marcianos são uma espécie extinta agora — esclareceu a mãe.

— Não, não são. Tenho a certeza de que vamos encontrar marcianos — insistiu, logo de seguida, o pai.

Timothy fez cara feia, mas não disse nada. Naquele momento, tudo lhe parecia estranho. As férias, a pescaria e os olhares entre as pessoas. Os irmãos já estavam entretidos a fazer conchas com as mãos por cima dos olhos para perscrutarem as margens de pedra do canal de dois metros de altura, em busca de marcianos.

— Como é que eles são? — quis saber Michael.

— Quando os encontrares, saberás.

O pai esboçou uma espécie de gargalhada e Timothy viu uma veia pulsar-lhe na face.

A mãe era esbelta e delicada, com uma trança de cabelo dourado em forma de tiara sobre a cabeça e olhos da cor das águas profundas do canal onde estas corriam à sombra, quase roxas, com salpicos de âmbar. Conseguia ver os pensamentos da mãe a nadar-lhe nos olhos como peixes, alguns brilhantes, outros escuros, alguns rápidos e velozes, outros lentos e calmos. No entanto, por vezes, como quando ela erguia a vista para o lugar onde estava a Terra, os olhos eram apenas cor e nada mais. Estava sentada na proa, com uma mão agarrada à borda do barco e a outra pousada no colo do macacão azul-escuro, e uma linha do pescoço macio e bronzeado aparecia onde a blusa se abria como uma flor branca.

Continuava a olhar em frente para distinguir o que lá estava, mas, não sendo capaz de ver com clareza, virou-se para trás, na direcção

do marido. Através dos olhos dele, reflectido neles, percebeu então o que se aproximava. E, como William acrescentava parte dele próprio a este reflexo, uma firmeza determinada, o rosto dela ficou mais descontraído: podia aceitar o que tinham pela frente. Por isso, virou-se de novo, sabendo subitamente o que devia procurar.

Timothy também olhou. Mas tudo o que viu foi um canal em linha recta, como se tivesse sido desenhado por um lápis violeta ao longo de um vale largo e pouco profundo, ladeado por colinas baixas e erodidas, e estendendo-se até à beira do céu. E o canal parecia não ter fim, atravessando cidades que teriam chocalhado como besouros numa caveira seca se alguém as tivesse sacudido. Cem ou duzentas cidades imersas em sonhos de Verão com dias quentes e noites frias…

Tinham viajado milhões de quilómetros para darem aquele passeio… para pescar. Mas havia uma arma a bordo do foguetão. Estavam de férias. Mas para quê toda aquela comida, mais do que suficiente para lhes durar anos e anos, escondida lá atrás, perto do foguetão? Férias. Sob o véu das férias não existia um rosto suave e sorridente, mas algo duro e ossudo e talvez aterrador. Timothy não conseguia levantar o véu e os outros dois rapazes estavam demasiado ocupados a ter dez e oito anos de idade.

— Nenhum marciano ainda. É de loucos.

Robert apoiou o queixo em forma de V nas mãos e olhou fixamente para o canal.

O pai trouxera um rádio atómico, preso ao pulso. Funcionava segundo um princípio antiquado: encostávamo-lo aos ossos perto do ouvido e ele vibrava com canções ou conversas. O pai estava a ouvi-lo agora, tendo adquirido uma expressão facial que fazia lembrar uma daquelas cidades marcianas perdidas: encovada, seca, quase morta.

Depois passou o rádio à mãe, que ouviu e ficou boquiaberta.

— Que… — Timothy começou a perguntar, mas não chegou a terminar o que desejava dizer.

Porque nesse momento se ouviram duas explosões titânicas, de arrepiar a medula, que se sobrepuseram uma à outra, seguidas de

meia dúzia de abalos de menor magnitude.

Levantando bruscamente a cabeça, o pai aumentou de imediato a velocidade do barco, fazendo com que ele saltasse, trepidasse e batesse na água. Estas sacudidelas arrancaram Robert ao medo que sentia e levaram Michael a gritar num misto de medo e alegria extática. Este último agarrou-se às pernas da mãe e viu a água passar-lhe debaixo do nariz numa corrente revolta.

O pai deu uma guinada, reduziu a velocidade e escondeu o barco num pequeno braço do canal, por baixo de um antigo cais de pedra em ruínas, que cheirava a carne de caranguejo. O barco embateu no cais com tanta força que os projectou a todos para a frente, embora ninguém se tenha magoado. Entretanto, já o pai se tinha virado para trás, com o intuito de ver se a ondulação deixada no canal era suficiente para denunciar o caminho até àquele esconderijo. As linhas de água entrecruzaram-se, bateram nas pedras, recuaram para se encontrarem com as seguintes e acabaram por se acalmar, sarapintadas pelo sol. Tudo desapareceu.

O pai pôs-se à escuta. O resto da família fez o mesmo.

A respiração do pai ecoava como punhos lançados contra as pedras molhadas e frias do cais. À sombra, os olhos de gato da mãe observaram o pai em busca de alguma pista sobre o que fazer a seguir.

O pai descontraiu e expirou, rindo de si mesmo.

— O foguetão, pois claro. Ando a ficar cada vez mais nervoso. O foguetão.

Michael perguntou:

— Que aconteceu, pai, que aconteceu?

— Oh, fizemos explodir o nosso foguetão, só isso — disse Timothy, tentando expressar-se de modo objectivo. — Já ouvi outros foguetões a explodir. Foi o que acabou de acontecer ao nosso.

— Porque é que fizemos explodir o nosso foguetão? — perguntou Michael — Hã, pai?

— Faz parte do jogo, pateta! — disse Timothy.

— Um jogo! — Michael e Robert adoravam a palavra.

— O pai preparou-o para explodir. Assim, ninguém ficará a saber onde aterrámos ou para onde fomos! Para o caso de alguma vez virem à nossa procura, estás a perceber?

— Ah, um segredo!

— Assustado pelo meu próprio foguetão — admitiu o pai à mãe. — Estou nervoso. É uma palermice achar que ainda virão outros foguetões. A não ser *um*, talvez, se o Edwards e a mulher conseguirem passar com a nave *deles*.

Encostou de novo o rádio minúsculo ao ouvido. Passados dois minutos, deixou cair a mão, como quem larga um trapo.

— Terminou, finalmente — disse William à mulher. — O rádio acabou de sair do feixe atómico. Todas as outras estações do mundo desapareceram. Nos últimos anos, tinham sido reduzidas a duas. O ar está agora completamente em silêncio. E é muito provável que assim continue.

— Durante quanto tempo? — perguntou Robert.

— Talvez... os vossos bisnetos as voltem a ouvir— disse o pai, limitando-se a ficar ali sentado, com as crianças apanhadas no meio das suas sensações de temor, derrota, resignação e aceitação.

Por fim, levou o barco de regresso ao canal e seguiram na direcção que tinham tomado inicialmente.

Estava a fazer-se tarde. O Sol já baixara no céu e uma série de cidades mortas estendia-se à frente deles.

O pai falava com muita calma e delicadeza para os filhos. No passado, fora muitas vezes ríspido, distante e alheio, mas agora acariciava-os na cabeça só com as suas palavras e eles sentiam.

— Mike, escolhe uma cidade.

— O quê, pai?

— Escolhe uma cidade, filho. Uma qualquer daquelas por onde estamos a passar.

— Está bem — disse Michael. — Como é que escolho?

— Escolhe a que mais te agradar. Vocês também, Robert e Tim.

Escolham a cidade que mais vos agradar.

— Quero uma cidade com marcianos — disse Michael.

— Vais tê-la — disse o pai. — Prometo. — Falava para as crianças, mas olhava para a mulher.

Passaram por seis cidades em vinte minutos. O pai não disse mais nada sobre as explosões. Parecia muito mais interessado em divertir-se com os filhos, em mantê-los felizes, do que em qualquer outra coisa.

Michael gostou da primeira cidade por onde passaram, mas foi vetada, porque os demais não confiavam em primeiros juízos apressados. Ninguém gostou da segunda cidade. Era uma colónia dos Homens da Terra, construída em madeira já podre e a transformar-se em serradura. Timothy gostou da terceira, porque era grande. A quarta e a quinta eram demasiado pequenas e a sexta foi aclamada por todos, incluindo a mãe, que se juntou às exclamações de aprovação: «Xi!»; «Caramba!»; «Olha para aquilo!»

Havia cinquenta ou sessenta estruturas enormes ainda de pé, as estradas estavam cobertas de pó, mas eram pavimentadas, e era possível ver uma ou duas fontes centrífugas ainda a pulsar água nas praças. Aquela era a única vida: a água a saltar ao sol do entardecer.

— É esta a cidade — disseram todos.

Virando o barco para um cais, o pai saltou.

— Cá estamos. Esta é nossa. É aqui que viveremos a partir de agora!

— A partir de agora? — Michael estava incrédulo. Levantou-se, olhou em frente, virou-se e piscou os olhos na direcção do sítio onde o foguetão estivera. — E o foguetão? E o Minnesota?

— Toma — disse o pai, encostando o pequeno rádio à cabeça loura de Michael. — Escuta.

Michel escutou.

— Nada — disse ele.

— É isso mesmo. Nada. Já não há nada. Já não há Mineápolis, nem foguetões, nem Terra.

Michael pensou naquela revelação letal e começou a soluçar

pequenos soluços secos.

— Espera um pouco — disse o pai logo a seguir. — Estou a dar-te muito mais em troca, Mike!

— O quê?

Michael conteve as lágrimas, curioso, mas preparado para continuar, caso a nova revelação fosse tão desconcertante como a anterior.

— Estou a dar-te esta cidade, Mike. É tua.

— Minha?

— Sim, tua, do Robert e do Timothy. Vocês os três serão os donos exclusivos.

Timothy saltou do barco.

— Olhem, rapazes, tudo para *nós*! Tudo *isto*!

Estava a entrar no jogo do pai, jogando-o com inteligência e habilidade. Mais tarde, depois de tudo ter terminado e de as coisas terem assentado, poderia afastar-se um pouco para chorar sozinho durante dez minutos. Mas, naquele instante, era ainda um jogo, ainda um passeio de família, e as outras crianças precisavam de continuar a jogar.

Mike saltou para fora do barco com Robert. Ambos ajudaram a mãe.

— Tenham cuidado com a vossa irmã — disse o pai, mas só mais tarde compreenderam o que ele queria dizer.

Apressaram-se a entrar na enorme cidade de pedras rosadas, trocando impressões em voz baixa, porque as cidades mortas têm uma maneira particular de nos fazerem querer falar baixo, de contemplar o pôr-do-sol.

— Daqui a cinco dias — disse o pai, calmamente —, voltarei ao sítio onde estava o nosso foguetão para recolher a comida escondida nas ruínas e trazê-la para aqui; e vou tentar encontrar lá o Bert Edwards, a mulher e as filhas.

— Filhas? — perguntou Timothy. — Quantas?

— Quatro.

— Prevejo que isso irá causar problemas daqui por uns tempos —

disse a mãe, abanando lentamente a cabeça.

— Raparigas.

Michael fez uma careta idêntica às imagens de pedra esculpidas pelos antigos marcianos.

— Também vêm num foguetão?

— Sim. Se conseguirem chegar. Os foguetões familiares são feitos para viajar até à Lua, não para Marte. Nós tivemos sorte.

— Onde é que conseguiste arranjar o foguetão? — sussurrou Timothy, pois os irmãos corriam mais à frente.

— Guardei-o. Guardei-o durante vinte anos, Tim. Eu tinha-o escondido na esperança de nunca vir a ter de o usar. Suponho que o deveria ter dado ao governo para a guerra, mas não parava de pensar em Marte...

— E num piquenique!

— Certo. Isto fica entre nós os dois. Quando vi tudo a chegar ao fim na Terra, depois de ter esperado até ao último momento, fiz as nossas malas. O Bert Edwards também tinha uma nave escondida, mas decidimos que seria mais seguro partirmos separados, no caso de alguém nos tentar abater.

— Porque é que fizeste explodir o foguetão, pai?

— Para nunca mais podermos regressar. E, assim, se algum daqueles homens maus vier para Marte, não saberá que estamos aqui.

— É por essa razão que estás sempre a olhar para cima?

— Sim, mas é um disparate. Nunca nos seguirão. Não têm nada com que nos seguir. Estou a ser demasiado cauteloso, só isso.

Michael voltou a correr.

— Esta cidade é mesmo *nossa*, pai?

— Todo o bendito planeta nos pertence, filhos. Todo o bendito planeta.

Ali estavam eles, o Rei da Colina, o Senhor do Monte, o Dono de Tudo o Que a Vista Abarcava, os Monarcas e Presidentes Incontestáveis, a tentar compreender o que significava possuir um mundo e o tamanho real de um mundo.

Na atmosfera rarefeita, a noite chegou rapidamente. Então, o pai deixou-os na praça junto à fonte que pulsava, foi até ao barco e regressou com uma pilha de papéis nas mãos grandes.

Amontoou os papéis num pátio antigo e pegou-lhes fogo. Para se manter quente, a família aninhou-se, rindo, em redor da fogueira. Timothy observou como as pequenas letras saltavam como animais assustados quando as chamas lhes tocavam e as engoliam. Os papéis engelhavam-se como a pele de um velho e a cremação envolveu incontáveis palavras:

«TÍTULOS DA DÍVIDA PÚBLICA; Gráfico Empresarial, 2030; Preconceitos Religiosos: Um Ensaio; A Ciência da Logística; Problemas da Unidade Pan-Americana; Relatório da Bolsa de Valores para 3 de Julho de 2029; O Resumo da Guerra...»

O pai insistira em trazer aqueles papéis para aquele fim específico. Ficou sentado a alimentar o fogo com eles, um a um, com satisfação, e contou aos filhos o que tudo aquilo significava.

— Está na hora de vos contar algumas coisas. Creio que não foi justo da minha parte ocultar tantas informações. Não sei se compreenderão, mas tenho de falar, ainda que só venham a entender uma parte.

Deixou cair uma folha na fogueira.

— Estou a queimar um modo de vida, tal como esse modo de vida está a ser incinerado na Terra neste preciso momento. Perdoem-me por falar como um político. Sou, afinal de contas, um antigo governador estadual, e fui honesto e odiaram-me por isso. A vida na Terra nunca se compôs de forma que resultasse em algo muito bom. A ciência sempre avançou muito à nossa frente, demasiado depressa, e as pessoas acabaram por se perder numa vastidão mecânica, como crianças a inventar coisas bonitas (engenhocas, helicópteros, foguetões) e a enfatizar os elementos errados, a enfatizar as máquinas em vez do modo de gerir as máquinas. As guerras foram ficando cada vez maiores e, por fim, mataram a Terra. É isso que o silêncio do rádio significa. Foi disso que fugimos. Tivemos sorte. Não sobraram muitos

foguetões. Está na hora de perceberem realmente que esta não é uma viagem de pesca. Fui adiando o momento de vos contar a verdade. A Terra desapareceu. As viagens interplanetárias não serão retomadas nos próximos séculos, talvez nunca mais o sejam. Mas aquele modo de vida provou estar errado e estrangulou-se com as próprias mãos. Vocês são ainda muito novos. Repetir-vos-ei isto todos os dias até que absorvam tudo.

Fez uma pausa para deitar mais papéis na fogueira.

— Agora estamos sozinhos. Nós e um punhado de outros que chegarão dentro de alguns dias. Os suficientes para começarmos de novo. Os suficientes para virarmos as costas a toda a confusão que havia na Terra e definirmos um novo rumo...

As chamas elevaram-se como que para enfatizar o discurso. Não demorou muito até que todos os papéis desaparecessem, com excepção de um. Todas as leis e crenças da Terra tinham sido queimadas e reduzidas a pequenas cinzas quentes que, em breve, seriam levadas pelo vento.

Timothy olhou para a última coisa que o pai atirou para a fogueira. Era um mapa-múndi, que se enrugou, retorceu-se no calor e, num ápice, sumiu como uma borboleta quente e negra. Timothy virou a cara.

— Agora vou mostrar-vos os marcianos — disse o pai. — Venham todos. Vem, Alice. — Deu a mão à mulher.

Como Michael estava a chorar alto, o pai pegou nele e levou-o ao colo. Caminharam através das ruínas e desceram até ao canal.

O canal. O sítio onde, no dia seguinte ou noutro dia não muito distante, as futuras mulheres dos filhos chegariam num barco, ainda pequenas meninas sorridentes, com o pai e a mãe.

A noite envolveu-os e as estrelas apareceram no céu. Mas Timothy não conseguiu encontrar a Terra. Já se tinha posto. E isso era um motivo de reflexão.

Enquanto caminhavam, um pássaro nocturno gritou entre as ruínas.

O pai disse:

— A vossa mãe e eu vamos tentar ensinar-vos. Talvez falhemos. Espero que não. Já vimos e aprendemos muitas coisas. Começámos a planear esta viagem há muitos anos, antes de vocês nascerem. Mesmo se não tivesse havido uma guerra, teríamos vindo para Marte, creio, para viver e criar o nosso próprio padrão de vida. Demoraria ainda um século até que Marte fosse verdadeiramente envenenado pela civilização da Terra. Agora, claro...

Chegaram ao canal. Era longo e rectilíneo, fresco e líquido, e reflectia a noite.

— Sempre quis ver um marciano — disse Michael. — Onde estão eles, pai? Tu prometeste.

— Ali estão eles — disse o pai, enquanto sentava Michael ao ombro e apontava para baixo.

Os marcianos estavam lá. Timothy começou a tremer.

Os marcianos estavam lá, no canal, reflectidos na água: Timothy, Michael, Robert, a mãe e o pai.

A partir da água ondulante, os marcianos devolveram-lhes o olhar fixo e assim ficaram durante um longo, longo momento de silêncio.

EDIÇÃO ORIGINAL
Título *The Martian Chronicles*
Texto © 1950, 1977 Ray Bradbury Publicado por Harper Perennial, uma chancela da HarperCollins Publishers, Nova Iorque
Todos os direitos reservados.

EDIÇÃO CAVALO DE FERRO
Título *Crónicas Marcianas*
Tradução Paulo Tavares
Revisão Joaquim E. Oliveira
Capa Wonder Studio
Paginação electrónica Wonder Studio

ISBN versão impressa: 978-989-564-694-4
ISBN versão ePub: 978-989-564-843-6
1.ª Edição: Setembro de 2021
Versão 1.0: Setembro de 2021

© 2021 **Cavalo de Ferro**, uma chancela da 20|20 Editora.
Todos os direitos reservados.
Rua Alfredo da Silva, 14
2610-016 Amadora, Portugal
Tel +351 218936000
contacto@cavalodeferro.pt
www.cavalodeferro.pt
cavalodeferro

Também disponível em versão impressa.